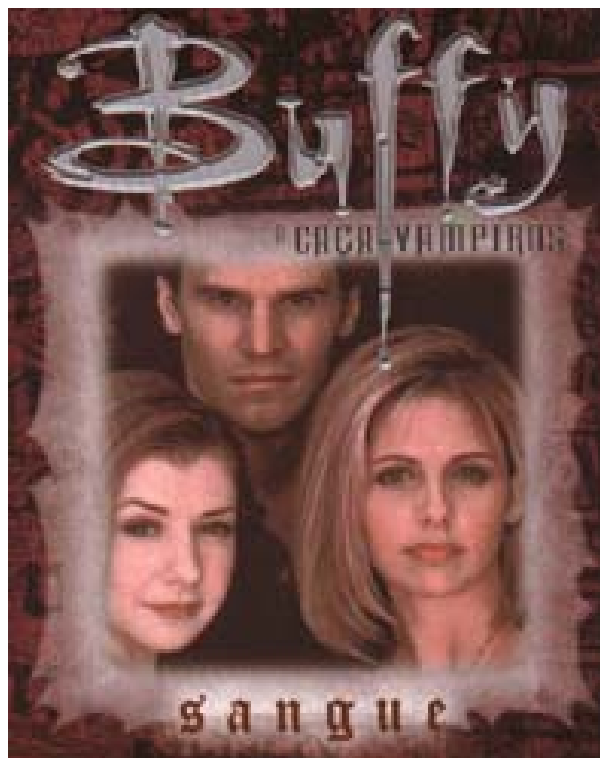




S a n g u e

Christopher Golden e Nancy Holder

Tradução Melissa Kassner

2004

ARXJOVEM

Publicado sob acordo com Simon Pulse, um selo de Simon & Schuster Childrens Publishing Division

Capa: Clayton Vidal/ Casa de Idéias

Impressão e acabamento: São Paulo, Brasil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Golden, Christopher

Sangue /; tradução Melissa Kassner. — São Paulo : Arxjovem, 2004. — (Série bufiy)

Título original: *Blooded* ISBN 85-89189-32-5

I. Literatura infanto-juvenil I. Holder, Nancy. II. Título. III. Série.

04-1531

CDD-028.5

índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5



Então estava cercada por gritos agonizantes e sem esperança

Isso continuou até que ela achasse que não era mais capaz de suportar um só segundo. Então ficou ainda mais alto.

Ela ouviu Willow gritar: — Buffy!

Então ela queimava dentro de uma tempestade de fogo que consumia cada centímetro de seu ser. Ela se retorcia conforme as chamas varriam seu redor, queimando seus pulmões, suas cordas vocais, seus ouvidos.

Ela tremia, congelada, em silêncio total. Olhou para a esquerda, para a direita, mas onde ela estava era uma escuridão infinita em todas as direções. Tentou se mexer, mas estava congelada no...

no...

no nada.

Ela estava absolutamente, completamente no *nada*.

Em algum lugar muito distante ela ouvia uma voz que conhecia muito bem. Com uma risada, ele disse:

— *Venci*.

Para Tom.

Desculpe por não haver macacos.

— CG.

Em memória de meu pai, Kenneth Paul Jones, e às lembranças felizes de nossos anos no Japão.

— N.H.

Agradecimentos

Os autores gostariam de agradecer: aos nossos agentes, Lori Perkins e Howard Morhaim, e à assistente de Howard, Lindsay Sagnette; também à nossa editora na Archway/Minstrel, Lisa Clancy, e à sua assistente, Elizabeth Shiflett. Agradecemos também a Caroline Kallas, Joss Whedon e a todo o elenco e equipe de *Buffy — A Caça-Vampiros*. Obrigado aos nossos companheiros que nos deram apoio, Connie e Wayne, e aos nossos filhos, Nicholas e Daniel Golden, e Belle Holder, que nos lembram diariamente do que se trata tudo isso.

Prólogo

A primeira fila do velho Teatro Majestic estava cheia de cadáveres. Os mortos, com seus olhos vidrados e gargantas dilaceradas, ocupavam os melhores lugares da casa. Mas a cortina final ainda estava por fechar e, no que dizia respeito a Buffy Summers, até que isso acontecesse, não dava para prever como o show terminaria.

"Hora de improvisar", pensou.

Ela estaria muito mais confiante sobre aquela cena toda se não fosse pelo fato de não ter a menor idéia do que aquele vampiro cabeludo, barulhento e desesperadamente necessitado dos Vigilantes do Peso — que acima de tudo se denominava Rei Lear — tinha feito com Xander e Cordelia.

Um único spotlight brilhava no balcão sobre a cortina de veludo vermelho pendurada no palco. O Majestic era antigo, mas ainda muito bonito, apesar do estado precário. Mais ou menos como a sra. Paolillo, que tinha substituído a professora de inglês de Buffy na semana anterior. A poeira girava em torno do facho de luz, e o resto do teatro estava escuro.

O surpreendente é que o Majestic era um local de encontro para musicais e peças de teatro até dois ou três anos antes e nunca foi transformado num cinema.

— Eu... bem, suponho que você já percebeu que isso é uma armadilha? — suspirou Giles atrás dela.

Buffy revirou os olhos.

— Qual é, Giles, não sou idiota — disse suspirando. — Posso não gostar de ser a Escolhida, mas já sou a Senhorita Caça-Vampiros há tempo suficiente para saber quando estão armando para mim.

— Sei, hum, então está bem — murmurou Giles. — É só que...

— Só que há quatro sanguessugas bem raivosos no balcão em cima de nós? — sussurrou Buffy.

— É isso mesmo, sim — respondeu Giles. — Não sei por que insisto em ir com você a estas expedições. Você me parece perfeitamente capaz de lidar com os vampiros sozinha.

Buffy enfiou a mão em sua bolsa de caça-vampiros e entregou a Giles um grande crucifixo de madeira e uma estaca longa e fina.

— Cem pessoas foram entrevistadas, as cinco primeiras respostas foram colocadas na lousa — satirizou Buffy. — A resposta número um era: Giles não tem vida social!

Apesar da tensão que enchia os corredores escuros do teatro, Buffy tinha um meio sorriso no rosto quando virou para olhar Giles. Ele soltava faíscas, erguendo a cabeça, como fazia quando queria fingir que estava tremendamente ofendido. Rupert Giles era seu mentor. Como Sentinela, era responsável pelo treinamento e bem-estar geral da Caça-Vampiros. Como amigo, tinha de agüentar todos os tipos de provocação. A começar pelo fato de ser o bibliotecário da escola de Sunnydale — o que não era exatamente a profissão mais atraente de todos os tempos —, além de um pouco teimoso.

Mas Giles era um inglês tenso, e Buffy não deixaria que nada acontecesse com ele. O que significava que em cerca de dois segundos ela teria de puxá-lo novamente pelo casaco de lã.

— Giles, abaixe-se! — disse Buffy subitamente. O sorriso desapareceu quando a Caça-Vampiros entrou em ação. Estava a todo vapor quando deu um passo à frente, empurrou Giles com um jogo de cintura, mandando-o aos tropeços para uma fileira de poltronas dobráveis de madeira e metal, e segurou uma estaca bem afiada acima da cabeça.

Estava chovendo vampiros.

O primeiro veio direto para sua estaca. Ele pesava cerca de cem quilos, e ela começou a pensar em como sair debaixo do cadáver que tombava. Planejava cair, rolar e subir novamente, mas não precisou se preocupar. No momento em que a estaca espetou o coração dele, o vampiro explodiu numa chuva de poeira. Dois outros vieram ao mesmo tempo, e um deles agarrou o braço dela, puxando o tecido da blusa enquanto chegava ao chão. Um botão abriu na altura do pescoço e a manga rasgou.

— Ooh! — resmungou ela. — Você não é meu amigo.

Buffy deu um chute no queixo do vampiro, fazendo a cabeça dele tombar para trás com toda a força. Ela continuou com uma voadora no estômago da criatura. O outro chegou de lado e ela agachou, usando a própria força do vampiro para arremessá-lo para cima das poltronas. Aquele que tinha rasgado sua blusa veio de novo atrás dela, urrando.

Buffy urrou de volta, bloqueou o ataque e enfiou a estaca no meio das costelas do vampiro, até o coração.

— A blusa era de seda — reclamou e virou de costas antes mesmo que ele virasse pó.

Algumas fileiras acima, Giles quebrou a cruz pesada na cabeça do vampiro que Buffy tinha arremessado longe. Enquanto observava, seu mentor enfiou a estaca no vampiro num belo estilo para um cara de quarenta e tantos já chegando aos setenta e tantos e, bem, que não era um caça-vampiros. Mesmo assim, Giles sabia o que fazer. Sabia o suficiente para ensinar a Buffy mais do que uma garota americana comum de colegial precisaria saber sobre lutas com vampiros, demônios e as forças da escuridão.

Mas, ei, quem queria ser comum, afinal?

Bem, na verdade, Buffy queria. Mas já tinham falado disso tantas vezes que voltar ao assunto faria de O.J. Simpson uma piada. Estava acabado, mas não tão acabado como, digamos, Keanu. Não, era mais como Travolta antes de *Pulp Fiction*: apenas esperando pela onda perfeita.

— Você parece um pouco enferrujada, Buffy — disse Giles, ajeitando a gravata. — Isso me leva a pensar se fui muito bonzinho nos últimos tempos.

— Será que sou a única que percebeu que você ainda está respirando? — perguntou Buffy.

— Humm? — replicou Giles, olhando novamente para Buffy. Ele tinha uma tendência a se distrair. —

Claro que não. E agradeço o que você fez, muito mesmo. É só que estou preocupado que, contra um vampiro mais poderoso, sua técnica possa exigir...

— Giles — advertiu Buffy. Ele seguiu seu raciocínio.

— ...um pouco mais de...

— Giles — gritou Buffy.

Ela correu até ele, mas era tarde demais. Outro vampiro saltou do balcão sobre os dois e caiu em cima de Giles. Buffy sentiu a explosão de adrenalina enquanto imaginava que algo horrível pudesse realmente acontecer com alguém próximo a ela. Isso já tinha acontecido antes.

Felizmente, Giles foi mais rápido na reação do que sua distração parecia indicar. Ele caiu sob o peso do vampiro, mas, ao mesmo tempo que Buffy avançava para o sanguessuga, o vampiro sofria aquela explosão prazerosa de pó. Giles tinha conseguido virar a parte quebrada do crucifixo para cima, perfurando o corpo do vampiro.

— Você lembrou que eu disse que havia quatro vampiros lá em cima, não é? — Buffy perguntou enquanto ajudava Giles a ficar de pé.

— Humm? Oh, sim — respondeu Giles enquanto tirava das lentes dos óculos o pó do vampiro que tinha morrido. — Só me distraí um pouco, só isso.

— Talvez você tenha que aprimorar sua técnica — disse Buffy.

— Sim, bem, você tem razão — concordou. — Talvez devamos nos concentrar em encontrar Xander e Cordelia antes que esse tal Lear decida que já serviram a seu propósito de isca — respondeu Giles.

Buffy fez careta, contraindo as sobrancelhas. Ela estava muito concentrada, nada era mais importante do que tirar Xander e Cordy de lá em segurança. Por isso, ela e Giles tinham se separado de Willow e Angel, para começo de conversa. Mas Buffy estava nervosa e brava, e o sarcasmo ajudava a lidar com ambos os sentimentos.

— Você nunca ouviu falar em bancar a durona? — indagou.

Com um barulho repentino e metálico, as cortinas começaram a se abrir. Buffy e Giles desceram pelo corredor rapidamente em direção ao palco. A Caça-Vampiros teve o cuidado de não prestar atenção demais na visão não tão agradável dos mortos na primeira fila, bem na frente do fosso da orquestra. Ela já tinha visto mais cadáveres do que um assassino em série, mas isso nunca foi muito fácil.

— Por que sou sempre a alma da festa? — sussurrou para si mesma, e fez careta para sua própria resposta silenciosa. "Porque sempre sou a única ainda viva!"

Havia uma segunda cortina no fundo do palco. Buffy imaginava que a disposição do Majestic era muito mais complicada do que o do auditório de Sunnydale High, onde tinham apresentado o mais recente show de falta de talento. Mas até mesmo aquele palco tinha quatro ou cinco cortinas. Parecia que teriam de subir no palco, talvez até ficar sob o spotlight se quisessem descobrir o que Lear tinha feito com Xander e Cordelia.

Por outro lado, não era como se o grande monstro não soubesse que eles estavam ali. O que deu a ela uma idéia.

— O que você está esperando, Lear? — gritou. — A platéia está aqui!

Giles encarou-a como se ela fosse, bem... ela, e Buffy teve de admitir que, apesar de gostar de ridicularizar os vampiros pomposos, que mais pareciam gêmeos malvados do Papai Noel, fazer isso quando o ator principal, obeso e sanguessuga, tinha seus amigos como reféns não era uma idéia especialmente boa. Mas ela pensou que com um ego como o de Lear...

— Gloster, faizei entrar na sala os nobres da França e de Burgúndia! — veio a voz profunda e grave de Lear. O vampiro entrou no palco com a vestimenta shakespeariana completa.

Buffy teria rido, se não fosse pelas vidas daqueles que estavam pendurados. Em vez disso, ela olhou para Giles procurando alguma explicação. Afinal, a única peça de Shakespeare que ela conhecia era a versão rock-and-roll com Leonardo di Caprio e a garota que fazia o papel de Angela no seriado *My So-Called Life*. Bem, esse é aquele que o Mel Gibson fez. A mãe dela tinha feito questão de alugar aquela versão. Não era ruim.

— A primeira fala de Lear em *Rei Lear* — sussurrou Giles para ela.

Buffy observou Giles por um instante enquanto ele murmurava para si como se estivesse tentando lembrar a letra de uma música. No palco, Lear foi até o foco de luz, encarando a "platéia", mas sem ao menos olhar para Buffy e Giles.

— Nesse instante, meu soberano! — gritou Giles de repente, fazendo Buffy pular de susto. No palco, Lear sorriu.

— Enquanto isso — sorriu Lear presunçoso, tão satisfeito consigo mesmo que praticamente babava —, pretendo mostrar nossos desígnios mais recônditos.

Com a deixa, a segunda cortina começou a se abrir atrás do corpulento vampiro, e Buffy não pôde conter a respiração forte que escapava de seus lábios ao ver Xander e Cordy. Ambos estavam amordaçados e fixados em um instrumento de madeira que prendia suas cinturas e pescoços, deixando-os completamente imóveis. Talvez tivesse sido uma coluna de cenário há algum tempo. Mas, agora, era real demais.

A pior parte era que eles estavam acordados. Buffy podia ver seus olhos e, apesar de ambos já terem visto o bastante desde que a Caça-Vampiros tinha entrado na vida deles, dava para perceber que estavam apavorados.

— Minha nossa! — murmurou Giles.

— Não é o homem mais do que isso? Considerai-o bem — urrou Lear feito louco.

Um calafrio percorreu a espinha de Buffy. Ela tinha pensado que Lear era apenas um idiota cruel. Mas agora isso era o que ela queria. A única coisa pior, em sua opinião, do que um exibido gordo, babão, morto-vivo e sanguessuga era um que também estivesse completamente fora de si, com uns tijolos a menos no mausoléu.

Ela viu as cortinas atrás de Xander e Cordelia sacudirem no final do palco. Havia outros vampiros ali, ela sabia disso — outros que seguiram Lear. Mas não dava para saber quantos.

Uma rápida olhada para o rosto de Xander, para o medo nos olhos de Cordelia, e Buffy percebeu que não importava quantos. Mas o que ela podia fazer?

Como chegaria a Lear antes que ele alcançasse o suporte onde Xander e Cordy estavam presos? De repente, Giles começou a aplaudir.

Willow seguiu Angel subindo as escadas que levavam ao lado esquerdo do palco. Tinham descoberto um túnel que atravessava por baixo do palco, o que permitia que os atores se movessem de um lado para o outro sem atrapalhar a equipe do teatro. Ela tinha certeza de que encontrariam alguns vampiros ali, mas, que pena, não foram felizes.

Não que houvesse falta de vampiros. Do lado direito do palco, tinham visto pelo menos seis deles, perambulando por trás de várias cortinas; e fora do palco nas coxias, trabalhando com as cordas para abrir as cortinas e mover as colunas do cenário.

Willow tremeu. Ela odiava vampiros. Bem, fora a companhia atual, claro, apesar do fato de Angel ter tentado matá-la certa vez. Mas não tinha realmente sido Angel... isso dava dor de cabeça só de pensar.

Angel olhou para ela como se pudesse ler sua mente, e ela ofereceu-lhe um sorriso sem-graça como quem diz "por que eu?". Francamente, ela não sabia por que ele tinha concordado em deixá-la vir junto. Willow não fazia a menor idéia do motivo pelo qual Buffy podia querê-la por perto quando se tratava de coisas assim. Giles sabia o que fazer e, afinal de contas, ele era o Sentinela. Xander pelo menos sabia lutar. Angel era o namorado de Buffy, e havia toda aquela história de ele ser um vampiro — mas o único vampiro bom de que já se ouviu falar.

Não quer dizer que Willow não tivesse feito a sua parte antes, por pelo menos sete ou oito segundos. Ela tinha. E queria estar ali, num tipo de solidariedade dos Três Mosqueteiros ou algo assim. Mas depois de a pesquisa ter sido feita, ela já tinha cumprido a sua parte no pequeno regimento de Amigos da Buffy, que Xander chamava carinhosamente de Turma do Scooby.

Willow, por mais triste que fosse admitir, era a Velma. A CDF, mas relativamente inútil membro da gangue. E ela odiava ser a Velma.

Suspirou ao seguir Angel nas fileiras de cortinas penduradas nas coxias do lado esquerdo do palco. Willow tinha uma estaca, mas era mais para proteção do que para uma ofensiva.

Ouviu um som seco à sua frente, e as cortinas sacudiram. Angel olhou em volta, seus olhos sérios espelhando a alma — isso não é irônico, espelhando a alma? — faziam com que se sentisse um pouco mais segura. Ele fez sinal para que ela o seguisse.

Mãos cheias de garras o agarraram pelo pescoço e o jogaram com força contra o chão. O vampiro atrás

de Angel se inclinava para a frente, tentando rasgar sua garganta, quando Willow enfiou a estaca no peito dele. Ela não viu a vampira loira que vinha em sua direção, e acabou perdendo a estaca bem na hora em que tentava erguê-la para atacar sua oponente. A garota vampírica avançou, mas Willow se abaixou, colocando a cortina entre ela e sua agressora.

Com isso ganhou três segundos de vantagem. Mas logo a vampira já estava em seu encalço, sorrindo. Então o vampiro que havia atacado Angel a jogou no chão com um movimento de corpo. Mas somente quando Willow viu Angel correndo atrás daqueles dois, percebeu o que tinha acontecido.

Nenhum outro vampiro reserva tiraria Angel do jogo.

Willow sacudiu a cabeça. "Analogia esportiva", pensou, "devo estar delirando".

Angel resolveu rápido a situação com os vampiros, mas havia pelo menos outros dois, possivelmente três, vindo por trás da cortina de fundo. No palco, as coisas tinham ficado muito tensas. Willow tinha de fazer alguma coisa ou Lear mataria Xander e Cordelia.

Willow e Xander eram excelentes amigos desde sempre. Ela tinha de tentar salvá-los. Olhou para uma pilha de cenários velhos e empoeirados. Hastes de bandeiras, vassouras, espadas de madeira, cadeiras, um carrinho de madeira... um crucifixo de metal de um metro de altura.

Com dois passos rápidos, ela se abaixou para pegar uma espada de madeira e a jogou para Angel.

— Ajude Buffy — disse.

Angel olhou para ela, franziu a testa, olhou para as cortinas que balançavam conforme os vampiros se moviam — certamente aterrorizados demais para importunar seu mestre, atrapalhando sua atuação — e, então, correu para a frente do palco, empunhando a espada de madeira à sua frente como se soubesse usá-la. Mas, pelo

fato de ter crescido no século XVIII, Willow imaginou que provavelmente ele soubesse.

Willow pegou o enorme crucifixo de metal. Claro que ela era judia, mas imaginou que, caramba, precisava de qualquer coisa que pudesse funcionar. Era pesado, mas o peso era confortável em suas mãos. Tentou se forçar a sentir coragem, tentou parecer malvada. Tentou ser como a Caça-Vampiros.

Tudo aconteceu muito rápido para Buffy. Em um segundo, Giles estava aplaudindo, e Lear tinha olhado para ele com pompa e prazer. Aquele vampiro maluco agia como se os dois fossem bajuladores da mídia cujo trabalho era adorá-lo. Os aplausos de Giles o deixaram tão alegre que Lear realmente deu um passo à frente e abaixou-se em reverência.

Idiota.

Buffy deu três passos rápidos, colocou o pé no braço da poltrona da fileira da frente, deu um salto mortal e aterrissou atrás do vampiro obeso que estava em cima do palco. Agora ela estava entre seus amigos e a morte.

Aquele era seu lugar.

Ela era a Caça-Vampiros.

— Nenhuma chamada de cortina para você, seu comédia — ironizou. — Posso não conhecer Shakespeare, mas tenho certeza de que este não é seu momento de maior orgulho.

Infelizmente, Lear era mais rápido do que aparentava. Ele arrancou a estaca da mão de Buffy com um golpe, agarrou-a pelo pescoço e ergueu-a bem alto no palco, com os olhos queimando de fúria.

— Todo mundo sabe criticar — urrou ele.

Buffy agarrou-o pela cintura, chutou o rosto dele com força e Lear a soltou, revirando de dor e humilhação. De pé, novamente, ela tentava se colocar entre os amigos e o vampiro raivoso. O problema era que não tinha nenhuma estaca.

— Buffy!

A voz de Angel. Atrás dela.

Lear atacou Buffy, mas ela se desviou e golpeou com uma joelhada a enorme barriga do monstro, terminando o giro atrás dele. Arriscou olhar para cima e viu que Angel tinha libertado Xander e Cordelia, e os dois já corriam para ajudar Willow a segurar três outros vampiros vindos das coxias. Então ela viu o que Angel tinha nas mãos: uma longa espada de madeira. Ele arremessou-a para Buffy

assim que Lear atacou-a novamente, e toda aquela falsa sanidade já havia sumido. Buffy teve de pular para agarrar a espada no ar. Quando desceu, ajoelhou-se e virou a ponta da espada direto para a cintura de Lear.

A espada perfurou seu corpo e Lear cambaleou, um passo para a frente, um passo para trás. Ela não tinha atingido o coração, pelo menos não completamente.

— Giles! — gritou Buffy. — Estaca!

— Fortuna, passa bem — gemeu Lear. — Sorri de novo e faz andar mais uma vez a roda.

O vampiro desmoronou no palco, empurrando a espada ainda mais para cima no seu peito. Ele explodiu numa nuvem enorme de cinzas, uma chuva de poeira voou pelo palco, que então tudo acabou.

Na fileira da frente, Giles repreendia com a cabeça.

— Rei Lear — disse. — Devia ser O Rei do Melodrama, isso sim. Teve que exagerar na atuação até o final.

— Ah, maravilhoso — disse Xander com seu sarcasmo costumeiro. — Espero que eu tenha dado à minha atuação a dose certa de terror para você, Giles.

— Certo — interrompeu Buffy. — Agora chega de metáforas dramáticas. Já estou ficando cansada.

— Eu também — concordou Willow. — Que bom que não temos aula amanhã — Cordelia e Xander se entreolharam.

— Vocês acham que o Bronze ainda está aberto? — perguntou Cordelia.

— Possivelmente — respondeu Xander, imitando muito mal o tom de Shakespeare. — Acompanhar-me-ia, bela donzela?

— Sei lá o que isso significa! — disse Cordelia. Ela revirou os olhos e caminhou pelo corredor até sair pela porta. Xander foi atrás.

— De nada! — gritou Buffy.

— Venha — disse Angel, vindo ao lado dela e passando o braço em volta de sua cintura. — Vou te levar para casa. As ruas de Sunnydale não são seguras à noite.

Vinte minutos depois, Willow estava quase em casa. Giles tinha lhe oferecido uma carona, mas ela acabou contando uma meia mentira ao dizer que já tinha como ir para casa. E isso era verdade, pois caminhar era um jeito de ir para casa.

Ela queria andar, pensar e deixar abaixar o nível de adrenalina por ter bancado a minicapa-vampiros, ou seja, uma substituta da verdadeira Caça-Vampiros. Ou coisa parecida.

Era uma tarefa intensa, legal e tudo o mais, e necessária. Como Willow sabia que Sunnydale foi erguida em cima da Boca do Inferno — o que transformava o local numa boca quente para as criaturas que brotavam durante a noite —, ela sentiu que tinha de fazer algo a respeito. Como o Homem-Aranha sempre dizia: "Com um grande poder sempre vem uma grande responsabilidade".

E Willow sabia mais do que ninguém que conhecimento era poder.

No fim do dia — ou noite —, Willow realmente não se importava de ser uma substituta. Às vezes, era uma substituta muito eficiente, como hoje à noite, e isso valia a pena. Pelo menos não era a Caça-Vampiros. Willow não podia nem imaginar a pressão de ser a Escolhida, cujo trabalho era salvar o mundo das forças da escuridão.

A idéia de fazer o vestibular era o suficiente para provocar pesadelos, e isso só ia acontecer no próximo ano.

Se a pressão de ser a Caça-Vampiros não fosse o suficiente, ainda havia toda a força para continuar viva e inteira. Tentar não ficar tão morta quanto os caras que tinha de matar, caras que já estavam mortos, ou mortos-vivos. Então, ficar viva era bem importante.

— Preciso dormir — disse Willow a si mesma. Foi nessa hora que mãos muito fortes a pegaram

por trás e a arrastaram para a lateral de tijolos da Pizzaria Mona Lisa. Com um suspiro, ela se virou para encarar seus agressores. Eram dois rapazes, rostos na sombra. Ambos altos e musculosos, um vestia uma jaqueta jeans e o outro, um moletom azul-marinho.

Ataque, disse a si mesma, mas só ficou olhando para os dois, indefesa. Não conseguia nem ao menos gritar. Estava congelada e só ficava olhando, imóvel.

Com uma risada abafada e cruel, o rapaz de jaqueta jeans deu um passo na direção dela. Foi então que Willow se recompôs e começou a correr.

— Ah, não. Não corra! — disse ele.

Braços fortes a aprisionaram e a jogaram na calçada. A cabeça de Willow bateu forte no chão e o pulso ficou preso sob seu corpo.

Ela sentiu que algo quebrara em seu pulso, bem na hora em que a escuridão se apoderou dela.

Capítulo 1

Segunda-feira de manhã. Essas palavras sozinhas eram suficientes para causar tremores de pânico na espinha dos alunos mais vigorosos. E os adultos achavam que a vida deles era difícil! Mesmo assim, apesar da terrível sensação de ser segunda-feira, era uma linda manhã. O canto dos pássaros enchia o ar. O perfume das flores flutuava num jardim próximo. O sol brilhava, iluminando as janelas de Sunnydale High. Era quase o bastante para fazer a gente esquecer que vivia em cima da Boca do Inferno. Quase, mas não completamente.

Felizmente, a maioria dos alunos de Sunnydale High não sabia que viviam em cima da Boca do Inferno. Nessa abençoada ignorância, seguiam desperdiçando a vida — um trabalho de período integral para os adolescentes, especialmente se quisessem realmente ser bons nisso. Os garotos vinham de skate pelas calçadas — o que era ilegal, mesmo que andar de skate não fosse, nunca tivesse sido e nunca viesse a ser um crime — batendo papo sobre o fim de semana, a lição de casa e todas aquelas coisas divertidas que os alunos do colegial fazem com muito mais frequência do que a Escolhida.

Para a Escolhida, Buffy estava tremendo de medo. Quer dizer, o máximo que uma caça-vampiros podia tremer. Mas não eram vampiros nem demônios que a faziam suar por causa do dia que viria pela frente. *Uh-uh*. Era algo *muito* pior: prova de matemática. Hoje. Nenhum estudo. Péssima equação. E ela nem podia aparecer com um bilhete da comunidade vampírica. "Por favor, libere Buffy de sua prova hoje, pois ela esteve ocupada ontem à noite em uma patrulha caça-vampiros, mantendo o mundo a salvo de mortos-vivos." É, isso seria demais.

Não. Ela não tinha saída.

— E como *você* quer a *sua* batata assada? — resmungou.

— *Buffalita!* — chamou Xander, gritando sobre seu skate, bem ao lado dela. Ele freou e desceu, então pisou na extremidade do skate, fazendo com que o objeto girasse e viesse para suas mãos, exatamente como Buffy fazia para pegar o arco e a flecha em posição de batalha. Apesar do medo pela prova de matemática, Buffy deu risada. Seus amigos definitivamente tinham aprendido alguns truques ao observá-la. Isso era bom, já que essa amizade os colocava regularmente em perigo.

— Espere aí — disse. — Onde está Willow?
Ele inclinou a cabeça, ergueu a sobrancelha e disse:
— Bem, e você?
— Foi mal — ela fez cara de desculpas. — É só que vocês dois geralmente vêm para a escola juntos, como sal e pimenta, sacou?
Xander sorriu e olhou perplexo.
— Espero que você esteja falando dos condimentos, cara amiga totalmente por fora da MTV, porque há três mulheres ousadas no Salt-N-Pepa.
Buffy apertou os olhos.
— Pode me processar então. Certo, sou ocupada demais para ver a contagem regressiva dos vídeos da semana. Você sabe muito bem o que eu quero dizer. Vocês sempre vêm juntos para a escola.
— Unidos pelo quadril como gêmeos siameses. Assim somos eu e a Will. Infelizmente, tive que fazer umas coisas hoje de manhã, por isso vim sozinho.
— Umas coisas? — pressionou ela, intrigada. — Quem faz coisas antes de o sol raiar? Exceto caçadores de vampiros, quero dizer. Você é o Garoto Prodígio? Teve que deixar sua batcapa na lavanderia?
— Seria a capa do Robin — olhou severo, sacudindo o dedo para ela. — Não, Caça-Vampiros. Como vai ser convidada para todas as festas legais se não prestar atenção nos detalhes da sua cultura pop? Na verdade — Xander falou lentamente —, a culpa do meu atraso é da Mulher-Gato, minha cúmplice.
— A Mulher-Gato? — reclamou Buffy. — Aquela vadia! — ela ergueu uma sobrancelha como ele tinha feito. — Podemos acabar com essa brincadeirinha de Batman e Robin agora?
Ele apontou ligeiramente para a esquerda da multidão, em direção a uma figura familiar com roupas da moda, sotaque de riquinha e todos os fios de cabelo castanho no lugar.
— E por falar em vadia — disse —, ali está a minha. Cordelia Chase virou-se e começou a se dirigir ao encontro deles. Estava claro que tinha algo importante para discutir.
— Agora minha manhã está completa — disse Buffy, suspirando.
— Xander falando um monte de asneiras, prova de matemática e a chance de ser insultada pela garota "por-que-você-está-namorando-com-ela-de-novo", tudo num só dia. Como uma simples garota pode ter tudo isso de uma vez?
Conforme Cordelia se aproximava, Buffy via a preocupação no rosto da garota e revirou os olhos.

— Provavelmente vem dizer que a culpa por ela ter quebrado uma unha ou coisa parecida é minha.

— É essa vida louca que você leva — explicou Xander.

— Preciso falar com vocês! — disse Cordelia apressada, olhando em volta. Com certeza não queria que nenhuma de suas amigas a visse conversando com eles.

— Cordy — Xander a cumprimentou todo alegre —, o que foi? Já arrebentou o ego de algum rapaz hoje?

— Não — disse ela, fazendo careta.

— Bem, não precisa ficar com medo, o dia mal começou.

Cordelia revirou os olhos.

— Tá bom — e virou-se para Buffy. — Escute, só quero saber se tem algum acontecimento bizarro planejado para o próximo fim de semana, sabe, tipo A Maldição da Noite das Pessoas-Ratos ou coisa assim. Tenho planos para o próximo sábado e não quero que vá por água abaixo só porque algum monstro que vem tentando matar a Caça-Vampiros há um bilhão de anos decidiu que esta seria a noite ideal para levantar da tumba.

— É, Buffy, organize seu calendário de Eventos Tenebrosos, certifique-se de que esta noite esteja livre para a srta. Chase — ironizou Xander, olhando para Cordelia. — Você acha que a Buffy planeja esse tipo de coisa?

Cordelia deu uma boa olhada em Buffy com intensa irritação.

— Sabe, quando você veio para Sunnydale, eu tentei trazê-la para a elite. Mas não, você tinha que ficar andando com esses idiotas. Nunca se perguntou como teria sido diferente?

Foi uma surpresa para Buffy perceber que, mesmo depois de tanto tempo, Cordelia ainda tinha a capacidade de magoá-la. Mas ela tinha este poder e também a habilidade. Porque, na verdade, sim, Buffy ainda pensava como teria sido ser popular na escola nova. Ela sentia falta de ter vários amigos, ser convidada para boas festas e ter todas as coisas que começou a perder quando descobriu, ainda em L.A., que era a Caça-Vampiros. Era um dos problemas da profissão e algo que não alegraria nenhuma garota de dezessete anos.

Mas ela sabia que Cordelia se referia especificamente ao fato de Buffy ter ousado ser legal com Willow quando Cordelia tinha, francamente, tratado-a como estêreo, humilhando-a e provocando-a publicamente. Por ter sido legal com Willow e pedir sua ajuda com a lição de casa, Buffy tinha selado seu próprio destino como uma excluída. O outro "idiota", Xander, veio no pacote, já que ele e

Willow eram os melhores amigos desde a pré-escola. E se ter popularidade exigisse desprezá-los como lixo, então Buffy não estava perdendo nada.

— Sou apenas eu ou será que alguém apagou a sua memória recente? — indagou Buffy. — Especificamente, toda a parte de você ter namorado um dos idiotas?

— Peraí! — protestou Xander. — Não tem uma palavra mais gentil?

Cordelia o encarou.

— Não.

— Quando você recuperar sua alma, vai se arrepender de ter dito palavras duras como essas — disparou Xander contra Cordelia.

Cordelia pareceu não entender, então apertou os dentes e os olhos para Xander.

— Ha-hah. Você é tão completamente nada engraçado.

— Mas meu beijo é ótimo — disse, erguendo o queixo orgulhoso.

Depois de um momento de pausa, Cordy sorriu.

— Eu aviso você quando chegar ao nível "ótimo".

— Você deve saber que sou ótimo — disse Xander, de forma agradável. — Já experimentou todos.

Cordelia bufou e saiu andando.

— Ah, que ótimo, *sensei*, me conte como você fez isso — implorou Buffy enquanto observavam Cordelia desaparecer na multidão. — Para eu poder fazer também.

Xander fez uma pequena mímica, espreguiçando-se e colocando as mãos atrás da cabeça.

— Tem a ver com a hora certa, srta. Summers. Ela lança e você defende — sorriu. — E então contra-ataca.

— Nem explique mais — disse Buffy sacudindo a cabeça enquanto voltavam a andar. — É melhor eu nem ouvir mais nada. Ainda não entendo o que rola entre vocês dois. De algum modo você consegue atravessar as brechas na armadura dela.

— Ou as rachaduras na maquiagem. Você percebeu que ela está usando base demais? Isso realmente a faz parecer uma vadia. Você deveria conversar com ela sobre isso, Buffy.

Ela riu com malícia.

— Talvez. No lugar certo, na hora certa...

— A cabeça dela ia ficar fervendo por pelo menos duas aulas — garantiu. — Ou, melhor ainda, peça para o Giles dizer. Ela ia ficar louca.

Buffy sorriu, mas um pouco desanimada. Não pôde deixar de perceber que Xander tinha usado sua própria vida enquanto provocava Cordelia. A piada sobre ela recuperar sua alma tinha tudo a ver com

Angel e a terrível culpa que ele carregava desde que recuperou sua própria alma.

O sarcasmo de Xander podia ser muito bobo, mas também era cortante às vezes. Especialmente com Angel. Ele reservava seus piores comentários para o namorado morto-vivo de Buffy. Na verdade, Xander tinha a coragem de chamá-lo de Garoto Morto, mesmo que Angel odiasse isso. De fato, Xander o chamava assim especificamente *porque* Angel odiava isso. Xander tinha ciúme de Angel, não havia dúvida. Mas Buffy sabia que, quando a Boca do Inferno cuspia algo tenebroso, Xander arriscava a própria vida por qualquer um deles, incluindo Angel, apesar de tudo o que tinham sofrido nas mãos dele.

A mente de Buffy divagava até ser interrompida ao ver Willow sentada no banco onde os três sempre se encontravam.

— Veja, se não é a nossa querida Willow — disse Buffy, apontando.

Willow vestia um casaco folgado sobre os ombros e, como sempre, estava debruçada sobre um livro. Ela costumava ler livros e revistas de ciências, esse tipo de coisa. Entretanto, desde que conheceu Buffy, os livros passaram a ser mais empoeirados, pesados, com capas de couro e do tamanho de enciclopédias, com mil e uma receitas para deter demônios e monstros.

Quando não estava lendo, surfava nas páginas pagas da Web. Com a morte de Jenny Calendar, Willow tinha lutado para fazer ainda mais que sua pequena parte. E sua pequena parte era sempre muito mais que a dos outros.

"Que pena que Willow não é a Escolhida", pensou Buffy. Ela pesquisava muito mais sobre o maravilhoso mundo dos caça-vampiros do que a própria Caça-Vampiros. Imagine, uma garota que podia arrasar com os monstros enquanto recitava todas as festividades oficiais dos vampiros de cor. Giles adoraria.

Que pena que ninguém tinha escolha sobre quem seria a Caça-Vampiros, quem seria o Sentinela ou quem escolheria o guarda-roupa da personagem Seven of Nine em *Star Trek: Voyager*. A pobrezinha devia morrer de dor.

— Oi, Will — chamou Xander, acenando com as mãos. — Liguei ontem para você por causa de uma emergência de salvamento no meu

relatório de biologia, mas você não atendeu o tele... — Xander parou de falar e tocou na mão de Buffy.

Assustada, Buffy correu até Willow e abaixou-se ao seu lado.

— Willow, o que aconteceu?

O rosto de Willow estava inchado e cheio de hematomas, a bochecha esquerda toda marcada com arranhões profundos e a mão esquerda engessada.

A mente de Buffy voltou correndo para a noite no teatro. Willow estava bem quando se separaram.

— Willow? — Xander sentou-se ao lado dela. — Meu Deus. Você sofreu um acidente?

Willow tentou sorrir, mas a boca doía. Ela pensou em fazer uma piada, mas nada disso era engraçado. Então contou a verdade.

— Fui atacada.

— Por vampiros? — irritou-se Xander. Ele agarrou a bolsa de caça-vampiros da Buffy. — Rápido. Preciso de alguma coisa pontuda, Buff.

— Não foi nada de sobrenatural — garantiu Willow. — Eu estava voltando para casa sozinha.

— Giles não te deu uma carona? — interrompeu Buffy.

— Bem, é que eu queria ficar sozinha. Precisava pensar um pouco — acrescentou com tristeza.

— Você podia ter ficado sozinha no seu quarto — repreendeu Xander. — Também dá para pensar lá.

Willow engoliu em seco. Ela não sabia por que sentia tanta vergonha por seus amigos estarem vendo seus machucados. O primeiro impulso depois do ataque tinha sido ligar para os dois, mas algo tinha feito com que colocasse o telefone no gancho.

— Quem foi? — exigiu Buffy, os pensamentos aparentemente voando no mesmo sentido que os de Xander: é hora da vingança.

— Não sei — respondeu documente e quase protestou quando Xander fechou o livro de demonologia e colocou-o sobre o colo dele. — Eu estava caminhando quando dois caras, caras normais, eu acho, nem vampiros nem demônios, vieram para cima de mim. Eles levaram meu relógio e vinte dólares.

Ela olhou para Xander e sentiu uma onda de tristeza.

— Desculpe, Xander. Era o relógio do Piu-Piu que você me deu de aniversário.

— Droga. E a promoção do Burger King acabou — ele examinou as bochechas dela com atenção, erguendo o queixo com gentileza. —

Oh, Will... — começou, e ela podia ouvir a frustração em sua voz. Xander queria ajudar, mas era tarde demais para qualquer um ajudá-la.

— Eles quebraram seu pulso? — perguntou Buffy. Willow sacudiu a cabeça.

— Foi uma entorse forte, eu caí de mal jeito. — Ela percebeu que estava quase às lágrimas e lutou para escondê-las. — Depois de todo esse tempo que vejo você treinar como cair com Giles, e depois de vê-la em ação, é de imaginar que eu saberia como fazer isso.

— Aprendi com o tempo — disse Buffy com gentileza.

— Comece a andar de skate. Você vai praticar bastante — adicionou Xander, obviamente tentando suavizar o momento. Mas ele não estava sorrindo. Seus olhos escuros estavam sérios e a boca, tensa e nervosa.

— Willow, por que você não ligou para a gente? Por que não nos contou? — indagou Buffy.

Agora Willow sorriu. Ela tinha sorte de ter amigos tão bons. Embora, no caso de Xander, era claro que ela queria que ele fosse mais do que um amigo. E isso ocorria há mais tempo do que Buffy tinha sido a Caça-Vampiros. E, bem, e agora tinha o Oz.

— É que... sei lá — disse. — Não senti vontade de conversar.

— Entendo — disse Buffy, e Willow imaginou que ela entendesse mesmo. Depois de Buffy ter sido morta por um vampiro conhecido como o Mestre, ela vinha guardando seus sentimentos havia muito tempo. Todo seu medo e frustração tinha extravasado numa longa sessão de choro nos braços de Angel.

— Olhe, eu odeio fazer isso — disse Buffy, fazendo careta —, mas está quase na hora de entrar e eu prometi falar com Giles antes da primeira aula. Will, você vai ficar bem?

— Claro, Buffy — disse baixinho. — Vá em frente.

Buffy não parecia feliz em deixá-la, o que mexeu com Willow profundamente. Ela nunca tinha tido uma amiga como Buffy, corajosa e forte. Nenhum assaltante estúpido conseguiria atacá-la.

— Oh, vamos, Rosenberg — disse Xander, assim que uma lágrima percorreu o rosto dela. Ele a puxou contra o peito e beijou o alto de sua cabeça. — Está tudo bem.

— Não, não está. Porque este tipo de coisa vai continuar acontecendo comigo — disse Willow, deixando as lágrimas fluírem enquanto Buffy desaparecia no prédio. — Sou uma inútil, Xander. Um perigo. Metade do tempo Buffy tem que se arriscar para me salvar, e...

— ...e na outra metade, ela tem que me salvar — terminou Xander, tentando fazer com que ela olhasse para ele.

Willow estava infeliz. Há muito tempo ela desejava que Xander a abraçasse, e agora ele só estava sendo legal. Sentindo pena dela. Ele nunca teria pena de Buffy.

— Talvez você devesse pedir a ela umas dicas de como lutar.

— Ah? — fungou Willow. — Eu nunca poderia ser como a Buffy. Eu vejo esses vampiros e fico morrendo de medo. Odeio ser a Velma.

— Qual é! — protestou Xander. — A Velma é a mais legal! A garota esperta que sempre salva o dia, contanto que não perca os óculos. Ei, olhe, pelo menos você não é a Daphne. A Daphne, sim, que é inútil.

— Então quem é a Daphne? — perguntou Willow, permitindo-se um pequeno sorriso com a filosofia de Xander sobre o Scooby-Doo.

— Por favor! — começou Xander. — Claro que é a Cordy. O que, você pensou que *eu* era a Daphne? Vejamos, acho que o Angel e a Buffy são o Salsicha e o Scooby. Giles é o Fred.

— E quem é você? — perguntou Willow, sacudindo a cabeça com a confusão.

— Eu? — indagou Xander, então os olhos caíram e uma tristeza profunda cobriu seu rosto. — Acho que não faço parte dos personagens principais, Will. Para minha vergonha eterna, eu sou...

Ele respirou fundo.

— Eu sou o Scooby-Loo.

Willow começou a sorrir, só um pouco, mas foi bom. Então Xander ficou de pé, ergueu o punho direito e gritou:

— Scooby-Loo Bilúú!

E Willow riu tanto que a dor dos ferimentos voltou com força total. Mais algumas lágrimas rolaram por seu rosto, numa combinação de diversão e desconforto.

— Ah, Will... — murmurou Xander.

— Oi — disse uma voz.

De uma só vez, Willow secou as lágrimas e olhou para cima. Era o namorado dela, Oz. Ele estava no último ano do colegial, e sua banda, Dingoes Ate My Baby, tocava muito no Bronze. Ele também era um lobisomem.

Willow viu a preocupação nos olhos de Oz e isso a animou um pouco.

— O que aconteceu com você? — explodiu.

— Eu cáí — disse Willow rapidamente, mentalmente implorando para Xander não contradizê-la. Ela estava com vergonha de não ter sido capaz de se defender. Na verdade, de nem ao menos ter tentado se defender. Mas a Gangue do Scooby sabia dessa parte. — Eu estava fazendo um negócio, tarefa doméstica, estava pintando a casa, o que é uma tarefa, e cáí da escada.

— Nossa, que droga — respondeu Oz, sacudindo a cabeça sabiamente. — Pintando a casa... Impressionante — ele pegou a mochila dela que estava a seus pés. — Vamos. O sinal vai tocar. Eu carrego isso para você.

— Certo — disse ela enquanto se levantava com certa dificuldade. Olhou meio incerta para Xander, que sorria sem-graça como um irmão mais velho, indicando sua aprovação. Mesmo que realmente gostasse de

Oz, parte dela ainda desejava que Xander ficasse com ciúme. Talvez ele até sentisse, de certo modo, mas só porque eram muito próximos, e Willow sabia disso. Não porque Xander sentisse alguma coisa... qualquer sentimento romântico por ela. Não como sentia por Buffy. Mas Oz não sonhava com Buffy. Não, ele parecia gostar mesmo dela. E era um gatinho...

Os três entraram na escola e começaram a andar pelo corredor.

— Oh, meu Deus, Willow, o que aconteceu? — gritou Cordelia, que estava acompanhada por duas aspirantes a Cordelia, que pareciam tão, tão... nada a ver. Na verdade, era meio triste querer ser alguém tão desesperadamente, ou pelo menos era o que Xander pensava. Claro que houve muitos momentos da sua vida em que quis ser outra pessoa: alguém agradável, rico, com carro... Alguém que Buffy adoraria de verdade. Contanto que não tivesse de ser o Angel. Porque, você sabe, estar morto é o fim. (Desculpe o trocadilho.)

— Bom dia, Mestra Cordelia — entoou Xander, extremamente educado, como se não tivessem passado uma hora esta manhã sendo mais do que educados um com o outro. Era o truque deles na frente das pretendentes a Cordelia não ser um casal agradável,

para que ela não perdesse o status de esnobe e metida da escola, conquistado com muito trabalho.

Ele olhou duro para Cordelia, tentando transmitir telepaticamente a mensagem: *Não ouse ser cruel com Willow.*

— Caiu do triciclo ou é apenas uma luta desesperada por atenção? — perguntou Cordelia, apontando para o rosto e o braço de Willow.

— Não faça isso — avisou Xander, e Cordelia pareceu um pouco chocada.

— Ou estava tentando usar uma nova máscara e...

— ela franziu a testa para Xander — O que foi?

— Sei que sua espécie adora destruir os fracos e os idosos — disse Xander —, mas certamente não tinham nenhuma regra sobre os bonzinhos. Willow está fora do seu alcance hoje, Brunhilde.

— Bem, eu só estava, eu... — Cordelia fechou a boca.

— Você só estava indo para a biblioteca conosco

— disse Xander intencionalmente — para verificar o calendário das reuniões especiais dos malucos e possuídos.

— Você está falando inglês? — ridicularizou uma das aspirantes a Cordelia.

— Não importa — avisou Xander. — Estou falando a linguagem de Cordelia. Não estou?

Cordelia jogou o cabelo para o lado. Tinha claramente se recuperado do choque momentâneo de ser arrancada de sua chapinha para cabelos movidos a veneno.

— Não importa. Não tenho tempo para sua esquisitice. O ônibus para o museu vai sair em cinco minutos.

Xander pensou por um momento.

— Ah, a excursão! — Com toda a preocupação com Willow, tinha esquecido completamente desse sopro de liberdade. — Que doce surpresa numa manhã de segunda-feira!

— Especialmente para Buffy — acrescentou Willow, um pouco mais animada. — Se prestarmos bastante atenção nas obras de arte e demorarmos para voltar, a sra. Hannigan terá que adiar a prova de matemática.

— Ah, céus, estou vendo o que você quer dizer — disse Giles para Buffy ao se aproximarem de Xander, Willow e Cordelia. — Pobre Willow.

— Você devia ter dado uma carona para ela até em casa — repreendeu-o Buffy.

— Meu Deus — ele ficou chocado. Giles era bom na arte de sentir culpa. Talvez fosse coisa de ingleses — Ela insistiu tanto...

— Ser insistente nunca *me* ajuda quando estou perto de vocês — irritou-se Buffy.

— Então, Giles, Buffy. Excursão — avisou Xander quando eles se aproximavam.

— Isso mesmo! — aplaudiu Buffy. — Estou a salvo — pensou por um minuto. — Estou a salvo? Quanto tempo leva essa excursão?

— Acho que será bem longa — disse Xander com uma piscada.

— É, bem longa. Tem muita coisa para ver, pelo que li no catálogo da exposição — informou Giles, e gesticulou para que continuassem andando.

— Dá para comprar as obras de arte? — perguntou Cordelia.

— Todos a postos. Preparar — começou Xander.

— Não. O catálogo só descreve as obras. Estou esperando por isso há meses, na verdade. É uma exposição itinerante sobre a arte e a cultura do Japão antigo — Giles sorriu empolgado. — Uma história muito rica e variada.

— História — Buffy fez careta. — Ah, que alegria.

— Acredito que você achará uma boa mudança de ritmo — insistiu Giles. — Para todos nós.

— É, ler pequenas placas sobre um bando de coisas velhas — bocejou Buffy. — Acorde-me quando terminar.

— Acabei de pensar em uma coisa — disse Xander. — Espere, onde foi parar? Ah, aqui está! Acho que um museu deste tamanho deve ter um monte de armários.

— Meu Deus, você nunca pára, não é? — suspirou Cordelia.

— Eu e aquele coelho — concordou Xander. Todos se dirigiram para a saída, onde o ônibus os esperava.

— Então — Cordelia disse para Xander. — Vários armários?

Capítulo 2

O museu era uma das coisas de que o prefeito de Sunnydale mais se orgulhava. Ele dizia que o edifício e tudo que ele continha faziam de Sunnydale mais que um simples paraíso no sul da Califórnia. Entretanto, nenhuma das atrações realmente únicas sobre a cidade que os colonizadores espanhóis chamavam de Boca dei Inferno — Boca do Inferno — ilustravam os folhetos de turismo que a Câmara do Comércio distribuía.

Mesmo assim, com um museu decente e um centro pitoresco que parecia roubado por Spielberg de Frank Capra, os turistas quase sempre passavam batido por Sunnydale. "Sorte deles", pensou Buffy. Ela e a mãe não vieram apenas para visitar, mas para ficar.

A exceção para a regra turística ficava por conta de exposições sofisticadas que, de vez em quando, vinham para o Museu de Arte e Cultura de Sunnydale ou para a Sociedade de Artes Dramáticas de Sunnydale. Havia galerias de arte — como a de sua mãe —, uma Feira Anual da Renascença e uma série de outras programações para os velhos *baby boomers*. Mas, e para os adolescentes, para os consumidores finais?

Nada.

Ou pelo menos tão perto do nada que nem valia a pena. Até o Bronze ficaria chato se você fosse lá todas as noites. Pelo menos era o que Buffy pensava. Mas quando já se viveu em L.A., é difícil imaginar ter de ir à cidade vizinha só para ver o filme que foi feito este ano. Sunnydale não era como L.A. Não era nem como uma irmã mais nova de L.A.

Assim que o ônibus entrou no estacionamento do museu, Buffy suspirou e deixou a cabeça descansar na janela.

— De repente eu preferia estar bancando a caça-vampiros — murmurou para si mesma.

E isso queria dizer alguma coisa.

— Ei, ei — disse Xander. — O que estou vendo aqui?

Buffy olhou para cima e deu de cara com aquele sorriso familiar e engraçado, e não pôde evitar sorrir de volta. Xander tinha virado de costas no banco e olhava para Buffy e Willow, sacudindo o dedo no rosto delas como se fosse um pai severo.

— Não me lembro de ter dado permissão para cara emburrada hoje — reprovou Xander. — Tudo bem, está certo que o museu não é o lugar mais legal para se visitar numa segunda-feira de manhã. Está certo que da última vez que fizemos esse agradável passeio por esses sagrados corredores de painéis e vitrines, encontramos uma jovem especialmente atraente e exótica que... certo, eu confesso, se sentiu atraída por mim. — Ele sorriu modesto e levou a mão ao peito. — E que por fim era uma antiga múmia inca, e, claro, eu era jovem demais para ela — acrescentou.

Xander tombou a cabeça para o lado, inclinando-se sobre o banco até que seu rosto ficou a um palmo de Willow e Buffy. Seu sorriso era maníaco, impossivelmente grande.

— Mas pense na outra opção horrenda para esta excursão — olhos arregalados para Buffy. — Prooovaa de matemáática! — gemeu com voz fantasmagórica.

— Sr. Harris! — disse uma voz que vinha da frente do ônibus. — O senhor se importa?

— Ah — suspirou Xander com expressão facial de quem está na defensiva. — O professor me disse que devo me comportar ou morrer tentando — virou-se e sentou na poltrona.

Buffy olhou para Willow e sorriu.

— Sr. Harris! — ironizaram.

Willow cobriu a boca para esconder o riso. Buffy estava aliviada. Will estava na maior deprê a manhã toda. Não que desse para culpá-la. O número elevado de assaltos na cidade era outro aspecto de Sunnydale que nunca chegava aos jornais.

— Fiz uma pequena pesquisa para você ontem à noite — sussurrou Willow.

— A superacadêmica — replicou Buffy. Estavam imitando o sr. Morse, o professor que tinha repreendido Xander. A professora regular de história estava de licença médica. Ninguém sabia exatamente o que ela tinha, mas claro que, como toda boa fofoca, já estavam falando o diabo. Nas últimas semanas eles tiveram de aturar o sr. Morse no lugar dela.

Ele era um cara baixo e de óculos, com cabelos escovados sobre a careca que, em vez de disfarçar, só faziam acentuá-la ainda mais. Era óbvio que o sr. Morse achava que a maioria dos alunos era imbecil e não fazia muita força para esconder sua opinião. Ele começava cada aula debruçando uma pilha de livros sobre a mesa e anunciando: "Fiz

uma pequena pesquisa para vocês ontem à noite", como se tivesse sido um imenso favor, como se eles tivessem sorte de tê-lo como professor.

Uh-huh.

Por outro lado, Xander tinha razão. A opção pelo museu era muito pior. A srta. Hannigan podia ser mais legal, mas Buffy preferia fazer uma viagem de Carnaval com o sr. Morse se isso significasse perder a prova de matemática.

Certo, bem, talvez não. Mas o museu não era nada mau na comparação.

O ônibus freou até parar e Buffy entrou atrás de Willow na fila para sair. Ela olhou para cima e viu Giles, que acenou com seu jeito costumeiro enquanto ajudava o sr. Morse a tocar os alunos como gado numa fila até a entrada do museu. Quando Buffy e Willow passaram, Giles colocou a mão sobre o ombro de Willow, todo protetor. Buffy sentiu uma grande afeição pelo bibliotecário britânico, por seu Sentinela.

Buffy raramente lhe dava crédito por tudo o que tinha feito por ela. Na verdade, na maioria das vezes, ela retribuía com tristeza, mas Giles havia lhe ensinado muito, o suficiente para mantê-la viva — quase todas as noites. Buffy sorriu para ele. Ela não queria mais ninguém no seu córner quando chegasse a hora do último round.

Ela só queria não ter de chegar ao último round com tanta frequência.

— Sabe, este lugar é bem legal — admitiu Buffy, olhando à sua volta enquanto caminhavam pelo museu. Enquanto passavam de uma exposição para outra, ela vasculhou o artesanato e as armas antigas de várias culturas, um passeio pela história de todo o mundo. — Só não sei como eles conseguem arrumar tudo isso. Quero dizer, o zoológico tem algumas hienas e um velho urso cinzento e ranzinza, e só. Mas este lugar é quase tão bom quanto aquele onde fazíamos excursão em L.A.

— É — concordou Xander. — Sunnydale é igualzinha a L.A. Sem as celebridades, os estúdios de cinema, os restaurantes chiques, o glamour, as mulheres incrivelmente lindas...

Willow e Buffy olharam para ele.

— ...que são tão completamente irreais. Pura plástica. Criaturas horríveis, na verdade — disse rapidamente.

— Você não tem cérebro, se é que preciso perguntar? — Cordelia entrou na conversa quando chegou perto deles. — L.A. é o máximo.

— Ah, por falar em boneca de plástico, lá vem ela — satirizou Xander.

Buffy sacudiu a cabeça. Desde quando Xander e Cordy começaram a sair de fininho para se agarrar no escuro, ela esperava que os dois agissem mais como um casal, mas eram tão cruéis um com o outro quanto antes. Talvez ainda mais. Ah, o amor.

— Na verdade — Willow disse suavemente —, temos muita sorte de ter um museu tão bom. Este lugar é de Primeiro Mundo. Às vezes há exposições itinerantes que nem param em L.A.

— Viu, é isso que *eu* não entendo — replicou Buffy.

— Queria saber o porquê. O que há de tão especial em Sunnydale?

— E você "pergunta para a *gente*?" — indagou Cordelia com olhar descrente.

— Definitivamente a vida noturna — arriscou-se Xander.

Buffy ergueu a sobrancelha para ele num belo estilo Jack Nicholson, e ele devolveu um olhar de cachorro sem dono como quem diz "foi mal".

— De qual vida noturna você está falando? — perguntou Willow, lançando um olhar acusador para Cordelia.

— Ah, por favor! — ironizou Cordy. — Não dá para jogar um balde de água fria nisso por trinta segundos?

— É — concordou Xander, fingindo estar do lado da Cordelia. — Vocês só pensam em sacanagem. *Eu* estava me referindo à popular e esperada Maldição da Noite das Pessoas-Ratos. Não era disso que você estava falando, Cor? A especialidade dessa cidadezinha tão especial?

Cordelia ficou em silêncio.

— É sério, Willow — continuou Xander. — O que classifica Sunnydale?

— O melhor e mais comum motivo — respondeu Willow. — Dinheiro. As doações do museu são enormes. Aparentemente muitas pessoas ricas são de Sunnydale, e até mesmo as que vão embora são bastante generosas.

— E, sem dúvida, venderam suas almas para aqueles ricos e generosos — disse Xander. — Como aqueles rapazes da fraternidade que quase entregaram Buffy e Cordelia como alimento para seu deus-monstro em forma de minhoca gigante no ano passado.

Ele deu um sorriso brilhante para Buffy.

— Acho que provavelmente existem várias outras organizações secretas que você terá que destruir para salvar todas as virgens da cidade, e outras pessoas, da morte certa.

— Vamos torcer para que não exista — suspirou Buffy, enquanto notava que as bochechas de Cordelia estavam ficando vermelhas.

— Vamos em frente — sugeriu Xander.

Eles entraram no hall da exposição itinerante, que era um labirinto de salas cheias de arte e artesanato do Japão antigo. Quase imediatamente, Buffy ficou fascinada, apesar de seu recente mau humor. A cultura do Japão antigo era muito diferente da cultura ocidental do período, e ainda mais diferente do mundo ocidental dos tempos modernos.

Na segunda sala, encontraram Giles examinando o que parecia ser um jardim minúsculo de plástico.

— Ah, aí estão vocês — disse, como se estivesse procurando por eles desesperadamente. — Esta exposição não é maravilhosa?

— Talvez não o mundo que eu teria escolhido, mas é bem legal, né? — admitiu Buffy, unindo-se a ele na admiração pela miniatura de uma ponte curva e as minúsculas árvores de sempre-verde. — O que é isso?

— Humm? — resmungou Giles, e então olhou novamente para o pequeno jardim. — Oh, certo. Muito impressionante na verdade. Parece que Sunnydale foi, em determinado momento, a cidade-irmã de Kobe, no Japão.

— Espera aí, não foi lá que houve aquele grande terremoto? — perguntou Xander.

— Isso mesmo.

— Nossa, que coincidência incrível — disse Willow. — Quero dizer, já que a gente tem *nosso* próprio terremoto e tudo mais.

— Exatamente o que eu estava pensando. Este paralelo é o que me cativa — explicou Giles, ajeitando os óculos no estilo "Giles está pensando". — Veja só, não tenho certeza absoluta se é uma coincidência.

— Não entendi. E com certeza não entendo o que isso tem a ver com o seu Jardim Miniatura aí — disse Buffy, já olhando em volta para as outras obras da sala.

— Isto é um jardim da amizade — explicou Giles, já impaciente. — As pessoas de Kobe plantavam e cultivavam verdadeiros jardins japoneses aqui em Sunnydale, recriando um igual a este na cidade deles. Aparentemente, depois do terremoto em Sunnydale, o jardim foi

abandonado e toda a vegetação simplesmente murchou e morreu. Na verdade, algo nada natural. Parece que as autoridades locais até chamaram especialistas em botânica, mas ninguém conseguiu explicar.

— Então isso aconteceu logo depois que a Boca do Inferno se abriu embaixo de Sunnydale — disse Xander. — E você está pensando em quê? Vampiros vegetarianos?

— Bem, é apenas uma conjectura, claro...

— Giles, suas conjecturas são mais ou menos como o Oráculo de Delphi. Fala logo — disse Buffy.

Todos olharam para ela.

— Que foi? — perguntou Buffy. — Qual é, Willow é minha professora particular de história! Eu sei algumas coisas.

Do outro lado da sala, uma vozinha chata disse:

— Eu ouvi isso, Summers. Espero que você saiba o suficiente para passar neste semestre.

Buffy sorriu amarelo para o sr. Morse e piscou para sacudir os cílios, esperando que ele entendesse o sarcasmo de sua reação e, de repente, ficou apavorada com a possibilidade de que ele não entendesse. Era capaz de a gralha do sr. Morse pensar que ela estava dando em cima dele.

Ela suspirou e olhou para Giles.

— Você dizia?

— Bem, me parece estranho que o jardim tenha morrido durante o terremoto e que a cidade-irmã de Sunnydale tenha sofrido um terremoto não muito tempo depois.

— Espera aí, você acha que a Boca do Inferno de algum modo causou o terremoto em metade do mundo só para, sei lá, infectar outra cidade através do jardim da amizade? — perguntou Xander incrédulo.

— Bem — disse Giles secamente —, quando você coloca desse jeito, parece um pouco impossível, mas ainda me parece uma estranha confluência de eventos, você não acha?

— Isso vai acabar me levando a ter que matar alguma coisa? — perguntou Buffy.

— Não — respondeu Giles, com olhar estranho. — Não dá para dizer muito — murmurou. — Com certeza...

Buffy sorriu feliz.

— Então, Giles, é superestranha essa tal de conflu-sei-lá. Podemos ver o que mais tem aqui? O sr. Morse ameaçou dar uma prova sobre a excursão, não posso perder nada.

— Por favor, vão em frente — disse Giles, certamente decepcionado por sua teoria não ter despertado muito interesse. Mas ele logo superou o assunto e voltou a apreciar as obras de arte.

Eles tinham perdido Cordelia logo no começo, mas Buffy, Willow e Xander também tinham se separado, cada um gravitando em diferentes direções no labirinto da exposição. De vez em quando se cruzavam e trocavam idéias.

Xander logo se interessou pela escultura do samurai e pelos quadros que reproduziam lendas. Havia cópias das vestimentas tradicionais dos samurais e informações sobre a vida privilegiada que levavam.

— Nossa, esses caras se deram bem — disse Xander quando se encontraram.

— É, vida boa — respondeu Buffy. — Se alguém trouxesse confusão, podiam simplesmente cortá-los em pedacinhos e ninguém perguntaria nada. Estou verde de inveja.

Xander olhou para ela.

— Buffy, eles matavam humanos, sabia? Não era a mesma coisa.

Ela sacudiu a cabeça.

— É ainda mais injusto. Sempre estou preocupada se vou entrar em alguma confusão e nem mesmo estou matando alguém que ainda esteja vivo.

Cordelia apareceu de repente, viu os dois e veio zunindo pela sala.

— Certo — ela disse —, isto é completamente nojento. Vocês sabiam que as mulheres casadas no Japão antigo depilavam as sobrancelhas, quero dizer, a sobrancelha toda?

Buffy e Xander olharam para ela.

— Esperem — disse Cordelia em tom importante. — Tem mais.

— Promete? — perguntou Xander.

Cordelia deu-lhe um tapa nas costas e voltou sua atenção para Buffy.

— Certo, Summers, eu sei que você não é exatamente do Mundo da Moda, mas ouça isso: elas pintavam o rosto de branco e os dentes de preto!

Buffy piscou.

— Isso é realmente nojento. Cordelia sorriu para Xander triunfante.

— Sabe — ele disse —, agora dá para imaginar, Cordy. Você nas ruas de Paris, trazendo de volta a moda do Japão antigo. Uma nova

tendência e um golpe mortal contra os fabricantes de creme dental em todo lugar.

Ela apertou os olhos e disse lentamente:

— Por que me importo com você? — como sempre, Cordy saiu bufando de raiva.

— E você, srta. Summers? — perguntou Xander. — O que chamou mais sua atenção?

Buffy sorriu com timidez.

— O que você acha, Xander?

Xander cocou o queixo, fingindo estar pensando.

— As armas, claro.

— Claro que sim — ela respondeu.

Willow esperava que Oz estivesse na excursão, mas depois de ter andado algum tempo, desistiu da idéia de encontrá-lo. Ela não queria conversar sobre o que tinha acontecido, mas essa era uma das coisas mais legais no Oz. Ele sempre parecia saber quando ficar quieto.

Os amigos dela tinham feito o possível para animá-la, e até que tinha funcionado um pouco. Mas nada mais que um pouco. Willow ainda estava longe de entender exatamente o que tinha acontecido com ela e por que, mas entendia exatamente como tinha acontecido. Ela só queria que os outros pudessem entender também.

Xander tinha sido seu melhor amigo quase a vida toda, e podia ter ficado do lado dela, mas nunca entenderia de verdade. Afinal, ele era um cara. Claro que não era o Schwarzenegger, mas também não era o magrelo do Leonardo Di Caprio. Ele simplesmente não era tão vulnerável; os caras não são.

E também tinha a Buffy — que podia acabar com o Xander e nem ao menos chamar isso de exercício. Como ela poderia entender como era se sentir impotente?

— Ei, Will.

Willow virou-se e viu Buffy ao seu lado. Ela não tinha nem percebido e passou por sua cabeça novamente como devia ser legal ser a Caça-Vampiros. Os caras barra-pesada não iam nem se dar conta até que Buffy já tivesse acabado com eles.

— Ei — Willow respondeu e suspirou.

— Você viu alguma coisa interessante? — perguntou Buffy, animada demais.

— Bem — disse Willow, ao perceber que tinha, na verdade, visto algo interessante. Algo que tiraria de sua mente por um minuto o fato de que ela era uma fracote. — Na verdade, vi — respondeu. — Eu realmente gostei da exposição do teatro de cabúqui e as peças de nô.

— Pode me chamar de idiota, mas eu nem prestei atenção nisso — admitiu Buffy. — E você sabe que essas coisas podem cair na prova, né? Já que são tão históricas e coisa e tal. Onde estão?

— Deixa eu mostrar para você — disse Willow. Elas entraram juntas na sala seguinte e Willow lhe contou o que aprendeu sobre as formas antigas de entretenimento, e mostrou as máscaras que achou especialmente legais ou assustadoras.

— E você? — perguntou Willow. — Viu alguma coisa legal?

Os olhos de Buffy brilharam e ela arrastou Willow de volta ao labirinto até uma enorme sala cheia de armas japonesas antigas.

— É — disse Willow, concordando com a cabeça. — Imaginei que você fosse gostar disso.

— Algumas dessas armas não são parecidas com nada que eu já tenha visto — admitiu Buffy. — E a forma como os japoneses fabricavam as espadas, dobrando o metal várias vezes, centenas de vezes. O artesanato era incrível.

Os olhos de Willow foram atraídos para uma espada em especial. Pendurada na parede, enorme e feita com crueldade, mais parecia servir para bater em alguém até a morte do que varar a pessoa ao meio. Não tinha a elegância do arsenal do guerreiro tradicional japonês, com espadas gentilmente curvadas em comprimento longo e curto.

— O que é aquilo? — perguntou, apontando para a enorme lâmina.

— Não é demais? — perguntou Buffy. — Nada como uma *katana* ou uma *wakizashi*.

Willow sorriu levemente e pensou em como era fácil para Buffy aprender quando estava interessada no assunto. Deu um passo em direção à enorme espada e leu em voz alta o que dizia a placa afixada na parede logo abaixo.

— Este tipo de espada, chamada de *ken*, é, na verdade, de origem chinesa e era usada no Japão no século VIII, antes que as mais familiares, *daisho*, ou par de espadas, dos antigos guerreiros japoneses, tivessem sido desenvolvidas. Este exemplar, recentemente descoberto na extensão da montanha de Chugoku, data de um período

ainda anterior e é a única do tipo — Willow leu em voz alta. — Nossa — acrescentou.

— Leia o resto — pediu Buffy. — Você vai adorar toda essa coisa mitológica.

Foi o que Willow fez, mas dessa vez em silêncio. "Com a descoberta da espada, os locais começaram a alegar que se tratava da *shin-ken*, ou espada real, do deus Sanno, uma figura mitológica japonesa também conhecida como o Rei da Montanha, e considera-se que fez moradia no Monte Hiei, perto de Kyoto e Kobe, no Japão. De acordo com a lenda, que alguns dos velhos fazendeiros da região acreditam até hoje, o Rei da Montanha era responsável por proteger o Japão das invasões de forças sobrenaturais estrangeiras, uma referência óbvia às relações tensas entre o Japão e a China naquela época. Esta teoria é apoiada pelo mito que cerca a grande batalha de Sanno, na qual, aparentemente, foi aniquilado um vampiro chinês chamado Chirayoku, que queria devorar o imperador do Japão e assim destruir a nação. De acordo com a lenda, nem Sanno nem Chirayoku sobreviveram à batalha."

Willow estava perplexa.

— Então, espera aí, você acha que esse tal de Sanno era um caça-vampiros? — perguntou.

Buffy vacilou.

— Não. Um cara grandão com uma espada enorme que vivia no topo de uma montanha e deixava que as criaturas assustadoras viessem até ele? É só uma lenda, Will. Só achei legal.

— É — concordou Willow, olhando para a espada novamente. — É diferente de outras lendas de vampiros que já ouvi. Ou encontrei.

Mas Willow estava pensando que isso também era interessante por causa de Sanno. Não o caça-vampiros, só um cara grande com uma espada grande, cuidando da sua vida. Por um momento ela pensou no que seria capaz de fazer se malhasse um pouco. Malhar, e talvez ter uma espada enorme também.

— Sabe — disse devagar, sem prestar atenção no que dizia. — Já que dei tantas aulas particulares para você, pensei que talvez pudesse me dar aulas particulares também.

—Quê? — disse Buffy, confusa. — De qual matéria eu poderia dar aula, Willow? Você é o nosso Smurf Gênio.

Willow estendeu a mão que não estava machucada e tocou na superfície fria da espada de metal. Frio, sim, mas também com algum calor estranho nela. Como se estivesse queimando por dentro.

— Autodefesa — sussurrou.

Buffy meio que sorriu e franziu a testa ao mesmo tempo.

— Você se sai muito bem, Will — disse. Willow ergueu a mão machucada, toda enrolada em gesso e sorriu dolorido.

— Não — respondeu. — Não me saio bem. Tive sorte até agora. Não quero ser um peso, Buffy. Não quero que você tenha que me proteger o tempo todo.

Buffy tocou no gesso sobre a mão de Willow.

— Will — disse —, não foi culpa sua aqueles caras terem vindo para cima de você. E, confie em mim, houve muitas vezes em que eu teria virado torrada se não fosse por você. Então eu me saio melhor com objetos pontudos, e daí?

— É que eu me sentiria melhor se soubesse me defender — disse Willow com docilidade, e virou-se para ver a grande lâmina na parede novamente. — Eu adoraria ser capaz de usar algo assim. Ninguém mexeria comigo se eu tivesse uma grande espada nas mãos.

— Especialmente se fosse forte o suficiente para erguê-la do chão — acrescentou Buffy, tentando amenizar o momento, para animar Willow.

E fracassou.

Willow esfregou os dedos sobre a lâmina até o tecido que cobria o punho da espada. Embaixo do tecido quadriculado havia três discos de metal que pareciam feitos de bronze ou algo similar. Havia algum tipo de inscrição estranha neles, e Willow tentou entender melhor...

Um dos discos caiu.

— Ops — disse Willow, tentando pegá-lo.

Uma longa queda até o chão, onde ressoou como o som de uma moeda que cai. Envergonhada, Willow abaixou para pegar o disco e rapidamente tentou colocá-lo de volta onde estava. Mas seus dedos foram de encontro à lâmina.

— Will, acho que você não devia... — começou Buffy.

Tarde demais.

Willow gemeu e puxou a mão de volta. Havia sangue no dedo indicador. De algum modo ela escorregou e cortou o dedo. A espada era tão afiada que a dor não foi mais que uma pontada, mas o corte parecia bastante fundo.

— Isso deve doer! — Xander disse ao chegar logo atrás delas.

Willow virou-se para ele alarmada, como se fosse ser atacada.

— Afaste-se! — ela gritou.

— Ei — disse Xander, olhos brilhando com o choque. — O que eu fiz?

Willow sacudiu a cabeça enquanto chupava o dedo na esperança de não precisar levar pontos.

— Nada — disse. — Desculpe, só estou nervosa depois de sábado, eu acho. Vamos embora daqui.

— Boa idéia — disse Buffy com felicidade. — Acho que ficamos tempo suficiente para perder a prova de matemática.

— Bom para você — disse Willow com tom de irritação.

Buffy ficou chateada, mas, de repente, Willow parecia não se importar muito. Ela não se sentia bem e só queria ir para casa se deitar debaixo das cobertas. E

a animação de Buffy, mesmo que fosse para o seu bem, não estava realmente adiantando nada.

Foi só quando o ônibus entrou no estacionamento de Sunnydale High que Willow percebeu que tinha enfiado aquele estranho disco de metal no bolso. E assim que percebeu, logo esqueceu novamente.

Willow foi para casa, doente, pouco antes da quinta aula.

Capítulo 3

Na hora em que o ônibus parou no estacionamento da escola, Willow sentia um pouco de náusea.

— Você está muito pálida — disse Xander.

Ela esperou pelo comentário indispensável sobre vampiros ou fantasmas, ou sua palidez sempre num tom abaixo do bronze, mas ele não veio. Xander não estava gozando da cara dela, só estava preocupado. Foi quando Willow percebeu que era melhor ir para casa.

Até mesmo o sr. Morse foi gentil com ela.

— Sério, Willow, não há problema — disse o professor de história, consentindo tanto com a cabeça que quase a jogou contra Giles no estacionamento. — Direi ao diretor Snyder que você está doente. Vá para casa e descanse. Você não vai querer perder a chamada oral amanhã, não é?

Uma piada, pensou Willow, começando a se sentir desorientada. O sr. Morse tinha feito uma piada. Para fazê-la sentir-se melhor.

E claro que isso só fez com que se sentisse pior.

Era como se Willow estivesse se vendo numa hiper-realidade estranha e fora de foco. Quase como se fosse um jogo de realidade virtual, mas com flashes da vida real. Xander olhou para ela, todo fraterno, e disse que deveria descansar. Que ligaria quando saísse da escola para ver como ela estava. Buffy prometeu dizer a Oz que ela tinha ido para casa doente. Cordelia fez uma cara e perguntou se Willow ia vomitar em cima dela.

Giles a levou para casa. Ela não se lembrava de ter conversado com ele direito. Ele tentou várias vezes puxar conversa, mas acabou desistindo. No final, levou-a até a porta, onde sua mãe fez um grande alvoroço, como Willow disse que ela faria, agradeceu Giles e levou-a para o andar de cima.

Willow caiu na cama à 1:00 da tarde e não acordou até que fosse hora de ir para a escola na terça-feira de manhã.

Ela dormiu como os mortos.

— Alô, alerta contra zumbi! — brincou Xander, enquanto Willow atravessava as portas da biblioteca na tarde seguinte quando as aulas terminaram.

Ela sorriu. O primeiro sorriso desde o dia anterior, e isso lhe fez bem.

— Sei que não estou cem por cento— disse —, mas estou me sentindo melhor. Bem melhor.

— Fico feliz — respondeu Xander sorrindo. — Eu fiquei preocupado por você não ter ligado de volta ontem à noite. Sua mãe não quis acordar você, então fiquei esperando a noite inteira, revirando na cama, preocupado.

Willow ergueu a sobrancelha.

— Você não conseguiu ficar acordado nem até o final do noticiário, não foi?

— Nem mesmo até o noticiário das dez — admitiu Xander. — O que não significa que eu não estava preocupado! Estou feliz por você estar se sentindo melhor.

Ela ficou feliz.

— É. Sentir-se melhor é bom. Não sei o que deu em mim ontem. Eu só... sei lá, perdi o controle por um instante. Nunca me senti assim antes. Quero dizer, eu conversei com pessoas que tiveram enxaqueca e isso foi meio parecido com as coisas que me disseram. Exceto pela parte em que a cabeça dói. A minha não doía.

— Que bom — encorajou-a Xander.

— Fico feliz de ser humana de novo — seguiu ela.

— Ser humana é ainda melhor — concordou Xander.

— E onde está todo mundo? — perguntou Willow, olhando em volta. — Não vi a Buffy o dia inteiro.

— Aparentemente ela matou alguma coisa ontem à noite. Quebrou uma maldição de vários séculos ou coisa parecida. Para variar. O perigo acabou, mas parece que Giles ainda está todo empolgado entrevistando-a em algum lugar. Na verdade, só estou esperando para...

— Você está pronto?

Willow e Xander se viraram e deram de cara com Cordelia, de pé na porta da biblioteca com o ar impaciente de sempre. Willow ainda não tinha entendido, mas não ia interferir.

— Oi, Cordy — disse Willow.

— Oi, Willow — respondeu Cordelia. — Está melhor?

— Meio cansada, para falar a verdade — disse Willow. — Se eu não soubesse que tinha ficado praticamente em coma por 17 horas na noite passada, diria que tinha passado a noite inteira estudando — ela olhou para Xander. — Mas estou bem melhor.

— A noite toda estudando? — perguntou Cordelia, franzindo a testa. — Você é mesmo selvagem, garota.

Então Xander empurrou Cordelia para fora da porta. Cordy acenou para ela, e Willow ofereceu um meio sorriso em retomo. Depois de terem ido embora, ela se sentou por um momento em silêncio, foi até o computador da biblioteca, onde Giles sempre a colocava para trabalhar.

Ela passava muito tempo no seu computador em casa, e ainda mais na escola, fazendo pesquisa, mas também dando uma olhada nas salas de bate-papo e news groups, conhecendo novas pessoas e surfando atrás de informações que pudessem ajudar Buffy e Giles. Tempo demais, pensava com frequência. Ela tinha amigos on-line, mas nunca tinha certeza se eram amigos reais. Se eram quem e o que diziam ser. Foi uma lição que aprendeu a duras penas certa vez, e desde então Willow esteve menos inclinada a procurar no mundo da Web uma vida social.

O mundo real não era nenhum piquenique, mas era real. E ela tinha amigos que se preocupavam com ela, cuidavam dela. Certo, ela não era uma princesa guerreira, isso estava claro, mas tinha conhecimento suficiente para saber que havia coisas em que ela era boa, coisas que sabia fazer e os outros não. Para começar, de todos os alunos da escola, ela tinha sido escolhida para substituir a srta. Calendar no curso de computação, depois que a professora foi... foi assassinada.

Willow Rosenberg podia não ser capaz de dar saltos mortais e voadores, nem ao menos dar um soco bem forte. Mas ela era uma feiticeira no que dizia respeito à Internet. No universo on-line ela tinha poderes. Era confiante. E quando acordou naquela manhã, sabia exatamente o que faria: ia encontrar os caras que a atacaram. Ou, pelo menos, ia tentar. Isso ela sabia como fazer. Então, pelo menos, sentiria como se tivesse revidado de uma certa maneira.

E era esse pensamento que ainda a perseguia. Ela não tinha revidado.

Depois de conectada à Internet, Willow começou sua pesquisa. Os jornais locais, os bancos de dados da polícia local e estadual, relatórios de crimes nas cidades vizinhas. Levaria algum tempo, mas Willow sabia que, para superar a sensação de impotência e de terrível vulnerabilidade, tinha de fazer alguma coisa.

Meia hora depois, as portas da biblioteca se abriram, mas Willow nem ergueu os olhos para ver Buffy e Giles entrarem.

— Pense bem, Buffy — dizia Giles. — Quantas vozes demoníacas diferentes você ouviu vindo de dentro do Monsenhor?

— Sabe, Giles, eu não estava contando — Buffy respondeu, obviamente cansada do assunto. — Só estava tentando me manter viva. E acho que já ficou estabelecido que só pode existir um demônio dentro de um corpo por vez.

— Sim, bem, o Monsenhor é... ou melhor, era... a exceção à regra. Parece que uma nobre italiana do século XIX, uma Mediei, creio eu, fez com que seu feiticeiro colocasse um encantamento horrível no Monsenhor, que agia como um tipo de ímã para demônios, atraindo qualquer um deles da cidade de Florença para ocupar o corpo do pobre homem. Naturalmente, o cansaço acabou por matá-lo, e ele se tornou um vampiro. Mas, digamos, a superpopulação em seu corpo também levou o Monsenhor à loucura antes de sua triste passagem, e transformou os demônios dentro dele em um bando de idiotas.

Willow ergueu os olhos finalmente, intrigada com a conversa.

— Foi esse o problema que você teve ontem à noite? — perguntou à Buffy.

Buffy fez que sim.

— Um pirado completo. Mas Giles acha que foi uma celebridade ou algo assim.

Willow viu o rosto de Giles ir de surpresa a orgulho ferido em milésimos de segundo.

— Não mesmo — protestou. — Simplesmente acho fascinante que a Boca do Inferno continue a atrair criaturas que foram amplamente consideradas nada além de mitos durante séculos. Eu li o diário do Sentinela que dizia categoricamente que o Monsenhor não passava de uma lenda.

— Agora é mesmo — disse Buffy.

— Está certo — disse Giles, animado — Você o libertou de sua maldição.

Willow tinha a impressão de que ele não podia esperar para anotar a última aventura de Buffy em seu próprio diário. Mas a conversa tinha terminado, e os dois foram fazer coisas mais importantes.

Lutar boxe.

Enquanto Willow continuava sua pesquisa, Giles colocou Buffy no inferno que ela chamava de "Treinamento de caça aos vampiros": treinamento com armas e artes marciais que, com frequência, deixavam o pobre Giles cheio de marcas e hematomas que seriam difíceis de explicar caso ele tivesse uma vida amorosa. Por isso que Jenny Calendar tinha sido a namorada ideal para ele. Ela sabia de tudo. Claro que saber disso também a levou à morte.

Willow estava pensando na srta. Calendar agora. Pensando que talvez, se ela soubesse o que Buffy sabia, se tivesse tido esse tipo de treinamento, ainda estivesse viva. Talvez ela teria sido capaz de fugir de Angel, ou resistir até que chegasse ajuda.

Conforme avançava na sua pesquisa, esse pensamento encheu cada vez mais a mente de Willow, e ela prestava cada vez menos atenção no que estava fazendo. Finalmente, desistiu completamente e virou-se para observar Buffy golpear um chute atrás do outro nas proteções alcochoadas de Giles. Os punhos e os pés dela voavam, então caíam com força, cada golpe desferido com uma confiança que Willow achava que nunca poderia sentir.

Willow não era boba. Ela sabia que Buffy seria capaz de coisas que as outras garotas simplesmente nem sonhavam. Mas também tinha consciência de que se beneficiaria se soubesse um pouco mais do que o básico sobre defesa pessoal.

Quando Buffy e Giles começaram a lutar com grandes bastões de madeira denominados Bo, Willow arregalou os olhos para prestar atenção.

Finalmente, Buffy percebeu a presença dela.

— Giles, podemos fazer uma pausa? — pediu Buffy com gentileza.

De sua parte, Giles parecia mais do que aliviado por ter alguns minutos para descansar antes de ver seu orgulho tão roxo quanto seu corpo. Ele retirou as proteções e desapareceu. Direto para o banheiro dos homens ou para as estantes de livros — Willow não tinha certeza para onde porque, honestamente, não tinha prestado muita atenção.

Assim que ele saiu, Buffy se aproximou dela, ergueu um pouco a cabeça e levantou a sobrancelha, estudando a amiga.

— Então, você vai dizer no que está pensando ou terei que reviver o pesadelo do jogo de charadas que minha mãe me fazia jogar sempre quando era criança?

Willow sorriu.

— Só estava observando — disse. — Queria conseguir lutar assim.

Buffy mordeu o lábio por um momento, então pareceu concordar com a cabeça para si mesma, como se mais ninguém estivesse olhando ou pudesse ver.

— Isso está ficando sério — disse. Ela puxou uma cadeira e sentou-se do lado de Willow no computador. — Esse assalto realmente mexeu com você, não foi?

Willow desviou o olhar e deu de ombros. Ela apontou para a tela do computador.

— Estive tentando achar os caras. Ver se houve um bando de ataques ultimamente ou se alguém foi preso.

— E o que você encontrou? — perguntou Buffy, esperançosa.

— Vários ataques — relatou Willow. — Infelizmente, a maioria deles parece mais com vampiros do que valentões roubando o dinheiro do lanche das crianças.

Willow percebeu a amargura em sua voz, mas não deu para evitar. E, quando Buffy quis pôr a mão sobre a dela para confortá-la, ela a retirou como se tivesse queimado sua pele. Ela queria ajuda, não pena.

— Willow, não havia nada que você pudesse ter feito — disse Buffy. — Não foi culpa sua, e não tem nada a ver com ser forte. Se tivesse tentado lutar contra eles, poderia ter se machucado ainda mais.

Willow sentiu que lágrimas quentes inundavam seus olhos e travou os dentes, determinada a não deixar as lágrimas cair.

— Você não entendeu o problema! — disparou. — Havia uma coisa que eu podia ter feito! Eu podia ter lutado contra eles, mas não fiz isso! Buffy, eu fiquei imóvel, completamente paralisada pelo medo. Já estive em situações com você em que eu sabia que minha vida estava em perigo. Nesse caso, não foi nem isso. Eles não queriam me matar, senão já estaria morta.

— Will — começou Buffy, mas Willow sacudiu a cabeça.

— Angel já quis me matar uma vez. Ele teria conseguido se não fosse pela srta. Calendar. Sim, eu sei que não era o Angel de verdade, mas não é disso que estou falando. Ele queria me matar, mas ainda posso olhá-lo de frente. Posso conversar com ele e dar as costas. Posso confiar nele.

Buffy acenou com seriedade, como se quisesse dizer alguma coisa, mas Willow não conseguia parar.

— Talvez seja por causa de quem ele é, mas acho que é por causa de quem eu sou também. Porque quando se trata desta vida, da vida de caça-vampiros, não sinto como fosse apenas eu, Willow Rosenberg, contra todas as coisas horríveis. Somos nós contra eles, você entende? Mas sozinha no escuro, naquela rua, sem ninguém por perto? Fiquei congelada, Buffy. Nem tentei revidar. Não admiti isso para ninguém, nem mesmo para mim mesma. Essa é parte do motivo de não ter dado queixa na polícia...

— Você não deu queixa? — perguntou Buffy, encarando-a.

— Claro que não — disse Willow. — Como ia explicar onde estava, de onde estava vindo, e por que não tinha a permissão dos meus pais?

Buffy parecia um pouco envergonhada.

— Will, desculpe.

— Não é culpa sua, Buffy — respondeu Willow com firmeza. — Não é nem mesmo minha culpa, eu sei disso. Mas poderia ter evitado. Se estivesse preparada.

Buffy parecia estar sem palavras. Pela primeira vez ela não sabia o que dizer. "Então a Caça-Vampiros não é perfeita, né?", questionava uma pequena voz na cabeça de Willow.

— Sabe — disse Buffy. — Giles e eu basicamente já terminamos. Se você quiser de verdade, eu poderia...

Ela começou a apontar para a área aberta da biblioteca, onde ela e Giles estavam treinando. Willow hesitou, como se Buffy tivesse lhe dado um tapa na cara. "Agora ela oferece", pensou Willow com amargura. "Agora que me humilhei."

A confusão se espalhou por seu corpo num instante. De onde vinham todos estes pensamentos amargurados contra Buffy? Certamente, ela não tinha feito nada para merecer isso. Nada além de tentar ser uma boa amiga.

Mas Willow não conseguia superar a pena que via no rosto de Buffy.

— Sabe de uma coisa? Acho melhor a gente tentar isso outra hora — disse Willow. — Na verdade, ainda não estou me sentindo completamente recuperada do que aconteceu ontem — apontou para o braço. — Só vou trabalhar nisso um pouco mais e depois vou para casa.

— Tem certeza? — insistiu Buffy, parecendo um pouco magoada e confusa.

— Tenho certeza — respondeu Willow, abrindo um sorriso quase sem intenção nenhuma.

Mais tarde, quando Buffy saiu e Giles estava nas estantes de livros trabalhando em silêncio, Willow voltou para o computador. Mas ela abandonou as pesquisas anteriores. Dessa vez, começou a procurar informações sobre armas em todo o mundo e sua utilização. Ela era uma garota esperta, descobriria sozinha.

Na verdade, só de olhar para várias delas — a maioria espadas —, ela quase podia sentir o peso daquelas armas em suas mãos. Sentir o

punho e ouvir o estalar do aço no ar conforme a lâmina descia acelerada em direção ao alvo. Senti-la dilacerar a carne e quebrar o osso.

Os olhos de Willow reviraram para trás por um momento, e ela quase apagou. Suas pálpebras tremiam, e ela ouviu uma pequena voz — talvez a voz de sua consciência, talvez completamente outra voz — sussurrando em sua cabeça.

"Sssim", sussurrou a voz.

Suas mãos se fecharam em volta do punho de uma espada imaginária.

Os olhos de Willow se abriram de uma só vez.

— Nossa! — disse a si mesma.

Levantou-se, tremendo, e pegou suas coisas. "Talvez ainda não estivesse tão bem afinal", pensou. Certamente não estava em seu normal.

As garotas normais não sonham acordadas com espadas. Com... assassinato.

Capítulo 4

— Eles estão gritando.

A Grande Imperatriz Wu curvou-se perante o seu próprio trono do dragão, com asas de jade estendidas e olhos de pérola brilhando cruelmente com o ardor das lamparinas de óleo. O vasto manto de seda da Imperatriz cintilou pelo chão como o Rio Amarelo num pôr-do-sol de verão. Mas agora era inverno, e perto do amanhecer, e extremamente frio no interior do palácio.

Sentado no trono estava Lorde Chirayaju, seu antigo ministro do interior, que sorriu e cruzou as mãos sobre o peito. Suas unhas eram afiadas como garras. Os dentes eram presas tingidas de sangue.

Ele tinha se alimentado recentemente.

Ela mesma trouxe a vítima, um homem bom que em nada merecia tal morte horrenda.

— Diga-me, Grande Imperatriz, eles gritam de dor ou de medo? — perguntou, fechando os olhos como se antecipasse sua resposta.

— Eu... eu não sei.

Os olhos se abriram. Eram completamente negros. Sem alma. O fogo que enfurecia dentro deles era tudo o que restava do ambicioso feiticeiro da corte que Chirayaju tinha sido. Aquele homem, que tinha trabalhado por anos para arrancar os segredos do universo dos próprios deuses, também tinha sofrido uma morte vil. Mas seu sacrifício tinha sido o preço necessário.

O que lhe restava era imortal. Um demônio selvagem, que voava como falcão sobre os campos e plantações de arroz da China. Um espírito impiedoso, que impelia o fogo a incendiar as terras daqueles que ousassem se opor a ele e queimar vivos seus filhos e filhas. Uma força acima da natureza, que comandava até mesmo o vento.

E era algo pior.

Algo magnífico.

Ele abriu a boca e mostrou seus caninos à Imperatriz Wu. Ela recuou, e ele soube que ela o temia. Afinal, sabia como ele se alimentava. Lindas donzelas com pés pequenos submetiam-se docilmente ao seu destino, como deliciosas peônias que eram. Guerreiros ferozes em suas armaduras, sacavam e golpeavam com suas espadas e lanças enquanto ele se aproximava. Os soldados sempre lutavam bravamente até o fim. Chirayaju preferia infinitamente os valentes tigres aos temerosos coelhos.

— Se você não sabe se é dor ou medo, vamos observá-los — disse Lorde Chirayaju, levantando-se.

A Imperatriz não pôde conter seu tremor ao vê-lo descer do trono do dragão de jade e aproximar-se com a mão estendida. Caminharam juntos da sala do trono até a porta secreta no painel de laça atrás da grande poltrona. Antes de sua transformação, ela graciosamente o ensinou onde ficava a tábua a ser pressionada, e agora ele corria a apontar uma de suas garras para a tábua e ver a porta abrir-se magicamente.

A entrada da caverna era estreita, e Chirayaju convidou a Imperatriz a ir na frente. Notou o terror na rigidez de suas costas e na maneira como seus ombros se erguiam ao passar na frente do corpo frio e morto do lorde.

Não pôde evitar sorrir de prazer — não conseguia resistir a virá-la à força e arrancar seu coração do peito. Mas seria um prazer fugaz e momentâneo — talvez mais tarde, por enquanto ele precisava dela.

Ela o levou até a primeira câmara.

Com um movimento da mão, Chirayaju iluminou o local frio e com cheiro do Mal. Era a Caverna da Vingança. A menor das três câmaras, com altura maior que a cabeça de um dragão. Do chão ao teto, as paredes eram feitas de ossos humanos. Eram os restos mortais dos inimigos mais ilustres de Chirayaju.

A segunda câmara era a Caverna da Adivinhação. Era mais ampla e, nela, Lorde Chirayaju guardava os tesouros que antes pertenceram às pilhas de ossos na primeira sala. Pesquisou com orgulho os montes de jade, pérolas e prata — o tesouro com o qual tinha comprado a lealdade da Imperatriz. Aqui também ficava seu caldeirão favorito, em formato quadrado, onde tinha realizado os sacrifícios humanos que o levaram a ganhar o conhecimento da vida eterna — o chamado do vampiro que havia tirado a vida humana do feiticeiro. Também havia pilhas de ossos de dragão, que eram usados para predizer o futuro.

E Chirayaju tinha previsto um futuro realmente glorioso.

Os gritos ecoavam da terceira câmara, que era tão imensa que Chirayaju não podia ver a parede oposta, conforme ele e a Imperatriz atravessavam a entrada entalhada, parecida com uma boca repleta de grandes caninos. As paredes e o teto eram entalhados com imagens de feitiçaria: tigres monstruosos, dragões e crânios humanos. Vastas colunas com pilares ornamentados sustentavam o teto.

Era a Câmara da Justiça.

Chirayaju tinha matado mais de vinte mil inimigos nesse lugar.

Incluindo seu criador, que fez de Chirayaju um feiticeiro aliado a demônios e bruxas, o Chirayaju vampiro, o mago-demônio.

Agora Chirayaju ergueu a cabeça para ouvir. Agonia, terror, desespero, horror. Os quatro elementos de seu ser.

A Imperatriz recuou. Ele pegou seu ombro e a empurrou para a frente.

Abaixo deles, num enorme fosso, cinco mil homens gritavam enquanto serpentes e ratos famintos os atacavam, mordendo e arranhando, abocanhando, rasgando. Em volta do perímetro, os guardas da Imperatriz tremiam e empurravam suas lanças contra qualquer um que tentasse sair da armadilha de morte. Não que pudessem escapar. As paredes eram íngremes e altas, e agora, escorregadias por causa do sangue.

Chirayaju encarou os olhos esbugalhados de seus inimigos. Eram acadêmicos e escribas, homens que ousaram escrever sobre ele. Seus pergaminhos e livros já tinham sido queimados, junto com suas famílias, amigos e qualquer um que tivesse ouvido falar do terrível lorde que vivia no forte da Imperatriz, no alto da montanha.

— É apenas dor — disse, desapontado. Então seu rosto se iluminou, e ele gesticulou, com a mão direita. — Mas agora será de medo.

Chirayaju sacudiu a mão sobre o fosso. Portas invisíveis se abriram nas laterais do fosso. Com gritos demoníacos, legiões de vampiros correram pelas portas até a massa miserável de humanos. Assim como os ratos, eles também estavam famintos só para essa ocasião.

O sangue os deixou alucinados.

Enquanto massacravam os prisioneiros humanos, Chirayaju observava com prazer. E alguma inveja.

Ele também estava com fome.

Mas também ficou repentinamente cansado. Esse era o sinal que esperava.

Com grande expectativa, Chirayaju apontou para o teto.

— Vamos embora, Vossa Majestade — gritou Chirayaju no ouvido da Imperatriz Wu. — Chegou a hora.

Ao saírem apressados da Caverna da Justiça, Chirayaju fechou seu punho. O telhado explodiu. Pedacos de rocha caíram sobre os vampiros e os humanos da mesma forma.

O sol que amanhecia entrou pelo buraco.

Os vampiros gritavam ao queimarem até virar pó.

A Imperatriz Wu e Chirayaju voltaram para a sala do trono. Conforme o teto na terceira câmara colidiu, o palácio tremeu violentamente. O alarme foi disparado. Terremoto! Os moradores estavam em pânico. Soaram os gongos. Homens gritavam e corriam até a Imperatriz, em busca de proteção.

— E se alguns deles sobreviveram? — a Imperatriz perguntou a Chirayaju com voz trêmula e assustada, enquanto os cortesãos enchiam a sala do trono.

— Eu darei um jeito neles — prometeu. Mas ele mentiu.

Outra noite caiu. Os sobreviventes enfurecidos corriam pelo palácio. Os vampiros desfigurados e com presas à mostra não pouparam ninguém em sua fúria.

Assim que a Imperatriz foi lançada ao chão dourado de seus aposentos, ela gritou:

— Chirayaju! Socorro!

Mas, a essa altura, Chirayaju já tinha voado metade da extensão do mar.

Por ele a China podia virar um grande cemitério. Ele não se importava.

Seus dragões tinham dito uma única palavra.

Japão.

Capítulo 5

— Willow, você está bem? — perguntou sua mãe ao abrir um pouco a porta.

Deitada na cama, com as cobertas até o pescoço, Willow estava de costas e com os punhos cerrados. "É, estou ótima", queria gritar. "É por isso que sempre volto para casa doente."

O suor escorria de sua testa. Estava encharcada. O quarto girava tão depressa que ela tinha de fechar os olhos para não vomitar, apesar da estranha visão confortadora de um crepúsculo que flutuava pelas brechas da veneziana até se projetar no carpete. Com a noite, viria o alívio. Com a escuridão, se sentiria melhor. Era quinta-feira e mais uma vez ela havia deixado de assistir às aulas porque estava doente. Tinha se sentido muito bem na terça e na quarta, embora todas as noites parecesse dormir um sono pesado e sem sonhos, mas, ainda assim, acordava na manhã seguinte sentindo-se mais cansada do que quando havia se deitado. E talvez fosse só isso, a exaustão desabando sobre ela.

Talvez.

Mas Willow pensou, quando se permitia realmente pensar, que talvez pudesse ser algo mais do que isso. Que talvez ela estivesse ficando louca. Afinal de contas, havia a voz, uma voz que não se parecia em nada com a de sua consciência.

A voz que queria machucar as pessoas.

E não apenas aquela maneira frustrada de empurrar as pessoas para abrir caminho na multidão. Não, ela já tinha pensado nisso. Não era isso. E não eram aqueles ataques estranhos que as pessoas têm de vez em quando — que ela tinha de vez em quando — de querer espancar o diretor Snyder só para ver a expressão de assombro no rosto dele. Sim, senhoras e senhores, até mesmo a doce Willow tinha traços rebeldes dentro de si. Eles só estavam escondidos bem lá no fundo.

Mas não era isso. Era muito, muito pior do que isso..

— Querida? — insistiu a sra. Rosenberg.

"Pare de me encher!", ela quase gritou. Em vez disso, contou até dez, flexionando e sacudindo os pulsos, respirando fundo. Com um tremendo esforço, conseguiu controlar sua fúria o suficiente para responder:

— Estou muito cansada, mãe. Acho que vou dormir. Mulher estúpida. Não estava na cara que ela estava cansada? Estava na cama, não estava?

— Certo, me chame se precisar de alguma coisa. —Mãe? — chamou Willow, repentinamente com medo. Algo estava acontecendo com ela, algo muito estranho.

— Sim, Willow?

"Cai fora cai fora cai fora." Willow engoliu em seco.

— Pode fechar a porta, por favor?

— Claro, querida.

"E tranque tudo. Porque se não fizer isso, posso pular dessa cama e... e..."

Willow ofegava conforme sua raiva crescia. Ouviu a porta fechar, travou os dentes, cerrou os punhos.

E caiu no choro.

Depois, na risada.

Ele ia morrer. Xander estava convencido disso. Mas, às vezes, a satisfação da luxúria era mais importante do que a sobrevivência. Prova disso era a existência das viúvas-negras, e a metade masculina da raça humana.

— Cordelia? O penhasco diz "pare" — disse ansioso, segurando com uma mão o apoio de braço do lado do passageiro e com a outra o câmbio.

— Xander, vê se não dá palpite — criticou Cordelia ao correr para a bela vista do Morro do Beijo. Os outros carros, ah, os dos apreciadores da paisagem, estavam alinhados em fileiras como no drive-in de Sunnydale. Mas, ao contrário de Cordelia, eles estavam ali apenas para curtir a vista do céu à noite e as luzes da cidade logo abaixo, não queriam se tornar uma delas.

— Cordy — implorou ele. — Sou jovem demais.

— Você tem idéia de quantas vezes já estive a... — então ela se deu conta do que estava dizendo, o que para Cordy era uma verdadeira façanha, e trocou de marcha, tanto no carro quanto no cérebro. O carro foi mais rápido. — Eu sei o que estou fazendo.

Xander ficou imaginando quantos anos de sua vida passariam diante de seus olhos antes de ele voar pelo pára-brisa do carro.

— Sei que você não vê a hora de chegar lá e tudo o mais, mas caramba, garota, tenha um pouco de autocontrole.

— Ah, Xander, não sei por que... — ela cerrou os dentes. Os olhos dele esbugalharam quando percebeu que ela estava se olhando no espelho retrovisor em de ficar de olho nos arbustos e nas árvores que surgiam pela frente. — Por que fui descer tão baixo...

Ele pensou em todas as vezes que tinha visto os astros de cinema e TV saltarem dos carros, rolarem sobre os ombros e salvar o dia. Que bom que ele não estava na TV.

— Socorro! — gritou, golpeando contra a janela.

— Xander, qual é o seu problema?

Ela enfiou o pé no breque e os pneus cantaram, queimando a borracha até parar a centímetros da queda. Xander fechou os olhos e esfregou a nuca.

— Alguns chamam isso de chacoalhão, mas outros pagam cinquenta dólares a um quiropata.

— Cale a boca — Cordelia puxou o freio de mão e desligou o carro. — E custa setenta e cinco, pelo menos onde eu vou — como se tivessem simplesmente saído da estrada, ela deu uma ajeitada no cabelo e abriu a bolsa. Enquanto ele respirava fundo e devagar, ela sacou o batom e retocou a maquiagem.

— O que você está fazendo? — perguntou perplexo. Ela o fitou com puro desdém.

— Dando a você um alvo marcado — respondeu. — Já que você é tão cego e tímido.

Ele piscou para ela.

— Tímido? *Moi*? Ela ergueu o queixo.

— Prove o contrário, Harris — apontou para a boca. — Uma coisinha para calar a sua boca.

Ele sorriu e disse com voz leve:

— Jerônimo.

O pôr-do-sol cinza era bom.

Preto seria ainda melhor.

Conforme o pequeno corpo retorcia na cama, o espírito aumentava sua força e começava a preenchê-la. Ondulando como uma serpente, ele se rastejava para seus pulmões, coração, olhos, cérebro. Derramou-se sobre suas mãos. Ah, tão macias e pequenas!

Escavou pelos músculos e veias de suas pernas. Não eram fortes. Nem poderosas.

Mesmo assim.

Moveu-se para seu rosto.

Sorriu.

Sentou-se.

A lua brilhou sobre o rosto do mago-vampiro da China conhecido como Chirayaju. Por apenas um momento, ele se viu. O rosto esticou numa forma longa e esverdeada como jade. Os olhos mudaram para um formato amendoado comum de seu país natal. As presas cresceram, pontiagudas e mortais.

A fome era insuportável.

E então voltou a ser uma menina, braços ao redor , pernas, rosto enterrado nos joelhos, soluçando suavemente com dor e medo.

Ele conversou com ela: "Por que lutar contra mim? Poder é o que você deseja. Força. Eu tenho ambos. Não sou mesquinho, vou dividir com você."

— Mãe? — chamou Willow, tremendo.

"Chame-a de novo e ela morre", prometeu o espírito do vampiro.

Willow tocou a testa. Estava queimando.

Ela sentiu como se estivesse alucinada por algum tipo de droga muito forte... que nunca havia tomado antes. Drogas. Nunca. Mas estava incrivelmente desorientada. Quando olhou em volta do quarto, era como se nunca tivesse visto nada daquilo antes.

Suas alucinações febris eram pesadelos.

Gemendo, ela bateu em busca do telefone. Ia ligar para Buffy. Ou Xander.

Alguma coisa dentro dela registrou os nomes. Invadiu-a, como se estivesse destroçando sua mente em busca de algo. Memorizou as fotos mentais que correspondiam aos nomes.

Ele sabia seus segredos.

Assustada, afastou a mão do telefone sem fio e colocou-a sobre o peito. Era a mão do dedo cortado que latejava terrivelmente. Era como se houvesse fogo queimando dentro dela.

A escuridão penetrou no anoitecer cinza, abrindo caminho para o negro total, e isso ao mesmo tempo acalmou-a e aterrorizou-a.

Cordelia levantou a cabeça para tomar ar e disse:

— Ops, hora de ir.

O rosto de Xander estava coberto de batom Sequim da coleção Color Trend da Avon. Ele recuperou o fôlego e limpou o rosto:

— Hora de ir?

— Tenho coisas para fazer — disse imperiosamente, afastando-o como cachorro para o banco do passageiro. Ela deu partida no carro, que ronronou todo submisso para então roncar vivo.

— Tudo bem. Meu ego esmagado — sorriu para si mesmo. — Meus lábios esmagados. Esse foi o Acordo Comercial.

Ela chiou de volta:

— Odeio quando você fica resmungando para si mesmo. Não — ergueu a mão. — Na verdade, eu prefiro. Quando você fala num tom de voz que posso ouvir, você me assusta — respirou fundo. — A maioria das vezes.

— Encare, Cordelia — disse Xander, dando tapinhas no ombro dela. — Você me adora.

Ela torceu o nariz e pisou fundo no pedal. Xander encontrou vários outros deuses para quem rezar.

Ele ergueu os braços enquanto a lua lavava o rosto da garota. Então, revelou-se, por fim, na noite escura.

—Sou Chirayaju. Estou livre. Vivo novamente.

Caminhou estupidamente pelo quarto, testando o corpo da garota chamada Willow — um nome chinês excelente, pequena Willow Chorosa! — e flexionou os braços. Ele a havia empurrado para o fundo daquilo que ela chamava de alma, mas ainda podia senti-la ali, sentir seu terror e a excitação da presença de um poder tão imenso à sua volta. Foi sua fome por aquele poder que permitiu que ele a usasse completamente.

Ele arcou as costas e urrou. De vez em quando ela lutava, mas seus esforços eram ridículos em comparação à força de Chirayaju. Acaso ele não tinha ameaçado toda a Terra do Sol Nascente?

E essa terra, essa nova e estranha terra. Sem Sanno para impedi-lo, quem sabe Chirayaju poderia ser novamente um conquistador?

Uma estranha caixa brilhou sobre a mesa. Chirayaju caminhou até ela e examinou-a. *Computador*, veio a palavra, no idioma dessa terra. As imagens inundavam a mente do espírito. "Mas não era mais um espírito", pensou. "Vampiro, em carne viva!"

Chirayaju olhou para o computador e percebeu que não precisava aprender essas coisas novas; de certo modo já as conhecia. Possuindo este corpo e esta garota, era ele mesmo e algo mais. Como se pudesse haver alguma coisa mais poderosa, mais aterradora e maravilhosa do que o vampiro Chirayaju!

Era hora de mover-se sobre este mundo. Hora de começar a assumir seu lugar de direito.

Olhou para baixo, para o débil gesso que cobria seu punho recém adquirido e o arrancou. Não havia mais dor. Não havia mais ferimento. E o corte na outra mão? A marca na carne da garota onde ela havia tocado a lâmina da espada de Sanno? Por onde seu sangue fluíu e permitiu que Chirayaju tomasse parte de sua força vital e se libertasse? Isso também sararia.

Sua hospedeira ficaria perfeita, saudável e forte.

Encontrou a maçaneta da porta francesa do quarto da pequena Willow Chorosa e abriu-a. Uma doce brisa soprou em seu rosto. Que alegria era sentir novamente. Sentir o cheiro das flores — rosas? Pensou longamente nos jasmims do palácio chinês da Imperatriz Wu. Nas lindas donzelas chinesas e nos guerreiros fortes e jovens que tinham servido aos seus desejos, incluindo oferecer seus pescoços desnudos às suas presas para que pudesse seguir vivo. Ele havia abandonado tudo aquilo para cruzar o mar até a Terra do Sol Nascente, para devorar o imperador e reinar sobre seu povo. Voando sobre a água nas asas da noite, Chirayaju chorou pela grandeza de sua terra natal — a poderosa China! —, mas tinha previsto que o sacrifício valeria a pena.

Mas, então, Sanno teve de aparecer. Rei da Montanha, deus-guerreiro.

Sanno o havia derrotado.

Chirayaju riu para si mesmo. Sanno não estava aqui. Este lugar não tinha defesas.

"Buffy", veio o pensamento da garota. E Chirayaju ouviu tal pensamento.

Sacudiu a cabeça.

Sorriu.

Se esta garota, a tal Buffy, era a única defensora da terra de Sunnydale, então Chirayaju seria imperador rapidamente. Talvez a garota, essa... Caça-Vampiros? Talvez seria serviçal em sua nova corte.

Ou entretenimento para a nova cova que ia cavar...

Passou pela porta e estava prestes a fechá-la, quando a sra. Rosenberg chamou a filha ansiosamente:

— Querida?

— Tudo bem, mãe — respondeu Chirayaju. — Só preciso de ar. Está abafado aqui.

— Fique agasalhada. Você está com febre, sabia?

— Sim, eu sei.

Mas a febre estava baixando. A possessão, que havia enfraquecido o corpo, agora o fortalecia. Chirayaju podia sentir seu poder crescendo junto com sua fome. Tinha usado todo esse tempo para exercer controle completo sobre o corpo da Willow Chorosa. Mesmo agora, teria de abrir mão desse controle ao amanhecer. Por enquanto.

Mas não para sempre.

Quanto a esta noite, devia se alimentar, e logo.

Ele caminhou, com mais firmeza desta vez. Abriu a porta da frente da casa e saiu dali para o que era conhecido como rua. Um carro passou — criação memorável! — e ele sabia que precisaria ter um.

Ergueu o rosto para as estrelas. A luz caía sobre ele. Um poema veio à sua mente:

Noite, ausente de alma.

Jardins secam, a terra treme.

Abra, portão da morte!

Chirayaju caminhou pela rua, alegre com sua liberdade. Caminharia até o amanhecer, se quisesse. Caminharia até que os pés daquela criança sangrassem, e faria a noite gritar.

Xander olhou para Cordelia como quem diz *quando você tirou carta?*, olhos arregalados, e cocou a cabeça.

— Deixe-me entender direito. Você passou por cima daquela rocha?

— Ou alguma coisa assim — concordou.

— Ou alguma coisa assim. E o pneu furou. E agora você quer que eu saia do carro e troque o pneu para que você possa fazer essas "coisas" que você tem para fazer, que eu assumo que tenha algo a ver com um cara que não sou eu.

Ela não disse nada, apenas olhou para ele. Xander ficou olhando também. Finalmente, Cordelia disse:

— E o que você quer dizer com isso?

— A palavra "sujeira" existe no seu vocabulário? — perguntou ele. — Deixe-me soletrar para você. S-E-M Chance.

— Certo — encarou-o. — Eu faço sozinha — ela estendeu os dedos como se o esmalte das unhas ainda estivesse úmido e deu uma

olhada no painel. — O tal do macaco está no porta-malas — disse a si mesma. — E tudo o que tenho que fazer é, um, aqui! — seus olhos brilharam e ela apertou o botão. Seu pisca-alerta começou a pulsar.

Xander soltou o suspiro das verdadeiras vítimas e abriu a porta.

— Obrigada! — disse Cordelia toda queixosa atrás dele.

Ele se virou e apertou os olhos ao encará-la.

— Sabe, em noites como estas é que os psicopatas escapam do sanatório no alto da colina — disse em tom baixo e assustador. — Então, se eu não voltar... tranque a porta e feche os olhos. Porque o pinga-pinga que você ouvir será o sangue escorrendo pelo meu pescoço. E o estalo será minha cabeça decepada caindo no capo do carro.

— Oh, Xander — ela lançou um olhar. — Não sei como você pode fazer piadas sobre essas coisas, depois de toda aquela loucura que você e seus amigos bizarros me fizeram passar.

Ele piscou para ela.

— Cordy, querida. A menos que tenha esquecido, agora você é uma das minhas amigas bizarras.

— Até parece — inclinou-se em direção a ele e agarrou o apoio de braço do passageiro para fechar a porta. — Só arruma isso logo, tá? Serei boazinha com você ou coisa parecida.

— "Coisa parecida" parece bom — esfregou as mãos uma na outra como um cientista louco. — Ha-ha-ha, muito bom, minha bela.

Ela soltou o apoio de braço e largou a cabeça para trás contra o banco.

— Oooh.

Xander sorriu e fechou a porta. Então caminhou para trás do carro, onde estava o tal do macaco, murmurando:

— Harris, você é um completo idiota.

Os cachorros em Sunnydale latiam conforme Chirayaju passava por suas casas. Os gatos arcavam as costas e guinchavam. A própria lua se escondia atrás do véu das nuvens. Ele se movia rapidamente, farejando o sangue fresco e jovem pulsando nos corações vibrantes. Ávido, inalou o aroma. Depois de séculos de aprisionamento, estava louco de fome. Não apenas de sangue, mas daquilo que verdadeiramente o sustentava — vida. A essência da vida dos seres vivos.

Mas, para começar seu reinado de terror, Chirayaju sabia que precisaria de escravos e ajudantes.

E, de repente, já sabia onde encontrá-los. O ar sussurrou com a presença de outros vampiros, e ele ficou tão satisfeito que seus olhos se encheram de lágrimas escarlate.

Ergueu a cabeça para ver uma colina acima da cidade, e as formas pequenas e imóveis sobre ela. Eram carros.

Outras formas moviam na direção delas, se lançando sobre a paisagem como gafanhotos. Eram vampiros.

Ávido, Chirayaju começou a avançar para a colina. Subiu, agora correndo, embora o corpo estivesse cansado. Colocou força nos membros e bombeou sangue para o coração. Este corpo era jovem, mas, neste ritmo, logo estaria exausto.

Quando isso acontecesse, já teria encontrado outro.

Depois de trocar o pneu de Cordy, Xander largou-se no banco do passageiro, enquanto ela dirigia colina abaixo. Cordelia passou pela sombra de uma figura na lateral da estrada e sacudiu a cabeça:

— Ah, fala sério. Alguém fazendo caminhada até o Morro do Beijo, dá para acreditar? Essa galera não tem idéia de como é perigoso?

— Quem? Onde? — perguntou Xander, erguendo os olhos que antes vasculhavam os CDs no porta-luvas do carro. Olhou para trás, mas não viu ninguém.

Cordelia olhou pelo retrovisor.

— Minha boca está borrada? Ele apontou desesperadamente.

— Cor, olhe para a estrada.

— Só me fala se está borrado — exigiu, virando-se para ele.

— Não, não, você está uma deusa — implorou. — Está perfeita — encarou-a com firmeza, esforçando-se ao máximo para parecer estar em transe por sua beleza, em vez de petrificado com sua maneira de dirigir — Sério. Por favor, por favor não me mate.

Ela revirou os olhos.

— Xander, você é *tão* superficial.

Os pés dela eram de chumbo.

A vida dele chegava ao fim.

O vento açoitava ao redor de Chirayaju conforme ele caminhava em busca do bando de vampiros. Havia apenas três deles — aparentemente, os outros pontos que ele avistara eram cachorros — e estavam espalhados e desfocados, pouco mais que bestas no pasto. Assim também tinha sido na China, antes de Chirayaju ter partido

para a Terra do Sol Nascente. E assim também aconteceu no Japão. Poucos de sua espécie eram realmente inteligentes. Poucos possuíam a capacidade de realmente liderar. E ninguém além de Chirayaju havia dominado as artes da escuridão como vampiro. O demônio dentro do espírito estava repleto de orgulho com suas conquistas.

Não, os outros eram como crianças para Chirayaju.

O que era bom. Eram mais fáceis de controlar e dominar.

Chirayaju observava enquanto a caçada se seguia. Melhor chamá-la de ataque em massa, porque uma caçada implicava uma direção e trabalho em conjunto.

Eles se lançavam para os carros, abrindo as portas com força e arrancando quem estava dentro. Uma jovem com cabelos curtos e negros tremia de pânico enquanto uma vampira de cabelos longos e loiros a arrastava para fora do carro ao mesmo tempo que outro vampiro, maior e mais moreno, erguia um rapaz de jaqueta de couro e dilacerava sua garganta.

O terceiro vampiro, alto e meio careca, atacou um carro mais adiante, o que permitiu que os casais nos carros mais próximos tentassem fugir. Entretanto, os outros dois vampiros foram rápidos demais para eles. Após poucas batidas no coração, já havia gritos.

E então o coração já não batia.

Naquele instante, Chirayaju levantou-se e abriu os braços. Raios romperam o céu. O vento gritou.

Ele rugiu:

— Reconheçam-me como seu mestre!

Os outros vampiros pararam em seus caminhos.

— O quê? — gritou a fêmea e começou a correr na direção dele.

— Pare! — ordenou Chirayaju.

A princípio suas palavras não tiveram efeito. Então foi como se a mulher-vampira fosse pouco mais que uma marionete. Ela foi trazida para perto como se cordas estivessem presas em suas costas, e Chirayaju alcançou sua mente morta, o espírito demoníaco que vivia ali, e era o demônio que ele controlava. O demônio que ele escravizava. O demônio que ele forçava a se ajoelhar.

— Mestre — sussurrou a garota.

— Ei, cara, qual é a sua? — disse com desdém o vampiro mais moreno.

Chirayaju voltou seu olhar para ele. Seus olhos se encontraram, travaram. Ele sabia que a criatura via apenas uma garota e forçou-o a ver a verdade por trás da máscara que era a Willow Chorosa.

A boca do outro vampiro se abriu como se estivesse com dor — ou choque. Agora ele sabia o que tinha visto. Claro que o vampiro se lembrou da morte, do tempo entre a perda de sua alma humana e sua ressurreição como vampiro. Ele não queria enfrentar esse vazio novamente nem saborear os horrores mais terríveis que o esperavam se olhasse nos olhos de Chirayaju.

Chirayaju encarou um a um, forçando sua vontade sobre eles. Ele podia sentir sua luta.

O céu se abriu e a chuva caiu sobre eles. O sangue das vítimas no chão se misturou com a terra; a lama corria rubra.

Chirayaju separou o vampiro careca e forçou-o a se aproximar. A ajoelhar. A expor seu pescoço.

— Diga meu nome — ordenou.

Numa voz trêmula, o vampiro respondeu:

— Lorde Chirayaju.

A lua estava pendurada nas árvores acima do cemitério, iluminando Angel com uma luz completamente branca que acentuava sua pele pálida. Seus olhos eram escuros, e ao olhar para Buffy, tocou o rosto dela com um gesto de hesitação. Seus dedos eram frios, mas o carinho a aqueceu. Os lábios dela estavam inchados com os beijos.

— Nessa luz você se parece comigo — ele disse suavemente.

— Com um vampiro — a voz dela era mais alta e mais ousada. — Você evita dizer isso, como se fosse um palavrão.

A risada dele foi curta e amarga.

— Você é a Caça-Vampiros, Buffy. Para você, isso é um palavrão.

Buffy ergueu a cabeça e uniu suas mãos às dele.

— Angel, para a gente seguir juntos, precisamos seguir... juntos — ficou nas pontas dos pés, erguendo a boca em direção a ele. — Essa coisa de *me odeie, eu sou um vampiro* já é coisa do passado para nós. Já estivemos nos piores terrenos que pudemos imaginar. Eu tenho o mapa de cor. É hora de abrir uma nova trilha.

Ele olhou para a boca dela e ela podia sentir que ele lutava para não beijá-la de novo. O coração pulsava. Ela sabia que ele ouvia o ritmo acelerado.

Ele sussurrou:

— Você sabe que tem mais coisas sobre mim do que a gente imaginava a princípio.

—Nem me fale — ela pôs a mão no pescoço dele e o puxou para mais perto. — E se eu não estou com medo, por que você deveria estar?

— Talvez porque eu te a... — virou o rosto.

Ela virou também. Havia algo no ar, algo que flutuava e a atravessava, ameaçando puxá-la para baixo, ou colocar a mão sobre sua boca e sufocá-la. Algo que caminhava de mãos dadas com a morte.

— Você sentiu isso? — perguntou ela. — Foi quase como se... — procurou as palavras certas. — Como se o ar tivesse ficado pesado. Ou como um grito na minha cabeça — franziu a testa. — Algo está errado.

Angel concordou lentamente.

— Algo está muito errado.

Como um só, os dois olharam para o céu da noite e em toda a volta. Abaixo das covas e dos monumentos, os mortos continuavam enterrados. Por entre as nuvens, a lua brilhava. Uma coruja piou bem acima de suas cabeças. Tudo estava em paz. Mesmo assim, ⁰ pressentimento do mal coaxava como um sapo.

— Acho que estou ficando melhor com essa coisa de caça-vampiros — murmurou Buffy. — Acho que tem alguma coisa no ar. Acho que preciso ver Giles.

Quase inconscientemente, Angel passou o braço de forma protetora sobre os ombros de Buffy.

— Acho que vou com você.

E juntos correram para os portões do cemitério.

Capítulo 6

Quando a manhã de sexta-feira chegou, Willow estava em outro lugar.

Uma voz do mundo real ecoou no final do longo e distorcido corredor do sonho e um primeiro lampejo real de consciência a atingiu. Ouviu música ao longe.

Música country.

Ela podia ser uma viciada em computadores, mas Willow Rosenberg não ouvia música country. Ah, claro, até achava que Garth Brooks e Shania Twain eram bem legais, mas isso não a classificava como *você-ouve-country-music*. Não, ter música country no rádio-relógio era um convite para a gozação. E, para dizer a verdade, Willow nunca precisou mandar convites. Não senhor. Sua festa de gozação era eterna, e todo mundo aparecia.

Exceto Buffy, Xander, Oz e as outras pessoas que eram alvos de vastas quantidades de gozações.

Rádio-relógio. Isso geralmente significa que você está dormindo, ou esteve.

Só o calor do sol entrando pela janela do quarto fez Willow perceber como estava sentindo frio. Frio e dor por todo o corpo, como se tivesse escalado o pico do Everest para fazer um lanchinho noturno.

Noturno... lanchinho. Algo estava errado. Algo de que quase podia se lembrar.

Então sentiu a baba que escorria pelo queixo. Percebeu que tinha dormido de boca aberta, talvez até roncado, o que não fazia com frequência, ao menos pelo que seu ser desperto sabia.

O rosto de Willow se apertou numa expressão de nojo ao esfregar o queixo e perceber que estava realmente acordada. Acordada e exausta, olhos queimando como se tivesse ficado acordada a noite toda assistindo a comerciais de novo. A insônia podia levar a pessoa a fazer coisas estranhas. Mas não, ela não tinha feito nada disso. Não dava para lembrar de ter feito qualquer coisa ontem à noite depois de vir para casa, doente, da escola. Só que, de algum modo, ela tinha sintonizado o relógio para a voz fanhosa do grupo Grand Ole Opry.

Estranho. Estranho e nojento, ela pensou. Como poderia passar a noite com um cara se houvesse a menor chance de ele vê-la dormindo com a boca aberta e com baba escorrendo pelo queixo? De jeito algum.

Abriu os olhos secos e ardidos, então respirou fundo e fechou-os com força quando o sol atingiu suas retinas. Willow gemeu quando uma pontada de dor atravessou sua cabeça. Deitou-se por um instante, esperando que a dor passasse, supondo que era como as enxaquecas de frio que tinha ao tomar sorvete muito rápido. Mas esta não passou. Na verdade, na hora em que saiu da cama e se arrastou para o chuveiro, a dor de cabeça de Willow já estava muito pior. Era uma dor pungente, do tipo que faz você sentir o sangue pulsando na cabeça. Era mais como se alguém tivesse enfiado um prego em seu crânio.

Mesmo depois do banho, Willow não se sentia muito bem. A mãe chamou-a do andar de baixo, mas as palavras não foram nem registradas. Tampouco prestou atenção no que estava vestindo, só o suficiente para ver que as roupas estavam limpas.

Foi enquanto estava sentada na beirada da cama amarrando os cadarços que olhou para o computador em cima da mesa e viu um gravetinho verde atrás do mouse pad. Willow franziu a testa, uma atitude nada recomendável para alguém com uma dor de cabeça tão forte que fazia o rosto doer.

Ficou de pé e caminhou até a mesa. Ao lado do mouse estava um pequeno bonsai todo retorcido, do tipo que as lojas da moda nos shoppings vendem para pessoas que não têm responsabilidade para cuidar de um animal de estimação. Em outras palavras, tipo bichinhos virtuais para baby boomers. Mas este bonsai não parecia vir do shopping. Tinha raízes longas ainda cobertas pela terra de onde tinham sido arrancadas.

— Certo, obrigada, mas não é meu aniversário — resmungou Willow pouco à vontade em seu quarto vazio.

Como a planta tinha chegado lá, claro, era a grande questão. A dor de cabeça desencorajava muita contemplação — ou pensamentos de qualquer tipo, na verdade — a única coisa que podia imaginar era: talvez o Angel?

Correndo por aí no meio da noite, aparecendo sem avisar nas janelas das pessoas. Era um comportamento bem típico de vampiros. Pelo menos um comportamento típico do Angel. Mas ela não achou que ele faria isso, a menos que fosse uma grande surpresa ou algo assim. E, pensando bem, durante toda aquela fase de Angelus, da qual ninguém queria falar, ela e Buffy tinham colocado um tipo de proteção no quarto dela para mantê-lo fora dali.

Então não foi Angel. Mas quando começou a considerar outras opções, o prego no crânio dela se transformou numa agulha de tricô.

Ela massageou a testa, percebeu que se atrasaria para a escola — como se alguém fosse perceber depois de uma semana infernal como esta, quando Willow Rosenberg e cansaço pareciam inseparáveis como café com leite. Mesmo assim, era "melhor aparecer hoje. Quem sabe quanta matéria ela tinha perdido durante a semana? Mesmo nos dias em que esteve na escola, mal podia se lembrar.

Exceto pelo fato de ter, de algum modo, conseguido uma nota perfeita na chamada oral que o sr. Morse fez sobre a visita ao museu para ver a exposição de arte e cultura do Japão antigo. De algum modo, em seu estado de fuga, obviamente tinha aprendido alguma coisa. E, se quisesse aprender mais, Willow teria de voltar à escola.

Pouco antes de sair, ela percebeu algo ao lado do bonsai arrancado da terra. Era o disco ou a moeda que tinha caído do punho daquela grande espada no museu na segunda-feira. Ela tinha esquecido de colocá-la de volta depois de se cortar, estava distraída demais. Então tinha ido parar no bolso da calça jeans e depois desaparecido. Ou não, considerando que agora estava exposto com destaque em cima do computador.

Willow sentiu um pouco de culpa quanto a isso. Será que deveria tentar devolvê-la hoje à tarde? Ao estender a mão para pegá-la, notando sua estranha estampa, alguém começou a martelar aquela agulha de tricô para dentro do cérebro dela. Willow esqueceu completamente a moeda, virou-se, e cambaleou até o corredor, sentindo de repente vontade de vomitar.

De forma estranha, e com grande alívio, Willow começou a se sentir melhor quase que imediatamente. A dor de cabeça nunca chegou a desaparecer por completo, mas cedeu até que fosse mais um percevejo do que um prego. Ainda doía, mas dava para viver com isso. Talvez até mesmo pudesse prestar atenção na aula. Ao correr para a porta, os olhos doíam com o brilho do sol e ela colocou os óculos de sol, que não usava havia meses. Não combinavam com seu estilo.

Antes.

Buffy estava sozinha na mesa redonda da lanchonete, o livro de matemática aberto na sua frente. Os tubos de plástico recheados com Clean & Clearque, que a escola tinha coragem de chamar de caneloni recheado, permaneciam intocados na bandeja.

Ela havia contado a Giles sobre a estranha sensação que teve no cemitério. Ele ficou intrigado, mas não conseguiu achar uma

explicação. Mesmo agora, ela imaginava que ele estaria pesquisando para ver se a Maldição da Noite das Pessoas-Ratos estava se aproximando — o que provavelmente era o caso.

Viu Oz e acenou para ele. Ele sorriu e se moveu como se estivesse caçando — ah, fazendo aquela busca — por algo. Ou alguém. Buffy esperava que esse alguém fosse alguém que ela conhecia. Alguém chamada Willow.

— Dois mais dois é igual a? — perguntou uma voz atrás dela.

Ela mal se deu conta. Xander sentou-se na cadeira ao lado e começou a devorar o prato de caneloni com um entusiasmo que poderia dar a impressão de que ele achava que isso era comida de verdade. Buffy lançou um olhar e uma carranca para suas maneiras à mesa, então voltou-se para o livro.

— Ah, oi Xander — disse Xander. — Desculpe eu não ter tempo para ser sociável, mas fiz de novo. Foi mal. Eu deixo de estudar em favor de atividades noturnas mais atléticas e agora estou num mato sem cachorro. De novo. Ah, pobre de mim, minha professora Willow me abandonou.

Buffy continuava sem olhar para cima.

— Viu, dá para saber que você está nervosa por causa da prova porque, em vez escolher sua bebida costumeira de manga, pegou meio litro de chocolate pronto da Quik. Principal alimento quando a Buffy procura consolo. Sabe, se ao menos fosse comida, não bebida. Líquido. Suco.

Buffy ainda não tinha olhado para cima, mas respondeu:

— Coma, Xander.

— Isso significa, eu acho, que você quer que eu cale a boca para você poder estudar para a prova substituta que vai fazer em, oh, trinta e dois minutos? — indagou Xander.

— Coma, Xander.

— Ei, sem problemas, vou calar a boca. Sou bom em calar a boca. Ninguém é melhor que o X-Man na hora de calar a boca.

— Pare de falar e cale a boca — disse Buffy, lentamente, em seu melhor tom de voz de gângster de desenho animado da Warner Brothers.

Xander sorriu abertamente.

— Viu? Fala sério, você sempre teve vontade de dizer isso, né?

— Sim — respondeu Buffy, finalmente erguendo os olhos e olhando para ele com olhos perplexos e frustrados ao mesmo tempo.

— Muito obrigada. Um dos maiores desejos da minha vida, sério. Você é um príncipe

Willow largou a bandeja em cima da mesa e sentou-se numa cadeira.

— Um príncipe? — perguntou. — Alguém beijou esse sapo e não me contou? Sempre sou a última a saber.

Xander e Buffy ficaram olhando para Willow enquanto ela começava a mergulhar na refeição mais horrorosa que a escola já serviu — e servia uma vez por semana —, o bolo de carne perversamente chamado de vegetariano. Mas não foi sua escolha de carne que chamou a atenção.

— Meu Deus, o que aconteceu com você? — perguntou Xander, inclinando a cabeça em direção à Willow daquela maneira inquisidora que ele costumava fazer.

Buffy bateu no braço dele com força.

— Will, você está bem? — pressionou-a.

— Depois de uma semana como essa, por que não estaria bem? — respondeu de uma vez. Sem sorrisos. Sem a risadinha apagada e tímida da Willow.

— Você foi assaltada de novo? — indagou Xander, alterando para o modo salvar-a-donzela-em-perigo que tentava tão heroicamente aperfeiçoar. O que explicava a história de trocar o pneu, decidiu. Afinal de contas, ele não era o capacho de Cordelia. Era seu cavaleiro de armadura brilhante.

Willow finalmente olhou para eles. Ou pelo menos, olhou através das lentes escuras dos seus óculos de sol, que trazia no rosto. Na lanchonete, como se pensasse ser a Courtney Love ou qualquer outra habitante demente do universo da vida dos ricos e famosos.

— Quê? — perguntou. — Não. Não mesmo. Na verdade, meu pulso está ótimo. Sarou bem rápido.

— Não estou preocupada com isso — admitiu Buffy. — É mais, bem, uma questão de cosmética. Olhe, tenho certeza de que você não está de ressaca, então o que está acontecendo com você?

Cordelia tinha caminhado até eles e puxado uma cadeira enquanto conversavam, e agora fazia sons de desaprovação e tombava a cabeça na sua melhor imitação de uma amiga solidária.

— Willow — disse gentilmente — Acho que a Buffy está tentando não dizer que você parece uma prostituta de dois dólares que ainda não voltou para a esquina.

Buffy queria defender Willow, mas por um momento não pode fazer nada. Porque Willow realmente parecia muito mal. O cabelo estava uma bagunça, limpo, mas despenteado e todo embaraçado. Estava com uma camiseta verde-limão supertransada e uma calça de moletom roxa, uma ofensa que deveria ter trazido a equipe da SWAT da Moda para a escola no segundo em que Willow entrou.

E quando foi que ela entrou? Certamente não tinha chegado na hora do primeiro sinal. Ou para a primeira aula, pelo que Buffy sabia. E como explicar aqueles óculos?

Willow encarou Cordelia, olhar intenso apesar dos olhos estarem escondidos atrás das lentes escuras.

— Que gentileza, Cordelia — ironizou Willow. — Especialmente vindo de você.

— Bem, desculpe — disse Cordy, sacudindo os dedos no ar como se estivesse tentando secar o esmalte das unhas. — Como estamos impacientes. Só estava tentando poupar você de um embaraço pós-apocalíptico. Sabe, eu sempre disse para a minha terapeuta que tentar ser amiga de alguém era apenas perda de tempo precioso, que seria melhor empregado se usado na melhoria pessoal.

— Bem colocado — ironizou Xander. Mas claro que provocar Cordelia só era divertido quando ela percebia. O que, nesse momento — suspiro, como em muitos outros —, ela não percebeu. Ou não se importou, o que, se tratando de Xander, era bem provável.

— Você está certa — disse Willow. — Você poderia usar seu tempo em melhoria pessoal, Cordelia. Talvez assim as pessoas deixassem de confundir você com a amiga da Barbie, Skipper, que virou viciada e prostituta.

Buffy riu. Não deu para evitar. Quase caiu na risada, na verdade, e provavelmente teria feito isso se não fosse pelo olhar no rosto de Willow. Não era o triunfo que ela esperava ver — ela tinha, afinal, acabado de derrotar a Cordy na categoria de insultos —, viu, sim, um olhar de desprezo e, por um instante, Buffy pensou que Willow partiria para a briga.

Em vez disso, Will levantou de uma vez e derrubou a cadeira onde estava, então virou-se e saiu apressada da lanchonete, deixando a comida e os amigos para trás.

— Uau — disse Cordelia. — O que deu nela? Garras afiadas. Vai ser um dia daqueles — estendeu a mão para pegar a bandeja da Willow. — Acho que ela não vai comer o tofu.

Xander bateu na mão dela.

— Agora pare com isso!

Cordy lançou um olhar ferido, mas Buffy mal se deu conta disso. Estava observando Willow ir embora.

— Qual é o assunto da sua palestra de hoje? — ridicularizou Cordelia.

— Será que você se viu no espelho e ficou cega ou algo assim? — repreendeu Xander. — Conheço Willow desde pequena. Ela é minha melhor amiga desde... desde sempre. Está na cara que alguma coisa a está incomodando. Ela estava tão diferente da Willow que eu conheço. É como se você usasse a mesma roupa dois dias seguidos na escola.

Cordelia piscou.

— Você acha que é tão sério assim? — perguntou, preocupada.

— É muito sério — disse Buffy, e olhou os dois com desaprovação.

— O que vamos fazer? — perguntou Xander.

— Dar espaço para ela, eu acho. Tentar conversar, sem pressão, e não todos juntos. Pedir a Giles que converse com ela — disse Buffy, enumerando as idéias conforme vinham à sua cabeça. — Acho que o fato de ter sido assaltada teve maior impacto sobre ela do que a gente imaginava.

— Tipo um transtorno de estresse pós-traumático ou coisa parecida? — perguntou Cordelia.

Buffy deu uma longa olhada de lado para ela, perplexa ao ver que Cordelia mais uma vez não estava sendo tão grossa como geralmente era. Bem, não completamente. Talvez.

— Vou conversar com ela — disse Xander.

— É — concordou Buffy. — Vou tentar fazê-la se abrir também.

Cordelia assobiou, olhos vasculhando as paredes brancas e limpas em busca de algo para olhar. Lábios enrugados, ela parou de assobiar no meio da nota e revirou os olhos.

— Está bem! — disse. — Também vou tentar.

— Esta é minha Cordy — disse Xander com orgulho. — Sempre pensando nos outros.

Mas nenhum deles viu Willow de novo durante todo o dia, e Buffy ficou tão envolvida com a prova de matemática do Inferno que nem pensou em tentar conversar com a amiga, até que já estava indo para casa.

Às vezes Buffy tinha companhia enquanto fazia a patrulha, varrendo Sunnydale em busca do sobrenatural que podia fazer voltar

ao natural. Giles às vezes vinha junto para dar aulas sobre como ser uma caça-vampiros melhor, agarrar sua grande bolsa de truques e entregar uma estaca bem na hora em que ela precisasse. Outras vezes, quando achava que não seria muita distração — quem ela queria enganar? —, sempre que queria vir junto, Angel fazia a ronda noturna com ela.

Alem disso, sempre rolava uns beijinhos durante as noites de ronda com o Angel, como disse Xander de forma esquisita em várias ocasiões. Vários beijos.

— Seria legal ter um pouco de distração, tipo agora — murmurou para si mesma.

Estava quieto e um pouco frio, e Buffy pensou que teria sido legal ter Angel por perto, ou Giles. Por motivos diferentes, claro. Ficou imaginando se deveria trazer a lição de casa com ela às vezes. Ela poderia sentar debaixo de um poste de luz e estudar se a coisa estivesse parada, simplesmente sentar e esperar até que algo inumano e cruel viesse atacá-la. Meio como sentar na frente do "Dr. Octopus" de Greg Rucka na aula de biologia.

— Suspiro profundo — sussurrou Buffy.

Jogou a bolsa sobre o ombro e pegou o caminho de casa. No caminho, desviou-se da rua e foi andando até o Bronze. Depois de chegar lá, no entanto, só ficou parada na calçada em frente olhando para a porta. Era impossível Angel estar ali. Mas se ela entrasse, e ele estivesse lá, não teria a menor pressa de ir para casa.

Casa. Esse lugar que deu origem ao termo "lição de casa". Onde geralmente a lição destinada à casa era feita. E Buffy estava muito atrasada.

"Amanhã à noite", pensou. Veria Angel amanhã à noite

Virou-se sobre os calcanhares em direção à sua casa, então parou logo depois. Uma estranha sensação muito parecida com aquela do cemitério na noite anterior percorreu seu corpo, e ela virou para dar uma espiada na escuridão do beco ao lado do Bronze.

Havia três pessoas, dois caras e uma garota com olhar muito inocente e cabelos escuros e curtos. Buffy ficou mais desconfiada dela. Era como no colegial: às vezes aqueles que você menos espera realmente o surpreendem. Se ao menos as expectativas dos professores em relação a ela fossem menores, ela poderia ser o orgulho de Sunnydale High.

— Viu, é isso que acontece com as minhas notas — disse em voz alta, deixando a bolsa cair ao seu lado. — Tenho as melhores

intenções em relação à lição de casa, mas alguma coisa sempre aparece.

Os rostos eram horrendos, selvagens e urravam como animais ao sair do beco e começar a se espalhar em volta dela. Buffy segurou uma estaca e jogou a bolsa na calçada.

— Olá, empecilho — disse e sorriu.

— E boa noite para você também, Caça-Vampiros — grunhiu a garota. — Espero que tenha aproveitado, porque esta será a sua última.

— Obrigada por se preocupar — retorquiu Buffy. — Você é tão gentil.

— Oh, de nada — disse o segundo, um tipo meio careca que vinha atrás dela.

Buffy se virou, trocou a estaca de uma mão para a outra, tentando mantê-los em seu campo de visão. Eles fizeram um semicírculo e se movimentaram ao mesmo tempo, rastejando para a direita e depois para a esquerda. Uma equipe bem ensaiada. Muito estranho.

— Estamos esperando por você há horas — disse o terceiro, um cara pesado e de pele escura. — Quase perdemos a esperança de matá-la esta noite.

Por um momento Buffy sentiu aquela sensação de novo, e um frio adicional ao perceber que estavam esperando por ela. Não por aí caçando carne fresca. Só parados atrás do Bronze, esperando que a Caça-Vampiros passasse por ali.

Geralmente, os vampiros não eram conhecidos por sua paciência.

Buffy afastou tal pensamento, lançou a estaca para a mão direita e sorriu:

— Vocês quase perderam a esperança — disse com uma solidariedade jocosa. — Agora estou aqui, como estavam esperando, e tudo que vou fazer é partir seus corações.

Então o rosto dela ficou diferente. Um ar de desprezo — quase cruel — retorceu sua boca.

— Oops, foi mal. Eu quis dizer *furar* o coração de vocês, claro.

O careca veio para cima dela e Buffy reagiu. Jogou a perna em sua direção, ergueu a mão esquerda para agarrá-lo pela frente da camisa e jogá-lo em cima do pesadão à sua direita.

Pelo menos esta era sua intenção.

Mas não conseguiu agarrá-lo. O careca parou depois de alguns passos, levantou e simplesmente sorriu para ela. Buffy soube instantaneamente o que tinha acontecido. Eles haviam preparado uma

armadilha. O grandalhão estava correndo na frente dela, e a menina sanguessuga já vinha pegá-la pelos cabelos. Buffy tinha se estendido na direção errada, estava sem equilíbrio.

A garota agarrou-a pelo cabelo, assobiou e mostrou seus caninos. O grandalhão veio rápido pela direita.

Buffy caiu para trás e levou a garota consigo.

— Oh — disse Buffy. — Um cara esperto. Lembre-me de matá-lo depois.

O grandalhão passou correndo pelo ponto onde ela tinha estado e quase amassou, o careca com seu peso. Buffy jogou um pé para cima chutando o estômago da garota, e arremessou-a sobre a cabeça no meio da rua. Os carros passavam de vez em quando em direção ao Bronze.

Por ela tudo bem, desde que ninguém fosse contar para sua mãe ou na escola que a viram brigando na frente de uma danceteria num dia de semana à noite.

Mas a garota foi rápida. Assim que Buffy se levantou, ela já corria em sua direção novamente.

— Bem, se você insiste — suspirou Buffy, e com um passo para o lado deu uma joelhada no estômago da garota, puxou-a pelos cabelos e enfiou-lhe a estaca.

Ela explodiu numa nuvem de cinzas. Mas Buffy não teve tempo de apreciar sua morte porque sentiu o grandalhão e o careca logo atrás dela, e saiu correndo para o beco.

Eles deram distância.

Idiotas.

Um Chevy todo batido estava estacionado no beco. Buffy subiu no capô e depois no teto do carro. Os dois vampiros a cercaram um em cada lado e sorriam como se acreditassem tê-la deixado sem saída.

— Agora pegamos você — o grandalhão rangeu os dentes.

— Sabe, dá para entender por que deve ser difícil para você conseguir uma namorada de verdade, mas isso está indo longe demais, você não acha? — perguntou. — Claro que já ouvi dizer que a Internet é um território fértil para conhecer alguém especial se espera que alguém o ame apenas por sua inteligência.

— Vou amá-la pelo seu coração, Caça-Vampiros, enquanto ele estiver escorregando pela minha garganta em pedacinhos! — gritou o grandalhão ao golpear as pernas dela.

Buffy pulou de novo, deu um mortal e veio parar atrás dele.

— Essa não é uma imagem agradável — disse ao varar o grandalhão pelas costas com a estaca. É mais difícil assim, mas com prática, o resultado é o mesmo.

Puff.

O careca a encarou pelo teto do Chevy.

— Você poderia correr — sugeriu ela.

— Eu seria morto por minha covardia se corresse — grunhiu o careca. — De qualquer forma, não tenho medo de você, garotinha.

Pulou para cima do carro, onde ela estava segundos antes. Buffy agarrou a maçaneta da porta do Chevy e puxou. Estava destrancada. Abriu a porta e entrou, fechando-a assim que o careca enfiava sua mão para procurá-la. Ela pôde ouvir o estalo do osso quebrado e o urro de dor enquanto o vampiro recuava o braço.

Buffy bateu a porta de novo, mas não tentou sair pelo outro lado, apenas ficou sentada atrás da direção. Bem, um pouco mais perto do meio do carro. Um segundo depois, o careca quebrou o vidro do carro com o punho que ainda estava bom e, então, seu rosto apareceu na janela aberta.

— Bu! — disse Buffy, dando-lhe um soco na cara. O careca desceu do teto do carro, ficou de pé e

encarou-a pela janela quebrada.

— Com medo de mim agora? — perguntou ela.

— Saia do carro! — gritou ele. Buffy sorriu com timidez.

— Não.

O careca se aproximou, agarrou a maçaneta da porta, e Buffy enfiou a estaca pela janela quebrada bem no peito dele.

— Você não disse "por favor" — avisou, enquanto ele virava pó.

A adrenalina que bombeava no corpo de Buffy enquanto ia para casa dava uma boa sensação. Havia alguma coisa tipo Rocky Balboa no fato de ser uma caça-vampiros, embora Buffy nunca confessasse essa empolgação quando estava reclamando com Giles sobre sua vida.

Mas essa sensação foi encoberta desta vez. Totalmente oculta pelo temor que começava a pesar sobre ela. Isso percorria sua mente, e ela tinha a sensação de que não ia conseguir dormir muito naquela noite.

Estes vampiros não foram muito mais difíceis de matar do que a maioria dos outros que ela tinha aniquilado, mas eles tinham um propósito claro. Estavam esperando por ela. Tinham feito uma armadilha no começo da luta, como se pudessem prever qual seria sua primeira ofensiva. Na verdade, *tinham* previsto.

E quando disse para o último fugir, o que ele respondeu a deixou apavorada.

Eu seria morto por minha covardia.

O que significava que alguém os havia *enviado*. Alguém conspirava algo contra ela. Alguém que ela provavelmente não tinha matado.

E justamente na noite seguinte àquele sentimento estranho no cemitério.

Isso não era bom.

Capítulo 7

Alguns chamavam aquilo de manhã.

Depois de um fim de semana relaxante e sem eventos — relativamente sem eventos —, Buffy soltou um vasto bocejo de segunda-feira de manhã ao entrar na biblioteca e disse:

— Muitos vampiros. Muita lição de casa. Vampiros massacrados. A lição de casa quase não foi atacada — suspirou. — Então, pode me inscrever na aula de recuperação do que você quiser, ligue para a minha mãe e explique por que vou ser reprovada em matérias que ninguém reprova, como educação física.

— Hum? — perguntou Giles, erguendo os olhos de um de seus livros mais do que empoeirados. Buffy refletiu que uma grande parte de sua vida envolvia pó. Inalá-lo durante as sessões de pesquisa e criá-lo... matando vampiros.

Giles sorriu, ajeitou os óculos e fechou o livro.

— Bom dia, Buffy. Você dizia que houve muita atividade neste fim de semana?

— Só com vampiros — respondeu, mentalmente verificando a lista das coisas que não conseguiu fazer: lição de casa, ir ao Bronze, dar vários beijos no Angel.

— Bem, sim — disse, como se fosse a única coisa que importasse. Fácil para ele dizer. Giles não ia ser reprovado por ser bibliotecário. O que levantou algumas dúvidas. Como as pessoas sabiam se ele estava fazendo um bom trabalho? Verificariam se os livros estavam nas prateleiras na ordem alfabética correta?

— Bem, sim — repetiu ela. — Só que estes vampiros eram diferentes dos outros. — Ela sentou na mesa e balançou as pernas, admirando suas botas de salto alto novas, resultado do ritual que une mãe e filha chamado "ataque ao shopping", no sábado à tarde. — Eram vampiros organizados, como se houvesse um líder na cidade — informou ao Sentinela. — Enfrentei uns bem difíceis na sexta-feira à noite. Outro par ontem à noite. Sem problemas, mas é meio assustador.

— Sério? — Giles enrugou a sobrancelha. Com as duas mãos, colocou o livro sobre a mesa. Uma nuvem de poeira se ergueu da capa como neblina no oceano.

—Sério. — Buffy inclinou-se para trás e deu uma espiada nas prateleiras, procurando sua melhor amiga — Por falar em demônios, Willow desapareceu durante todo o fim de semana. Não esteve no

Bronze nem retornou minhas ligações. E não veio à escola hoje. Ninguém a viu. Isso me assusta tanto quanto um espectro.

Giles ergueu a sobrancelha.

— Assusta tanto quanto um espectro?

— Espectro. Um pouco menos que *Poltergeist*, um pouco mais que Gasparzinho. Um espectro.

— Ah — disse Giles, e rapidamente seguiu em frente. — O que o atraso de Willow tem a ver com demônios? Vocês duas brigaram ou coisa parecida?

— Não sei, mas, desde que foi assaltada, Willow tem ficado mais estranha a cada dia — apertou os lábios. — Na verdade, ela está sendo mais... bruxa... que a Cordelia. E você sabe como o chapéu *dela é* pontudo — Buffy sentou-se mais para a frente e cruzou as pernas.

— Bem, todos nós temos dias péssimos — iniciou Giles, examinando-a de perto. — Mas eu gostaria de ouvir mais sobre esses...

Buffy franziu a testa com impaciência:

— Ela estava usando óculos escuros. E eles eram Ambervision.

Ele piscou, claramente sem entender.

— Giles, leia a revista, não pague a assinatura apenas. Até mesmo os CDFs já largaram seus Ambervisions. E quanto a usá-los em ambientes internos, bem, isso caiu de moda junto com as luvas de lantejoula e Bubbles, o chimpanzé. É tão ultrapassado que até os CDFs acham ultrapassado — ela ficou vermelha. — Não que esteja colocando Willow junto com os CDFs, porque eu nunca faria isso. Ela é minha amiga, por isso estou falando tudo isso. Ela está muito estranha.

Giles suspirou.

— Buffy, por favor, eu imploro, vá devagar. Para alguém que insiste que não é uma pessoa matutina, você traz uma certa exuberância maníaca para nossas conversas antes mesmo da aula, que eu, em primeiro lugar, ocasionalmente acho um pouco, bem, exaustiva.

— Bem, claro — disse alegremente. — Você é velho... mais... velho do que eu — emendou, ao ver sua expressão desapontada.

Ambos olharam quando Xander entrou, já conversando ao passar pela porta.

— Assunto: Willow. Nem mesmo Oz, o verdadeiro novo amor e lobisomem, encontrou-a hoje.

— Assunto: Willow — concordou Buffy, esfregando uma mão na outra.

— Buffy, eu realmente acho que deveríamos nos concentrar nesses vampiros que visaram você nesse fim de semana — insistiu Giles. Antes que Buffy pudesse protestar, ele ergueu um dedo. — Primeiro. Depois podemos discutir a mudança de atitude de Willow e sua falta de noção da moda.

— Oh, está bem — disse Buffy, fazendo bico. —

Xander, venha — deu tapinhas na mesa de estudo. — Sente-se.

— Fico ofegante feito um cachorro e obedeço feito um capacho — sentou-se ao lado dela e lhe deu uma cutucada amigável com o cotovelo.

— Estávamos revendo algumas ocorrências estranhas ultimamente — Giles disse a Xander. — No fim de semana Buffy encontrou alguns vampiros que tinham um propósito bem definido, muito organizados.

Xander assentiu com a cabeça.

— Certo. Vampiros em equipe. Registrado. Próximo item?

— Ela esteve no cemitério com Angel, na noite anterior, e sentiu algo estranho.

— *Buffy* — disse Xander, escandalizado.

— Nós dois tivemos essa sensação esquisita — disse Buffy.

— É, aposto que sim. Deve ser aquela sensação esquisita conhecida como luxúria — Xander parecia bravo. — Você sabe como é perigoso ficar se agarrando quando se está de patrulha?

Buffy franziu a testa indignada, mesmo sabendo que seu rubor a entregava.

— Não estávamos nos agarrando, estávamos caçando.

— Caçando o quê? — indagou. — Raiva? Porque se você continuar beijando o Garoto Morto, provavelmente vai pegar raiva. Alertei Willow para a mesma coisa com Oz.

— E tenho certeza de que Willow ficou tão agradecida quanto eu — repreendeu-o Buffy, franzindo a testa.

Xander ergueu a mão.

— Além do mais, que tipo de mensagem você está passando para todas as jovens vampiras impressionáveis que podem estar espiando vocês dois? Sabe, como Caça-Vampiros, você é um exemplo, quer goste ou não.

— Não vou me esquecer disso — falou lentamente, dando-lhe uma boa encarada. — Da próxima vez que encontrá-lo dando em cima da Cordelia.

— Não estamos falando dos *meus* passatempos estranhos — disse Xander sem um pingo de vergonha. — Estamos falando do seu tipo de homem.

Buffy desceu da mesa e começou a andar.

— Enquanto isso, vamos falar de Will. Eu acho que ela ficou tão abalada com o ataque que está construindo muros para não ser machucada novamente — recuou, pensando em quando foi derrotada pelo vampiro conhecido como Mestre. Como ficou brava quando foi trazida de volta à vida. Como foi amarga e cruel com todos os seus amigos.

Como quando Xander a trouxe de volta com a ressurreição cardiopulmonar.

— A princípio pensei que passaria, mas já faz mais de uma semana que ela foi atacada, e está cada dia pior. Agora ela saiu da real completamente, ou algo parecido. Temos que ajudá-la — terminou Buffy suavemente, olhando para Xander ao lembrar de quantas vezes ele esteve ao lado dela e de Willow. Do lado de todos.

Xander disse em voz baixa:

— E nós vamos, Buffy.

Eles trocaram sorrisos.

— Certo, deixe-me entender direito — disse Cordelia, enquanto levava Xander de carro até a casa da Willow. — Toda vez que digo que devemos parar com nosso showzinho perverso e nojento de paixão mútua, estou saindo com outro cara. Mas quando você me pede que eu leve você até a casa da Willow, só estamos vendo se sua amiga está bem?

Xander olhou pela janela do banco do passageiro e concordou.

- Juro, babe, andar comigo aumentou o poder do seu cérebro.

— Não sou "babe". Nunca fui "babe" e nunca serei "babe". Babe é um porquinho — ela pisou no freio. — Nem uma retardada. E quanto ao poder do meu cérebro...

— Eu não disse nada. Não tenho nada a dizer — declarou Xander, abrindo a porta e correndo para a porta da frente da casa de Willow. A luz da varanda estava acesa, mas parecia não haver ninguém em casa.

Ele tocou a campainha. Eles esperaram.

— Estou com fome — resmungou Cordelia.

— Tem uma barra de chocolate pela metade no tapete do carro, do meu lado — disse. — Antes estava na minha mão, mas tive que largá-la quando tombamos em duas rodas na última curva. A parte

mastigada deve estar coberta de pêlos do carpete, mas, e daí, todo mundo precisa de fibras.

— Isso é nojento — disse Cordelia, inclinando-se à sua frente e batendo na porta com força.

— Ela não está em casa. Vamos. Tenho duas horas até o ensaio das líderes de torcida.

Xander ficou tentado. Duas horas nos braços de Cordelia eram duas horas bem gastas. Ele tinha certeza de que ela estava gastando muito dinheiro em batom ultimamente, porque estava esfregando tudo na cara dele com uma extravagância só comparável às suas compras de Tic-Tac de menta refrescante.

Sua preocupação com Willow, porém, era mais forte do que seu desejo praticamente incontrolável de beijar e tudo o mais.

— Qual é o grande problema? — inquiriu Cordelia, enquanto ele insistia em ficar na varanda. — Ela saiu, e daí?

— Você não entende, né? — perguntou Xander. — Amanhã tem aula.

— Ela deve ter ido ao Bronze com o Oz — Cordelia deu de ombros. — Talvez tenha ido fazer compras com Buffy — pensou melhor. — Não — disse decidida. — Aquelas duas nunca iriam fazer compras para se divertir. Se ao menos se esforçassem um pouco, já teriam roupas melhores.

Ele fez pé firme.

— Vou esperar por ela um pouco — passou os braços em volta de Cordelia, puxando-a contra seu peito. — Venha, Cor, podemos ficar nos beijando no seu carro como fazemos no Morro. Lua, estrelas, lábios. O que me diz?

Ela suspirou profundamente, uma mártir do êxtase.

— Vamos — disse e levou-o até o carro.

Buffy respirou fundo e parou no caminho.

— Qual é o problema? — perguntou Giles. — Você está sentindo aquela... "estranheza" de novo?

— Esquisitice, Giles. É algo esquisito. E, não — disse lentamente. — É só que... bem, acho que esqueci de mudar a configuração da secadora para "delicado" antes de colocar minhas roupas lá — resmungou. — Minha camiseta nova vai encolher.

— Sei, pobre de mim — Giles murmurou desdenhoso.

— Certo, talvez *você* não se importe com a *sua* aparência — irritou-se Buffy —, mas você não é uma garota de dezessete anos no colegial.

— Verdade, Buffy, isso é verdade — concordou Giles.

Buffy não deixou de ouvir seu suspiro de "graças a Deus", mas preferiu ignorá-lo.

— Você vai me contar sobre a pesquisa que tem feito sem a Willow? — incitou Buffy.

— Ah, sim — disse, feliz por estar de volta a um território conhecido. Giles levantou a bolsa pesada da caça-vampiros e usou a estaca que carregava para ajustar os óculos. — Tem havido um excesso real de desaparecimentos recentes.

Ela assentiu com a cabeça, toda séria agora.

— Muitos são adolescentes — disse explicitamente. — Sabia-se que freqüentavam uma área bem

conhecida onde os jovens se reúnem para propósitos de...

— O Morro do Beijo — cortou-o Buffy. — Vamos logo, Giles. Tudo bem que eu não tenha uma vida social, mas sei como é ter uma. Então, o que foi, alguém foi lá em cima e vampirizou um bando de crianças que estavam engolindo as amígdalas umas das outras?

— É o que parece — disse Giles, limpando a garganta. — Se você estiver correta quanto a haver um novo líder das criaturas da Boca do Inferno, pode ser que ele esteja reunindo um grupo de vampiros leais a ele para comandar.

— Fico muito feliz com isso — ironizou Buffy. — Se ao menos puder tê-lo ao meu lado, talvez possa forçá-los a fazer minha lição de casa — ela sacudiu uma mão para impedir o pedido inevitável de Giles para que levasse isso mais a sério. — Ou poderia pedir que...

Ela rodopiou, alerta, gesticulando para seu Sentinela.

Um vampiro vagava por perto. Giles ergueu a estaca.

— Espere — disse Buffy, sorrindo.

Um vampiro, sim. Alto, moreno e sem suas presas "o momento. Mas bonito. Muito, muito bonito.

— Oi, Buffy — disse Angel. Inclinou a cabeça para Giles. — Boa noite.

— O que está rolando? — perguntou Buffy, tentando parecer casual.

— Dei uma saída — ele deu de ombros. — Achei que a gente poderia...

Foi então que um círculo de vampiros caiu do céu, gritando ao aterrissar em volta de Buffy, Giles e Angel. Pelo menos doze deles com rostos completamente vampirizados, encolhidos e esperando. Não havia pressa. Não havia tumulto.

Não agiam como os cadáveres típicos, devorados e infestados de demônios.

Buffy olhou à sua volta para a estranha mistura de vampiros. Jovens e velhos, uma variedade de raças e sexos que também se diferenciavam de outra maneira. Alguns estavam com roupas de funeral, o que indicava que tinham sido levados para o necrotério e enterrados antes de reviver para a morte-vida. Outros usavam roupas cotidianas ou de trabalho. Um homem estava apenas de roupão e cueca. Eram pessoas que foram mortas e arrastadas sem nunca receber um enterro decente. Seja lá quem os transformou, simplesmente se sentou e ficou esperando que voltassem à vida.

Quem quer que os transformou estava montando um exército.

— Isso não é bom — sussurrou ela, olhando para um homem de roupa preta e colarinho branco.

Giles disse em voz baixa:

— Essa manhã, deram queixa do desaparecimento de um padre. E uma senhora idosa com roupas de corrida.

O padre vinha na direção de Angel. A senhora rosnava feito louca para o próprio Giles.

O gordinho de roupão olhava malicioso para Buffy.

— Prepare-se, Caça-Vampiros — rosnou o vampiro — o Mestre tem planos para você. Você será a escrava mais poderosa dele.

Buffy girou, lançou um chute alto que acertou o cara de roupão no queixo e fez sua cabeça balançar com força... mas não forte o suficiente para quebrar seu pescoço, ela pensou desapontada.

— Certo, pessoal. Quer dizer, *antigo* pessoal — corrigiu Buffy. — Talvez, se vocês me dissessem o que está acontecendo, eu os deixasse viver. Quem é o mestre de quem vocês tanto falam? Porque conheci um cara que se chamava assim, mas o que sobrou dele está em alguma caixa de areia por aí.

O padre vampiro riu:

— Logo você saberá. Quando se ajoelhar aos pés dele implorando por sua vida!

Como um grupo coeso, os vampiros atacaram. O padre, o cara de roupão, uma garota com vários piercings no nariz e um garanhão — na opinião dela — vieram atrás de Angel. Mas, atrás deles, as coisas ficaram piores. Os próximos três vampiros desajeitados vestiam a melhor roupa de domingo — os ternos em que foram enterrados. Rapazes jovens, não muito mais velhos que Buffy quando morreram, e pareciam vagamente familiares. Ela afastou a idéia de reconhecê-los.

Talvez tivessem jogado futebol pelo Sunnydale High ou pela escola da igreja a duas cidades dali. Buffy não queria saber.

Giles foi atacado pela senhora com roupa de corrida e um garoto mais jovem que não parecia ter mais que catorze anos. Ao mesmo tempo que lutava contra a linha ofensiva de vampiros, Buffy estava de olho em Giles, preocupada com sua segurança, como de costume. Mas, como sempre, as habilidades do Sentinela a surpreenderam. A velha senhora foi despachada imediatamente. O garoto realmente provou ser um problema diferente, fazendo mortais com as mãos no ar e jogando as pernas para girar em enormes círculos só para distraí-los.

"Algum tipo de arte marcial esquisita", imaginou Buffy. Algo que nunca tinha visto antes.

Pou! Um soco atingiu seu rosto. Não foi um golpe sólido, mas, quando havia força vampírica, bastava um esfolado com os nós dos dedos para fazê-la cambalear.

— Isso vai me ensinar a ficar mais atenta — murmurou para si, já voltando à batalha.

A garota com piercings deu um chute na direção da cabeça de Angel, mas ele conseguiu bloquear o golpe, desviando e jogando-a para o chão. O padre estava bem à sua frente. Angel deu uma joelhada em seu estômago, golpeou as costas do vampiro com os dois punhos cerrados, forçando-o em direção ao chão. Então o gordinho de roupão veio para cima dele.

— Jogue-me uma estaca! — gritou para Buffy. Mas foi Giles quem respondeu.

O Sentinela desviou do jovem vampiro que tentava arrancar suas tripas e correu até a bolsa da Caça-Vampiros. Deu meia-volta, mas quando estava prestes a jogar uma bela estaca entalhada para Angel o garoto vampiro se atirou sobre Giles. Sua reação foi instintiva — a estaca se ergueu bem na hora, fazendo o garoto gritar e explodir numa nuvem de poeira. Apesar do pequeno contratempo, Giles não perdeu o ritmo ao lançar a estaca para Angel.

Como Ângelus, ele tinha sido chamado de "O Flagelo da Europa", uma criatura completamente diferente, que parecia não lhe dizer respeito. Mesmo assim, Angel era feroz na batalha. Com a estaca nas mãos, os outros vampiros não tinham a menor chance. Em poucos instantes, o padre já era. Em seguida, ele acabou com o cara de roupão, jogando o homem de costas e caindo por cima dele. Prendendo-o com as pernas, Angel enfiou a estaca com força.

Dos agressores de Angel, só restava a garota de piercings. Ela riu com desprezo:

— Quando formos embora, haverão outros. Meu honorável lorde voltou para conquistar esta terra e moer seus ossos até virar pó.

— Voltou? De onde? — gritou Buffy, ansiosa por informações.

— Se todos nós morrermos, você nunca saberá — disse a garota para Angel.

Angel encarou-a por um instante, parte dele não querendo enfiar a estaca na garota. Então, quando ela mostrou seus caninos e correu em sua direção, por reflexo ele enfiou a estaca com força no peito dela.

— Acho que vamos ter que arriscar — disse, enquanto ela virava pó.

Buffy viu Angel correr para ajudá-la, mas ela estava se saindo muito bem sozinha. Um dos soldados mortos já tinha virado pó. Os outros dois eram persistentes. Ela já lutava havia algum tempo sem conseguir a abertura que precisava para matá-los.

Eles se moviam ao seu redor com a intenção de prendê-la, e Buffy sorria. Este truque não havia funcionado da última vez em que caiu numa emboscada, e também não funcionaria agora. Vieram para cima dela. Buffy abaixou-se sobre as mãos, lançou as pernas em volta do corpo, num movimento que deixaria orgulhoso o treinador de ginástica olímpica, e deixou um dos soldados de joelhos. O outro estava se aproximando, mas Buffy deu um mortal para trás e bateu suas duas botas na cara dele.

Ele segurou o nariz e os olhos, cambaleou para trás e nem viu quando ela enfiou-lhe a estaca no coração. Enquanto o amigo explodia numa nuvem de cinzas, o último soldado morto começava a se levantar.

Nunca chegou a ficar de pé.

— Quem é o próximo? — Buffy gritou através de uma nuvem de poeira, mas o punhado de vampiros que sobrou saiu correndo, fugindo em bando na mesma direção.

Buffy ficou observando por um momento, pensando em como era estranho que ficassem juntos o tempo todo. Eram tão mais... disciplinados que os vampiros que ela tinha enfrentado antes.

Com a respiração ofegante, Buffy escorregou para os braços agora vazios de Angel e deu um beijinho rápido. Giles aproximou-se com uma estaca na mão.

Os três olharam para as pilhas de poeira que a luta tinha deixado no chão.

Então um vento gelado bateu sobre eles, erguendo as pilhas e espalhando tudo. Chicoteou os cabelos e as roupas de Buffy, ardendo como munição.

— Devíamos sair daqui — alertou Giles, reunindo o equipamento de caça aos vampiros e enfiando tudo na bolsa.

Angel tirou a jaqueta e colocou-a em volta dos ombros dela.

— Essa é a segunda jaqueta minha que fica com você — provocou ele, precisando gritar para ser ouvido sobre o vento. — Logo não terei nada para usar.

— É uma ótima idéia — gritou ela de volta.

A luz de um raio iluminou o rosto de Angel e caiu a menos de um metro e meio de distância. Buffy gritou e pulou com a surpresa.

Virou-se, encarou com firmeza alguma coisa estranha que tinha sido iluminada com o raio. Os vampiros que debandaram corriam atrás de uma figura que ria e dava cambalhotas. Mesmo agora, Buffy podia ver sua silhueta sob a luz da lua.

— Oh, meu Deus — suspirou Buffy. Parecia com a Willow.

Capítulo 8

Como de costume, Sanno, o deus que os homens chamavam de Rei da Montanha, ergueu-se das nuvens que cercavam o Monte Hiei na aurora e caminhou pela terra como homem. Cada pegada sua era como um pequeno terremoto, convidando os fiéis a cumprimentá-lo como ao sol. Sanno era um deus gracioso, benevolente e generoso, que dava água limpa para as pessoas beberem, lebres e outros animais para elas comerem e madeira para que construíssem suas vilas e o castelo da família local do clã Fujiwara, abrigado ao pé do Monte Hiei. Ele se antecipava a todas as necessidades da população e fornecia seu sustento.

Assim ele caminhava, desfrutando belas manhãs com aqueles que o amavam e o reverenciavam, na beleza de seu santuário, no lado afastado do Monte Hiei.

Mas, naquela manhã de inverno coberta de neve, ninguém apareceu.

Franzindo a testa desapontado, ele escalou mais uma vez o Monte Hiei e, com seu sopro poderoso, afastou as nuvens. Então olhou para suas terras lá embaixo e observou seu povo, reunido no lado oposto do Monte Hiei, encolhido na entrada de um templo recentemente erguido com um telhado curvo e estranho. Os fazendeiros estavam prostrados no solo, e os rostos enterrados na lama.

À esquerda da multidão que lamentava, estava a família nobre local, sentada em tatames brancos, vestindo quimonos formais adornados com a crista do clã Fujiwara. Estavam imóveis, como estátuas, mudos e empalidecidos com o pesar. Sanno os conhecia bem. Viu o marido, a mulher e o filho, mas não a linda filha, Gemmyo, assim chamada em homenagem à imperatriz que tinha renunciado havia uns setenta anos.

Ultimamente Sanno andava pensando em se casar com Gemmyo. Por que os deuses não mereciam a felicidade dos mortais? Ela era a mais bela donzela dos arredores da montanha, e a mais gentil também. Além disso, tinha talento para a música e cantava maravilhosamente bem. Por várias noites ele tinha feito a terra tremer violentamente enquanto dançava ao ritmo das alegres melodias que ela tocava em seu koto¹.

¹ O koto é um instrumento de oito cordas que fica deitado no chão e tem um tamanho bastante grande. (N. do T.)

Sanno desceu novamente à terra e caminhou pelos adoradores procurando sinais de Gemmyo e as causas de tanta tristeza.

Ao vê-lo, os aldeões e nobres trocaram olhares. Olhos vermelhos, queixos tremendo, afastavam-se para abrir caminho, conforme ele avançava em direção à entrada do novo e estranho templo.

Na construção, sob uma abóbada decorada com estrelas, dentro de um esquife de cetim vermelho, estava sua amada, com os olhos fechados, como se repousasse. Vestia um lindo quimono branco decorado com garças. À primeira vista, podia-se pensar que ela estava dormindo, embora seu corpo estivesse completamente branco. Naquela época era comum as mulheres pintarem a pele para ficar com um brilho de marfim. Mas em seu pescoço havia dois grandes ferimentos, de onde escorria sangue sobre as dobras do vestido.

Sanno prendeu a respiração, percebendo que ela tinha sido assassinada de modo vil e pelo mais abominável dos demônios: um vampiro.

Seus olhos se encheram de raiva incontável, e as veias de seu pescoço pulsaram com fúria. Raios e trovões cortaram o céu, e nuvens reuniram-se rapidamente. A terra revirou como as costas de um dragão perturbado em seu sono.

Sanno virou-se para os aldeões arrasados, imobilizados pelo terror, e falou alto:

— Quem fez isso? Ninguém falou.

Sanno bateu o pé contra a terra, que rachou.

— Quem fez isso? — gritou de novo. Os aldeões permaneciam em silêncio.

Então, enquanto Sanno se preparava para fazer a terra em pedaços abaixo de seus pés, um sábio senhor deu um passo à frente. Embora estivesse frio, ele não calçava sapatos e seu casaco era feito de palha. Sanno reconheceu-o como Genji, um pobre fazendeiro cuja esposa havia morrido e que não tinha filhos para servi-lo na velhice. Tinha vindo com frequência rezar no santuário de Sanno.

O velho ergueu a mão com hesitação e disse:

— Sanno-no-kami, estes aldeões covardes estão calados porque o assassino de Gemmyo ameaçou matar quem dissesse seu nome. Mas eu sou velho e rezei várias vezes pedindo felicidade nos meus anos de declínio. Agora vejo que minhas orações foram respondidas, porque eu, e somente eu, ousei desafiar meu inimigo. A revelação da identidade do assassino significará meu fim, mas morrerei feliz.

No auge de sua raiva, Sanno levou a mão à sua poderosa e antiga espada, e disse:

— Então fale, Genji, e saiba que, se sua coragem o deserdar, eu mesmo o matarei.

O velho sacudiu a cabeça e fez reverência várias vezes.

— Por favor, meu gracioso lorde, não se irrite. Fico feliz em falar o nome dele em voz alta. É Chirayaju.

Ao ouvir tal nome, os outros aldeões recuaram horrorizados. Alguns começaram a chorar, outros a gemer.

— Chirayaju? — repetiu Sanno — Não conheço nenhum *tengu*² com este nome.

2. Ser misterioso que, segundo a crença popular, habita as montanhas. Tem forma humana, asas, rosto vermelho e nariz comprido, sendo possuidor de poderes extraordinários. (N. do T.)

Genji disse:

— É um vampiro que voou sobre o mar vindo da grande terra da China. Um mago que pode atear fogo em nossas casas com um mero movimento de pulso.

Pode apagar as chamas com a menor exalação de sua respiração. E prometeu fazer tudo isso se contássemos quem ele é. Por esta razão todos temem sua cólera. Mas prefiro mil vezes queimar até a morte a desagradar-lhe, grande Sanno-sama.

— Velho tolo! — gritou outro aldeão, um jovem chamado Akio. Ele correu até Genji e derrubou-o com um soco. — Você amaldiçoou nossa vila inteira!

— Não. *Você* fez isso — respondeu Sanno ao jovem.

O Deus da Montanha pisou violentamente sobre a terra, forçando Akio a cair de joelhos. Ergueu sua espada e deu um golpe sobre o pescoço de Akio, decepando-o.

Sanno continuou pisando até que ninguém pudesse ficar de pé. Pegou a cabeça dos que estavam mais próximos dele. Então, virou-se e de suas mãos saíram chamas que purificaram o corpo de Gemmyo, para que ela pudesse entrar no paraíso.

As chamas viajaram por seu corpo até a abóbada de estrelas, chegando ao resto do templo, indo até as árvores e as cabanas dos aldeões. E sobre as árvores e arbustos até a fortaleza do clã Fujiwara.

Naquele dia, mil pessoas morreram por causa da fúria de Sanno.

Ele nunca mais foi visto como benevolente ou gentil. Nunca mais foi adorado. Era apenas temido.

Capítulo 9

Ofegante no banco de trás do carro, Cordelia empurrou Xander.

— Pare de gemer — ordenou ela ao se sentar. Inclinou-se para olhar no retrovisor e ajeitar a franja. — Odeio quando você geme.

— Por... por... — ele gaguejou.

— Porque, quando você geme — continuou ela, respondendo à pergunta que ele foi incapaz de verbalizar —, isso me lembra que é você.

— Lembra que... oh — Xander fez cara feia. — Isso não é adorável? Então você está me dizendo que quando está comigo finge estar com outra pessoa.

Ela não respondeu, apenas virou e piscou para ele com uma expressão vazia de "e daí?". Ele a olhou com muito nojo.

— Certo, legal. Vou dar o fora daqui — disse. Ia abrir a porta, mas Cordelia foi por cima da cabeça dele, puxou a maçaneta gentilmente e abriu a porta, fazendo com que metade dele caísse para fora do carro.

— Estou tão decidido a dar o fora daqui que eu... realmente, estou fora daqui — escapou com a outra metade do corpo e saiu cambaleando pela calçada. Já de pé, depois de recuperar o equilíbrio, e não sua dignidade, bateu a porta do carro com força.

— Ótimo! — gritou Cordelia do banco do motorista, e deu a partida. Saiu cantando os pneus e sumiu no fim da rua.

— Ponha o cinto de segurança! — alertou Xander. — Sua ninfomaníaca!

O motor roncou no fim da rua, pneus cantando.

Xander foi batendo os pés até a varanda e se sentou, puxando os joelhos para debaixo do queixo. Suspirou. Deveria ter trazido alguma coisa para fazer, nem que fosse a lição de casa. Agora já estava parecendo novela.

Ele estava prestes a dormir quando ouviu passos suaves na entrada. Abriu os olhos e sentou.

— Will — disse feliz. — Eu estava preocupado com você.

Willow permaneceu em pé com as pernas bem afastadas e as mãos na cintura.

— Menino — ironizou —, você se preocupa comigo?

— Bem, claro, Will — disse lentamente. — Hum, você esqueceu de comer de novo? Porque sei que o computador pode ser muito

divertido e tudo mais, mas você está meio nervosa e talvez sua taxa de açúcar no sangue tenha caído. Então...

— Silêncio — ordenou Willow.

— Willow? — ele ergueu a sobrancelha no estilo Nicholson. — Você está ensaiando para alguma peça ou algo assim? Porque, caso contrário, acho que deveria deixar esta representação. Você não está exatamente fazendo amigos e influenciando pessoas. Queremos ajudá-la, se você deixar.

O rosto de Willow pareceu mudar. Por um momento, ele sentiu a amiga muito triste e perdida. E foi até ela com os braços abertos, esperando que Willow se aconchegasse neles e terminasse aquele choro que tinha começado na segunda-feira de manhã.

— Xander — disse ela com tristeza, caminhando em sua direção. Ela mancava. Ela levou as mãos à cabeça como se tivesse com uma terrível ressaca. O que era impossível, se tratando de Willow. — Xander, algo está muito err...

E então ela gritou:

— Não!

Ela voou para cima dele, chutando seu rosto antes que Xander tivesse tempo para reagir. Então caiu em cima dele empurrando-o para trás, agarrando-o pelos cabelos e batendo seu crânio contra a varanda. Ela cerrou o punho e socou-o no rosto. Bateu de novo, e de novo. Socou com as duas mãos enquanto ele lutava para se livrar dela.

— Wi... Wi... — o sangue corria em sua garganta. Ele começou a sufocar, até que o único som que podia pronunciar era um gargarejo desesperado.

— Ah, o cheiro da vida está sobre você — disse Willow. Ela tombou a cabeça para trás e riu. Quando ele pensou que ela o deixaria levantar, Willow o golpeou mais uma vez, com muita força.

Xander desmaiou na escuridão.

Imensa escuridão.

O som familiar de pneus cantando. Chirayaju ergueu os olhos e ouviu com atenção. A mãe de Willow Chorosa estava prestes a entrar na rua. Se visse a filha agachada sobre um jovem faria muitas perguntas.

Chirayaju levantou e pegou o corpo. Erguendo o rapaz sobre a cabeça, o vampiro caminhou para a lateral da varanda e jogou-o nos arbustos sem cerimônia. Chirayaju estava furioso por ter sido interrompido: o jovem ainda não estava morto. Seu espírito seria

delicioso. Com sua feitiçaria, o vilão não se alimentava meramente de sangue, mas da essência da própria vida.

Mas não nessa noite.

O carro parou.

— Querida? — disse a sra. Rosenberg ao sair do carro o que você está fazendo aqui? Pensei que fosse dar aula particular para Buffy.

— Acabou mais cedo — respondeu Chirayaju. — Eu não estava me sentindo tão bem e Buffy disse que estava pegando um resfriado. Xander me deu uma carona — acalmou a mãe de Willow, que parecia preocupada.

— Ando um pouco nervosa desde que você foi atacada — admitiu a mulher.

Sim, desde que sua filha foi atacada, você me permitiu assumir o controle e usá-la. Você permitirá que eu a mate. Mães e pais ocidentais, com sua cegueira e interesses próprios, permitindo que seus filhos perambularem pelas ruas como órfãos. É alguma surpresa que sejam tão fracos e tolos? Que eu tenha escolhas aqui do tipo que nunca vi na China ou no Japão antigos, onde os pais eram mais cuidadosos?

Foi preciso que Chirayaju usasse de toda a sua força para não cair na risada e quebrar a espinha da mulher no meio, e então beber-lhe a vida e o espírito de seu corpo paralisado e moribundo. Ele precisava de abrigo na aurora que surgia, e o outro santuário que havia encontrado ficava muito distante. E, o mais importante, estava claro que todos os amigos da garota eram caçadores de vampiros — e a adorável donzela loira era a líder — e ele não via motivo para se revelar nesse momento. Ou talvez em qualquer momento.

Então, quando a mulher veio até ele, colocou a mão sobre a testa de sua hospedeira e disse: *Você está febril. Entre, querida*, e ele obedeceu docemente.

"Assim que a porta estiver fechada", prometeu a si mesmo, "ela morre".

Um corpo tão pequeno seria fácil de esconder.

— Certo. Mais uma vez — Buffy disse para Giles. Angel, que olhava um livro com vários encantamentos contra "vampiros e outras criaturas mais abomináveis", colocou-o de lado e prestou atenção.

Ela ergueu uma mão. "Vampiros." Ergueu a outra. "Demônios." Fez malabarismo. "Possessão demoníaca."

— Sim. Está certo — disse Giles. Parecia orgulhoso de Buffy. Angel conhecia esse sentimento. Seu único orgulho inabalável era Buffy.

Buffy fez uma careta e novos malabarismos.

— Mas possessão vampírica? Oh, Giles, eu não sei.

— De que outro modo se pode explicar o que vimos? — perguntou Giles. Ele olhou para Angel procurando apoio. Angel deu de ombros. Estava tão perplexo quanto Buffy.

— Nada disso parece familiar para mim — teve de admitir, virando as páginas do livro como se as respostas estivessem ali. — Nunca deparei com nada assim. Pelo que sei, os vampiros não podem possuir os vivos.

— Entretanto — meditou Giles —, pode-se dizer que o vampirismo é uma forma de possessão demoníaca. Os vampiros são basicamente cadáveres humanos sem alma com um demônio residindo neles. — Teve a graça de limpar a garganta e dizer. — Exceto pela companhia aqui presente.

— Vou concordar com isso — agradeceu Angel. — Mas os demônios que habitam os vampiros não podem pular de um corpo para o outro, nem influenciar pessoas como outros demônios podem. Houve aquele vaso sanguíneo com o Mestre, mas era apenas um meio indireto para ele se alimentar.

— Bem, desculpe não ter prestado mais atenção nas suas preocupações com Willow — Giles disse à Buffy. — Claramente, algo muito sério está acontecendo com ela e...

Buffy o interrompeu com desconforto:

— Não sei o que vi. Achei que parecia com Willow, talvez tenha me enganado. Foi só um instante.

Talvez tenha achado que a vi porque ando muito preocupada com ela — olhou para o telefone. — Eu gostaria de ligar para ver se está tudo bem, mas a mãe dela a mataria. E então a minha me mataria.

— Foi um dia muito difícil... e noite também, para todos nós. Talvez seja melhor esperarmos até de manhã — concordou Giles. — Tenho certeza de que Willow estará na escola, e tudo será esclarecido — seu meio sorriso trazia apenas meio conforto.

— Venha, vou levá-la para casa — disse Angel, pegando Buffy pela mão.

— Tudo bem — concordou, com um sorriso rápido e ardente que às vezes o levava direto para a parte mais importante.

Do lado de fora da escola, Angel pegou Buffy em seus braços e deu-lhe um beijo longo e forte. Não dava para acreditar que, de todas as garotas mortais que havia no mundo, ele havia se apaixonado justamente pela Caça-Vampiros. E saber que ela o amava também tornava sua solitária e esquisita existência um pouco mais suportável. Ele era um estranho entre os vampiros, mesmo assim era um deles, e às vezes seu amor era tudo que o sustentava. Isso e seu voto de livrar a terra de seus irmãos, as criaturas abomináveis da noite.

Sorriu para Buffy enquanto ela o fitava com seus enormes olhos azuis. Ela não fazia idéia de quais pensamentos obscuros percorriam sua mente.

Ela murmurou:

— Angel, estou tão confusa.

— Por quê? — passou os dedos nos cabelos dela.

— É só que... — ela deu de ombros e encostou a cabeça no peito dele. — Bem, como aconteceu com a Willow. Ela tem agido como uma pessoa... uma pessoa ruim, malvada, e tão irritada e tudo mais. Então fomos atacados por vampiros e eu decido vê-la com eles.

— Talvez tenha visto mesmo.

— Não. No meu coração, sei que Willow não está possuída. Está apenas assustada. Não dá nem para acreditar que eu tenha pensado algo assim. Mas, então, é como minha mãe e eu.

— Ela acha que você está possuída? — perguntou Angel, perplexo. Ele suspeitava que já sabia o que estava por vir.

Buffy não o desapontou.

— Parece que minha mãe está sempre dizendo: "Buffy, você não é desse jeito". Sempre que faço alguma coisa que a decepciona. Mas não era eu, eu não teria feito aquilo. Não poderia ter feito aquilo. — Ela tombou a cabeça para trás e olhou para ele. — Você sabe o que quero dizer?

Ele desfez o sorriso para que ela não pensasse que estava rindo dela, mas seu coração era todo para ela. Não havia nada que ele pudesse fazer para poupá-la de crescer.

— Acho que sim — respondeu.

— Veja só o Xander e a Cordelia — continuou ela. — Vamos falar em possessão. Eles não conseguem nem explicar por que fazem o que fazem — ela deu de ombros. — Quero dizer, é tão estranho.

Ele concordou com a cabeça, rindo. Xander e Cordelia o tinham surpreendido também. Mas quando pensou a respeito, achou que a

chama sempre esteve ali. A maneira como se provocavam, jogando farpas um no outro. Cabeça quente e passionais, os dois.

Sim, fazia sentido.

— Era muito mais fácil quando eu tinha a sua idade — disse Angel. — Quando uma pessoa fazia algo inesperado, dizíamos que estava possuída e ponto final — ele sacudiu os ombros. — Na verdade, não era esse o ponto final. Geralmente a queimávamos num poste ou a enforcávamos. Ou, num bom dia, a internávamos num sanatório — ele ergueu o queixo dela. — Uma garota de temperamento forte como você seria tachada de bruxa. Nós, definitivamente, queimaríamos você.

— "Cmon, baby, light my fire" — ela cantarolou, mas deu para perceber que ele a tinha deixado nervosa.

Angel sabia que às vezes ela esquecia quantos anos ele tinha — 242 contra seus 17. Era fácil esquecer porque, quando ele foi transformado em criatura da noite, tinha quase a idade dela. As décadas não envelheceram sua aparência física em nada.

Algumas das mulheres mortais que ele conheceu através dos anos consideraram isso uma bênção... e imploraram a ele para que as transformasse quando estavam no auge da beleza. Ele não realizou seus desejos, e depois sua alma lhe foi restaurada. Ninguém poderia ter avaliado a maldição que cairia sobre seus ombros caso ele tivesse feito tal coisa.

— Sua mãe vê o melhor que existe em você — disse Angel ao contornar as maçãs do rosto de Buffy. Ela também era linda, mas, como muitas mulheres verdadeiramente deslumbrantes, não via isso. — Seu rosto é o espelho do amor dela por você. Quando ela olha para você e vê algo errado, parte dela se culpa por ter falhado com você de alguma forma.

Ele pegou o queixo dela e ergueu seu rosto.

— É por isso que é tão dura com você, Buffy. Porque ela a ama demais.

— Sou o espelho dela? — indagou Buffy. E pensou melhor. — Um espelho quebrado — resmungou.

— Não, límpido como cristal — disse Angel. — Puro. Ela sacudiu a cabeça.

— Eu não.

— Sim. Você.

— Mas e quanto a você, Angel? — ela estava mudando de assunto, e ele deixou. — Você não tem reflexo.

— Quando olho para você eu tenho.

Ele a beijou, um beijo rápido a princípio, então com mais paixão. Ela retribuiu, e ele a abraçou com força. Com todo o coração, queria ser o que Buffy quisesse que ele fosse. Queria ser exatamente o que ela precisava. Mas era um vampiro, meio demônio, com uma alma humana lutando contra a escuridão em cada momento de cada dia.

E ele se culpava completamente pelas várias vezes que a decepcionou no passado. Se houvesse alguma maneira de desfazer o que tinha feito...

— Angel — sussurrou Buffy. — Eu te amo.

— Também te amo, Buffy.

— Eu quero... — ela começou, mas ele parou sua voz com um dedo sobre os lábios dela.

— Agora me deixe levá-la para casa — disse gentilmente.

Caminharam abraçados, como uma garota e um rapaz voltando para casa depois de um encontro.

No quarto de Willow, Chirayaju se aprontava para ir deitar e ouvia o pulsar lento do coração do garoto nos arbustos lá fora. O jovem provavelmente já estaria morto ao amanhecer. Se não, Chirayaju sabia que teria nova chance. Xander. Ele se importava com a Willow Chorosa e isso seria sua morte.

O mago-vampiro deslizou até a janela alta e olhou para fora. Na escuridão, dava para ver as silhuetas dos seus serviçais, os vários vampiros que ele havia pressionado a servi-lo, bem como aqueles que tinha transformado. Os que já tinham caçado e estavam saciados naquela noite se reuniam perto da casa de Willow Chorosa, onde o mestre residia, para prestar homenagem até que o amanhecer os obrigasse a buscar abrigo.

Chirayaju tinha iniciado a construção de seu exército. Uma pequena força, é verdade, mas que crescia a cada noite. Ou assim seria se não fosse pela maldita Caça-Vampiros. Conforme Chirayaju ganhava forças, precisava de mais tempo para reunir suas tropas, não como no passado, quando podia comandar vilas inteiras a se unir numa só. Mas, quando possuísse força total, nem mesmo a Caça-Vampiros poderia impedi-lo de construir um regimento de mortos grande o suficiente para escravizar todas as terras tocadas pela luz da lua.

Uma brisa fria assobiava pela janela aberta. Ele pensou nas cerejeiras que floresciam nas montanhas do Japão e nas lindas árvores

que floresciam no jardim de Sunnydale. Mesmo agora podia ver seus fantasmas tremendo, lembrando a paz de quando se sentou entre eles, arrancando da terra um bonsai ressecado para dar início ao santuário no quarto da garota. A mãe de Willow bateu à porta. Chirayaju respondeu:

— Sim?

— Querida, estou... você está bem?

— Estou bem — retrucou Chirayaju. — Só estou cansada.

Houve uma pausa.

— Você está tão diferente.

Chirayaju passou pelo espelho na parede e se olhou. Por pura força de vontade, as feições da garota se embaçaram e as dele flutuaram por cima como uma máscara transparente de um verde brilhante. Ele deu risada da fúria que pôde enxergar ali. O espírito in-conquistável. A vitalidade e a força de propósito.

— Estou como sempre, mãe — respondeu Chirayaju. — Quem mais eu poderia ser?

A mãe de Willow deu uma risada breve e sem-graça.

— Acho que esta é a questão que a maioria dos pais de adolescentes se perguntam.

Ela abriu a porta, entrou e sentou-se na cama de Willow.

— Você era tão doce e pequena quando nasceu — disse saudosa.

— Fiquei segurando-a por horas, olhando para você. Não dava para acreditar como era perfeita. Suas mãos e pés. Cada dedinho.

A mulher pegou um travesseiro e segurou contra o peito.

— A primeira vez que você teve uma explosão de raiva, fiquei chocada. Minha garotinha perfeita! Mas também tive orgulho de você. Você estava se tornando independente.

Ela puxou o canto do travesseiro.

— Assim que uma criança nasce, ela passa os dias aprendendo como deixar os cuidados dos pais. Primeiro rola para longe, então engatinha para longe, depois caminha para longe.

Ela suspirou.

— Mas tenho a esperança de que, no final, quando estiver completamente crescida, você vai voltar. Claro que não como minha bebezinha — sorriu. — Mas talvez como minha amiga.

Chirayaju encarou-a. Não dava para acreditar na sua fraqueza absoluta. Nem que honestamente acreditasse que os pais, que deveriam ser idolatrados e adorados como um deus, pudessem ser vistos com tamanho desrespeito a ponto de ser tratados como amigos.

Quando conquistasse esta terra, garantiria que tal pensamento fosse banido.

Até mesmo pelos mortos.

Ele sorriu.

— Também espero isso, mãe — disse.

Ela estava viva só porque, ao entrarem na casa, ele percebeu que, se a matasse, haveria investigação. Por ela ser adulta, haveria muitas perguntas. As autoridades já investigavam algumas das mortes que ele tinha causado — o homem santo, a senhora assassinada por seus servos. Mas o garoto nos arbustos era apenas um garoto, e as crianças morriam de maneiras trágicas e inexplicáveis, mesmo nos tempos modernos.

Na verdade, especialmente nestes tempos modernos de balas perdidas e violência incrível. E especialmente neste lugar, na Boca do Inferno, onde o mal brotava e crescia.

Então era seguro matar o garoto. Ele era descartável. E desnecessário para os avanços de suas ambições.

A mãe de Willow veio em sua direção e beijou com doçura a bochecha da filha. Ele sentia muita pena de não poder matá-la. Cada vez que Willow Chorosa ouvia a voz dela, lutava para recuperar a posse de seu ser. Chirayaju achava que suas lutas eram uma distração e um pouco cansativas.

Com o tempo, ele a destruiria e ela não lutaria mais.

Do lado de fora, o coração do garoto diminuía ainda mais.

Em breve, muito breve, suas lutas também terminariam.

Capítulo 10

— Espelho, espelho meu — disse Buffy para si mesma ao dar uma olhada no seu visual no banheiro das meninas.

À sua volta, as garotas se espremiavam e conversavam sobre rapazes e roupas. Os aspectos agradáveis da adolescência. E os não tão agradáveis: lição de casa e brigas com os pais.

Ela não podia realmente se relacionar com as coisas agradáveis. Já as outras, infelizmente, ela conhecia bem até demais: ontem à noite sua mãe tinha dado uma olhada em sua última conquista de notas vermelhas. E quando disse, "Buffy, isso vai ser sempre assim?", ela tentou se lembrar do adorável discurso de Angel sobre como era o espelho e como sua mãe amava aquele espelho, mas só pôde sentir como se estivesse sendo condenada a sete anos de trabalhos forçados.

Algumas garotas cumprimentaram Buffy, mas nenhuma saiu correndo para pegar o autógrafo dela nem ouvir o que ela tinha a dizer sobre o *Dawson's Creek*. Ela não tinha nenhuma outra amiga de verdade que não fosse a Willow. Sentia falta de Willow — a sua versão da Willow, não a atualizada, Will versão 6.66 — mais do que nunca.

Na verdade, ela sentia falta de como as coisas rolaram quando ela chegou a Sunnydale — o trio básico com ela, Willow e Xander: os Três Mosqueteiros, um por todos e todos por um. Agora Willow e Oz ficavam juntos, e, Xander e Cordy ficavam fazendo seja lá que nome davam àquilo. A amizade tinha mudado e, com isso, suas vidas também.

Por outro lado, ela tinha Angel. Como se isso não fosse estranho o suficiente.

Mas como ela era a Caça-Vampiros, os relacionamentos tinham de ficar de lado. A prioridade máxima era descobrir quem era o novo vampiro-chefe na cidade. Até agora não tinha conseguido nada além de ser perseguida pela idéia de que a figura saltitante que tinha visto no cemitério, na noite anterior, era Willow.

Ela abriu caminho até sair do banheiro e estava prestes a ter uma conversa pós-café da manhã e pré-primeira aula com Giles quando Cordelia veio correndo em sua direção com o celular na mão. Buffy ergueu as sobrancelhas e esperou pela bomba que Cordy estava prestes a detonar. Provavelmente um rasgo na meia-calça de Buffy, ou o fato

de que o cabelo dela estava "torto", como Willow diria. Era verdade: um péssimo dia para o cabelo tinha caído sobre a Caça-Vampiros. A revelação de Cordelia não seria novidade. Cordelia parou bem perto, olhou para a esquerda, direita, deve ter decidido que nenhuma das Cordettes poderiam testemunhar sua conversa com um dos intocáveis e correu até Buffy.

— Buffy — disse, respirando fundo — Xander não veio à escola hoje. Nem a Willow.

— Ah-ha — disse Buffy lentamente — E você está pensando em quê? Que Xander e Willow fugiram para viver um caso em Las Vegas?

— Srta. Caça-Vampiros, estou pensando que deixei Xander na casa da Willow ontem à noite porque ele estava todo preocupado com ela e agora os dois sumiram.

Buffy considerou.

— Dado o fato de que vivemos sobre a Boca do Inferno, e que Willow tem andado muito esquisita...

— E que Xander e eu estamos, ah, nos encontrando para tomar café todo dia e ele teria ligado se fosse perder... o café — insistiu Cordelia.

— Você já pensou que talvez ele esteja bravo com você e simplesmente deu o fora? — sugeriu Buffy.

Cordelia revirou os olhos.

— Confie em mim. Xander não perderia nosso... café da manhã... se fosse por escolha própria — bufou. — Qual é, Buffy, é de *mim* que estamos falando. Quero dizer, sei que devo ter feito alguma coisa terrível em uma vida passada para ser tão completamente incapaz de controlar essas atrações, mas Xander... Xander deve achar que ganhou na loteria. Ele não sumiria assim.

Por mais difícil que fosse para Buffy admitir, ela entendeu o ponto de vista de Cordelia. Afinal, Xander era homem.

— O que ele disse quando você ligou para ele? — Buffy perguntou, olhando para o celular da Cordelia.

Cordelia parecia ter levado um tiro.

— Quando *eu* liguei para *ele*? Buffy, dá licença, eu não ligo para os caras. Eles ligam para mim.

— Exceto se estiverem mortos — disse Buffy, deixando sua irritação transparecer.

— Ooh — Cordelia abriu o celular, acessou a memória e ligou correndo para o Xander. — Eu estava trocando meu horário na

manicure, sabe — disse para Buffy, então piscou e acenou para ela. — Alô, sra. Harris? — perguntou com doçura. — É a Cordelia. O

quê? Cordelia *Chase!* O Xander deve ter contado para a senhora... Posso *falar* com o Xander? O *quê?* — ela parecia perplexa. — A polícia?

— Oh, meu Deus — sussurrou Buffy. — O quê? O quê?

— Certo. Sim, claro. Sim, claro que faço. Pode deixar. Tchau.

Cordelia' fechou o telefone e agarrou o braço de Buffy. Agarrou com uma força surpreendente.

— Buffy, Xander não voltou para casa ontem — seus olhos realmente se encheram de lágrimas. — A família acha que ele deve ter sido seqüestrado ou assassinado ou sei lá, sabe, com todas essas pessoas desaparecidas ultimamente — ela apertou os dedos contra as pálpebras e engoliu um soluço. — E se estiver morto, a última coisa que disse a ele foi para parar de gemer.

Buffy prestou atenção nisso, mas seguiu em frente.

— E quanto a Willow? Ligue para a casa dela também — agora Buffy se arrependia de não ter ligado ontem à noite, mesmo sendo tão tarde.

Cordelia estendeu-lhe o telefone.

— Ligue você. Eu não sei o número dela.

Buffy ligou. Esperou. Ninguém atendeu. Apertou o redial, caso alguém na casa dos Rosenberg estivesse usando a espera de chamada. Mesmo assim ninguém atendeu, nem mesmo a secretária eletrônica. Ela trocou olhares assustados com Cordelia.

— Giles — disseram em uníssono. Correram até a biblioteca.

— Vamos pedir a ele que nos dê cobertura — disse Buffy — Podemos passar o dia todo fora da escola sem sofrer qualquer advertência. Ele tem todas as saídas impressionantes que eles nunca contam para os alunos, Cordelia. Tipo uma licença de trabalho ou coisa assim.

— Sempre soube que este lugar era apenas uma prisão bem disfarçada — murmurou Cordelia. Ela escorregou no assoalho. — Claro que eu tinha que estar usando salto alto hoje.

Ombro a ombro, Buffy e Cordelia abriram a porta dupla para encontrar Giles conversando muito seriamente com Oz e entregando-lhe uma grande sacola de lona, que tiniu quando Oz a pegou. Os dois rapazes ficaram assustados e, então, relaxaram.

— Olá, meninas — disse Oz. — Só estou pegando o novo e melhorado sistema de contenção de Oz-lobo — ele apontou na direção da lua. — Está naquela época do mês.

— Oh — Buffy assentiu com a cabeça. — Época do lobisomem. Entendi. Hum.

Recentemente, Oz tinha descoberto que, graças a um beliscão que recebeu do primo Jordy, ele virava um lobisomem durante três noites de cada mês. Willow entendeu isso, o que foi muito legal. Na verdade, toda a Gangue do Scooby entendeu. Não era culpa dele e ele nunca machucou ninguém.

Oz olhou para Buffy.

— Você está bem? Está tudo bem?

— Claro — sorriu e cutucou Cordelia, que acendeu como uma árvore de Natal.

— Tudo está superdemais — garantiu-lhe Cordelia.

— Espero que Willow sare logo desse vírus no estômago — disse, e começou a ir embora.

— Espere — interrompeu-o Buffy, agarrando-o pelo braço e logo soltando para limpar sua garganta. — Você falou com ela?

— Recebi um e-mail. Até mais. *Clank, clank, clank*, ele saiu pela porta.

— Se ela está mandando e-mails, talvez esteja bem — disse Cordelia, ao mesmo tempo que Buffy correu até Giles e disse:

— Você precisa nos dar cobertura. Xander e Willow estão desaparecidos.

— Sim, sim, claro — começou ele, com expressão preocupada no rosto —, mas o que...

— Eu vou dirigir — afirmou Cordelia. — Sou a escolha mais óbvia.

— Já que você tem o carro, a carteira de motorista e sabe, sabe como... vou aceitar isso — consentiu Buffy. — Pit stop no meu armário para pegar as coisas de caça aos vampiros.

Elas viraram e foram embora. Atrás delas, Giles chamava:

— Sim, tudo bem. Mas o que está acontecendo?

— Por favor, não me mate — murmurou Buffy ao virarem a esquina em direção à casa de Willow.

— Você fala igualzinho ao Xander — disse Cordelia. — Só que eu entendo isso vindo dele. Ele viveu em Sunnydale a vida inteira. Lar dos cinco, já contei, cinco grandes cruzamentos de trânsito. Mas você viveu em L.A.

— Acho que só estou nervosa — disse Buffy. — E mais consciente de que é possível morrer jovem.

— Aqui vamos nós.

Cordelia pisou no freio fazendo com que Buffy, mesmo tendo sido avisada, rolasse para a frente como em um Boeing 747 durante a descida. Cordelia suspirou, irritada, mas saiu do carro e rebolou até a calçada em cima de seus saltos altos.

Buffy, com botas até o joelho, encontrou-a lá, então impediu Cordelia de subir na varanda.

— Não sabemos quem ou o que está lá dentro — sussurrou. — Ninguém atendeu o telefone.

— Oh, certo — Cordelia arregalou os olhos, excitada e assustada ao mesmo tempo.

— Vamos dar uma olhada em volta primeiro — disse Buffy em voz baixa. — Eu vou pela esquerda e você...

— Eu vou pela esquerda também — disse Cordelia com firmeza.

— Tudo bem. Fique atrás de mim.

Buffy pegou a sacola de caça-vampiros, garantindo que tivesse tanto uma estaca como uma cruz bem à mão. Claro que estavam no meio do dia, mas nunca se sabe o que se vai encontrar em Sunnydale. Ela vasculhou o gramado, enquanto andavam sobre a grama na ponta dos pés, e não viu nada que pudesse causar alarde.

Chegaram a um aglomerado de arbustos. Buffy abriu as folhagens mais próximas. Nada. Foi até o próximo arbusto e deu uma olhada em volta.

Do outro lado do arbusto estava Xander, rosto cheio de hematomas e sangue pisado, tão imóvel e branco quanto a morte.

— Oh, meu Deus! — esganiçou Cordelia.

A porta da frente se abriu e Buffy virou-se, estaca na mão, pronta para lutar.

Em vez disso, viu a mãe de Willow em seu roupão de chenile, olhos vidrados como se não tivesse dormido nada.

— Buffy, qual o problema? — gritou.

— Sra. Rosenberg, ligue para 911. É o Xander.

— Ele está morto — lamentou Cordelia, jogando-se sobre a forma imóvel de Xander — Oh, meu Deus!

A sra. Rosenberg queria ir na direção de Xander, mas Buffy a segurou com firmeza pelo braço e a levou para a cozinha. Ela tirou o telefone sem fio da base e discou 911.

— Onde está Willow? — ela perguntou.

— Ela saiu — disse a sra. Rosenberg com ansiedade — Eu estava rezando e esperando por uma ligação, mas...

— Liguei para cá há cerca de meia hora — disse Buffy.

— Emergência — respondeu a telefonista.

— Houve um acidente — anunciou Buffy. — Por favor, mande uma ambulância — entregou o telefone para a mãe de Willow para que ela desse os detalhes do endereço. Buffy estava tão atordoada que não conseguia lembrar nem o número do telefone de Willow.

Então foi até o fim do corredor e entrou no quarto da amiga, enquanto a sra. Rosenberg saía para ver como Xander estava.

Como a sra. Rosenberg havia dito, o quarto estava vazio. A cama desfeita e os bichinhos de pelúcia amontoados no chão. Amontoados, revirados e sem cabeça, pelo que Buffy pôde perceber ao se inclinar e examinar um deles, um pequeno unicórnio branco. Um lápis foi enfiado no peito dele.

O cabelo dela ficou em pé, o rosto quente. "Willow, o que aconteceu com você?", perguntou silenciosamente.

Então o computador anunciou: "Você tem 1 mensagem". Buffy ficou de pé e foi até lá. Clicou na caixa de mensagens de Willow. Era do Oz.

"Espero que fique melhor logo. Beba bastante líquido e tome muita vitamina C", ele tinha escrito. "P.S. Te a... adoro!" Então eles ainda estavam na fase mais inocente, não tinham passado para um compromisso mais sério, a começar pela hesitante frase "Te a... adoro!" Logo chegaria no "Te amo!"

Ao lado do computador havia um pequeno arbusto seco. Buffy pegou-o e examinou. Parecia vagamente familiar, mas não dava para lembrar onde tinha visto algo assim antes.

E uma moeda estrangeira. Não, era o disco que Willow tinha acidentalmente deixado cair da grande espada japonesa que estava na parede. Também havia um origami, uma dobradura japonesa verde em forma de flor. Buffy olhou por um tempo. Com o coração batendo forte, abriu o papel.

Uma sirene soou lá fora. Luzes vermelhas e azuis dançavam pela veneziana na janela. A ambulância tinha chegado.

Buffy colocou o disco e a árvore na sacola. Enquanto saía do quarto, abriu o bilhete, que dizia: "Sinto muito".

— Os paramédicos estão aqui — chamou a sra. Rosenberg. — Eles querem falar com você, Buffy.

Sem dizer nada, ela assentiu com a cabeça e jogou o bilhete na bolsa também. Ela mostraria tudo para Giles.

Voltando pelo corredor, ela tropeçou e caiu contra a parede. Ela tremia da cabeça aos pés, apavorada por seus amigos. Lágrimas corriam pelo seu rosto. Se ela os perdesse, se perdesse qualquer um deles por causa de quem ou o que era, nunca se perdoaria. Nunca.

"Esse é o fardo que Angel carrega", percebeu imediatamente. Ele não tinha apenas perdido seus entes queridos, ele próprio os tinha matado e tudo com música em seu coração, como havia contado.

Seu coração partiu em pedaços pela pena que sentia dele além das palavras.

Então correu até a ambulância, seguindo a maça de Xander. Ele estava preso ao colchão. Sangue e outros líquidos pingavam em seu braço direito e havia uma máscara de oxigênio cobrindo seu rosto.

— Eu vou junto — insistiu Cordelia, enfiando-se na ambulância.

— Eu também — disse Buffy.

Cordy suspirou.

— Certo, não vou deixar meu carro aqui, então vou dirigindo.

O passeio no carro da Cordelia desta vez foi significativamente diferente. Não que Cordelia tivesse sido mais cuidadosa ou habilidosa do que antes, mas Buffy não disse nada. Ela estava preocupada e com medo. Medo de que Xander morresse, embora agora parecesse que ficaria bem com uma transfusão e alguns dias de descanso na cama. Medo de que Willow já estivesse morta. Tudo isso porque ela não tinha se concentrado em encontrar o vampiro que estava organizando uma nova onda de terror que varria Sunnydale.

E agora parecia se concentrar em Buffy e seus amigos.

Mas havia outro medo se instalando dentro de Buffy. Um que ela queria muito afastar, ignorar. Em vez disso, o medo começou a sufocá-la com sua lógica. Medo de ter *realmente* visto Willow na noite anterior, no cemitério, silhueta iluminada pela lua. E agora Willow tinha sumido, e o bilhete que havia deixado era um pedido de desculpa. Pelo quê? Buffy pensou que sabia, e suas suspeitas a deixaram com tontura e medo.

Possessão vampírica. Isso parecera apenas uma teoria na noite anterior, mas agora era uma das possibilidades mais aterrorizantes que ela já teve de enfrentar.

Apesar dos avanços tecnológicos que deixariam os futuristas como H.G. Wells e George Orwell assombrados, a comunidade científica do

mundo não tinha sido capaz de criar uma linha telefônica internacional que não tivesse aquele som metálico e eco que Giles achava tão irritante. Foram necessárias várias ligações para finalmente encontrar o número que estava procurando e, quando finalmente conseguiu, hesitava em usá-lo.

Em Sunnysdale era quase meio-dia, mas em Tóquio, Japão, não passava das cinco horas da manhã. Ele não apreciava a idéia de acordar um senhor de 73 anos antes do amanhecer. Mas, enfim, não havia escolha e muito menos tempo para pensar em etiqueta social.

Depois de discar o número, Giles ficou feliz por ouvi-lo tocando claramente do outro lado. Metálico e eco, sim, mas pelo menos sem aquele eco horrível que às vezes acompanha as ligações internacionais e quase impossibilita a conversa.

Houve um clique, o som do telefone sendo atendido do outro lado.

— *Mushimushi?*

— *Ohayo gozaimasu* — disse Giles, no pouco japonês que aprendera para fazer esta ligação. — *America kara, Giles desu...*

— Ah, o estimado Professor Giles — o homem respondeu num inglês perfeito. — Aqui é Kobo. É uma honra falar com o senhor. Seu japonês é excelente, mas se me fizer a gentileza, gostaria de aproveitar a oportunidade para praticar meu inglês.

Giles sorriu para si mesmo, apesar da gravidade da situação. Ele nunca tinha conversado com Kobo antes, mas o conhecia por sua reputação. E sua reação preencheu completamente as expectativas de Giles, já que o pouco japonês que havia aprendido era horrível. Kobo tinha se oferecido para falar em inglês não porque quisesse praticar — obviamente era muito fluente —, mas porque queria poupar Giles do embaraço de falar o japonês tão mal.

A cultura japonesa era tão completamente diferente da cultura americana — ou qualquer cultura ocidental por assim dizer, incluindo sua própria — que às vezes era difícil para Giles lembrar o quão diferente era. Os japoneses nunca abordariam diretamente um assunto se pudessem seguir por uma via tortuosa. E, certamente, nunca envergonhariam alguém nem permitiriam que se envergonhassem sozinhos, por medo de humilhar-se ou ficar de cara no chão, como diziam.

Kobo era um homem que seguia a tradição. Giles teria de ir com cuidado para não ofendê-lo. Ele sentia que possuía certa vantagem no fato de ser britânico, por ser mais reservado que os americanos, e,

esperava, menos precipitado e impaciente. Pelo menos, era assim quando chegou a Sunnydale.

Mas quando se passa a maior parte do tempo na companhia de americanos, e ainda californianos, e para completar, adolescentes do sul da Califórnia, não dava para garantir que seus reflexos culturais estivessem intactos. Afinal, mesmo o jovem e sarcástico Xander já tinha se referido a ele como "um cara da hora". E só com uma certa dose de ironia...

— Obrigado, *sensei* — ele disse, usando a palavra japonesa para "professor", o maior título de honra que havia nesse idioma sem envolver prostrar-se diante dos deuses e da imperatriz. Ademais, era um título adequado: Kobo era professor na Universidade de Tóquio.

— Por favor, perdoe-me por telefonar em hora tão imprópria, mas estou no meio de um assunto urgente e espero que o senhor possa iluminar certas áreas em que meus próprios registros e pesquisa não puderam chegar.

Houve silêncio por vários instantes do outro lado da linha. Se não fosse pelos estalos e assobios da linha aberta, Giles teria pensado que tinha perdido a conexão. Quando o Grande Professor falou, finalmente, suas palavras vieram como uma grande surpresa.

— Eu conheci sua avó — disse o velho japonês.

— Minha...

— Ela foi a maior Sentinela que já conheci — continuou *Kobo-sensei*.

— Muito gentil de sua parte — disse Giles, levemente atordoado.

— Ela falou muito bem do senhor também, *sensei*. Na verdade, freqüentemente dizia que tudo que sabia tinha aprendido com o senhor.

— Ah, não, ela que era a mestra, Professor Giles. Sua avó já era Sentinela quando a conheci — respondeu Kobo. — Ficarei honrado de oferecer-lhe minha humilde assistência, se eu puder.

Giles ajustou os óculos e apoiou-se sobre o cotovelo ao gesticular para a pilha de livros sobre a mesa, apesar de saber que o homem não podia vê-lo.

— Bem, para ser honesto, tive pouco tempo até mesmo para começar minha própria pesquisa sobre o assunto em questão. No momento, ainda estou tentando montar uma hipótese como ponto de partida.

Giles contou ao Sentinela aposentado tudo o que tinha acontecido em Sunnydale até o momento, incluindo o comportamento dos

vampiros que vinham perseguindo Buffy, os eventos no museu e os desaparecimentos de Willow, e agora, de Xander. Como não tinha notícias de Buffy desde que ela e Cordelia haviam saído, teve de assumir que algo estava acontecendo. Dada sua condição de Caça-Vampiros e a posição geográfica sobre a Boca do Inferno, era uma suposição segura.

— Se o senhor souber qualquer coisa sobre a divindade Sanno, poderia ser muito útil — mencionou Giles. — Contudo, estou um pouco confuso, já que não encontrei nenhuma referência a vampiros no lendário japonês.

— Desculpe-me, por favor, *Giles-sensei*. Embora acredite que sua pesquisa tenha sido exaustiva, só posso acreditar que os textos que consultou, infelizmente, estavam incompletos. A verdade é que houve poucos, talvez alguns vampiros *japoneses* no lendário japonês — informou o velho senhor, a voz trepidando do outro lado da linha. — Nas nossas histórias, os vampiros geralmente eram caracterizados como chineses, devido à rivalidade histórica entre as duas nações.

— Entendo — disse Giles com cuidado, sem querer forçar o professor a reavivar qualquer passado doloroso de seu país.

— Na verdade, a maioria deles provavelmente *foi* chinesa na Antigüidade. A China era uma nação mais avançada, onde era mais provável que se descobrissem e efetivamente caçassem os mortos-vivos. O Japão deve ter parecido um território fértil naquela época.

— Um ponto de vista excelente — permitiu Giles.

— É uma honra — o senhor limpou a garganta. — Quanto a Sanno, se for o Rei da Montanha das lendas com que estou familiarizado, conheço-o como *Oyamagui no kami*. Tenho certeza de que tem outros nomes. Trata-se de uma lenda antiga, que não foi repetida com frequência. Embora eu me recorde...

Kobo fez uma pausa por um momento antes de continuar. -

— Desculpe-me, por favor, mas a coleção dos Diários dos Sentinelas está disponível para você, Professor Giles?

— Sim, claro — ele seria terrivelmente negligente como Sentinela da Buffy se não tivesse a coleção toda.

— Que sorte feliz. Você se recorda de Claire Silver?

Giles vasculhou a memória por vários segundos antes que pudesse se lembrar.

— Já examinei seu diário — disse —, mas a última vez que fiz isso profundamente foi anos atrás.

Silêncio novamente do outro lado da linha. Giles pensou novamente nas tradições japonesas de honra, e perguntou a si mesmo se, apesar dos elogios, Kobo não estaria silenciosamente reprovando sua falta de conhecimento sobre o assunto. Dos Sentinela ainda vivos, *Kobo-sensei* era um dos mais respeitados. A idéia de que o homem pudesse menosprezar a atuação de Giles como Sentinela não tinha realmente passado por sua cabeça até agora, pressionado como estava para ajudar Buffy, e agora que tinha feito, o tom na voz do outro homem não deixava dúvidas, não importa o quanto tentasse esconder o sentimento por trás da educação.

— Respeitosamente sugiro, *Giles-sensei*, que um homem de suas conquistas acadêmicas acharia o diário de Claire Silver bastante instrutivo — disse o velho homem. — Recordo-me de uma discussão sobre o Rei da Montanha lá. Mas a última vez que o li foi há muito tempo, quando ainda tinha uma Caça-Vampiros para cuidar. Portanto, já deixei a história fugir da minha memória.

"Pronto!", pensou Giles. Era uma alfinetada. Uma prova de que o próprio Giles tem relaxado em suas responsabilidades não guardando em sua memória todo o conteúdo dos Diários dos Sentinelas. Ele o ignorou. As informações que pedia eram mais importantes do que não deixar sua cara cair no chão.

— Mas Claire Silver foi uma Sentinela na Inglaterra no século XIX — reagiu Giles. — O que isso tem a ver com o Japão antigo?

— Infelizmente, contei-lhe tudo o que me lembro, sr. Giles — afirmou Kobo. — Receio que tenha desperdiçado seu precioso tempo.

Giles fez uma pausa antes de responder. O velho Sentinela tinha admitido que não sabia tudo. Mas se Giles não defendesse o homem, mesmo para si mesmo, isso seria um insulto direto. Talvez Kobo o tivesse insultado, mas tinha feito isso de maneira indireta. Mesmo que fosse apenas para manter as aparências, ou pela memória de sua avó, Giles faria o que se esperava dele.

— Oh, não, *sensei* — insistiu Giles. — O senhor me ajudou muito. Sua sabedoria e experiência são incomparáveis, e foi uma honra receber seu auxílio. Obrigado. Tenho certeza de que esta conversa será de grande ajuda. Pode até mesmo salvar a vida da atual Escolhida, bem como de vários de seus amigos.

Dessa vez, Giles realmente ouviu o suspiro de Kobo.

— Giles-sensei — disse lentamente o velho Sentinela, como se estivesse relutante em falar. Seu tom amigável era claramente forçado agora. — Devo aplaudir sua dedicação à Escolhida, porque é claro que

já ouvi falar dela. Ah, embora seja muito incomum que um Sentinela coloque a satisfação da Caça-Vampiros, até mesmo seu bem-estar, e especialmente o bem-estar de seus *amigos*, acima da missão da Escolhida. Poucas caça-vampiros chegaram a *ter* amigos. Você a honra com sua lealdade às suas várias necessidades, até mesmo àquelas que podem parecer frívolas para um velho japonês.

Giles congelou, encarou o telefone como se ele fosse o objeto ofensivo, como se ele o tivesse insultado.

— Peço desculpas se tais preocupações não combinam com o que o senhor considera adequado a um Sentinela — retrucou Giles. — E, com todo o respeito, senhor, e como o senhor mesmo apontou, pelo menos a Caça-Vampiros por quem sou responsável ainda está viva.

Ele desligou o telefone mais bravo e confuso do que antes. Por vários minutos pesquisou os volumes dos Diários em busca do diário de Claire Silver, e já estava em ritmo avançado quando a crise surgiu.

O telefone tocou. Ele o fitou antes de atender, imaginando se seria Kobo, pronto para outra partida de vôlei.

— Sim? — exigiu com rispidez.

— Giles, é Buffy. Estamos no hospital. Xander foi... hum, ele está... — ela sussurrou — *Atacado*, se você entende o que quero dizer.

— Estou a caminho — disse, levantando-se da cadeira.

— Vou procurar Willow.

— Não. Espere por mim, Buffy — disse com seriedade

— Mas...

— Espere — ele desligou o telefone e correu para a porta, quase esmagando o diretor Snyder.

— Perdão — disse Giles com pressa. — Preciso ir. Desculpe.

— Sr. Giles? — o diretor Snyder o chamou.

— Desculpe! — gritou Giles de volta.

No hospital, a enfermeira estava tentando encontrar a mãe de Xander em um telefone na mesma hora em que Buffy acabava sua conversa com Giles em outro. A conversa foi breve e corrida e, quando Buffy terminou, sentiu-se ainda pior do que quando estava no carro com Cordy. Mais do que tudo ela queria sair correndo para encontrar Willow, o mais rápido possível. Mas Giles tinha ordenado que ficasse ali.

Buffy era uma garota de temperamento forte — é preciso ser assim quando se é a Caça-Vampiros —, e ela não gostava de receber ordens de ninguém. Mas se Giles estava tão certo disso para ter

coragem de tentar dar-lhe uma ordem, o mínimo que ela podia fazer era obedecer.

Ela entrou no quarto de Xander e encontrou Cordelia afundada e acabada numa cadeira ao lado da cabeceira dele. Ela tinha chorado um pouco quando os médicos vieram e sua maquiagem estava um lixo, mas nenhuma vez perguntou a Buffy se estava bem.

Cordelia apertava a mão de Xander, meio segurando, meio massageando, como se pudesse aquecê-lo de novo e tirar a palidez fantasmagórica de suas bochechas.

Ele tinha perdido muito sangue e havia buracos em seu pescoço.

Será que a Willow tinha feito aquilo? Willow, uma vampira? Buffy se perguntava se teria de...

...teria de...

— Não — disse, trancando os dentes. Ela não podia ter certeza do que faria quando encontrasse Willow.

Mas uma coisa estava certa: seria muito melhor encontrar a amiga antes do pôr-do-sol. Por um momento, no entanto, só podia esperar.

Na hora em que Giles chegou, Buffy estava frenética. Embora perplexo com a visão de Xander, ele resumiu sua conversa com o Sentinela japonês e ela praticamente o empurrou para fora da porta.

— Biblioteca, Giles — implorou ela. — Temos perguntas e queremos respostas.

— Não tenho tanta certeza se deveria ir — argumentou Giles.

Buffy fitou-o, então olhou rapidamente para os outros no quarto. Cordelia estava sentada ao lado de Xander com uma expressão de preocupação. Xander ainda estava inconsciente, embora estivesse se recuperando, de acordo com os médicos. Ele não iria correr os cem metros nas próximas duas semanas, mas estaria em casa tomando chocolate quente e fazendo a mãe ir até a Blockbuster dentro de poucos dias.

Buffy olhou ao redor para ter certeza de que a mãe de Xander — que tinha saído no corredor para conversar com o médico — não tinha voltado, e então olhou para Giles novamente.

— Precisamos saber o que aconteceu com ele — disse Buffy, olhando para Xander. Era óbvio que a tendência protetora de Giles estava se sobrepondo ao seu senso de lógica. Buffy ficou tocada. O inglês era o melhor Sentinela que uma garota poderia querer.

— Seu trabalho não é ficar olhando para o Xander e ter um chlique — insistiu Buffy. — Esse tal Kobo disse onde procurar o

conhecimento, e um bibliotecário tem que fazer o que um bibliotecário tem que fazer.

Giles estava prestes a protestar, quando Cordelia pronunciou seu nome. Sua voz era tão baixa que a princípio ele não a ouviu.

— Giles — repetiu Cordelia, enfaticamente. — Vou ficar aqui. Não vou a lugar nenhum, não agora. Seja lá o que aconteceu, ligarei assim que Xander for capaz de conversar a respeito.

Giles prendeu os lábios.

— Você não acha que seria melhor se...

— Eu posso cuidar disso — disse Cordelia, apenas voltando parte de seu olhar para ele. — Vou descobrir o que aconteceu com Xander. Você volta para a biblioteca para ler o Diário da Claire Sei-Lá-O-Nome-Dela — ela olhou para Buffy satisfeita com sua importância. — Todos nós temos trabalho a fazer, certo, Buffy?

— Essa é minha deixa para começar a caça à Willow — disse Buffy.

— Pegue meu carro — disse Cordelia, generosa.

— Eu não tenho carteira de motorista — respondeu Buffy rapidamente.

— Tá, mas você consegue dirigir se precisar, certo? — perguntou Cordelia.

— Não tenho certeza se isso é o mais indicado — começou Giles, mas Buffy o cortou. Cordelia estava certa.

— Acho que consigo — respondeu Buffy. — Certo, fui.

Então virou e quase saiu correndo do hospital. Já era quase uma hora da tarde. O entardecer já parecia perto demais.

Claro que, em Sunnydale, a noite sempre vinha cedo demais.

Capítulo 11

Ah, essa terra indefesa! Essas pessoas tolas e fracas!

E, melhor de tudo, esses demônios!

Eles se aglomeravam em torno de Chirayaju, ansiosos por um líder. *Oni*, que tinha vindo da China com os fiéis budistas. Os vampíricos *kappa*, criaturas estranhas e escamosas, cujas cabeças em forma de cuia continham água mágica. Quando a água derramava, os *kappa* perdiam seus poderes, mas não o desejo de sangue.

Sangue que Chirayaju encontrava para eles em fontes fecundas.

Ele mesmo não tinha jantado nada tão saboroso como a donzela Gemmyo — embora tivesse provado pelo menos cem humanos desde que havia deixado o Monte Hiei, mas seu novo exército de seguidores lhe garantiria que o imperador, sendo sagrado, seria o melhor de todos.

E assim, com os servos que agora chegavam aos milhares, Chirayaju desceu como um pesadelo sobre a capital dessa Terra do Sol Nascente, chamada por alguns de Heijo e por outros de Nara.

Na floresta, seu exército montou acampamento para avaliar as defesas do palácio do imperador. Guerreiros ferozes guardavam os muros, mas do lado de dentro, a corte do Imperador Kammu se arrastava como gado gordo. Todos obcecados pelo cultivo superficial de arte e cultura e pela veneração monótona ao Lorde Buda. Conventos e mosteiros sujavam as colinas. Uma estátua de Buda da altura de oito homens reverenciava o sol todos os dias. Chirayaju desdenhava, pois considerava Buda um ser fraco que pregava o fim da ambição como a chave para a felicidade.

Enquanto os nobres atrás dos muros do palácio escreviam poemas e discutiam filosofia, pessoas do lado de fora da murada morriam de fome. Os impostos eram altos e as colheitas não vingavam, apesar do solo fértil. Estavam no ponto certo para a insurreição e a rebelião.

Chirayaju via isso com muito prazer.

Ele deixou para trás seus servos amedrontados e caminhou durante várias noites por entre os aldeões famintos, sussurrando em seus ouvidos tudo que poderia lhes dar — tesouros, armas e guerreiros — se apenas o chamassem de mestre. Eles começaram a dar ouvidos ao que Chirayaju dizia. Passaram a acreditar. Logo, esperavam ansiosos por suas visitas noturnas e seus contos de como a vida poderia ser melhor se apenas lhe entregassem o imperador.

Parecia natural que odiassem seu lorde supremo, que era um deus na Terra, e que praticassem os golpes para um combate mortal com suas varas de pescar e forcados. Os aldeões logo começaram a antecipar a batalha com o palácio altamente fortificado, esquecendo que não possuíam nem armaduras nem armas, e inconscientes de que seu general, Chirayaju, o Libertador, havia prometido à sua segunda onda de agressores o sangue dos *aldeões* em troca de lealdade e ajuda.

Essa segunda onda era de *oni* e *kappa*.

Eles, do mesmo modo ignoravam que Chirayaju prometera à terceira onda de agressores o sangue delicioso e mágico dos *oni* e dos *kappa* em troca da lealdade e ajuda *deles*.

A terceira onda era de vampiros que ele criara, da classe dos *eta*¹. Na escuridão da noite, sozinho e em segredo, Chirayaju voava até as cabanas do terreno imundo destes, os Intocáveis do Japão, que abatiam animais e tostavam suas peles até fazer couro e preparavam os mortos humanos para seu enterro. Evitados por todos, exceto por outros *eta*, insultados e amaldiçoados, aceitaram a vida que Chirayaju lhes oferecia. De bom grado aceitavam morrer de qualquer maneira que Chirayaju ordenasse em troca do poder e da liberdade que ele lhes oferecia.

1. Minoria japonesa que ocupava o nível mais baixo do sistema social tradicional japonês, (pejorativo). (N. do T.)

Assim, com seus três renques de soldados prontos para a batalha, Chirayaju enfiou-se nas profundezas de uma caverna e, na noite mais longa do inverno, jogou seus ossos de dragão. Ele buscava o momento mais promissor para atacar o imperador e devorá-lo.

Chirayaju ignorava que, no momento, Sanno, O Rei da Montanha, havia reunido milhares de seguidores e se encontrava ao pé da montanha, a postos para a batalha. Na mão esquerda trazia fogo e raios. Na direita, água e vento.

Jurou que destruiria Nara se fosse necessário para impedir que Chirayaju escapasse. Destruiria todo o Japão, se necessário.

Seu único pensamento era a vingança.

Suas ações, no entanto, demonstravam outra coisa: ele seguiu com um pequeno contingente até os portões do palácio e exigiu uma audiência com Kammu. Pelo comportamento do guarda, Sanno deduziu que as notícias de seu temperamento mortal ainda não tinham chegado até Nara, e que se acreditava ainda por ali que ele ainda era uma divindade benevolente. Os guardas, surpresos de ver o deus entre

eles, rapidamente correram e informaram o imperador sobre seu convidado tão estimado.

Preparações apressadas e elaboradas foram feitas e Sanno foi recebido com desculpas de Kammu por um banquete tão pobre e um entretenimento tão torpe oferecido em sua honra. Na verdade, claro que toda a noite foi bastante suntuosa. Sanno e seu contingente saborearam a refeição e as bebidas e, quando se levantaram para dançar, depois de muitos brindes e juras de lealdade e amizade, as fundações do palácio tremeram sob o passo do Rei da Montanha.

Foi assim que Chirayaju foi alertado sobre a chegada de Sanno.

O vampiro feiticeiro reuniu seu exército e o cerco se formou.

Capítulo 12

Buffy não tinha carta de motorista, mas dirigiu. Se é que podia se dizer isso. Os arbustos sofreram, as guias das calçadas também. Mas ela conseguiu evitar que o carro parasse no acostamento.

Ela já andara meio quarteirão — na verdade, estava bem no meio do quarteirão — quando percebeu que tinha esquecido de avisar Giles sobre o pequeno arbusto, o disco e o bilhete. Talvez realmente valesse a pena toda aquela encenação de respirar fundo e refletir, como ele fazia o tempo todo. Ela tinha decidido matar dois coelhos com uma só cajadada e encontrar-se com ele na escola. Podia ser que Willow recuperasse a razão e fosse lá procurar pela ajuda de Giles.

Valia a pena tentar.

Muito pouco tempo depois — pelo menos para os limites de velocidade de Sunnydale —, ela entrou no estacionamento da escola, pneus erguendo poeira quando puxou o freio. Estava com pressa, ou teria tomado mais cuidado para posicionar o carro entre as faixas do estacionamento. Detalhes, detalhes.

Antes de entrar correndo na escola, enfiou o disco na corrente que usava em volta do pescoço junto com uma grande cruz, e pulou ao levar um choque. Poderia facilmente ter sido a eletricidade estática, pensou, mas acabou prestando mais atenção.

Certificou-se de que tinha a pequena árvore e o bilhete tirados do quarto de Willow, então seguiu em frente.

Já era a quinta aula e os corredores estavam vazios, enquanto ela corria para a biblioteca. Abriu a porta com força, enquanto um pequeno lado ingênuo seu esperava ver Willow ali, no computador, fazendo aquelas coisas de hacker.

Uh-uh.

— Willow! — gritou ela. — Por favor, apareça, venha de onde você estiver!

— Sim, eu também gostaria de saber onde está a srta. Rosenberg — ironizou uma voz insinuante atrás dela. — E o bibliotecário também.

Buffy virou-se, pronta para lutar com qualquer monstro horrível que a tivesse seguido até a biblioteca, mas era pior que isso.

Era o diretor Snyder.

— Oh, hã, boa tarde, diretor Snyder... — ela começou a gaguejar, olhando à sua volta, antes de lembrar-se que Giles chegaria a tempo de salvar a Caça-Vampiros em perigo. Sem sorte.

— Não venha com essa, srta. Summers — disse Snyder, cínico como sempre.

Ela sabia que Snyder nunca tinha gostado dela, e o sentimento era mútuo. O cara parecia só um pouco mais humano que um dos Ferengi em *Jornada nas Estrelas*. Mas ele era o diretor e, afinal de contas, sabia o telefone da mãe de Buffy. De cor.

— Um, vir com o quê, senhor?

— Estou de olho em você, Summers. De olho em você e em todos os seus amigos delinqüentes. Já é ruim o suficiente você passar por cima das regras desta escola, passar por cima do respeito fundamental pela autoridade de que todos precisamos para nos darmos bem neste mundo. Mas então você entra aqui e grita para sua amiga como se estivesse numa dessas dance-terias cheias de drogas e rock'n'roll que vocês delinqüentes freqüentam.

— Falando nisso, o senhor viu a Willow? Ou, hã, o sr. Giles? — perguntou Buffy recuando, já antecipando a reação do diretor.

— Não me interrompa! Existe algo chamado decoro, Summers.

Buffy não tinha tempo para isso.

— Sabe, diretor Snyder — acelerou ela —, talvez se o senhor tivesse perguntado por que estou com pressa...

— Eu ia chegar nisso, Summers. Não pense que não percebi que você esteve fora do campus. Eu a vi correndo pela entrada. Você sabe que eu poderia suspendê-la só por isso.

Buffy pensou rapidamente.

— Bem, na verdade, o sr. Giles enviou Cordelia e eu até a biblioteca de Sunnydale para pegar um livro que precisávamos para um projeto de pesquisa com o qual ele está nos ajudando.

Ele parecia menos seguro de sua própria justiça.

— Isso não é desculpa...

— Tenho certeza de que ele lhe mostrará nossa permissão para sair do campus assim que ele voltar do... de onde ele estiver — acrescentou com honestidade, mantendo os olhos arregalados, inocentes e livres de qualquer medo. — E quando saímos, nós duas tínhamos um horário vago, então o senhor pode ver que não perdemos nenhuma aula nem conteúdo ou, hã, qualquer conhecimento.

— Não vá pensando que não vou averiguar sua história — resmungou Snyder. — E já é a quinta aula agora. Você está definitivamente perdendo aula — olhou-a com os olhos apertados. — Sabe, toda essa história de adquirir conhecimento que você acha tão

estranha e nova? Eu diria que vocês duas terão que ficar mais horas na escola na semana que vem mesmo que sua história seja verdade.

— Buffy *realmente* não tinha tempo para isso.

— Ouça, senhor... Xander Harris está no hospital e Willow Rosenberg, desaparecida. A mãe acha que ela pode ter sido seqüestrada ou coisa assim. É por isso que Cordelia e eu ficamos tanto tempo fora. Cordelia está no hospital com Xander agora mesmo.

— Por que Cordelia Chase teria qualquer coisa a ver com qualquer um de vocês, especialmente esse tal Harris? — comentou Snyder, cruzando os braços e parecendo muito sério. — Você terá que fazer melhor que isso, srta. Summers.

Buffy suspirou. Embora fosse difícil chamar Cordelia de amiga, ela supunha que fosse verdade. Mas, por mais que não quisesse pensar nisso, doía saber que Snyder não podia nem conceber tal idéia. Claro que Cordy tentava manter sua reputação de garota mais popular da escola não deixando que ninguém soubesse que ela andava com Buffy e companhia. O que realmente magoaria muito se ela achasse que Cordelia fazia idéia de como isso era ofensivo. Mas quando um cara que odeia crianças tanto quanto Snyder jogava isso na cara dela, Buffy não podia agüentar mais.

— Sabe de uma coisa? — disse de forma ofensiva. — Não tenho o menor poder para impedi-lo de fazer qualquer coisa que o senhor quiser.

Ela percebeu que era inútil tentar esperar por Giles. Inútil, também, escrever-lhe um bilhete sobre a estranha pequena coleção de Willow. E, de jeito algum ela deixaria as coisas de Willow onde Snyder pudesse pegar e jogar no lixo.

Ela ergueu o queixo.

— Então vou até o banheiro e depois para minha sexta aula de biologia.

Buffy virou-se nos calcanhares, ignorando as juras de Snyder de suspendê-la da próxima vez que armasse outra confusão destas. Da próxima vez. Eram palavras imperativas. Detenção ainda não era problema, já que isso não significava necessariamente uma ligação para casa.

Claro que a próxima vez poderia ser incrivelmente logo. Especialmente porque, uma vez dentro do banheiro, tudo o que ela fez foi abrir a janela e sair. Logo estava correndo pelo gramado até o carro de Cordelia.

Havia uma multa presa embaixo do limpador de pára-brisa.

Buffy sorriu e a jogou dentro do carro.

Milagrosamente, a multa ainda estava lá quando Buffy parou na frente da entrada principal — na verdade, a única entrada — da biblioteca de Sunnydale, dentro do carro de Cordelia, marchas gemendo. Estacionou em local proibido lá também, mas esperava que a multa evitasse que ela recebesse outra. Por outro lado, a única coisa que realmente importava no momento era não ser guinchada. Ser guinchada não ia ser legal.

Nada de Willow na biblioteca.

Xander tinha comentado certa vez, com seu adorável e costumeiro sarcasmo, que antes de Willow começar a passar tanto tempo na biblioteca da escola por causa de toda essa história de caça aos vampiros, ela ficava o tempo todo na biblioteca pública. Em silêncio. Cercada por montes de livros e computadores. Era exatamente o tipo de lugar que Willow gostava.

Aparentemente não mais. O que arrastou Buffy loucamente pela cidade no carro de Cordy, queimando combustível conforme a tarde caía. Ela passou por pequenas livrarias especializadas, pelo lugar onde Willow tingia o cabelo e até pela estranha locadora de vídeos onde Xander as havia arrastado quando ficou pirado por filmes de ação de Hong Kong.

Ela telefonou para a biblioteca da escola para falar com Giles. O telefone estava ocupado.

Estava ocupado na outra vez que tentou.

E na outra também.

Quando ela parou para respirar e alimentar o Cordymóvel, já eram quase seis. Havia um recado de Giles na secretária eletrônica de sua casa, mas era apenas para dizer que ele tinha voltado para a biblioteca. O telefone continuava ocupado. Ela começou a achar que o telefone estivesse fora do gancho. Então conseguiu completar a chamada, mas ninguém atendeu.

O entardecer estava próximo, então ela parou de tentar contatar Giles e ligou para a mãe de Willow, para saber se tinham notícias dela. Nada. A sra. Rosenberg estava chorando.

Depois que desligou, Buffy teve de respirar fundo algumas vezes. Um sentimento pesado se punha junto com o sol: isso ia acabar mal.

Buffy socou o teto do carro de Cordy quando terminou de abastecê-lo.

— Qual é, Willow, onde você está? — disse em voz alta.

Sua única resposta foi o olhar estranho de um fortão que estava abastecendo seu Lincoln.

A fraca luz do entardecer que se aproximava invadia o quarto de hospital onde Xander estava, ainda inconsciente pelos golpes que levou na cabeça, quando sua melhor amiga o transformou num milkshake. Ou, pelo menos, era isso que alguém dizia dele quando Xander começou a voltar a si. Ele pareceu se lembrar do telefone tocando, mas não havia muito mais em sua cabeça que algodão e algum tipo de líquido que gotejava ali perto quando tentava se mover.

— Não tão alto — ele resmungou.

— Oh, meu Deus, Aphrodesia, tenho que ir — disse a voz ao lado de sua cama. — Acho que ele está acordando.

Clique. Era o telefone voltando à base. Muito alto. Muito, muito alto e Xander não gostou nada disso. Ele piscou novamente. Com cuidado, abriu os olhos só um pouquinho. Não estava muito claro, e isso era bom. Do jeito que sua cabeça doía, a luz poderia rachá-la ao meio.

— Xander? — aquela voz falava numa empolgação contida. — Você está... bem?

Um rosto flutuou até o campo de visão em cima dele. Ele conhecia aquele rosto.

— Daphne?

Com um ranger de dentes que mais parecia um rugido, o rosto abaixou-se até que ele estivesse olho a olho, com a garota... com Cordelia.

— E quem é Daphne? — exigiu Cordelia.

Xander hesitou.

— Hã?

— Daphne! — retrucou ela. — Você acabou de me chamar de Daphne. Estou parada aqui há horas esperando você acordar, arruinei completamente minha maquiagem porque achei que algo terrível tivesse acontecido, e aqui está você falando de uma tal de Daphne!

Xander respirou fundo, franziu a testa, embora isso fizesse sua cabeça doer ainda mais.

— Hum, Daphne do Scooby Doo? — sugeriu ele, embora não tivesse idéia se isso era verdade. Já não podia lembrar de tê-la chamado assim, pelo menos não na cara dela.

— Uh-huh — respondeu Cordelia.

— Onde está Willow? — perguntou ele com urgência. — E Buffy?

Cordelia revirou os olhos. Ela abriu a boca para reclamar, mas foi interrompida pela chegada de um Giles que parecia bastante esgotado. Na mão direita ele carregava dois livros finos e gastos que mais pareciam velhos diários.

— Sim, é isso que eu gostaria de saber — disse Giles, esfregando os olhos embaixo dos óculos. Xander achou que ele parecia assustado, mas pelo que sabia, Giles sempre tinha este ar. Meio como uma mistura entre Obi-wan Kenobi e o Fantástico Super-Homem.

— Parece que eu não podia chegar em melhor hora — disse Giles. — Xander, o que aconteceu? Willow está desaparecida e há pistas e coincidências suficientes apontando para conclusões horríveis. Espero que você possa descartá-las como errôneas.

Xander Vacilou.

— Como quiser. Mas se uma de suas conclusões horríveis é que Willow me mordeu... é, parece que foi isso mesmo.

Xander sentiu nojo. Só o fato de dizer essas palavras já lhe dava calafrios. Willow era mais próxima dele do que uma irmã, e a idéia de que agora ela era... um *deles*, era mais do que podia suportar.

— Na verdade, temos razão para acreditar que Willow não é, tecnicamente, um vampiro. Pelo menos não ainda. Ela foi vista à luz do dia ainda na segunda-feira pela mãe e, apesar de ainda estar entre os desaparecidos, se pudermos encontrá-la, teremos a chance de salvá-la de um mal maior.

— Vamos — disse Xander, sentando-se cheio de dor.

— Xander, o que você está fazendo? — gritou Cordelia.

Ele retrocedeu com a dor dos hematomas em sua cabeça, com um aperto no peito que indicava, provavelmente, algumas costelas quebradas, e cambaleou ao se sentir em um barco de pesca em vez de terra firme. Mas Xander ficou de pé. Colocou a mão contra a parede para se firmar. Sentiu um vento bater. Deixou a cabeça cair e sorriu frente à sua própria humilhação.

— E, claro, Xander Harris está usando camisola de hospital, não está? Do tipo que cobre tanto quanto um avental? Sim, claro que está.

Virou-se rapidamente e tombou contra a porta fechada, freneticamente em busca da maçaneta.

— Ah, não tem nada. Não tem nada para ver aqui — disse. — Ou, bem, nada que deveria ser visto... nada que qualquer um precisasse ver nesse momento em especial.

— Quando ele começa a falar de si na terceira pessoa geralmente quer dizer que está com vergonha — observou Cordelia. Ela parecia orgulhosa de si mesma. — A terceira pessoa sendo algo da gramática, tipo onde se encaixa *ele, ela, e uma coisa*.

Giles começou a examinar os sapatos como se fossem completamente fascinantes e ainda estava fazendo isso quando Xander saiu incerto do armário vestindo a maior invenção na história da humanidade.

Que seriam calças. Calças eram algo muito, muito bom.

Xander rumou até a porta do quarto. Espere aí. A _maré estava subindo. Ele cambaleou de forma estranha e tombou para a frente.

— Xander, o que você acha que está fazendo? — exigiu Giles.

— Colocando minhas calças, é o que estou fazendo. Tudo que um homem faz. Colocar suas calças — Xander estendeu uma mão na tentativa de fazer o quarto parar de rodar, alcançou a outra mão e foi levado por Giles de volta à cama. Sentou-se rapidamente e entortou os olhos por causa da pontada de dor em sua cabeça.

Giles ergueu a cabeça.

— Xander, volte para a cama. Você não está bom para ficar de pé.

— Precisamos encontrar Willow — insistiu Xander. — E Buffy. Antes que elas... antes que elas acabem machucando uma à outra. Temos que fazer alguma coisa.

— Xander — disse Giles com gentileza. — Temos que fazer aquilo em que somos bons.

De repente Xander tremeu conforme lembranças recentes invadiam os espaços em branco.

— Quando ela... ela me mordeu, ela riu — relatou Xander, lutando contra a sensação de ardor nos olhos, a vontade que sentiu de chorar só de pensar nisso. Ela era sua melhor amiga e, agora, essa coisa horrível tinha acontecido com ela e, de certo modo, com ele também. — Willow ria enquanto bebia meu sangue.

— Você... você também bebeu o sangue dela? — aventurou-se Giles.

Xander franziu a testa.

— O que você acha que eu sou, um perverso? Acho que não.

— Certo, acho que perdi alguma coisa — disse Cordelia. — Willow estava fora de casa durante o dia, ontem, certo? Isso ficou claro. Então, agora, o que estamos pensando? De algum modo ela está *possuída* por um vampiro? Isso pode acontecer?

— Parece que sim — respondeu Giles.

— Uma coisa é certa — acrescentou Xander. — A pessoa que me atacou ontem à noite? Podia ter o rosto da Willow, mas não era ela. Não era nem ao menos a voz dela. E referia a si mesmo como outra coisa. Algum nome japonês estranho ou coisa parecida.

Giles disse suavemente:

— Talvez fosse chinês.

— Talvez — concordou Xander. Ele estava alerta agora. — Então isso faz algum sentido para você?

Giles suspirou.

— Está começando a fazer.

— Olha, eu leio a última tirinha de humor do jornal de domingo primeiro para me poupar do suspense, então desembucha logo, tá? — irritou-se Cordelia, mãos sacudindo como ela sempre fazia quando se sentia frustrada.

Giles caminhou até a janela e olhou para o céu, que escurecia.

— Suspeito que o nome que você ouviu era Chirayaju — avisou Giles. — Você se lembra da nossa visita ao museu no outro dia? Willow cortou o dedo numa espada antiga que pertencia a um deus-guerreiro japonês chamado Sanno, o Rei da Montanha.

— Isso mesmo — animou-se Xander temporariamente. Com nervosismo. Menos que alegria.

— O que exatamente tá rolando com esse tal de Cheetos? — perguntou Cordelia.

Giles olhou para os dois, a feição mais perturbada que Xander já tinha visto. Talvez ainda mais, se é que era possível. Ele já tinham visto muitas coisas perturbadoras na companhia da Caça-Vampiros.

— O texto que acompanhava a espada narrava uma batalha lendária entre Sanno e um vampiro chinês chamado Chirayaju, que acabou com a morte de ambos. Tive uma conversa mais cedo com um Sentinela aposentado que me levou a isso.

Ele ergueu os dois diários finos que trazia quando chegou.

— O *Diário de Claire Silver, Sentinela* — Giles explicou. — Durante a primeira metade do século XIX, a srta. Silver foi perfeita ao catalogar os Diários dos Sentinelas através da eras. Ela era uma acadêmica.

— Tá, que ótimo, podemos ler depois — ironizou Xander. — Vamos, temos que ir!

Giles ergueu a mão.

— Precisamos nos armar, Xander. Não podemos simplesmente correr noite adentro. Por mais que queiramos — acrescentou, tomando fôlego.

— Na verdade, como queríamos antes, e tudo saiu bem — insistiu Xander incrédulo.

Giles abriu o livro.

— Vou ler para vocês.

— Certo, me coloca para dormir — disse Xander. Mas ele começou a se reclinar e por mais que quisesse ficar ereto, deitou na cama do hospital. — Se começar com "era uma vez" eu caio fora — resmungou.

— Ssh — Cordelia era toda ouvidos e atenção. — *Eu* estou ouvindo.

— Muito bem.

Giles abriu um dos livros.

Diário da Sentinela, Claire Silver

6 de janeiro de 1817.

O doutor acabou de sair, levando consigo todas as esperanças de Justine. A pobre garota está desacordada sobre seu travesseiro, as feridas são muitas e graves, e parece não haver nada que possamos fazer.

Devo encarar, mas não consigo: ela está morrendo.

Ao erguer os olhos da caneta para ver sua forma pálida, sei que, em algum lugar nesse vasto planeta, outra Sentinela foi alertada, e apronta sua jovem para sua estréia (se eu puder ser tão macabra) no terrível mundo que deverá ser seu domínio secreto: o mundo da Caça-Vampiros. Enquanto minha jovem escapa finalmente dessa vida profana e prejudicial, outra logo encontrará sua existência irremediavelmente transformada — devo dizer o que estou pensando, que a vida dessa nova Caça-Vampiros será arruinada?!

Tudo o que restará então da minha cara Justine e suas várias batalhas, vitórias e sua fatal derrota, serão estas palavras que escrevo, e seu jazigo do cemitério da igreja.

Não posso suportar. Não posso enfrentar a idéia de que as forças da escuridão nos venceram por fim, não depois de tudo que Justine sofreu e agüentou.

E eu — se puder suportar pensar por um momento em mim — devo me tornar o que Justine e eu zombamos com tanta frequência: uma requintada dama inglesa, com vestidos e fitas como um enfeite inútil. Preencherei meus dias com chás e bailes e fofocas. Fingirei

que não sei de nada sobre armas e lutas e decapitações e a maneira adequada de enfiar uma estaca no coração de um vampiro. Tudo que aprendi para servir como Sentinela de Justine será posto de lado. Serei tão inútil quanto uma governanta aposentada.

Mas quem vem? Na janela ouço o estalo de uma pedra. Alguém vem prestar seus respeitos? Alguém que sabe que Justine, a Caça-Vampiros, está à beira da morte depois de um ataque cruel?

Em nossa sociedade, não foi possível para Justine aceitar pretendentes, sabendo como ela sabia como era a vida, e o que a sociedade exige das jovens damas. Imagine explicar a um jovem que é preciso passar a noite espancando demônios até a morte, ou que a senhora que fingia ser sua tia na terça-feira passada enviou um bruxo para uma morte ardente em outra dimensão!

E ainda assim, para que serviu todos os seus esforços e quais benefícios trouxeram seus sacrifícios?

Será este visitante alguém com quem eu possa dividir tais pensamentos?

A empregada está batendo a porta agora, e espera minha permissão para entrar. Deixo minha caneta de lado e devo retomar...

Não sei se devo chorar em triunfo ou de medo, mas minhas mãos tremem tanto que mal posso colocar a caneta sobre o papel. Nosso visitante não era ninguém menos que Lorde Byron, o infame poeta e mulhereiro. Estava vestido impecavelmente, se não excêntrica, com um colete bordado num design italiano e exibindo um chapéu grande e frouxo.

Fiquei muito surpresa, pois ele não é visto na Inglaterra há cinco anos. Também fiquei muito amedrontada, devo admitir, pois havia escrito antes que Justine e eu, com frequência, nos perguntávamos se o próprio Byron não era um vampiro. Tanto a esse favor — pele pálida, sua estranha influência sobre numerosas pessoas e suas paixões extremadas.

De qualquer modo, Justine nunca tinha encontrado Byron antes, e eu apenas uma vez, numa festa no meio do verão passado, e aqui estava ele, no que posso chamar de última noite de vida da Caça-Vampiros, dando-me certos livros além de fragmentos de antigos pergaminhos orientais! Com um sorriso estranho, contou-me sobre seu respeito por "nosso trabalho" e fez várias referências aos "talentos especiais" de Justine. Portanto, devo concluir que ele sabe de Tudo, embora não possa jurar.

Mas silêncio! Justine está acordando e pede mais água. Minha garota, minha Caça-Vampiros!

Eu lhe daria minha vida se pudesse salvar a sua.

7 de janeiro de 1817.

Justine sobreviveu à noite, e embora eu esteja cansada, regozijo ao dizer-lhe do conto maravilhoso que estou desvelando! Parece que a lenda que freqüentemente imaginávamos podia ser realmente verdade. Essa, a dizer, sendo a Lenda da Caça-Vampiros Perdida. Em oposição à maneira tragicamente costumeira — um Sentinela vivendo além de sua Caça-Vampiros —, em certa ocasião deparei com referências a uma Caça-Vampiros que perdeu seu Sentinela ainda no começo de sua carreira. Não fazemos idéia de quem era a Caça-Vampiros nem do que aconteceu com o Sentinela, mas com freqüência nos pegávamos pensando nisso.

Quase todos os escritos contidos nesta caixa foram traduzidos para os idiomas da Europa, mas o conjunto todo é uma grande confusão, com notas espalhadas em fragmentos de papéis, passagens fazendo referência a vários pergaminhos traduzidos para o inglês por uma mão, e outros discutidos em italiano por outra. Ademais, alguns estavam em latim. Felizmente, essas são línguas nas quais tenho facilidade. Passei muito tempo colocando tudo em ordem, e muito disso não fui capaz de decifrar. Algumas partes estão em alemão, e para traduzir tais itens terei de apelar a um terceiro. Parece que será o trabalho de uma vida.

A ironia destas palavras não se perdeu em mim. Porque o mais maravilhoso, na verdade, é a débil promessa que Justine fez a mim de permanecer nesta terra até que resolvêssemos o mistério. Se pesquisar nessas escrituras buscando a chave para a lenda for suficiente para mantê-la ao meu lado por um único momento, irei para minha própria tumba tecendo elogios ao nome de Lorde Byron.

Assim, mãos à obra...

1ª de fevereiro de 1817.

O que não contávamos é que Justine, embora em estado debilitado, ainda estivesse viva e, portanto, permanecesse como a única Caça-Vampiros de sua geração. Ainda que não possa levantar-se da cama, somente ela veste o manto da Escolhida, contra quem as forças da escuridão se preparam.

Isso a deprimiu demais, pois ela sente que está fracassando em suas responsabilidades, e em determinado momento, hoje, gritou por mim, "Oh, Claire, se ao menos eu pudesse simplesmente me retirar! Melhor que eu morra do que deixar o mundo desprotegido!"

Encorajei-a a acreditar que ela ia se recuperar, mas o doutor puxou-me de lado várias vezes e lembrou-me daquela ocasião que aqueles que nos deixarão em breve se reanimam por um momento para que possam dizer adeus. Ele ainda tem poucas esperanças de sua recuperação. Acho isso impressionante, pois ela parece muito melhor.

Hoje a noite irei à caça. Alguém deve ir, e ela não está em condições para isso. Na verdade, faço isso somente para que ela não fique tão abalada. Sinto, com egoísmo, medo por mim mesma. Sou apenas uma Sentinela, embora nesse momento gostaria de ser mais.

13 de fevereiro de 1817.

Sinto que estamos numa corrida. Como o médico previu, Justine voltou a piorar. Seu rosto está pálido e seu peito sobe e desce como se ela estivesse eternamente com falta de ar. E, ainda assim, há uma hora ela abriu os olhos, sorriu como uma pequena garota empolgada e perguntou, através de seus lábios dolorosamente rachados: "O que você descobriu agora? Ainda estamos na pista certa?"

Ou ela está sendo corajosa para mim, ou continua tão cativada pela busca da lenda da Caça-Vampiros Perdida quanto eu. Através de um extenso volume do folclore chinês chamado o Livro do Imperador Taizu, encontramos isso:

É verdade que, a princípio, os demônios eram os donos deste mundo. Eles perderam sua posse na grande batalha com o Imperador, e lutam até hoje para recuperá-la.

Isso é precisamente o que Sentinelas e Caça-Vampiros são ensinados a acreditar! Embora, claro, acreditemos que não foi uma batalha com um imperador chinês que fez com que as forças da escuridão perdessem seu controle sobre o mundo. Mas o que importa é que, de acordo com nosso tradutor desconhecido, estas palavras foram escritas em 971 d.C.!

28 de fevereiro.

Minha garota morreu. No momento em que vi a luz sair de seus olhos, agarrei o pé da cama e chorei em voz alta. "Na verdade eu não

sabia que seria assim tão difícil!" Pois embora tivesse me preparado para esse momento, eu estava — e permanecia — despreparada.

Estão vindo para me ajudar a lavar e vestir seu corpo. Para o cemitério da igreja devemos ir amanhã. Não posso suportar isso. Estou num estado de agonia. O que farei com meus dias e minhas noites?

A resposta está nos pergaminhos. Pois suas últimas palavras para mim foram: "Prometa-me que resolverá o mistério".

E é o que farei. Oh, Justine!

6 de janeiro de 1818.

Faz um ano desde a derrota de Justine em batalha. Fico feliz em dizer que sua sucessora encontrou seus assassinos e despachou-os como um favor pessoal a mim. Fui ao cemitério da igreja contar a Justine sobre a vitória do nosso lado.

Ao menos, não sou tão inútil como acreditava que seria. Sou alguém de apreço entre os Sentinelas, pois fui a Sentinela de Justine, e ela foi muito admirada. E conforme sigo desvendando a lenda da Caça-Vampiros Perdida, outros

começaram a me enviar pequenas informações que descobriram. Em alguns casos, isso inclui volumes inteiros'.

A saber, acabamos de abrir um pacote enviado por um colega da nova Universidade, em Ghent. Trata-se de uma certa lenda japonesa sobre um deus, ou deusa, chamado Sanno. Esse Sanno também era chamado de Rei da Montanha e era a divindade benfeitora do Monte Hiei, no Japão. Parte da lenda trata de um vampiro chinês que jurou devorar o imperador japonês. Sanno salvou o imperador ao despachar os vampiros com uma espada mágica atravessando seu coração.

Meu colega escreveu: "Seria esse Sanno seu Caça-Vampiros Perdido?" Não faço idéia. Se Sanno foi uma mulher, talvez sim!

18 de março de 1819.

Que alegria! Acabei de receber uma cópia do meu livro, Feitiços Mágicos Orientais Reunidos por Clarie Silver, uma Sentinela.

Secretamente impresso um a um, há cinco cópias agora circulando entre meus colegas Sentinelas. É um conforto para mim ser útil aos meus colegas, pois embora já faça um ano desde que Justine me deixou, sinto a perda dela tão profundamente como se

tivesse sido ontem. Visito seu túmulo diariamente, contando-lhe do progresso que fiz.

Apesar de agora ter descoberto que Sanno não foi um Caça-Vampiros, já que era homem, o alcance desse conhecimento me levou a investigar e registrar muitos feitiços orientais fascinantes e úteis, contidos agora no meu próprio trabalho publicado! Levarei-o para mostrar a justine esta tarde.

Giles ergueu os olhos do livro.

— Droga — disse. Cordelia piscou.

— O quê?

— Tenho a impressão de que esse é o volume que estamos realmente procurando. Seu livro de feitiços — ele verificou o outro livro que tinha consigo, folheando as páginas. Ele sacudiu a cabeça. — Isso é inútil. Parece que ela casou e teve filhos. Isso trata de suas viagens pela Suíça.

— Que emocionante — ironizou Cordelia.

Como se desse apoio a tal emoção, Xander roncou sonoramente na cama do hospital. Cordelia revirou os olhos.

— Ele não ronca geralmente — ela comentou, então ficou vermelha e gaguejou —, pelo menos é o que diz a...a irmã dele.

Giles nunca tinha ouvido falar que Xander tivesse uma irmã, mas se Cordelia era ou não especialista em,

ah, seus hábitos noturnos estava além do interesse em questão. Ansioso, ele olhou para o telefone.

— Se ao menos Buffy desse notícias — disse. Cordelia sacudiu as mãos para ele.

— Volte para a biblioteca e pegue o livro, eu vou esperar aqui caso ela telefone.

— Mmm. Certo — ele se levantou e gastou mais um momento olhando para Xander — A juventude é incrivelmente resistente — murmurou. Então entendeu o olhar vazio de Cordelia e explicou-se. — A cor já está voltando às faces dele.

— É sangue — ela disse simplesmente, apontando para uma bolsa de sangue vazia presa à veia no braço de Xander. — A enfermeira me disse que essa era a última bolsa bem na hora que você contava a tal história do Lorde Brian.

— Byron — Giles corrigiu automaticamente, então suspirou. — Sim, Lorde Brian na verdade. Você está certa.

— Vá pegar o livro — ela insistiu. Ele suspirou.

— Suponho que deva fazer isso. Mas tenha cuidado.
Ele deixou os livros ali e saiu correndo do quarto.
Cordelia estava um pouco abalada. Toda aquela
conversa sobre a Caça-Vampiros morrer... puxa! Era
de assustar. Deve ter assustado Giles de verdade. E Buffy também,
claro.

Ela esfregou os braços, sentindo um frio repentino. Xander podia
ter morrido, se Buffy não tivesse insistido para que fossem procurar
por ele. Isso a assustava mais que tudo.

Cerca de cinco minutos depois, o telefone tocou. Cordelia atendeu.

— Oh, oi, Harmony — disse. — Não, ainda estou presa aqui, dá
para acreditar? A mãe dele teve que ir pegar alguém em algum lugar
ou algo assim. Bem, sim, ele sofreu uma, ah, queda muito feia. Uma
liquidação?. Eu estou perdendo uma *liquidação*?. Você está no
celular? Vá até as roupas finas agora. Vá! Se a jaqueta de couro
estiver em promoção, você *tem* que comprar para mim. Claro que
pago depois!

Capítulo 13

O telefone do hospital ainda estava ocupado. Xander deve ter um monte de parentes preocupados, ou então deixou fora do gancho.

Buffy suspirou e voltou para o carro de Cordelia.

O brilho dourado do sol que se punha refletiu contra o pára-brisa, enquanto Buffy freava o carro em frente ao prédio de Angel. Ela agarrou sua bolsa de Caça-Vampiros, saiu do carro e desceu as escadas para bater na porta. Era o último lugar em que Willow poderia ter se escondido. Claro que Angel a teria recebido se ela realmente precisasse — se não soubesse tudo o mais que tinha acontecido.

Ou talvez mesmo se soubesse. Angel era uma pessoa surpreendente... quer dizer, vampiro... quer dizer, pessoa...

Quando a porta pesada se arrastou pelo chão ao abrir, e ela viu os olhos escuros no rosto do homem morto que tanto amava, soube que não tinha tido sorte novamente. Seja lá pelo que Willow estivesse passando, Buffy de algum modo sabia que suas chances de ajudá-la se esgotariam com os últimos raios de sol. Talvez tivesse vinte minutos, que poderiam muito bem ser vinte segundos. Ou dois.

— Desculpe acordar você — murmurou ao passar por Angel e entrar em seu apartamento escuro, jogando a bolsa no chão. Há tempos se acostumara com os ecléticos móveis existentes ali, mas parecia que, cada vez que o visitava, via algo novo. Bem, algo velho, mas novo para ela.

Não desta vez. Desta vez tudo parecia familiar demais.

— Buffy, qual o problema? — perguntou ele.

— Willow — sussurrou ela. Então contou tudo que havia acontecido até aquele momento.

Os olhos de Buffy encheram-se de lágrimas quando Angel veio até ela e tombou a cabeça para que pudesse encostar em seu peito, um peito onde nunca ouviria a batida de um coração. Já tinham passado por tantas coisas juntos, sofreram tanto, e ainda assim ela o amava. Que mais poderia fazer? O amor é assim.

— O que é esse relicário que você encontrou na casa dela? — indagou Angel.

— Não sei — admitiu. — Estava com tanta pressa que Giles e eu nem tivemos chance de falar sobre isso. E não consigo localizá-lo nem conversar com ele. Acho que eu deveria ter ficado no hospital, já que

não estou conseguindo fazer nada de bom para Willow — ela suspirou. — Acho que vou voltar para lá.

— Posso ver as coisas que você achou? — ele pediu. Buffy pegou a bolsa, abriu o zíper e puxou o bilhete primeiro.

— Origami — afirmou Angel. — Uma forma de arte asiática.

Ela fez que sim.

— Eu sabia que era uma palavra assim. Tudo em que pude pensar foi rigatoni.

Ela mostrou o disco na corrente em volta do pescoço.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não faço idéia do que seja isso. A pequena planta seca.

— Hmm — murmurou Angel, e Buffy olhou-o com firmeza para ver se ele notava como parecia com Giles. Aparentemente não. — Parece um bonsai — disse finalmente. — Mas está morto há algum tempo.

— Como você sabe tudo isso? — Buffy perguntou.

— Eu viajei muito — respondeu Angel.

— Nunca posso ir a lugar algum — disse Buffy, meio zombando da própria condição.

Angel a beijou e, com gentileza, disse:

— Sinto muito que tudo isso esteja acontecendo — sussurrou. — Queria poder ajudar mais, mas nunca ouvi falar de nada disso antes. Se Willow for uma vampira — não sabemos se é, mas se for —, ela não deveria estar de pé andando em pleno dia — ele deu um meio sorriso. — Os vampiros não vão para a escola, Buffy.

Buffy o encarou.

— O que você disse? — exigiu.

— Eu disse que...

— Vampiros não vão para a escola! — gritou Buffy. — Angel, é isso!

Ele olhou para ela, sem entender nada.

— As coisas em cima da mesa da Willow não são exatamente o tipo de souvenir que ela guardaria — afirmou Buffy rapidamente. — Seja lá o que, quem ela é agora... foi ele quem colocou estas coisas lá. Estou perdendo tempo procurando nos lugares onde *Willow* poderia estar. Ela está diferente agora...

Tal pensamento afetou Buffy por um momento, roubando parte da alegria de sua descoberta. Seu rosto ficou amargo e a mente, determinada.

— Origami. Aquele bonsai seco foi arrancado do solo — ela bateu na testa. — O jardim Chia Pet! É isso que o bonsai me fez lembrar.

Apressada, ela explicou sobre a exposição do jardim japonês da amizade.

— O verdadeiro jardim ainda está em Sunnydale — disse. — Pode ter algum tipo de conexão estranha com o jardim em Kobe. Então, talvez haja algum tipo de vórtice por lá ou coisa assim. E Willow, como vampira, foi atraída para lá.

— Bem, não há muitos lugares em Sunnydale onde se pode conseguir um bonsai — concordou Angel.

— Em L.A. dá para comprar isso no shopping — afirmou Buffy, quase com tristeza. De repente, sentia saudades da vida antiga e normal que tinha antes. Estava cansada daquelas coisas estranhas. Parecia que, quando finalmente achava ter se ajustado à vida de caça-vampiros, algo acontecia para mudar tudo. Mais cruzeiros para carregar.

Maneira de dizer. Angel olhou pela janela. Buffy disse:

— Ainda temos cerca de dezoito minutos de luz do sol — ela respirou fundo. — Quando se é a Caça-Vampiros, dezoito minutos podem durar uma vida.

Angel concordou.

— Vá. Vou atrás de você no minuto em que o sol se pôr.

Ela o beijou de leve e virou-se rapidamente para que ele não visse seu medo e preocupação.

— Até mais.

— Vou correr — prometeu ele, mas Buffy já estava do lado de fora da porta, subindo as escadas.

Uma pequena faixa de sol ainda era visível no horizonte quando ela entrou no carro de Cordelia. O céu ganhava um rosa vibrante numa extremidade, e um azul profundo, quase fantasmagórico, na outra.

Buffy engatou a marcha, rezando para não ser parada no caminho.

O disco tinha contra a corrente de metal como se fosse uma bomba-relógio em contagem regressiva.

Giles voltou bufando com um livro de couro nos braços assim que Xander fechava o banheiro e voltava sozinho para a cama.

O Sentinela literalmente tropeçou no próprio pé e disse:

— Xander, o que você está fazendo de pé? — então, antes que Xander pudesse responder, ele olhou para Cordelia e perguntou: — A Buffy ligou?

— Ops — escapou da boca de Cordelia, que parecia culpada. — Quero dizer, não.

Xander olhou curioso para sua amiguinha de luxúria e ficou imaginando do que se tratava aquele ops, mas preferiu concentrar-se em Giles.

— Cor disse que você foi pegar outro livro — disse, inclinando a cabeça na direção daquilo chamado *libro* por aqueles... aqueles que sabem espanhol... nos braços de Giles.

— Hum? -Oh, sim. Claro — Giles estava realmente sorrindo. — É que estou tão feliz em vê-lo de pé e bem. Apesar de ter certeza de que você deveria ficar na cama.

— É, bem...

— Ele não gostou da comadre — explicou Cordelia toda prestativa.

— Obrigado, enfermeira Chase — bufou Xander, revirando os olhos. Ela fez o mesmo e parecia que ia ter início mais uma noite do Duelo de Banjos, mas eles tinham coisas mais importantes para dizer.

— O livro — ele incitou Giles.

— O livro — seguiu Giles, e seu sorriso se ampliou. — Como dizem por aí, bingo.

Xander sentou-se e esfregou as mãos.

— Então você ganhou no bingo. E, por favor, leia.

— Sim. Giles leu.

No antigo Japão, as execuções eram realizadas ou por estrangulamento ou imolação, ou seja, queimando vivo.

O derramamento de sangue revoltava a fastidiosa mente japonesa. Entretanto, com a chegada do budismo, o haraquiri se tornou o método favorito, a vítima voluntariamente inseria a lâmina de uma espada no abdome e furava o intestino, causando assim um grande volume de sangramento (e, é preciso acrescentar, ainda que indelicado, uma dor de proporções inimagináveis). E a cabeça do condenado era sumariamente decepada com outra espada para poupá-lo de sua agonia. Entretanto, ser decepado sem primeiro libertar a alma do corpo (pois os japoneses acreditavam que a alma residia dentro do abdome) era uma verdadeira desonra.

— E não se podia permitir isso — ironizou Xander.

— Cale a boca — repreendeu Cordelia. — Giles, continue lendo. Por favor — acrescentou gentilmente.

Ainda em relação ao ritual Mágico do Japão Antigo, considera-se possível o aprisionamento de um Espírito dentro de um objeto inanimado. É dito, então, que o Espírito está "vinculado" e que o Objeto está "vivo". Assim, fala-se de um Sino onde um Espírito foi vinculado, Suzu ga imasu, em vez de Suzu ga arimasu. Imasu sendo o verbo das coisas que estão vivas, enquanto arimasu é usado para as coisas que não estão.

Em várias versões da lenda de Sanno, o Rei da Montanha, lemos que sua Espada é um objeto vivo, o que nos leva a assumir que um Espírito foi vinculado a ela. O sangue é mencionado em destaque, especificamente, o sangue de seu inimigo. A história da batalha vitoriosa de Sanno com o cruel Vampiro Chirayoku inclui a linha: e Chirayoku sangrou, e assim desapareceu.

— Então ele conseguiu sair quando Willow se cortou? — perguntou Xander, encarando Giles.

Giles retribuiu o olhar.

— Parece que sim.

Xander correu as mãos pelo cabelo.

— Olha, Giles, seja lá o que tenha acontecido, não vou deixar ninguém colocar uma estaca no coração da Willow. De jeito nenhum.

— Bem, o que andei ponderando é a singularidade deste caso — começou Giles, e Xander ficou imaginando quantas trilhas teriam de percorrer até que Giles chegasse ao ponto. Porque ele já tinha chegado à sua própria conclusão: ele trancaria Willow como fizeram com Oz — só que pelo resto da vida natural dela, em vez de três noites por semana — antes que qualquer um pudesse fazer qualquer mal a ela.

— Sim, a ponderação — disse Xander, cansado, dolorido e muito ansioso.

Giles perdeu a paciência completamente, ou estava sendo muito britânico e educado ao fingir que não havia percebido.

— Parece-me que, se o demônio foi extraído de alguma forma, talvez isso possa ser feito novamente.

— Certo, prender o fantasma-vampiro. Entendido — disse Xander. — E fazemos isso como...?

Giles deu um sorriso torto. Era em momentos como esses que desejava estar de volta à terra do chá, dos bolinhos e feijões cozidos no café da manhã.

— Suponho que descobriremos isso depois que Cordelia e eu invadirmos o museu e dermos outra olhada na espada.

Lutando contra a vertigem, Xander se sentou.

— Cordy, nunca pensei que diria estas palavras a você, mas ajude-me a terminar de me vestir.

— E nunca pensei que *eu* diria isso — retrucou Cordelia —, mas de jeito nenhum — ela estendeu a mão a Giles. — Vamos.

— Ei, esperem um pouco — protestou Xander. Giles sacudiu a cabeça.

— Sinto muito, Xander, mas você precisa ficar aqui e ficar bom — ele gesticulou para o telefone. — Além do mais, Buffy pode ligar.

— Oh, certo — concordou Xander, para surpresa de Giles. — Você está certo. Podem sair vocês dois — ele cruzou as mãos e fez uma ceninha ao voltar para a cama. — Ficarei aqui sentado bem obediente, sarando. É isso que vou fazer.

— Muito bom — disse Giles um pouco incerto.

Assim que estavam fora de vista, Xander levantou o cobertor fino do hospital e saiu da cama de forma estranha. O quarto girou por um período mais curto dessa vez, e ele imaginou que isso queria dizer que ele estava pronto para colocar sua capa de Robin.

Arrastou-se novamente até o pequeno armário onde guardava suas roupas — seus trapos admitidamente nojentos e cheios de sangue — e pegou uma calça jeans e uma camisa do uniforme do hospital que encontrou pendurada no banheiro. Usada? Coberta de vírus ebola?

Então lhe ocorreu procurar as calças do hospital.

Em poucos minutos, ele parecia o dr. Greene do *ER* depois de ter sido assaltado. Saiu andando do hospital e seguiu duas gatas em vestimentas similares às suas. Ao se aproximar do estacionamento, ele fingiu estar chateado, gemeu e virou-se.

Uma delas disse:

— Ei, oi. Qual o problema? — ela o encarou e ele lembrou que não era nenhum gato.

Ele fez careta.

— Esqueci que meu colega de quarto, o doutor, ah, Summers, ficou com o meu carro. Um Porsche. O carro dele está no mecânico. Um Beemer. Eu avisei que teria um plantão duplo, mas nós, ah, as

emergências se acabaram, então vou voltar para casa mais cedo porque ainda estou me recuperando de um acidente de ski — por dentro, ele encolheu com sua história nada convincente.

A ruiva parecia impressionada e disse:

— Oh, você é médico?

— É. Coloco-os para dormir — disse casualmente — Terei que ligar para ele. Acabei de ligar para o museu e dizer que daria uma passada por lá para trabalhar em alguns slides para minha palestra. Sobre ebola. E dormência.

As gatas trocaram um olhar de "vamos nessa". A ruiva disse:

— Podemos dar uma carona para o senhor, doutor.

— Ficaríamos felizes em ajudar — acrescentou a loirinha.

Xander disse:

— Obrigada, garotas — e seguiu-as até um Camry com um adesivo que dizia AME UMA ENFERMEIRA.

Mas o irônico era que Xander estava dolorido e exausto demais para sequer considerar a hipótese.

— Oh, Deus, esta coisa é um ferro-velho — reclamou Cordelia no banco do passageiro, enquanto vasculhava o livro de feitiços de Claire Silver. — Giles, quando você vai comprar um carro de verdade?

— Cordelia, entendo que como uma jovem do sul da Califórnia presa nas engrenagens da obsessão por...

— Espere — disse Cordelia, sacudindo a mão. — Tem uma página solta aqui no fim do livro — ela olhou. — Oh, meu Deus, Giles, escuta só!

17 de junho de 1820.

Acabei de encontrar algo fascinante! Um pergaminho chegou até mim de um verdadeiro monastério budista no Monte Hiei, relacionado com um número de eventos dentro da cronologia da Espada de Sanno. De fato, tal espada existe e reside aqui agora]

O Imperador Kammu manteve esse objeto sagrado e perigoso consigo, abrigando-o no pavilhão onde se deu a materialização de seu ancestral, Amaterasu-no-kami, a Deusa do Sol.

Mas, depois de uma revolta generalizada (por causa de um sistema injusto de impostos e outros problemas sociais), o Imperador Kammu ordenou que a capital da nação saísse de Nara para Kyoto. (O interessante é que foi então que o sistema de escrita japonesa começou a ser codificado, e há muitos outros documentos preservados

sobre os feitiços mágicos daqui em diante do que nos séculos anteriores.) De qualquer modo, durante essa enor-

me tarefa, ocorreu um terremoto, e o Imperador Kammu ficou preocupado que o movimento violento da terra tivesse algo a ver com a espada.

O imperador enviou a Espada de Sanno, com grande pompa e cerimônia, para o monastério, obrigando os monges a protegê-la o tempo todo. Mas para o monge-chefe ele escreveu algo notável e assombroso:

"Encarrego-te de fazer todo o possível para manter a paz entre teu patrono, Lorde Sanno, e o mais desonroso demônio, Chirayaju, ambos abrigados nessa arma. Pois somente tu guardarás o segredo e, como concordamos, não direi a mais ninguém. Pois a ira de Lorde Sanno seria realmente terrível e nenhum tipo de reparação poderia satisfazer a traição que ele certamente deve sentir pelas ações desse mais desesperado imperador."

Com isso concluo que o imperador prendeu Sanno em sua própria Espada.

— Então tem mais alguém na espada? — indagou Cordelia. — Ou é ele o cara que está possuindo Willow, ou o quê?

— Não sei — confessou Giles. — Mas agora já sabemos, então...

Ele pisou no freio.

— Céus, aquele é o Xander? — surpreendeu-se, apontando para um carro que encostou na calçada à frente deles.

Em resposta, Xander ergueu o corpo e acenou para eles.

Capítulo 14

Conforme Tsukuyomi, o Deus da Lua, brilhou sobre a paisagem de inverno, o exército infernal de Lorde Chirayaju marchou lentamente e em silêncio em direção ao palácio do Imperador Kammu. Assim que foram vistos, mensageiros invadiram o requintado banquete do imperador com notícias da invasão.

Quando os homens exaustos e sentindo frio perturbaram a exaltada companhia, a música parou e todos os olhos se voltaram para eles. Ficaram prostrados até que o imperador lhes desse permissão para falar. Por ousarem invadir o salão como fizeram, ele poderia exigir que tirassem suas próprias vidas. Era preciso esperar pelo convite do imperador; não se ousava simplesmente aparecer à sua frente. Mas estava claro que havia uma crise, ou não teriam sido tão ousados, e o imperador rapidamente soube o que se passava além dos muros do palácio.

Sanno ouvia com satisfação, enquanto um dos mensageiros respondia às perguntas calmas e cuidadosas do imperador, as palavras tropeçando para fora da boca do soldado amedrontado.

— São legiões de demônios, oh Alteza, e vampiros, e uma massa revoltada de aldeões. O líder deles é um ser horrendo que flutua com a menor brisa. Seu rosto tem um brilho verde e escorregadio, e não é do Japão. A corte recuou em terror. Lindas damas voltaram-se para seus maridos guerreiros e imploraram para que o destino não as tornasse viúvas. Almofadinhas metidos a amantes da poesia apertaram os punhos dentro de suas mangas, temendo receber ordens de realmente ter de lutar contra tais criaturas.

Depois que o Imperador Kammu terminou sua entrevista com os mensageiros, Sanno virou-se para ele e disse:

— Trata-se do cruel *tengu* chinês Chirayaju. Ele jurou beber seu sangue, mas fique certo de que o protegerei, grande e poderoso soberano.

Com a mão no punho da espada em seu cinturão, Kammu inclinou a cabeça em grande agradecimento e disse a Sanno:

— Minha dívida por sua assistência nunca poderá ser paga. Dar-lhe-ei armas, soldados e cavalos.

— Tenho meu próprio exército, acampado no pé da montanha — respondeu Sanno com arrogância —, mas aceitarei sua generosa oferta, pois nenhum exército deveria recusar provisões.

Então Sanno bateu palmas e um vento gelado de inverno assobiou dentro do salão do banquete. Os cortesãos reunidos tremeram com o frio, os mais velhos e os mais jovens quase ficaram azuis, mas Sanno parecia não perceber o desconforto deles.

Ele bradou um grito de guerra, que foi engolido pelo vento, então gritou em tons alarmantes:

— Venha até mim. Chegou a hora. Carregando suas palavras, o vento fluíu na direção oposta. Ao encontrar uma porta de papel de palha de arroz, arrebentou-a, deixando um buraco no meio. Em outro instante, arrebentou a própria parede do palácio.

O imperador viu o estrago e ficou calado por um instante. Então ousou dizer ao Deus da Montanha:

— Seria bom se você o encontrasse do lado de fora dos portões do palácio. Aqui dentro, meu povo está indefeso.

Sanno encarou o imperador e bradou como trovão:

— Não estou aqui para protegê-lo, ó deus vivente sobre essa terra? Você preferia que meu exército se expusesse ao perigo desnecessário e possivelmente falhasse em sua missão? Minhas tropas ocuparão esse palácio e seus cortesãos devem cuidar de si. — Então Sanno fez uma reverência, talvez por gozação, e acrescentou: — Pois sua vida deve ser preservada a qualquer custo, Grande Kammu.

— Então devo compartilhar do perigo — respondeu Kammu, levantando e descendo do balcão onde se sentava com sua imperatriz. — Vou agora vestir minha armadura de combate.

Sanno concordou, satisfeito, pois era bom que o imperador se unisse à batalha. Na verdade, o ódio que o Deus da Montanha sentia por Chirayoku era tão feroz que ele não se importava se a vida de Kammu fosse salva ou perdida. Não se importava com a desonra que a morte de Kammu lançaria sobre ele. Ele só queria ver o demônio-vampiro morto. E a visão de Kammu na chefia de seu próprio exército inspiraria os guerreiros de Sanno a lutar com mais coragem.

Assim que deixou o salão com todos os rostos voltados para o chão, exceto o de Sanno, o imperador não foi até sua armadura, mas até o pavilhão onde residia a forma de Amaterasu, a Deusa do Sol, que era a ancestral do imperador. Ela estava num pedestal trajando um lindo vestido rosa e escarlate, com seu espelho — parte das vestes reais — em suas mãos. Ajoelhando-se humildemente, Kammu disse-lhe:

— Divina, temo que Lorde Sanno não tenha vindo proteger nossa família, mas com o único propósito de aniquilar o demônio chinês que

marcha até nós. Temo que no ardor da batalha, o Deus da Montanha sacrifique o que for preciso para matar esse Chirayaju.

A sala encheu-se de luz quando Amaterasu saiu de seu pedestal e desceu da plataforma, até que estivesse apenas um degrau acima de seu descendente. Era tão linda que era difícil para Kammu olhar para ela, então manteve seu olhar baixo e encarou o chão.

— Você é um homem sábio, Kammu — disse a Deusa. — Pois, na verdade, Lorde Sanno não porá freios para aplacar seu ódio violento contra Lorde Chirayaju. Se qualquer um de nossa família ficar entre ele e o demônio, ele o cortaria ao meio com a mesma facilidade que seus ventos cortaram o papel de palha de arroz.

Perturbado, Kammu ouviu, e ficou ainda mais perturbado conforme Amaterasu seguiu.

— Meu irmão, Tsukuyomi, contou-me que o coração de Lorde Sanno mudou para sempre. Seu ódio permanecerá depois da morte de Lorde Chirayaju, caso ele prevaleça nesta guerra. Ele nunca descansará porque Gemmyo, a filha Fujiwara, foi levada para longe dele. Ele destruirá o palácio e toda a terra do Japão. O sangue de Kammu gelou. Exigindo toda a resolução em seu coração de guerreiro, ele disse:

— Divina Ancestral, rogo para que me diga como impedir tanto Lorde Chirayaju quanto Lorde Sanno.

A presença ardente de Amaterasu esfriou quando ela disse seriamente:

— Há um meio, mas os rituais que revelo a você em meu espelho devem ser executados com precisão. No caos que recairá sobre este local, isso será mais difícil.

— Vou prevalecer — garantiu-lhe Kammu.

— Ele carrega um objeto de significância pessoal? — ela indagou.

— *Hai* — disse ávido —, uma grande espada.

— Uma espada. É a melhor resposta que você poderia ter dado — ela abaixou a cabeça e uma lágrima dourada dos raios do sol correu por seu rosto. — Entretanto, pode acontecer que você falhe, Imperador Kammu. Neste caso, sofrerá uma morte dolorosa e humilhante. Nunca verá o Paraíso. E o mundo que você conhece acabará.

Kammu suspirou, o coração pesado de medo.

— Mas se eu não tentar, certamente tudo se perderá. Amaterasu concordou lentamente. Mais lágrimas escorreram até o chão, incendiando os tapetes. Pois a Divina Ancestral verdadeiramente amava os imperadores e suas famílias.

À meia-noite, o exército de Chirayaju composto de aldeões, demônios e vampiros atacou o castelo com selvageria feroz.

Os homens do Imperador Kammu, todos valentes guerreiros, nunca haviam estado frente a frente com oponentes tão aterradores, mas lutaram bravamente com espadas e lanças enquanto os arqueiros lançavam suas flechas ardentes das muralhas.

Ao lado deles o exército de Sanno precipitava-se para a batalha, como se não tivesse medo da morte.

As chamas brilhavam em volta do castelo conforme os terríveis invasores se aproximavam, e a situação ficou realmente difícil quando batalhão após batalhão dos exércitos combinados de Sanno e Kammu caíram sob o ataque.

Mesmo assim, ainda havia esperança. Instruídos por Sanno a estender cordas junto ao chão em frente aos portões do castelo, os *kappa*, sedentos de sangue, tropeçaram e derramaram a água mágica de suas cabeças em forma de cuia. Os aldeões humanos do exército de Chirayaju, enviados na frente para absorver as flechas e lanças das tropas do imperador, eram cortados como palha. Muitos dos vampiros *eta* viraram poeira quando as estacas perfuraram seus corações. E os *oni* tinham tanta tendência a se voltar uns contra os outros no violento frenesi quanto atacar seus inimigos nominais.

Ainda assim, o líder deles, Chirayaju, parecia inconquistável. Com sua cara esverdeada e escorregadia e as mãos cheias de garras, era uma visão aterradora ao se erguer no ar e lançar bolas de fogo contra o jardim do palácio.

Sanno respondia à altura, e os dois trocavam golpes com fogo e redemoinhos de vento. Sanno pisava sobre a terra em fúria. O chão tremeu tanto que as árvores foram arrancadas pela raiz, as cachoeiras respingaram suas águas para cima e os dragões ameaçaram escapar pelas rachaduras e fissuras. O castelo em si começou a se desintegrar. As toras de madeira quebravam e caíam sobre o chão do castelo. A filha favorita da Kammu morreu esmagada, assim como muitas outras.

No desespero, percebendo que o poderoso demônio e o igualmente poderoso *kami* logo destruiriam toda Nara, Kammu orou para seus Divinos Ancestrais e todas as Pessoas do Paraíso e, de repente, o céu iluminou-se um pouco quando Amaterasu mostrou seu rosto muito antes do esperado.

— Chirayaju! — Sanno chamou seu inimigo. Apontou para a faixa da montanha. — O sol nascerá em breve e trará sua morte.

Vamos acabar com isso. Renda-se e matarei apenas você. Seus vis seguidores poderão continuar sua miserável existência.

O desafio de Sanno confirmou o maior medo do imperador em relação às intenções do Deus da Montanha. O pensamento de que os *oni*, *kappa* e vampiros *eta* que sobrassem seriam livres para caçar seu povo era insuportável.

— Nunca! — gritou Chirayaju, ao golpear o castelo com mais fogo. Mais de dois terços do belo castelo incendiavam, e a segunda filha mais velha de Kammu queimou até a morte em seus aposentos.

O Imperador Kammu sentou-se ereto em seu cavalo de batalha e ergueu a mão.

— Lorde Chirayaju — disse —, é como disse o Lorde Sanno. O céu se ilumina. Logo você e seus guerreiros-vampiros morrerão em chamas, assim como meu palácio e minha filha queimaram. Proponho um combate entre vocês dois e juro oferecer meu sangue a você caso seja o vitorioso.

— O que você está fazendo? — Sanno bradou contra Kammu.

O imperador baixou o tom de voz e disse:

— Minha Divina Ancestral revelou-me como posso matá-lo. Armarei-o com meu conhecimento.

Como conforto, ele falou de alguns dos rituais e encantamentos que Amaterasu-no-fcímj lhe havia mostrado no espelho. Mas o imperador não revelou que sabia como derrotar o Deus da Montanha também.

Satisfeito por agora estar em vantagem, Sanno agitou suas bandeiras e gritou para Chirayaju:

— Lorde demônio, apesar de ser uma peste nojenta, ainda assim você é poderoso. Jurei ao Imperador Kammu que protegeria seu lar. Mas, com nosso combate, você e eu estamos destruindo seu palácio e matando seus filhos. Eu também juro que, se derrotado, permitirei que você me destrua.

Chirayaju parecia intrigado. Enquanto o monstro flutuava no ar muito acima de seus seguidores, ele olhou para o horizonte. O topo da montanha era varrido pelos primeiros raios violeta do dia. Talvez tivesse percebido que, se não derrotasse Sanno logo, teria de recuar, deixando suas costas vulneráveis a todos os golpes que o imperador e Sanno pudessem lançar.

De forma prolixa, ele disse:

— Aceito seu desafio. Irei sozinho.

Encontraram-se no jardim, o grande Deus da Montanha de um lado, o temido mago-vampiro do outro. O céu ainda estava escuro, mas a divina luz do sol logo ergueria as veias da noite.

O imperador cantou sobre a espada de Sanno, que já era uma arma encantada, dado que era a espada de um *kami*. Mas agora era ainda mais poderosa. Se Sanno varasse Chirayaju no coração, ele certamente morreria.

Chirayaju encarou o Deus da Montanha sem medo. Tratava-se apenas de uma divindade menor; ele era capaz de devorar todo o próprio paraíso!

Com zombaria, Chirayaju fez uma reverência elaborada e pensou consigo: "Logo, esse tolo morrerá. E então não apenas beberei o sangue do imperador de mente fraca, mas devorarei Kammu completamente".

Também armado com uma espada, Chirayaju assumiu posição de combate.

Acima deles, no baluarte, o imperador vestira roupas completamente brancas. Em volta da cabeça trazia um lenço inscrito com um símbolo do encantamento que a Deusa Ihe havia ensinado, a palavra única para a Força da Vida, que era *ki*.

Estava de pé sobre um tatame sagrado abençoado pelos sacerdotes, e derramava o saque do ritual — vinho de arroz — sobre a palha trançada.

Abaixo dele, os dois seres sobrenaturais corriam um para o outro, brandindo suas espadas sobre as cabeças. As lâminas tiniram e faíscas brilharam no céu como as músicas que pranteiam a morte dos dragões ancestrais.

Sobre o tatame, em frente ao imperador, estava sua própria espada. Caso falhasse na tentativa de impedi-los, ele planejava oferecer sua própria vida aos deuses, na esperança de que eles protegeriam sua pobre nação. Como a Deusa havia previsto, ele morreria uma morte dolorosa, pois perfuraria o próprio abdome como expiação por sua incompetência. O sangue que derramaria de sua ferida mortal seria o único sangue dele que Chirayaju ia provar.

Mas ele rezava para que este não fosse seu destino. Orava para que, em vez disso, visse Sanno vitorioso e, portanto, traído. Ele não poderia permitir que Sanno caminhasse sobre a terra, pois o Deus da Montanha tinha se tornado um ser cruel, muito parecido com o demônio com quem lutava. A Divina Ancestral de Kammu havia assegurado isso. E por isso havia revelado o encantamento sagrado

que prenderia não apenas Chirayaju na espada, mas também o Lorde Sanno.

— Chirayaju! — gritou Sanno. — Ofereço-lhe uma morte honrosa. Cometa suicídio com sua lâmina e escreverei um poema sobre você.

Chirayaju olhou para Sanno com desprezo e voou alto no ar.

— Se sua poesia canta como sua espada, eu padeceria no mundo espiritual ao ouvir seus versos discordantes.

E, assim, enquanto lutavam um contra o outro no jardim, o Imperador Kammu preparou seu tatame com sal e saque, e percorreu em sua mente as frases que devia pronunciar para prender os dois no aço.

Quando suas espadas se chocaram, o vento ergueu violento. A terra tremeu, rolou e sacudiu. Em volta de Kammu, seu castelo ardia. Embora pudesse ser queimado com ele, não sairia do lugar até que tudo estivesse feito.

Suavemente, ele sussurrou um poema próprio:

"Chore agora, terra, ar, fogo,
Lágrimas pelos filhos mortos de Kammu,
Água, quarta alma da Terra."

O Imperador Kammu não hesitaria. Ele os prenderia — ou morreria.

Capítulo 15

Não havia quem conseguisse mandar Xander para casa, e ponto final.

Decidido, ele perguntou num sussurro:

— Será que alguém pensou que parte de andar com a Caça-Vampiros significa aprender algo completamente novo sobre pequenos delitos?

Eles ficaram observando enquanto Cordelia se aproximava da porta da frente, olhando para eles com nervosismo. Giles e Xander encorajaram-na. Finalmente, ela começou a bater na porta, berrando por ajuda o mais alto que pôde. Queriam que o vigia noturno viesse correndo, mas preferiam não chamar a atenção de outras pessoas que trabalhavam na vigilância dos prédios próximos. Não que houvesse muitos prédios que pudessem ser considerados "próximos".

— Socorro! — gritou Cordelia. — Oh, por favor me ajude!

— Para alguém cuja vida estive em perigo várias vezes, ela é realmente péssima em fingir — sussurrou Giles.

— O que é, sabe, algo muito, muito ruim — replicou Xander com muito pouca convicção.

Eles ouviram as trancas se abrindo. A porta foi escancarada e o vigia noturno apareceu, um indivíduo bastante arredondado num uniforme azul-escuro que mal cabia nele, segurando uma longa lanterna em uma das mãos.

— Senhorita, o que foi? — perguntou com verdadeira preocupação.

— Oh, meu Deus, socorro, eles estão atrás de mim! — disse Cordelia desesperada, jogando-se no homem mais como se fosse a primeira cliente na fila da liquidação depois do Natal na Macy's do que se estivesse em perigo. — Por favor! Dois homens estavam me perseguindo, acho que eles queriam... não sei o que eles queriam, mas o senhor precisa me ajudar! Mesmo!

— Estamos fritos — sussurrou Xander. — Isso nunca vai dar certo. Já vi melhores atuações em novelas que foram canceladas.

Giles virou-se para olhá-lo com uma sobrancelha erguida.

— Coisa que eu nunca assisto, e só vi de passagem enquanto vasculhava os canais, procurando o jogo universitário de squash... hum, não, basquete — corrigiu Xander rapidamente.

— Não importa o que achamos de suas habilidades dramáticas, a atuação de Cordelia parece estar surtindo o efeito desejado — replicou Giles em voz baixa.

Xander observou com surpresa quando o vigia noturno deu um tapinha no ombro de Cordelia. Ela caiu num choro um pouco exagerado, especialmente depois de ter insistido em que não a obrigassem a chorar, já que as lágrimas iam arruinar o rimei recém-aplicado. Mesmo assim, o guarda parecia estar caindo na dela.

— Onde estes delinquentes perseguiram você, querida? — perguntou o vigia.

— Bem... *sniff*... bem ali — disse Cordelia, apontando em outra direção, onde uma fila de árvores separava o portão do museu do gramado.

Xander revirou os olhos. Era aposta ganha que o cara ia ficar se perguntando o que ela estava fazendo naquele canto escuro.

— Certo, senhorita, não se preocupe — o vigia barrigudo e de meia-idade disse para confortá-la. — Entre e chame a polícia. Vou dar uma olhada por aqui. Tranque a porta e fique esperando até eu voltar. Não deixe ninguém entrar, exceto o velho Eddie, ouviu?

Cordelia choramingou para concordar e permitiu que Eddie a conduzisse para dentro do museu, onde ela prontamente fechou a porta e trancou. Xander ficou olhando sem acreditar, enquanto o vigia atravessou o gramado como se a trilha sonora do *Missão Impossível* estivesse tocando em sua cabeça.

Depois de um momento, ele e Giles viraram a esquina — Xander muito cuidadosamente — e bateram de leve na porta. Cordelia abriu rapidamente, eles entraram, e então virou e trancou todos os cadeados atrás dela.

— Bem, isso vai nos dar cerca de três minutos — disse Cordelia maliciosamente — E agora o que fazemos?

— Humm? — perguntou Giles, e olhou inocente, com aquela cara de desculpe-estava-planejando-essa-trapaça-que-devia-ser-minha-idéia.

— Oh não — disse Xander, sacudindo o dedo na cara do Sentinela. — Uh-uh. Nada de *hum*, entendeu, Giles? Nada de *hum*! Agora. O que faremos quando ele voltar?

— Oh, bem — Giles sacudiu a cabeça, com o olhar distraído. — Suponho que Cordelia deveria simplesmente fingir estar assustada demais para abrir a porta. Cordelia, você poderia dizer que ele terá que

esperar do lado de fora até que a polícia chegue, pois só assim poderá ter certeza de estar segura.

— Este é o seu plano? — perguntou Cordelia. — Eu tenho que bancar a loira burra?

— O que for preciso, sim — Giles ergueu o queixo como se estivesse desafiando-os a dizer que era um plano ruim.

— É um péssimo plano — disse Xander. Cordelia parecia satisfeita. — Não que você não possa bancar a loira burra, Cor. Na verdade, já vimos você fazer isso.

Giles piscou, aparentemente surpreso que a velha pose de erguer o queixo não os tivesse intimidado.

— Sim, bem, quando desenvolverem um plano melhor, por favor, me informem — disse com sarcasmo e virou-se para ir ao fundo do museu, onde estava a exposição do Japão.

— Viu? — começou Xander, ao seguir Giles. — Meu plano incluiria ter certeza de que você não iria para o xadrez, o que, caso você não saiba, não é uma gíria moderna para "paraíso tropical" — ele fez uma pausa e respirou fundo. — Você está entendendo isso, Giles? Xadrez, ruim!

— Xander.

— Estou indo!

Pouco tempo depois, os dois estavam na frente da Espada de Sanno.

— Fascinante.

— O que foi, sr. Spock?

Giles suspirou e olhou para Xander. Claro que ele também não era desprovido de senso de humor, mas o garoto escolhia os momentos mais estranhos para exercitar seu tipo peculiar de levandade.

— Dê uma olhada nisso — Giles apontou para a grande espada na parede. — Essa é a espada em que Willow se cortou. A Espada de Sanno. Parecem ser símbolos orientais gravados na bainha.

Com uma caneta, ele indicou a placa de metal que separava a lâmina do punho da espada: — Gostaria de saber o que isso significa.

Então olhou mais de perto. O próprio punho era coberto de trancas de seda em forma de cruz que pareciam segurar vários pequenos discos dos dois lados.

— Olhe aqui — disse, mais para si do que para Xander. Distraído, ele buscava ouvir os gritos agudos de Cordelia, que indicariam a volta de Eddie, o vigia volumoso, mas ela estava em silêncio. No silêncio,

ele orou fervorosamente para que ela não tivesse esquecido de seu trabalho.

— Olhar para o quê? — perguntou Xander.

— Bem — disse Giles apontando para o punho —, perceba a seda trançada aqui, parece que ao mesmo tempo visa segurar e expor estes discos redondos.

— É — disse Xander. — E vejo a mesma coisa em quase todas as outras espadas aqui.

— Isso mesmo — admitiu Giles. — Mas estas espadas são *katana* ou outras espadas similares, todas de um período posterior. Algo que nunca teria sido feito nesta mais antiga. É um estilo que não foi desenvolvido até muito mais tarde. Ademais, os discos têm marcas similares àquelas na bainha.

Xander estava calado. Giles virou-se para ele.

— Achei que você tinha dito que não sabia nada sobre a história japonesa ou a cultura ou coisa assim — disse Xander.

— Bem, lembro-me muito pouco do que aprendi na escola, mas eu visitei a exposição. Assim como você — Xander deu de ombros. — Acabei de ler o diário de Claire Silver. Na verdade, aprendi a coisa mais fascinante no caminho para cá. Parece que Sanno, o Deus da Montanha, também ficou preso dentro da espada.

— Não brinca — Xander parecia descrente com a arma. — Ele está aí *agora*?

— Não tenho certeza — Giles olhou para ele. — Mas acho que sim.

— Talvez estes pequenos discos tenham sido adicionados quando ele foi, hum, preso aí. Talvez tenha acontecido mais tarde, por isso toda essa coisa extra de um período posterior.

— Talvez — disse Giles. — Mas, se os encantamentos foram tão poderosos, o simples fato de Willow ter se cortado não deveria ter sido suficiente para permitir que Chirayaju fosse liberado. Ainda que certamente seu sangue tivesse sido um catalisador parcial, e Buffy disse que seu estado de espírito estava bastante vulnerável. Mesmo assim, se houvesse um feitiço de aprisionamento, de fato, mais do que um, não entendo como...

— Ei, dá só uma olhada — disse Xander, passando por Giles e apontando para o punho. — Parece que está faltando um dos discos. Aqui.

Giles deu uma boa olhada no lugar onde o disco esteve antes.

— Obrigado, Xander, acredito que você acabou de responder à minha pergunta.

Xander vacilou.

— Respondi?

— Agora tenho que descobrir como remover este espírito da Willow e prendê-lo novamente. Teremos que trazê-la aqui de algum modo — disse já distraído, mergulhado em contemplação.

— Ou poderíamos simplesmente pegar a espada.

— Não, espere! — gritou Giles.

Mas era tarde demais. Xander já tinha alcançado a espada na parede, agarrado-a pelo punho e erguido.

— Nós estamos... — Xander começou a dizer, mas a frase terminou aí, e o sorriso desapareceu do rosto dele. Seus olhos se estreitaram, as narinas se incendiaram, ele estufou o peito, como se estivesse tentando impressionar as garotas. Ergueu o queixo com ar arrogante e, por um momento, Giles pensou que Xander estava de gozação novamente. Então ele falou.

— *Livre.*

Mas não era a voz de Xander. Não mesmo. Era uma voz profunda e ressonante, como se viesse de todos os lados da sala. Estava repleta de poder e um orgulho que fizeram Giles querer abaixar os olhos para o chão em deferência. Ele lutou contra este desejo e, em vez disso, olhou direto para o rosto de Xander.

O rosto era de Xander. Mas Xander Harris não estava mais lá.

— Ahã — Giles limpou a garganta com nervosismo. — Sanno, eu presumo?

Olhos que antes eram de Xander encaravam o rosto de Giles, e o Sentinela sentiu sua espinha derreter. Se não fosse pela lembrança do senso de humor especialmente tolo do garoto, ele poderia ter encolhido diante de tais olhos.

— Sou Sanno, Rei da Montanha — o espírito que vestia a carne de Xander falou com ele. — Onde está o vampiro?

— Bem, não tenho certeza, mas você deveria saber que...

— Não importa. Posso farejá-lo. De uma vez por todas eu vou destruí-lo — bradou Sanno, e começou a caminhar em direção ao fundo do museu, rumo a duas portas francesas e longe da porta da frente, onde Cordelia estava tentando segurar Eddie, o vigia, com sua atuação de donzela em perigo. No choque da transformação de Xander, Giles tinha perdido a volta do vigia.

— Cordelia, uma pequena mudança de planos. Temos que ir! — gritou Giles com urgência. — Rápido!

Giles a ouviu correndo até eles e virou-se para vê-la aparecer na porta.

— Bem, já não era ho... — começou, mas não terminou a frase. Em vez disso, ficou ao lado de Giles olhando para Xander, que trazia em sua mão direita uma espada que Giles mal poderia ter segurado com as duas. Ele caminhava para a porta.

— A guerra eterna termina esta noite! — declarou Sanno, e abriu as portas francesas, o que disparou vários alarmes de romper o tímpano.

Giles pensou em Willow.

— Sim — sussurrou para si. — É precisamente do que tenho medo.

— Temos que correr — Giles disse num trote. Cordelia lutou para acompanhar o ritmo. — Não sabemos onde Willow está e, se perdemos Xander de vista, podemos ficar sem saber. Será tarde demais para fazer qualquer coisa.

— Certo, tá, mas você não está de salto alto! — protestou Cordelia enquanto via a distante figura atravessar o gramado do museu. No quintal, o alarme da segurança tinha silenciado. Eddie, o vigia, devia ter decidido que ela era uma psicopata e mandado a polícia voltar para casa.

A figura parecia brilhar enquanto caminhava. Parecia maior e mais alta que Xander e, ainda assim, se ela entortasse os olhos, Xander era a única coisa ali. Eles perseguiam Xander, mas não era ele.

Cordelia alcançou Giles e apoiou-se nele, tentando como louca se livrar dos sapatos. A cada passo que davam, seus saltos se enterravam cinco centímetros na grama.

— Cordelia, por favor, tire essa porcaria do pé! — implorou Giles.

— Desculpe. Só preciso parar por um segundo para tirá-los — ela observou Xander bem na frente e sentiu como se fosse chorar. — Esses Ferragamos! Você sabe quanto eles custam?

Giles sacudiu a cabeça impacientemente.

— Muito! — acrescentou ela. — O que aconteceu com o Xander?

— Parece que foi possuído pela Espada de Sanno, bem, na verdade, pelo próprio Sanno — disse Giles com ansiedade ao ver a figura sair correndo deles.

— Bem, então por que ele está falando inglês? — indagou, confusa.

— Suponho que Sanno tenha acessado o conhecimento de Xander, incluindo o centro de linguagem. Xander não estaria acostumado a realmente ter que formar os sons exigidos no japonês antigo. Ademais, ele deve perceber que não o entenderíamos de outra maneira. Realmente fascinante — respondeu Giles.

— Ah, é, essa seria minha resposta também — disse com sarcasmo quando conseguiu tirar os sapatos —, mas não é isso. Quero dizer, sei que ele está possuído, mas como?

— Cordelia, vou tentar explicar depois. Temos que correr!

— Isso é tudo o que sou para vocês, rapazes — disse com tristeza. — Aquela para quem vão explicar tudo depois...!

— Cordelia, venha! — ordenou Giles, chamando-a para acompanhá-lo.

— Aquela com quem você fala como se fosse uma collie!

Ela correu atrás dele, seus sapatos preciosos pendurados sobre os ombros.

Um vento gelado bateu em volta de Giles e Cordelia, reunindo força e empurrando-os para a frente. Cerca de seis metros adiante, Xander virou-se e sorriu para os dois.

— Pensei em apressá-los — disse-lhes a voz rouca. — Para que vocês possam testemunhar a destruição do vampiro. Ele ainda não sabe que me libertei, mas quando souber...

— Você se libertou? — Cordelia gritou com ele. — Espera aí, mas foi o meu namor... o cara que eu... o Xander Harris que libertou você, sr. Sanno.

— Eu sou *Sanno*! — bradou a voz. A figura ergueu os braços, e o vento soprou tão forte que quase ergueu Giles do chão. — O Rei da Montanha — abaixou os braços e fez pose. — Sou o protetor da Terra do Sol Nascente!

Embora estivesse perdendo o equilíbrio na ventania, Cordelia não estava pronta para aceitar a derrota. Giles achou seu comportamento brigão notavelmente reanimador, em oposição à sua atração pela superficialidade.

— Bem, bem, hum, você não está na Terra do Sol Nascente, você está na terra de Sunnydale — avisou Cordelia. — E as coisas são diferentes por aqui. Temos nossa própria pessoa para destruir vampiros — ela sacudiu as mãos para afastá-lo. — Então você pode ir para casa agora.

— *Silêncio*! — retumbou Sanno. — Silêncio, garota mortal! *Baka no onna*!

Com uma pequena parte de seu ardor, Cordelia foi atirada ao chão e presa ali. Ela começou a gritar e se contorcer, quase em lágrimas.

Giles ajoelhou-se e fez referência.

— Oh, grande e mágico bruxo, *gomenasai*. Perdoe a fêmea — disse cuidadosamente. — Ela é muito jovem e ignorante. Age assim porque teme pelo rapaz cujo corpo habita, sabendo o que está por vir.

Ele sussurrou para Cordelia.

— Peça desculpas!

— Desculpe — disse documente. Sanno disse:

— Muito bem.

Imediatamente o vento parou de soprar. Hesitante, Cordelia afastou a franja do olho, esperou um pouco e então ficou de pé desajeitadamente. Ela parecia exausta.

— Obrigada — disse.

Sanno virou-se e saiu andando altivo. Cordelia correu até Giles.

— O que está porvir? Não sei o que está porvir. Sei? Giles gesticulou para a figura que se afastava.

— Oh, minha querida — suspirou. — Receio que ele vá lutar com Chirayaju.

Cordelia arregalou os olhos para Xander, e então para Giles. Ela disse:

— O quê? Mas é a Willow. Giles suspirou mais fundo.

— Precisamente. Ela ergueu a cabeça.

— Willow e Xander vão duelar?

— Entre outras coisas. Imagino que haverá alguma mágica envolvida — gentilmente ele a pegou pelo pulso. — Agora venha. Temos que acompanhá-lo.

— Mágica? — ela repetiu, tropeçando atrás dele. — Por que mágica?

— Não há sempre? — perguntou, tentando fazer uma piada. Mas não foi nada engraçado.

— Como saberemos quando um dos dois ganhar? Ele não queria responder, mas ela o sacudiu com força.

— Giles!

— Oh, está bem — ele parou e a olhou com tristeza. — Suponho que quando um deles... perder — diminuiu o tom, odiando dizer aquelas palavras. — Quer dizer, quando um deles morrer.

Capítulo 16

O Jardim da Amizade de Sunnydale todo arruinado não era a coisa mais esquisita que Buffy já tinha visto, mas estava perto. Era enorme, o que ao mesmo tempo a surpreendia e preocupava: por que nunca tinha visto isso antes? Ela estava em Sunnydale havia um ano e tinha certeza de já ter visto suas sete maravilhas — mas isso ganhava longe de todas elas.

O jardim estava afundado no solo. Ela ficou em pé na beirada acima dele e olhou para as árvores esqueléticas e pontes curvas apodrecidas lá embaixo, enquanto vasculhava a área sob o entardecer cinzento. Acendeu a lanterna. O feixe amarelo brilhou sobre as reentrâncias na pedra e as pequenas coisas vermelhas do templo — *pagodes*, veio a palavra, embora ela não fizesse idéia de como sabia algo assim quando nem tinha conseguido se lembrar de *origami* —, e distante viu uma grande construção escura feita de madeira com um delicado telhado de telhas curvas. Nossa. Quando este lugar foi construído representava altas esperanças. E dinheiro.

Buffy ergueu os olhos. O sol espreitava pouco acima do horizonte, escurecendo a paisagem. Buffy não ouvia nada, nem o som dos grilos. Só isso já bastava para lhe dar calafrios.

Mas o que ela viu saindo da construção fez seus joelhos virarem água.

Willow vestia um elaborado roupão chinês e, por cima, algum tipo de armadura de metal cobrindo a parte de cima do corpo. Carregava uma lança, talvez uma longa espada, e olhou para cima, aparentemente sem notar a presença de Buffy, então voltou para a construção.

Uma luz cintilava em uma das janelas abertas, como se viesse de uma vela.

Buffy engoliu em seco e começou a caminhar rumo a uma escada de pedras que ia até a construção. Todos seus sentidos estavam em alerta; seu olhar percorria da esquerda para a direita, enquanto se esforçava ao máximo para aparentar despreocupação e coragem.

À sua direita havia uma grande depressão que parecia ter sido um lago ou uma piscina algum dia. Uma ponte de madeira passava sobre ela, a parte do meio estava esvaída, provavelmente por vândalos.

Buffy caminhou pelo jardim silencioso.

Então pensou ter ouvido um choro.

Acelerou o passo ao se aproximar da construção. O choro vinha do lado de dentro. Só poderia ser Willow. Ou pelo menos era o que Buffy esperava.

Havia uma pequena varanda de construção anexa à casa. Com cuidado, ciente de que a construção poderia ceder a qualquer momento, Buffy pisou nela e espiou lá dentro.

No centro da sala vazia e com piso de madeira, Willow chorava sozinha, lágrimas correndo por suas faces. Com um grande conjunto de velas verde jade num candelabro vermelho todo enfeitado à sua frente, estava sentada sobre um travesseiro escarlate, encarando a lança que esteve carregando. No chão, próxima a ela, havia uma espada, uma tradicional *katana* japonesa, e Buffy nem quis saber onde ou como Willow pôs a mão em todas aquelas coisas.

Não que tivesse tempo para pensar naquilo. Não enquanto Willow estivesse apontando a ponta afiada da lança direto contra seu coração.

— Willow, não! — gritou Buffy, correndo até ela. O chão embaixo de Buffy cantou de forma estranha enquanto ela atravessava a sala.

A cabeça de Willow se ergueu. Como um chicote, ela virou a lança e apontou para Buffy. Então disse:

— Oh. É só você — enxugou o rosto e encarou com uma hostilidade brutal a pessoa que deveria ser sua melhor amiga. A lança permaneceu apontada para Buffy.

— Oh? Sou apenas eu? — ecoou Buffy com surpresa.

— Achei que fosse outra pessoa — as lágrimas tinham sumido. Ela era uma pessoa diferente.

Oh, sim, uma pessoa muito diferente.

— Quem você estava esperando? — exigiu Buffy, escorregando a mão para dentro da bolsa de caça-vampiros o mais discretamente possível. — O entregador de pizza? O rapaz da TV a cabo?

Willow apertou os lábios. Então mostrou um sorriso cruel e sagaz e bateu sobre uma almofada à sua frente.

— Tenho dentro de mim a lembrança de que no passado seu humor infantil me divertia. Sente-se enquanto espero pelo pôr-do-sol.

Buffy não se moveu. Agora que tinha encontrado Willow, com o sol em seus últimos raios, ela não sabia o que fazer. Assustadoramente, Willow continuou a bater sobre a almofada. Seu sorriso ficou mais amplo.

Ela gesticulou para o chão.

— Este é um "Chão Rouxinol". Uma tradição muito antiga que aprendi no Japão — disse. — Os imperadores os instalavam para que ninguém pudesse pegá-los de surpresa. Mas claro que eu sabia que você vinha — ela riu. — Dava para sentir o cheiro do seu sangue. Mal posso esperar para prová-lo.

— Willow — Buffy tentou novamente. — Algo muito ruim aconteceu com você. Deixe-me levá-la até Giles para que ele possa resolver isso.

— Ninguém pode "resolver" nada — Willow ergueu o queixo. — É tarde demais.

E então, por um momento terrível, o queixo de Willow tremeu e ela avançou para Buffy com as duas mãos. Ela tremia.

— Impeça-o — implorou ela. — Buffy, impeça a *mim* — então caiu para a frente como se alguém tivesse atirado nela.

O sol tinha se posto. A noite caía sobre todos eles.

Buffy agiu. Lançou-se sobre Willow em cima do estranho chão que cantava e afastou sua lança. Num só movimento, ela a quebrou sobre o joelho e jogou os dois pedaços do outro lado da sala.

— E o que você conseguiu com isso? — perguntou Willow, num tom de voz mais baixo e profundo. — Não era esta a arma que você deveria temer.

— Certo — disse Buffy lentamente, olhando para a espada no chão não muito longe dali, tentando ganhar tempo. Angel deveria alcançá-la ali a qualquer segundo. — E a arma que eu deveria temer é?

— Eu sou a arma — disse Willow.

Lentamente ela se sentou novamente. O chão estalava e ressoava. Buffy hesitou. Quase dava para ver novos traços de fisionomia se instalarem sobre o rosto de Willow. Um rosto verde e luminoso com lábios vermelho sangue. Olhos negros e amendoados que perfuravam os dela. O rosto parecia coberto com algum tipo de plasma brilhante, como argila ou verniz. Era horrível.

Uma risada retumbou na sala, muito embora Willow não estivesse rindo.

O chão cantou, embora Buffy estivesse imóvel.

— Eu sou — repetiu Willow.

Ela bateu palmas. Como flechas, os vampiros invadiram a sala vindos de todas as janelas e correram até Buffy. Ela percebeu que eles deviam ter se enterrado no jardim na noite anterior para chegarem tão perto tão rápido.

Num instante, Buffy saltou sobre os pés e assumiu postura de briga. Chutou o rosto do primeiro vampiro que chegou perto dela e lutou para pegar uma estaca na bolsa, xingando por ser pega desprevenida quando outro vampiro a agarrou por trás. Curvou o corpo para a frente e para baixo, virando o vampiro e jogando-o no chão com um som satisfatório de algo quebrando. Agarrou a estaca e despachou os dois rapidamente em duas nuvens gêmeas de poeira.

A música que vinha do chão se tornou um longo grito de fúria. Os vampiros vieram para cima dela, um pequeno exército, e ela socava e chutava, entendendo completamente pela primeira vez que, naquela noite no Bronze, os vampiros que tinham esperado em fila por ela tinham sido enviados por Willow. Eles preferiram morrer a enfrentar sua fúria.

Mas não era ela, era o que Buffy seguia dizendo a si mesma. Não era realmente a Willow.

Uma garota vampira com cabelos ruivos brilhantes e um moletom grande demais da St. Andrew veio para cima de Buffy, dando saltos mortais com um grunhido selvagem no mesmo momento em que outra garota com dentes à mostra e moletom grande demais mergulhou sobre as pernas da Caça-Vampiros. Por um momento, elas a prenderam.

Então seu punho subiu e ela conseguiu se soltar das mãos da ruiva. Com os calcanhares nas mãos dessa vampira, puxou a cabeça da garota da St. Andrew para trás, enfiou a estaca bem usada fundo no peito dela.

Assim que a ruiva explodiu, Buffy cuidou da outra que estava em volta dos seus joelhos.

Mas havia outros. Parecia não haver fim para eles. E embora estivesse se agüentando até ali, Buffy estava ficando cansada.

Sentada em sua almofada, Willow assistia, sorrindo. Buffy virou-se para ela e estendeu a mão em súplica, assim como Willow tinha feito antes. Ofegante, ela disse:

— Will, você pode pará-los.

Willow disse lentamente, como se o pensamento tivesse lhe ocorrido naquele instante:

— Sim.

Esperançosa, Buffy seguiu:

— Sim, sim! Apenas mande-os parar. Eles farão o que você pedir. Eles têm medo de você.

Willow abaixou a cabeça. Buffy sentiu uma onda de esperança de que sua doce Smurfete estivesse lutando contra o monstro que a havia possuído.

Então Willow jogou a cabeça para trás e riu, abrindo os braços. Os traços do outro ser estavam sobre o rosto dela como uma grotesca máscara de plástico verde

— Eles devem ter medo de mim — disse Willow, só que não era parecida em nada com a voz de Willow. Era a voz de um demônio, e isso moeu os nervos de Buffy como unhas sobre uma lousa. — Assim como você deveria temer, Caça-Vampiros.

Ele estalou os dedos e caminhou lentamente para Buffy. Os outros vampiros a soltaram e se afastaram, abrindo o perímetro da sala como espectadores num ringue de luta livre.

— Você está cansada — disse numa voz melodiosa, o chão ecoando seu ritmo hipnótico. — Muito cansada.

Os olhos de Buffy caíram. Um vento gelado batia à sua volta, sugando a energia de seus músculos. As pernas tremiam. Os joelhos começaram a entortar.

— Seu coração está mais lento. Seu sangue está congelando.

Buffy sucumbia. Ela mal podia manter os olhos abertos.

Então Willow ergueu-se no ar com os braços abertos, conforme o vento açoitava Buffy. Sua cabeça tocava o teto e o cabelo voava atrás dela. Bolas de raios caíam da ponta dos dedos e crepitavam ao se chocar contra o chão em volta de Buffy, incendiando o piso.

O chão ressonante começou a gritar.

Os outros vampiros se afastaram das chamas que cresciam sobre a madeira inflamável, olhando entre si como se esperassem que o primeiro pulasse pela janela para que os demais pudessem ver se era melhor irritar Willow ou morrer queimados.

— Conheça-me como o vampiro-feiticeiro Chirayaju — bradou Willow acima do assobio do vento que alimentava as chamas para formar uma parede brilhante de morte. — Por fim, saí da minha prisão e assim que você não for mais uma ameaça para mim, Caça-Vampiros, governarei este lugar.

— Sunnydale? — murmurou Buffy. Agora ela suava com o calor, e de repente percebeu que a ameaça do fogo a tinha distraído tempo suficiente para que a voz hipnótica de Willow começasse a perder seu efeito sobre ela. Seu coração não estava lento, estava acelerando como se estivesse ouvindo trash metal depois de dois cafés expressos

especialmente fortes. E, definitivamente, seu sangue não estava congelando.

— Fala sério, com todos estes efeitos especiais, você poderia fazer melhor que isso — ela seguiu, a voz mais forte, a postura mais segura. — Conquistar Sunnydale não seria nada de que se gabar com os outros vampiros-feiticeiros na Terra dos Vampiros Feiticeiros, pode acreditar. Eles pegariam sua carteirinha do sindicato e o expulsariam do clube rindo da sua cara.

— Silêncio! — gritou Chirayaju. Ele caiu do teto, mirando direto para Buffy.

O que exigiria, como Buffy percebeu, ter de passar pela parede de fogo.

— Willow! — gritou ela. — Não!

O corpo da amiga continuou a despencar. Buffy respirou fundo e procurou uma brecha nas chamas. Avistou uma a cerca de um metro à esquerda — as chamas chegavam apenas até o joelho. Depois de conferir que ainda tinha seu equipamento de caça aos vampiros, Buffy saltou sobre o fogo e foi até lá. Deu para sentir o calor pelas solas das botas.

Chirayaju aterrissou a menos de um metro e meio dela e veio para cima com uma série de voadoras. Buffy desviou dos golpes, batendo o melhor que pôde, recuando ao ouvir o monstro gritar de dor, não com sua própria voz, mas com a voz de Willow.

— Um dilema interessante para você, hein? — disse Chirayaju. — Você deve me derrotar, mas não quer matar sua amiga — sorriu com desdém, numa combinação mórfica de seus próprios traços físicos com os de Willow. — Você é fraca.

— Oh? — Buffy prendeu Willow com força quando seu rosto mudava. A coisa dentro dela cambaleou para trás. — Você acha que isso é ser fraca?

— Você se importa com ela — zombava Chirayaju, vindo em sua direção. — Não me importo com nada nem ninguém.

— Vocês ouviram isso, rapazes? Ele não se importa com vocês — chamou Buffy. Deu uma olhada rápida na sala. Os outros vampiros tinham desaparecido. Já era de esperar. Toda a construção foi engolida pelo fogo, até mesmo o teto. A qualquer segundo, a estrutura cederia.

Com um grande esforço, Buffy lançou-se para cima de Chirayaju, forçando-o a ir para o fundo da sala. Apesar da mente de Buffy registrar que Willow estava em perigo mortal por causa das chamas.

Ela não tinha idéia do que fazer. Chirayaju representava uma ameaça muito maior do que este pequeno combate num jardim morto. Buffy precisava impedi-lo. Mas como fazer isso sem sacrificar sua melhor amiga?

Acima de sua cabeça duas toras de madeira se soltaram do teto e se espatifaram no chão atrás dela. O piso gemeu como uma besta moribunda, e então se abriu. Buffy cambaleou um pouco para trás. Outra tábuca caiu. As telhas caíam pelo teto enfraquecido como bombas sobre ela e Chirayaju.

De repente ela correu até Chirayaju, agarrou o demônio-vampiro pela cintura e mergulhou com ele para fora de uma janela.

Ambos rolaram na grama e na sujeira. Buffy jogou-o para longe de si e reassumiu sua postura de luta.

Foi então que percebeu que sua bolsa de caça-vampiros ainda estava dentro da casa em chamas.

Chirayaju parecia ter percebido a mesma coisa na mesma hora.

Ele sorriu horivelmente.

— O fim — disse, avançando lentamente, como se saboreasse o momento de triunfo. A fumaça erguia de seu corpo. — Você será minha.

— Desculpe, eu já tenho namorado.

Sua mente correu enquanto ela vasculhava a área em busca de um pedaço de madeira, um galho, qualquer coisa que pudesse usar como arma. Finalmente, no desespero, enfiou a mão dentro da blusa e arrancou a corrente de metal que usava no pescoço. Segurou a cruz na frente de Chirayaju, sem ter idéia se isso teria algum efeito sobre um vampiro-feiticeiro da China.

Chirayaju hesitou e parou. Buffy quase vibrou aliviada. Era a mesma cruz que Angel havia lhe dado na noite em que se conheceram. Ela teria de agradecê-lo de novo por isso. Ela teria de...

— Onde você conseguiu isso? — indagou o vampiro, apontando.

— Isso importa? — perguntou ela, sentindo-se melhor ao recuperar o fôlego.

— É meu! Devolva! — gritou ele, apertando os punhos em frustração.

— Seu? — Buffy olhou para a corrente. Junto com a cruz, o disco que Willow tinha pegado da Espada de Sanno também pendia.

Buffy sorriu.

— Oh. *Seu* — disse. — Então venha pegar. Irascível, aos berros, Chirayaju voou até ela. Durante o tempo de uma batida do coração,

Buffy ficou imóvel. Se Willow era realmente um vampiro, apenas outro corpo vazio preenchido com algum tipo de espírito demoníaco chupador de sangue — bem, isso seria diferente. Não seria mais a Willow. Mas pelo que sabia, seja lá o que Chirayaju fosse, estava dentro da verdadeira Willow de carne e osso, e ela ainda estava lá, também.

Naquele instante, Chirayaju parecia concentrado no pequeno disco que ela trazia na corrente com o seu crucifixo. Será que ela poderia simplesmente entregá-lo? Talvez...

Chirayaju berrava a plenos pulmões. A Caça-Vampiros tombou o ombro esquerdo, desviou e ficou embaixo do corpo de Willow, virando Chirayaju e jogando-o sobre as costas. As garras lutaram para agarrar o que queriam na blusa de Buffy e arranharam os braços dela, deixando cortes profundos e cheios de sangue nos bíceps.

Buffy virou-se para encarar o vampiro-demônio que possuía o corpo de sua amiga. O ardor dos arranhões no braço lhe deram nova clareza: permanecer viva era a chave. Na verdade, era parte do trabalho da Caça-Vampiros. Mas, a menos que estivesse disposta a matar Willow, ela morreria.

Buffy respirou fundo. Então, silenciosamente, pediu desculpas a Giles. À sua mãe. Ao seu pai, onde quer que estivesse nesta semana.

Porque ela sabia que estava prestes a falhar em sua tarefa primária. Buffy Summers sabia que estava prestes a morrer.

Então, neste mesmo momento de clareza, lembrou-se de algo que salvaria sua vida. A mão de Willow. Ou melhor, seu pulso. Depois que Chirayaju a possuiu, o pulso fraturado de Willow sarou instantaneamente. Quase um milagre.

Buffy sorriu. Ela não ia gostar de machucar Willow, mas pelo menos agora sabia que Willow sararia. Ela poderia se defender sem fazer nenhum estrago duradouro.

— Certo, seja lá o que você for — começou Buffy. — Venha logo. Quero minha amiga de volta. Se isso significa que terei que continuar causando dor até que você decida perder esse jogo, bem, deixe-me dizer uma coisa, posso continuar a noite toda.

Chirayaju urrou e avançou para ela novamente. As mechas vermelhas de Willow esvoaçavam, enquanto o vampiro-feiticeiro vinha até Buffy, mais cuidadoso dessa vez, mas não menos selvagem.

— Tive nações inteiras ajoelhadas à minha frente — Chirayaju rangeu os dentes. — Os antigos tremiam de medo ao sussurro do meu nome. E o mesmo acontecerá com você.

A coisa circulou, procurando uma abertura. Buffy manteve-se em guarda e os dois se encararam. Ela achou difícil olhar para o rosto de Willow, o vazio de sua expressão, a superficialidade de seus olhos. Em vez disso, se concentrava na fina teia flutuante com um rosto verde grotesco e brilhante que parecia aderir ao rosto de Willow como uma simples máscara do Dia das Bruxas.

Só que não era o Dia das Bruxas.

Buffy conhecia muito bem o Dia das Bruxas, e isso era muito pior.

— Os antigos, huh? — perguntou Buffy, sorrindo. — Bem, então, só para você, a Caça-Vampiros vai revirar bem no fundo e surgir com um golpe bem antigo para chutar seu traseiro.

Aquela máscara fantasmagórica estirou-se num sorriso repugnante. O estômago de Buffy revirou ao ver a boca e as bochechas de Willow moverem-se embaixo, elas próprias erguendo-se num pequeno sorriso, como se a máscara fantasmagórica estivesse tocando em seu rosto, deformando seus traços.

— Garota estúpida — desprezou Chirayaju. — Você ainda não entendeu a verdade deste conflito, não é? Estive meramente testando você. Esta frágil concha que agora uso serviu-me bem, mas é fraca e pequena. Você, no entanto, é a Caça-Vampiros. Seu corpo será um abrigo muito mais adequado para minha magnitude.

— Eu poderia aceitar isso como um elogio — disse Buffy. — Mas... não.

Ela o lançou para a frente com um chute alto. Teria acertado em cheio, um golpe sólido... se não fosse pelo vento. O vento que chicoteou e a jogou pelo ar como se fosse palha numa brisa de verão. Buffy caiu dolorosamente entre um par de pagodes mais baixos. Quando se sentou, teve dificuldade para recuperar o fôlego.

Sua face esquerda estava inchada e pulsava com a dor, e ela suspeitava que o osso estivesse roxo debaixo da pele. Chirayaju não era como nenhum outro vampiro com quem já tivesse lutado. Talvez porque ela estava evitando excessos em benefício de Willow, mas achava que não. Havia algo tão profundamente maligno nessa criatura que ficava difícil se concentrar. Não meramente maligno, mas consciente também.

A maioria dos vampiros eram simples predadores, cuja maldade se reduzia à luxúria por sangue, morte e terror. Isso era muito, muito diferente. O sanguessuga ordinário mal considerava qual era sua presa, o que pudesse estar pensando, que tipo de vida levava. Buffy sentia em Chirayaju uma inteligência horrível. Aquela coisa ancestral

e selvagem sabia exatamente quais efeitos sua carnificina teria sobre os entes queridos das vítimas, entendia o questionamento da realidade que viria de um encontro com ele.

Chirayaju era inteligente. O espírito demoníaco era mais do que um vampiro, tinha outras formas, alimentava-se de sangue, verdade. Mas Buffy percebeu que também se alimentava do medo e do desespero. E ela não estava a fim de lhe dar isso.

— Entregue-se a mim, Caça-Vampiros — sussurrou Chirayaju e parecia flutuar sobre a vegetação seca em direção a ela.

Buffy olhou para cima, sentiu a forte dor de um músculo torcido em seu ombro. Afastou uma mecha de cabelo do rosto com lábios cobertos de saliva e sangue. Ela estava em péssima forma e sabia disso.

Buffy abaixou a cabeça quando o vampiro veio até ela.

Alcançou o telhado de concreto do pequeno pagode à sua frente e ergueu-o com força, com toda sua força, num golpe que torceu ainda mais o músculo do ombro. O concreto espatifou na lateral da cabeça de Chirayaju, rachando-a. O sangue espirrou e o crânio de Willow ficou à mostra.

Chirayaju foi ao chão do jardim seco.

O coração de Buffy parou. Ela não podia respirar. As lágrimas corriam de seus olhos.

— Oh, meu Deus, Willow! — ela sussurrava freneticamente. — Sinto muito.

Ela caiu sobre os joelhos na terra macia e morta e estendeu a mão para a amiga. Uma mão ergueu-se do chão e agarrou-a pelos cabelos, puxando-a para baixo, rosto mergulhado na terra e nas plantas mortas. O cheiro era farto, doce e misturado com a podridão do lugar.

— Agora, Caça-Vampiros — ela o ouviu sussurrar —, seu corpo será meu. Essa forma foi útil para mim, mas você é tão mais poderosa. Você não é como as outras garotas mortais.

Buffy jogou o cotovelo para trás, enfiou-o no estômago de Willow, então usou o apoio para lançar Chirayaju para longe.

— Ouço isso o tempo todo — grunhiu, ainda tentando recuperar o fôlego. Buffy ergueu os olhos para a visão dupla e horripilante de sua melhor amiga.

Os olhos de Chirayaju soltavam faíscas de raiva.

— Você provoca minha fúria, menina.

— É — concordou Buffy, levantando-se. — É que sou meio louca assim mesmo. Você e minha mãe deviam bater um papo.

Vestindo o corpo de Willow, oculto numa armadura que lhe cobria o peito, o vampiro começou a se erguer novamente.

"Vamos", Buffy queria dizer. "Só me dê um segundo para recuperar o fôlego, tá?"

Chirayaju começou a se armar. Buffy pôs-se sobre as pernas, tentando convencer seu corpo exausto de que estava realmente pronta para outro round. Não havia mais nada que pudesse fazer.

Exceto morrer antes que pudesse ser possuída...

Então uma sombra passou por ela e encontrou Chirayaju de frente. Garras rasgaram o ar, arranhando a carne, e o corpo de Willow foi lançado contra a terra.

Buffy hesitou.

Angel estava em cima de Chirayaju, rosto transformado e feroz. As costas da camisa dele feitas em trapos e cicatrizes de feridas antigas, marcas vermelhas, já estavam sarando.

— Você não vai tocar nela de novo — avisou Angel, a voz grave que Buffy conhecia tão bem e era um alívio inacreditável para seus ouvidos. — Ela pode não querer fazer isso, mas se chegarmos a esse ponto, eu matarei o corpo que você está usando para impedir que pegue Buffy.

O alívio de Buffy se evaporou. O estômago da Caça-Vampiros revirou e uma lâmina de gelo perfurou seu peito. Ela estendeu uma mão quando Angel avançou para o demônio.

— Angel... — gritou ela. — Não!

Capítulo 17

Giles sentia-se tonto. Cordelia não ajudava em nada.

— Giles, o que vamos fazer? — desesperou-se Cordelia.

Giles não lhe disse que já estava fazendo a mesma pergunta nos últimos quatro minutos, mal esperando para respirar. Nem mencionou que sua própria mente estava num turbilhão tão forte quanto seu estômago trabalhava incessantemente para responder a tal pergunta.

Mas ele sabia que estava sendo desnecessariamente frio com Cordelia, e se arrependia disso.

— Cordelia, devo lhe pedir desculpas — suspirou. — Tenho sido terrivelmente seco com você e receio que seja por estar me sentindo bastante inútil no momento — admitiu ingenuamente. — Sabe, realmente não sei como retirar esses espíritos de Willow e Xander. Eu tinha a esperança de que conseguisse acompanhar Sanno... Xander, assim eu poderia conversar com ele para aprender o suficiente e impedir essa insanidade.

Cordelia observou a figura de Xander se retirando. Giles seguiu seu olhar.

— E o estamos perdendo, huh. Ele está se afastando de nós.

— Está se afastando de nós — concordou Giles.

— Bem, e quanto aos seus livros? — perguntou Cordelia cheia de esperança. — Tem que haver alguma coisa aí, certo? Você tem aquele fininho sobre todas as coisas nojentas que já caminharam sobre a Terra.

— Bem, talvez não todas as coisas nojentas — murmurou Giles, e então olhou para ela. — Pesquisar isso poderia levar a noite toda, e isso está acontecendo agora. Sem falar que até sabermos para onde Xander, onde Sanno, está indo, não saberemos onde a batalha será travada — ele olhou com tristeza para o horizonte, onde Xander desaparecia rapidamente.

Cordelia ergueu a cabeça para Giles e franziu a testa.

— O que eu disse? — perguntou ele.

— Bem, só umas coisas sem sentido. Acho — Cordelia hesitou, então seguiu em frente. — Você próprio nos mostrou no museu, Giles. Se vão lavar a roupa suja, será naquele jardim japonês. Você não acha?

Giles fez uma pausa, sobrancelhas erguidas. Ele olhava muito adiante, onde a forma possuída de Xander se misturava com a noite.

Fazia sentido. Se ele lembrava do mapa de Sunnydale corretamente, realmente parecia que rumavam naquela direção.

O que significava que não precisavam seguir Xander. E, de repente, Giles teve uma idéia ou duas sobre a possessão. Poderia até mesmo valer a pena tentar o velho exorcismo.

— Posso ver o Giles-gênio em ação — Cordelia declarou esperançosamente. — Geralmente algo assustador, mas, por favor, me diga que conseguiu alguma coisa.

Giles virou-se e caminhou de volta para o lugar de onde tinham vindo.

— Espere. Onde você está indo? — exigiu Cordelia.

— Para a biblioteca — respondeu Giles. — Venha, Cordelia, vou precisar da sua ajuda.

— E quanto ao Xander? — perguntou, olhando sobre os ombros.

Giles disse o óbvio.

— Não dá para acompanhá-lo. Ela tentou mais uma vez.

— Mas sempre fui uma inútil com as pesquisas. Giles gesticulou para que ela o seguisse.

— Bem, é hora de mudarmos isso então, não é?

— É melhor pegarmos seu carro.

— De acordo — ele continuou caminhando.

Na biblioteca, Cordelia estava nervosa demais para ficar sentada folheando livros e coisas assim. Ela se revirou desconfortável na cadeira e disse a Giles:

— Nem sei como escrever exorcismo.

— Veja — ele disse com empolgação quando a máquina de fax tocou.

Ele gesticulou para que ela viesse para perto dele enquanto o papel chegava. Com uma sacudida animada, ele cortou o papel.

— "Monsieur Giles, lamento ouvir sobre os problemas em Sunnydale. Tenho fragmentos do Apêndice 2a dos *Feitiços* de Silver, publicado muito depois da sua edição. Somente as páginas trinta e dois e trinta e quatro. Ela escreve com muita empolgação sobre o movimento da espada depois do terremoto em Kobe. Novos encantamentos foram adicionados, discos, acho, e a espada foi colocada no Museu de Tóquio. Isso é tudo que tenho no momento. Talvez você pudesse tentar Heinrich Meyer-Dinkmann em Frankfurt, e claro que deve ter consultado Kobo na Universidade de Tóquio. Saudações, Henri Tournéur."

— Certo, essa é a confirmação de que os discos são para proteção — disse Giles.

— Certo — concordou Cordelia.

— Continue procurando — apontou para a pilha de meio metro de livros que ele tinha reunido na mesa. — Vou tentar Meyer-Dinkmann. É e-x-o-r-c-i-s-m-o. Sugiro que tome nota.

— *Giles* — ela sacudiu a cabeça. — O que quero dizer é que não estou chegando a lugar nenhum. Não consigo nem ver a palavras. Tudo o que vejo é o rosto de Xander quando o encontramos nos arbustos. E no hospital. E agora — ela engoliu seco. — Não consigo me concentrar.

Giles abaixou o livro e moveu-se atrás dela.

— Mas precisamos — disse gentilmente. — Eu também estou distraído. Mas é isso que podemos fazer para ajudá-lo. É tudo o que podemos fazer.

— Então ele está encrencado — murmurou ela. Giles estava ao telefone com Berlim.

— *Guten Tag, hier spricht Giles* — começou ele.

— Herr Giles! Que prazer!

— Esse poderia ser o meu trabalho se eu falasse alemão — murmurou Cordelia. — Eu gosto de falar ao telefone. Mas *não*, eu tenho que procurar sobre *exorcismo*.

— *Ja, ja, vielen Dank* — disse Giles e desligou. — Bem.

Ela ergueu os olhos com esperança.

— Sim?

— Meyer-Dinkmann não conseguiu pôr suas mãos nele, mas leu mais do Apêndice 2 do que Tourneur. Parece que há um verdadeiro Encantamento de Sanno que traz todos os detalhes de como vincular espíritos em espadas — ele parecia deslumbrado. — Sabe, Cordelia, foi mais ou menos assim que a srta. Silver seguiu com sua pesquisa, só que tudo era muito mais lento naquela época, claro. Imagine o que aquela mulher teria feito se tivesse fax, telefone e os vastos recursos da Internet!

— É — disse Cordelia. — Então onde está esse Encantamento de Sanno?

— Meyer-Dinkmann disse que foi carregado na Internet — disse Giles entusiasmado. — Ele disse que teria feito download do arquivo para nós, mas o computador dele está temporariamente desligado para um upgrade. Mas, se entendo de computadores, podemos

simplesmente acessar o tópico que queremos e digitar uma palavra-chave para ver se temos algumas combinações.

— Certo! — vibrou Cordelia, salva da pilha de livros. — Vamos nessa.

Ele deu de ombros ao continuar.

— Mas não faço a menor idéia de como fazer isso. Precisamos da Willow.

— Precisamos da Willow — concordou Cordelia com tristeza.

Buffy e Angel pegaram Chirayaju desprevenido e juntos foram capazes de atirar a coisa, no corpo da Willow, por cima dos galhos pontiagudos e erguidos de uma cerejeira morta. Buffy lutou para recuperar o fôlego quando o monstro caiu sobre a terra.

— Não podemos agüentar — Angel murmurou para a garota que amava. — Temos que terminar com isso — olhava para o rosto vermelho e tenso dela. — Buffy, temos que matar Willow.

A Caça-Vampiros sacudiu a cabeça com violência.

— Não. De jeito nenhum. Olhe, por que você não vai embora? Ele não me machucou com o fogo mágico porque quer meu corpo. Ele não pode me matar, eu não posso matá-lo. Beco sem saída. A ajuda de Giles viria a calhar aqui.

Angel a encarou.

— Talvez ele não queira matá-la, mas isso não significa que não o fará. Eu não vou a lugar nenhum.

Chirayaju ergueu-se até ficar de pé, sacudiu a sujeira de sua roupa com um desgosto teatral.

— Acho este tipo de luta muito plebeu — disse. Seu braço direito estava torto e ele mancava ao caminhar para a frente.

Angel examinou os movimentos de Chirayaju enquanto ele se preparava para lançar um novo ataque, assumindo a postura de um mestre das artes marciais. O corpo de Willow estava muito ferido. Ele sabia que Buffy não agüentava vê-la sofrer, mesmo que não fosse Willow no momento. Mas Angel faria o que fosse preciso — incluindo destruir Willow, que era amiga *dele* também — para garantir que Buffy saísse viva dessa.

— Buffy, você sabe o que precisa ser feito — *meu amor*, ele adicionou em silêncio, sentindo pena dela. Desejava poder retirar o peso de ser a Escolhida de seus ombros por apenas cinco minutos. Mas isso não ajudaria em nada. E ela *era* a Escolhida. Não havia como ser nada menos, nem mesmo por um instante.

Parecendo muito assustada e jovem, ela ergueu o queixo em desafio. Seus olhos eram enormes sobre o rosto, mas sua mandíbula estava presa e endurecida. Os ombros quadrados.

— Não farei isso.

— Então eu farei — disse Angel com firmeza.

— Não! — gritou Buffy.

Chirayaju, o vampiro, ergueu-se ereto no ar e fechou os punhos, lançando bolas de fogo sobre eles. Buffy e Angel rolaram em direções opostas enquanto as bolas pareciam persegui-los, então, explodindo sobre a terra quando os dois conseguiram driblá-las com sucesso. Os arbustos secos e as frágeis árvores incendiaram como fogos de artifício. Buffy murmurou:

— Certo, talvez ele não queira o meu corpo — ela franziu a testa quando algo lhe passou pela cabeça. — E por que você se atrasou tanto?

Nova chuva de bolas de fogo veio na direção deles. Angel pulou por cima de Buffy e tirou-a do caminho. Enquanto ela ainda embaixo dele, respondeu:

— Não me diga que você não percebeu que o resto dos amiguinhos de Chirayaju desapareceu.

— É. Bela desculpa — disse ela, enquanto se levantava e reassumia a postura de luta da Caça-Vampiros. — Provavelmente você saiu para comprar cigarros.

— Eu parei — ele garantiu. — Eles tiram anos da sua vida — então ele gritou. — Cuidado!

Chirayaju mergulhou do céu direto para Buffy.

— Se você não vai se entregar a mim, então será eliminada! Escolha, Caça-Vampiros!

Buffy saltou no ar e atingiu o vampiro-demônio com um chute duplo, deu um mortal para trás, parando sobre as mãos no último minuto e desviando para o lado para sair do caminho do corpo de Willow, que caiu com força sobre o chão.

— Isso responde à sua pergunta, Chiuaua? — indagou Buffy. Ela emendou uma série de chutes rápidos antes que Angel o agarrasse pelos ombros e o socasse com força, recuando ao ouvir um pequeno suspiro que parecia muito com Willow.

— Por favor — ele ouviu, na voz de Willow. — Por favor.

— Pare! — gritou Buffy.

— É um truque, Buffy — Angel a chamou. — Ele está brincando com os seus sentimentos. Não lhe dê ouvidos.

— Estou permitindo que ela sinta a dor — disse Chirayaju, afastando-se de Angel e focando sua atenção em Buffy. Ele nem se importava em olhar para Angel. — E isso dói, Caça-Vampiros. Dói mais do que você pode imaginar. Certamente mais do que *ela* podia, até agora.

As lágrimas inundaram os olhos de Buffy enquanto ofegava, lutando para recuperar o fôlego. Ela disse, já sem firmeza:

— Machuque-a um pouco mais que eu vou... eu vou...

Chirayaju deu risada.

— Não há nada que você possa fazer, há? Exceto uma coisa — ele sorriu. — Quero seu corpo, Caça-Vampiros.

Ela o desprezou.

— Desculpe, mas já tenho namorado sério.

De repente Chirayaju afastou-se voando de Buffy e voltou seu olhar para Angel. Ele disse num tom de voz hipnótico:

— Você é meu escravo, vampiro. Fará o que eu mandar.

Buffy ficou boquiaberta ao ver o rosto de Angel ficar vazio e inexpressivo. Seus olhos negros e intensos encaravam o vampiro-demônio com firmeza.

— Você vai começar a andar. Você vai caminhar até o sol nascer. E, então, morrerá.

— Não! — gritou Buffy.

Chirayaju sorriu para Buffy com sua vitória. E disse:

— Assim ele morrerá junto com a garota cujo corpo você está matando.

— Angel! — gritou ela.

— Não se preocupe, Buffy, você não é como as outras garotas, e eu não sou como os outros vampiros!

Angel voou até Chirayaju e agarrou-o pelo pescoço. Angel pôs seus caninos à mostra, preparando para abaixar sua boca na garganta de Willow, urrando com selvageria.

Chirayaju disse a Buffy:

— Vou deixar que ele a mate.

— Pare — Buffy disse já cansada. — Certo. Você venceu. Angel, pare com isso — com um sorriso triste, ela estendeu a mão. — Sr. Cheetos, parabéns. Você acabou de ganhar o primeiro prêmio de *Vamos Fazer um Acordo*.

— Não, Buffy — disse Angel.

— Sim, Buffy — respondeu a Caça-Vampiros com tristeza. Então disse para o vampiro. — Deixe-me dizer adeus a ele.

— Nada de truques — ele suspeitou quando Angel o fitou com raiva.

— Nada de truques — garantiu ela. — Mas eu quero algo em troca, senão nada de acordo.

— Você ousa... — começou ele.

— Cale a boca! — irritou-se Buffy. — Você quer minha ajuda? Então fique quieto e ouça. Você não vai atacar nem ele nem a Willow depois que me possuir. É a minha condição.

Ele fez uma pausa. Considerou.

— É sua única condição?

— Eu gostaria de fazer uma lista, mas acho que seria forçar a barra — retorquiu ela. Seu coração batia forte. Ela estava com medo, mas não deixaria que ele percebesse. E havia coisas piores do que ser possuída por antigos vampiros-demônios da China.

Sempre havia a matemática.

— De acordo — disse Chirayaju. — Não machucarei Willow Chorusa nem o vampiro que você chama de companheiro.

— Bem, não é meu companheiro, na verdade — ela disse e ficou vermelha ao olhar para Angel. — Isso parece tão... hum, primitivo.

Angel implorou.

— Buffy, não faça isso.

Ela se afastou um pouco, enquanto Angel relutava em soltar o demônio. Buffy tocou a corrente em volta do pescoço, tentou encontrar o fecho sem dar na cara e puxou quando Angel chegou perto dela.

Todo protetor e desesperado ele colocou os braços em volta dela.

— Buffy, você não sabe o que é ser controlada pelo mal — ele sussurrou. — Eu sei. Não posso deixar que você passe por isso.

— Você não tem escolha, Angel — disse ela. — Por favor, só me ajude.

Ela abaixou o olhar até o próprio punho.

— Ele tem uma atração por este disquinho. Willow acidentalmente deixou cair da espada antes de se cortar. Acho que isso ajudou Chirayaju a se libertar. Quando viu isso no meu pescoço, ele ficou alucinado.

Angel pegou a corrente em sua mão e apertou-a. Instantaneamente, uma expressão de dor varou seu rosto. Os olhos dela se arregalaram ao ver que saía uma pequena faixa de fumaça de sua mão fechada.

— Oh, a cruz — disse ela, lembrando-se que antes estava usando o crucifixo de prata que Angel havia lhe dado na noite em que se conheceram. — Desculpe.

— Tudo bem — deu um sorriso torto e dolorido. — É uma dor boa.

— Leve para Giles. Ele saberá o que fazer. Ele é como o Scotty, sabe, de *Jornada nas Estrelas*? — ela fez uma pausa. — Nossa. Você deve ter assistido logo quando foi lançado, na década de 70.

Mas Angel não se deixou levar pela mudança de assunto.

— Buffy, por favor — sussurrou. — Não faça isso. Ela fitou-o com medo. Estava se perguntando se estaria nos braços de Angel novamente. Ela imaginou que ele estaria pensando a mesma coisa, porque parecia muito, muito preocupado, e abraçou-a com força.

— Me beija? — sussurrou ela. — Para dar boa sorte?

— Eu te amo — murmurou ele.

Seus lábios se encontraram. Ela queria prender os braços em volta dele, mas contentou-se com o beijo, sentindo sua boca contra a dele, um frescor na febre do seu terror. Ser possuída pelo mal... não dava para imaginar um destino pior.

Exceto morrer possuída pelo mal.

Ela foi a primeira a se afastar.

— Certo, sr. Cheetos — disse alegremente. — Estou pronta — virou-se para encarar o monstro cruel que voava até ela agarrando-a pela mão. Sua mão a queimava como o crucifixo deve ter queimado Angel.

— Lembre-se da sua promessa — disse ela, engolindo em seco. — Nada de fugir pelo corredor.

— Até o final com suas piadas fracas e sem-graça — disse ele.

— Próxima parada, Comedy Central — respondeu sem nenhuma firmeza.

— Buffy — disse Angel. — Buffy, pare. Não faça isso. Chirayaju esticou os dedos dela e arranhou a própria face.

— Meu sangue — explicou, esfregando a mão dela contra a ferida.

— Sangue da Willow — disse Buffy. — É a Will... — ela inalou profundamente enquanto algo espremia seu peito, deixando-a completamente inconsciente.

Então ela foi cercada por gritos — gritos agonizantes e desesperados. Isso continuou até que achasse que não era mais capaz de suportar um só segundo. Então ficou ainda mais alto.

Ela ouviu Willow gritar:

— Buffy!

Ela queimava dentro de uma tempestade de fogo que consumia cada centímetro de seu ser, se retorcia conforme as chamas cresciam ao seu redor, queimando seus pulmões, suas cordas vocais, seus ouvidos.

Ela tremia, congelada, em silêncio total. Olhou para a esquerda, para a direita, mas onde estava era um breu absoluto em todas as direções. Tentou se mover, mas estava congelada no...

no...

no nada.

Ela estava absolutamente, amplamente no *nada*.

Em algum lugar, muito distante, Buffy ouvia uma voz que tinha conhecido muito bem. Com uma risada, ele disse:

— *Venci*.

Capítulo 18

— Pare! — urrou Angel.

Buffy parou. Angel barrava seu caminho e olhava fundo em seus olhos. Mas ela não estava lá. Buffy havia desaparecido de seus olhos, a chama que era sua alma havia sumido. Ainda lá, ele sabia... pela própria experiência dolorosa. Mas enterrada tão fundo quanto os piores segredos.

— Jurei à Caça-Vampiros que não o atacaria — disse Chirayaju com os lábios de Buffy formando as palavras do vampiro.

Vampiro. Sim, mas diferente de qualquer vampiro que Angel já tivesse enfrentado. Quando ainda usava sua própria carne, Chirayaju deve ter sido um grande feiticeiro. Esta era a única explicação que Angel podia imaginar para o poder do demônio. Ele era essencialmente um fantasma, um espírito demoníaco sem corpo que, quando dentro de um hospedeiro humano, produzia um vampiro. Assim como ele. Mas nada parecido com ele, afinal.

— Deixe-a ir — exigiu Angel, ciente de que também tinha de proteger Willow, que estava inconsciente aos seus pés. Embora a própria mágica de auto-preservação de Chirayaju a tivesse curado quase completamente das feridas que havia sofrido enquanto ainda estava possuída, suas energias estavam totalmente esgotadas.

Chirayaju sorriu e a forma como seu sorriso retorceu o rosto de Buffy, já não se parecia mais com ela. "Isso é bom", pensou Angel. Isso facilitaria se ele tivesse de matá-la. Se é que alguma coisa podia deixar isso mais fácil.

O sorriso se ampliou e, de repente, um rosto verde e escorregadio parecia ganhar forma, cobrindo os traços de Buffy como uma máscara, embora Angel ainda pudesse reconhecê-la lá no fundo.

Então esta era a verdadeira face de Chirayaju. Os lábios de Angel retesaram, e sua face também se transformou no rosto selvagem do vampiro dentro dele. Chirayaju tinha cometido um erro. Se tivesse continuado a usar o rosto de Buffy, a voz de Buffy, a boca

perfeita de Buffy para falar, Angel achava que não poderia atacá-lo.

Mas agora tinha visto a face do demônio.

— Jurei que não atacaria, mas não disse nada sobre me defender — declarou Chirayaju. — Afasto-se, Angelus... sim, eu sei seu nome.

Encontrei-o na mente da Caça-Vampiros. Afaste-se ou você enfrentará sua última morte.

Sem Buffy, ele não tinha nada pelo que viver, mas Angel manteve-se firme Chirayaju avançou, preparado para atacar e então, parou de repente. O rosto verde e fantasmagórico se desfez e os olhos de Buffy se arregalaram. Por um momento, Angel esperou que Buffy tivesse expulsado o vampiro de seu corpo, mas não, a voz que saía de sua boca ainda não era sua própria.

— Sinto... algo — disse Chirayaju. — Mas não pode ser. Não aqui.

Então Angel sentiu também. Uma presença nova e poderosa. Virou-se, pronto para se defender. Então viu quem era.

— Xander? — chamou, encarando o recém-chegado. Xander trazia uma espada velha e enorme nas mãos e marchava até o jardim morto com um sorriso largo no rosto.

— O que você acha que está fazendo? — perguntou Angel. — Você vai acabar morrendo.

Xander elevou a espada, segurando-a em postura de combate. Era uma arma de aparência bastante pesada, mas mesmo assim ele a movia como se fosse de plástico. Angel viu o rosto de Xander mais de perto, percebeu seu sorriso estranho. Então entendeu.

Não era mais Xander, assim como não era mais Buffy naquele jardim. Não sabia quem ou o que era, mas não era o mortal que ria e fazia piadas e o chamava de Garoto Morto.

— Outro? — sussurrou para si.

— Chirayaju! — grunhiu Xander, ou seja lá o que estivesse dentro dele. — Mais uma vez você polui o solo sagrado da Terra do Sol Nascente! E mais uma vez cairá sob minha espada. Assim jura Sanno, o Rei da Montanha!

Um vento poderoso bateu de repente, chicoteando Angel. O sopro era tão forte que quase o jogava no chão, mas ele tombou sobre o vento, tentando descobrir qual deveria ser seu próximo passo. Estava na cara que os dois eram grandes inimigos.

— Pequeno deus tolo — Chirayaju rangeu os dentes. — Aqui não é o Japão. O solo em que você pisa agora pode ter sido trabalhado por mãos japonesas, mas sua nação, sua montanha, está longe daqui. Você me impediu uma vez, mas estivemos presos em nossa batalha sangrenta por muitos milênios agora e conheço suas limitações, Sanno. Você não pode me derrotar aqui, neste pedaço morto de terra. Não quando uso a carne de alguém que já era mais do que humana!

Chirayaju ergueu a mão direita — a mão direita de Buffy — e riu profundamente. Com crueldade.

— Hora de morrer, velho espírito. Chegou a hora de você ser varrido da face da terra para sempre!

Enquanto Angel os via assumir posição, rondando, medindo um ao outro na tradição oriental de combate, ele agarrou com força o disco que Buffy havia lhe dado. Percebeu que estava preso num terrível dilema: se ajudasse Xander, Buffy poderia morrer, e vice-versa.

O rosto de Chirayaju mudou novamente. A chama voltou aos olhos de Buffy por apenas um momento.

— Xander! — a voz de Buffy gritou. — Não!

Então sumiu, com a mesma rapidez. Mas Angel tinha visto e sabia que, em sua mente, em sua alma, Buffy estava lutando contra o controle de Chirayaju. Por um momento, enquanto o espírito do vampiro estava distraído, ela reassumira o controle de seu corpo. Ela estava lutando.

E quando a Caça-Vampiros lutava, vencia. No final. É por isso que era a Escolhida. De repente, Angel recobrou as esperanças. Podia ser possível evitar que os dois se matassem, afinal.

— É isso aí, Buffy, lute! — gritou ele, indo rumo a Chirayaju, tombando contra a força do vento. — Expulse-o. Pegue seu corpo de volta! Você consegue!

Chirayaju lançou esferas de chama das palmas de suas mãos e elas voaram pelos ares na direção de Xander... na direção do Rei da Montanha. Mas o rei ergueu sua espada para impedir as chamas e o fogo pareceu ser absorvido pelo metal.

A espada apontava para Chirayaju quando Sanno caminhou para a frente. Angel pulou entre eles, olhos de um lado para o outro entre os dois espíritos ancestrais.

— Parem — disse ele. — Esta batalha não servirá para nenhum de vocês.

Virou-se para encarar os olhos de Buffy, procurando-a ali dentro sem encontrar nada.

— Saia da minha frente, criança — bradou Chirayaju, e ergueu suas mãos novamente.

Angel estava prestes a protestar quando uma rajada de fogo atingiu suas costas. Tinha vindo das mãos de Sanno, pelo que percebeu enquanto arcava com a dor. Então Chirayaju lançou fogo sobre ele também e Angel foi ao chão, rolando na terra e na vegetação morta para apagar as chamas.

Ele urrava de dor ao encarar o rosto de Xander. O espírito que o possuía claramente gostava de sua própria exibição de poder e a agonia de Angel. Deveria ser uma batalha do bem contra o mal, mas ele achava que Sanno não era melhor que Chirayaju. Não depois de milhares de anos de ódio. Sanno queria matar seu inimigo e não se importava com quem morresse no caminho. O Rei da Montanha era arrogante e cruel, assim como o vampiro.

Qualquer vampiro.

O vento continuava a uivar em volta de Angel, chutando poeira e arrancando plantas. Angel estreitou os olhos e começou a se sentar, curvando-se com a dor de suas queimaduras. Mas a dor era fácil de ignorar quando pensava no que aconteceria se ele não fizesse alguma coisa rápido.

Então, acima do vento, ele ouviu alguém chamando seu nome.

— Angel! — Willow gritou novamente, desesperada para entender o que estava acontecendo ao seu redor. Seu corpo doía, mas a dor já estava passando. O que ainda doía por dentro era a lembrança de ter sido possuída por algo nada legal. Os breves flashes de alegrar-se com a crueldade, rir de Buffy e Angel enquanto lutavam com ela...

Então Angel estava lá, casaco sacudindo com o vento, ignorando a areia que açoitava seu rosto e braços. Ele correu em sua direção, ergueu-a com facilidade, e arrastou-a por alguns metros até um pequeno canal onde algum dia tivera água. Os dois agacharam atrás da ponte de madeira quebrada que atravessava o córrego.

Willow nem precisou perguntar o que estava acontecendo. Parte dela lembrava. O resto dela simplesmente sabia.

— Você está bem? — perguntou Angel.

Houve um momento incômodo entre os dois, mesmo com a batalha sendo travada não muito longe. Willow se perguntava quanto tempo o incômodo duraria. Os dois estavam bastante cientes de que não fazia tanto tempo assim que Angel tentara arrancar sua vida, em vez de salvá-la.

— Estou viva — respondeu Willow. — E viva é bom.

— Você se lembra de como chegou aqui? — disse Angel rapidamente.

Willow infelizmente fez que não.

— Bem, algo mais ou menos como o que está acontecendo com Xander. O velho arquiinimigo do vampiro chinês, o cara que o derrotou da primeira vez, assumiu o controle de Xander. Buffy está lutando pelo controle do próprio corpo, mas...

Angel deixou as palavras se perderem, e Willow sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Era culpa dela.

Ela esteve tão obcecada em ser mais como a Buffy... Ela nunca deveria ter tocado naquela espada!

Mas, ao mesmo tempo que os pensamentos entravam em sua mente, ela sabia que era tolice. Não dava para saber o que aconteceria. Não, a única coisa em que tinha de se concentrar era em como salvar Buffy e Xander.

— Eles vão se matar — disse de forma tão suave que Angel não pôde ouvi-la com todo aquele vento.

— Você se lembra de qualquer coisa que estava na cabeça dele? — indagou Angel, gritando sobre o rugido da tempestade. — Você consegue pensar em alguma maneira de impedi-lo?

— Não — disse Willow, começando a entrar em pânico. Ela sacudiu a cabeça enquanto encarava a visão bizarra de Buffy e Xander espreitando um ao outro, claramente prontos para iniciar novo ataque. Viu os rostos fantasmagóricos e brilhantes do vampiro e do Rei da Montanha flutuando sobre as feições deles, e isso a confortou um pouco, ajudou-a a lembrar que não eram eles mesmos, na verdade.

Voltou-se para Angel, frenética.

— Você não pode fazer alguma coisa? — pediu. — Quero dizer, qual é! Sei que está aí dentro, dentro de você! Angelus está aí dentro, e bem, ele é bem cruel e você poderia impedi-los se realmente quisesse! Impeça-os de se matarem. Não há mais ninguém, Angel. Tem que ser você!

Willow o encarou, olhos implorando. Quando Angel desviou o olhar, incapaz de enfrentá-la, Willow soluçou alto.

— Não sou mais Angelus — disse ele. — E, se fosse, tudo o que faria seria matar os dois, e não é esse o resultado que você está esperando, é?

Quando ela sacudiu a cabeça com ansiedade, ele disse lentamente:

— Achei que não.

— Sinto muito — disse Willow com mansidão.

— Não tanto quanto eu.

— Então simplesmente vamos deixá-los brigar? — perguntou Willow com os olhos arregalados.

— O que mais podemos fazer? — indagou Angel, virando as costas para encarar as duas figuras em batalha sob a luz da lua. — Talvez eu pudesse afetar o resultado dessa batalha, talvez até conter um dos dois... mas não ambos, Willow, você não entende? O Rei da

Montanha não vai parar até que Buffy esteja morta e, mesmo se puder evitar isso, ainda teria que lidar com Chirayaju.

— Mas e quando isso... quando isso acabar? — persistiu Willow.
— Quero dizer, se o Rei da Montanha matar a Buffy, pode ser que ele vá embora, mas se Chirayaju vencer...

Angel olhou para ela, e Willow sabia que nunca tinha visto tanta tristeza nos olhos de outra pessoa.

— Se ela vencer — disse Angel com tristeza —, então acho que terei de assassinar a pessoa que mais amo neste mundo.

Ambos se viraram ao som de Chirayaju gritando numa voz que já tinha sido de Buffy. O vampiro-feiticeiro lançou-se para cima de Sanno. Girando a espada sobre a cabeça com movimentos amplos, Sanno partiu para cima de Chirayaju.

Então Chirayaju saltou no ar, atirou chamas no Rei da Montanha, executou um salto mortal e aterrissou do outro lado. Bolas de fogo irromperam das mãos do vampiro e queimaram no ar enquanto estalavam sobre Sanno. Mas o Rei da Montanha desviou-as com a grande lâmina de sua antiga espada. A luz laranja refletiu sobre as feições de Buffy, dando ao seu rosto combinado com a máscara escorregadia de Chirayaju um toque infernal.

Então os dois inimigos imortais correram para cima um do outro. Sua batalha durara milhares de anos. Cada um conhecia verdadeiramente o poder do outro. Mas quando a batalha era até a morte, Willow sabia que só poderia haver um vencedor.

Enquanto observava, Buffy e Xander se tornaram uma mescla de socos e chutes e gotas de fogo. Willow sentia o cheiro de carne queimada e cabelo tostado.

Sanno abaixou a espada, cortando o ar. A lâmina horrenda passou a centímetros do ombro de Buffy, e ainda mais perto da cabeça dela.

Angel virou-se para ela, olhos estreitos e intensos. Pegou a mão de Willow e colocou algo em sua palma.

— Leve isso para Giles — o vampiro sussurrou. Willow deu uma olhada, viu o disco e o crucifixo, então encarou Angel com firmeza.

— O que você vai fazer? Angel sorriu.

— Vou tentar manter os dois vivos — então partiu para a ação. Virou-se e correu até Chirayaju... até Buffy... e mergulhou sobre ela, rosto transformado no semblante selvagem do vampiro dentro dele.

Então Willow entendeu as palavras que ele não tinha dito. Ele ia tentar manter Buffy e Xander vivos, mesmo que isso significasse sua própria morte.

Mas Willow não ia discutir. Ela sabia que Angel estava certo. Não havia nada mais a fazer a não ser procurar respostas com Giles. Com um último olhar para o fogo que incendiava o ar, o sangue que salpicava o jardim morto, a lâmina que cintilava sob a luz da lua cheia, ela se virou e correu, tombada contra a força do vento.

Ela correu como se sua vida dependesse disso.

Como se todas as vidas dependessem disso.

Na verdade, correu como o diabo.

Xander estava paralisado.

Ele podia ver. Podia ouvir. Mas não podia se mover nem falar. Sanno tinha lhe tirado todas essas habilidades. Tudo o que podia fazer era se revoltar em silêncio contra o ser que invadira seu corpo.

Em algum lugar dentro de sua cabeça, trovões retumbavam. Quase como se viessem dele. Como se fossem cair sobre ele e apagá-lo para sempre... deixando Sanno sozinho ali, em seu corpo. De algum modo ele sabia que, se parasse de lutar, se simplesmente abandonasse seu corpo para Sanno, esse trovão não estaria mais apenas em sua cabeça. Não. Tomaria conta da superfície do mundo, a começar por Sunnydale. Então o Rei da Montanha estaria no controle, e qualquer um que não reverenciasse o rei poderia ser apagado também. Ou atingido por um raio. Ou tostado pelo fogo.

Era apenas esta estranha intuição que evitava que Xander recuasse completamente. Pois, se ele não pudesse controlar as ações do corpo, certamente não queria ser testemunha delas. Porque seu corpo se movia, seus braços balançavam uma lâmina mortal. Sanno tentava usá-lo para vingança, mas essa vingança custaria a vida de Buffy.

Em silêncio, Xander percebeu que esperava que Chirayaju o vencesse. Pelo menos assim, Xander não teria de viver sabendo que tinha sido incapaz de impedi-lo de matar uma de suas melhores amigas, uma garota com quem se importava muito.

Quando Angel mergulhou sobre Buffy, Xander sentiu o menor momento de triunfo. De algum modo, todos sairiam vivos dessa. Ou, pelo menos, Buffy. Angel não deixaria que nada de ruim acontecesse a ela.

Chirayaju colidiu com Angel, e os dois caíram no chão.

— Tolo, tolo! — gritou Chirayaju. — O que você está fazendo? Vou queimá-lo da face de Terra!

— Você jurou não me machucar — lembrou-o Angel ao agarrar os punhos de Chirayaju, que o castigavam.

— De que vale o juramento dele? — indagou Sanno ao se aproximar deles.

Então, de repente, as feições de Chirayaju sumiram. Angel viu a luz nos olhos de Buffy. Ouviu a voz de Buffy.

— Angel, impeça-me agora — sussurrou ela. — Mate-me.

— Buffy, fique comigo — insistiu. — Lute contra ele. Ele agarrou as mãos dela e as jogou para trás. O peito dela apertado contra o seu e a respiração quente em seu pescoço. Ele a beijou, ainda que fosse para manter a mente dela focada em quem ele era... e quem ela era.

Os olhos de Sanno se iluminaram.

— A garota assumiu o controle sobre ele? — indagou ele.

— Acho que sim — respondeu Angel.

— Então esse é o momento do triunfo — declarou Sanno. — Segure Chirayaju para mim, rapaz. Vou arrancar a cabeça dele.

Neste preciso momento a luz deixou os olhos de Buffy e ela era Chirayaju mais uma vez. O demônio jogou Angel para longe como se fosse um mosquito incômodo e rangeu os dentes para o Rei da Montanha, jogando-o para trás com uma onda de fogo. Então, quase como um pensamento tardio, usou a trégua do momento para agarrar Angel pelo pescoço.

— Você teria feito isso, não teria? — exigiu. Puxou a cabeça de Angel para o lado e preparou-se para morder. — Por isso, vou destruí-lo, com a mesma certeza que jurei não fazê-lo.

Conforme Angel lutava, o rosto do monstro cristalizou-se e cobriu a face de Buffy. Seus dentes cresceram e se afiaram em presas.

— Sanno está certo — disse. — Minhas promessas não valem nada. A honra é para aqueles que podem se dar ao luxo.

Ele sorriu com a antecipação da morte e abaixou os dentes em direção ao pescoço de Angel.

Capítulo 19

Willow correu.

Ela esperava sentir dor. Pulmões doloridos, hematomas em cima de hematomas, pernas fracas e moles feito borracha. E sabia que os hematomas estavam lá, apesar de qualquer mágica curadora que Chirayaju tivesse em seu comando. Mas, agora, a dor era mínima, completamente superada pelo medo e pela adrenalina. Na verdade, ela se sentia ótima — viva. O vento chicoteava seus longos cabelos enquanto Willow corria pelos gramados e pelas calçadas, saltava cercas baixas e passava correndo por casas há muito em silêncio, desde o entardecer.

Amanhã de manhã ela estaria um caco. Mas agora estava concentrada em somente uma coisa — a única coisa que ela podia sentir.

Liberdade.

Ela era livre. Ele tinha saído do corpo dela. Foi quase como aquela gripe terrível que teve na oitava série. Ela teve de perder aulas uma semana toda, não conseguia nem assoar o nariz porque a cabeça estava entupida. A sensação de alívio que sentira quando a gripe finalmente se foi era apenas uma fração mínima da alegria louca que a inundava agora.

Willow corria.

Corria o mais rápido que podia. Depois de todas as vezes que pensara em Sunnydale como uma pequena vila que mal merecia menção no mapa, depois de todas as vezes que caminhara praticamente atravessando a cidade toda, agora, pela primeira vez, xingava a cidade por ser grande demais. A escola não ficava longe, mas parecia que nunca chegaria lá.

Então pensou no que aconteceria se não chegasse a tempo. Ela tinha visto o que Chirayaju era capaz de fazer — tinha sentido, na verdade —, e era óbvio que esse tal Rei da Montanha não era exatamente um cara fácil. Angel era forte, mas não tinha como cuidar dos dois sem ajuda. Especialmente enquanto estivesse tentando manter Buffy e Xander vivos.

Buffy. Xander.

A adrenalina de Willow subiu ainda mais, mas toda a sensação boa que vinha de sua liberdade desapareceu quase instantaneamente. Era culpa dela. Ela sabia que qualquer um de seus amigos

argumentaria contra isso, mas nenhum deles estava ali no momento. Ela estava sozinha. Tão sozinha quanto na noite em que foi assaltada.

Foi aí que tudo começou.

Tudo era culpa dela.

Ela quis ser mais como a Buffy, quis ser forte — uma lutadora. Quis, em outras palavras, ser qualquer coisa que não a pequena Willow, o gênio Smurf favorito de todos. Tudo isso, de algum modo, a levou a ser possuída por Chirayaju, embora não soubesse exatamente como. Mesmo assim, tinha de ser verdade. Quando cortou o dedo naquela lâmina, de algum modo o espírito cativo do vampiro sentiu sua presença, provou seu sangue, sentiu como ela era vulnerável. Ele a atacara, violentara de maneiras muito piores do que um simples assalto.

E então Buffy veio e lutou com ela. Estava machucada. Por ela. Então ela fez o que fazia Willow querer vomitar. Aquilo que agora mesmo remoia um buraco de culpa em seu estômago. Buffy se ofereceu para Chirayaju em seu lugar.

— Oh, meu Deus, Buffy, sinto muito — sussurrou Willow.

Inacreditavelmente, embora Willow já estivesse em velocidade máxima, começou a correr ainda mais rápido. O pequeno disco apertado na palma da mão estava quente ali, e ela rezava para que Giles soubesse o que fazer com aquilo.

Eram uma equipe. Agora entendia isso, mais do que nunca. Cada um fazia sua parte, seja lá o que fossem chamados para fazer. Agora seu trabalho era levar isso para Giles o mais rápido possível. Afinal, estariam nas mãos de Giles.

— Por favor, por favor, por favor, por favor — cantarolava com pouco fôlego enquanto corria. Mas Willow não tinha idéia de para quem implorava: seu corpo, ou Giles, ou alguém que pudesse resolver isso. Talvez todos eles.

Talvez qualquer um que pudesse ouvi-la.

Willow corria.

Coração batendo tão rápido que seu peito apertava, fazendo-a imaginar que um infarto deveria ser assim. Mas, quando ergueu os olhos de novo, ela viu a escola. Nunca esteve tão feliz de chegar a Sunnydale High.

Willow tropeçou ao caminhar até a escada da frente, prendendo o pé no longo quimono chinês que estava vestindo. Ela esfolou o joelho no concreto, mas levantou e continuou. A porta da frente estava trancada, claro. Giles não esperava que ninguém viesse atrás dele.

Bateu na porta com força e começou a gritar o nome dele. Mal conseguindo ouvir o som de sua própria voz, Willow gritou até rasgar a garganta. A lateral de sua mão doía e ela teve de começar a estapear a porta em vez de socá-la. Qualquer coisa. O que fosse necessário. A porta se abriu. Cordelia a encarou.

— Oh, meu Deus, Willow, o que...

Willow caiu nos braços perplexos de Cordelia, sem se dar conta da surpresa da outra garota. Então Cordy a abraçou por um tempo, o que surpreendeu tanto Cordy quanto Willow.

— O que foi? — perguntou Cordelia, encarando-a. — Suas roupas. Isso é uma armadura? Se você está aqui... oh, meu Deus, o que aconteceu com Xander? E com a Buffy?

— Ainda estão vivos, eu acho — Willow ofegava, então passou por Cordelia e seguiu o corredor até a biblioteca. — Mas não por muito tempo se Giles não puder fazer alguma coisa.

Cordelia correu ao lado dela e ajudou-a no caminho, agarrando o braço de Willow e colocando o outro braço sobre seus ombros.

— Acho que descobrimos alguma coisa — disse Cordelia simplesmente.

— Pelo bem de todos — desabafou Willow —, é melhor que tenham.

Na biblioteca, Cordelia ergueu os olhos com preocupação e disse:

— O que foi isso? Estamos num terremoto?

— Humm, não é uma idéia agradável isso. Visto que o jardim tem uma história ruim com terremotos — murmurou Giles. — Dê uma olhada nisso — ele adicionou, mostrando o fax. — Você consegue encontrar isso para a gente? No, hum, computador?

Willow deu de ombros.

— Se estiver lá posso encontrar.

Giles pegou o disco da espada e examinou-o. O disco brilhou em sua mão, e ele murmurou:

— É uma pena que simplesmente recolocar esse disco não os prenda de novo. Claro que também teríamos que conseguir pegar a espada de Sanno... Xander... de algum modo.

Ele deve ter sentido os olhos de Willow e Cordelia sobre ele, pois tirou os olhos do disco e limpou a garganta.

— Então, para a internet.

— Para a internet — Willow estalou os dedos. Enquanto estava trabalhando, Giles recebeu outro fax:

Giles-sensei,

Minhas mais profundas desculpas por meu comportamento anterior. Foi muito rude de minha parte criticar seus métodos de trabalho com sua Caça-Vampiros. Sinto uma grande amargura em minha alma por ter falhado em minha própria missão com Mariko-chan. Para mim, é difícil aceitar a responsabilidade de sua morte. Minha sensação de impotência agora colore minha vida, e senti muita inveja quando conversei com você, porque sua Caça-Vampiros está viva. Sinto muita vergonha.

Como prova de meu arrependimento, ofereço isso: intrigado com seus estudos, encontrei a Lenda da Caça-Vampiros Perdida, como detalhado num pergaminho que foi descoberto no fim do ano passado, em Osaka. Estou enviando a história completa, mas a versão curta é esta:

Em 1612, havia um Sentinela que era samurai. Por haver falhado em sua missão, recebeu a ordem de seu lorde para que cometesse haraquiri. Com quem era sua missão, com sua Caça-Vampiros ou com seu lorde? Ele escolheu o lorde, e sua Caça-Vampiros foi abandonada sem ajuda. Ela foi assassinada três meses depois.

Acho que sua jovem americana tem sorte de ter um Sentinela tão cuidadoso como você, Giles-sensei. Obrigado por essa lição e, de novo, peço seu perdão.

Kobo

Giles engoliu em seco, comovido pela confissão do velho senhor. Havia muitos tipos de demônio no mundo e muitas maneiras de ser afetado por eles. À sua própria maneira, Kobo tinha sangrado.

Pouco tempo depois, estavam no carro mais que velho de Giles, rodando até o lugar do clímax dessa batalha ancestral. Willow só esperava que todos ainda estivessem vivos.

— Sabe, Giles, eu estava pensando — disse ela. — Quero dizer, se dá para fazer isso, colocar o demônio na espada, por que não podemos tirar o demônio de Angel da mesma forma?

Giles passou no farol vermelho e Cordelia murmurou:

— Ei.

— Isso já tinha passado pela minha cabeça. Mas não temos certeza se esse feitiço funciona bem. Mesmo que funcione, pode ser apenas porque estamos usando um objeto que já está encantado. Isso sem

mentonar que, claro, o único resultado de remover aquilo que faz de Angel um vampiro seria o fato de Angel não ser mais imortal.

— Mas Buffy não é imortal — disse Willow, tentando ajudar. — Isso não seria tão ruim.

— O que quero dizer, Willow, é que Angel estaria morto.

— Certo, isso seria ruim.

— Isso tudo é uma loucura — disse Cordelia de repente. — Por que continuo a me envolver com vocês? Vou acabar morrendo assim!

— Você não consegue evitar? — sugeriu Willow. Cordelia deu um sorriso fraco.

— Talvez não. Então, você está bem? — perguntou ela. Willow hesitou. Surpresa e feliz por Cordelia ter tido o trabalho de perguntar.

— Acho que sim — respondeu. — Na verdade, sou basicamente um grande hematoma, mas acho que vou ficar bem. Se conseguir superar a culpa de ter começado tudo isso.

Cordelia franziu a testa, e Giles olhou para Willow com uma expressão de zanga.

— O que aconteceu não é mais sua culpa, Willow, do que é de Buffy, por todos nós vivermos em cima da Boca do Inferno — irritou-se Giles.

Willow pensou nisso.

— Não sei como a Buffy faz isso — replicou. — Quero dizer, ela precisa viver, certo? Ela precisa ter uma vida, mas está constantemente se colocando em perigo, bem como a todos que ama, por ser a Caça-Vampiros — acrescentou com lealdade.

Cordelia virou-se no banco e olhou para Willow.

— Estamos em perigo só de morar aqui. Nunca vou admitir se você contar que eu disse isso, mas odiaria pensar em como seria Sunnydale se não tivéssemos uma Caça-Vampiros na cidade.

— Willow, Buffy simplesmente faz o melhor. É tudo que qualquer um de nós pode pedir a ela, ou a qualquer outro. Até agora, acho que todos nós nos saímos muito bem — disse Giles.

— É — concordou Willow. — Até agora.

Mas ela estava incomodada com suas palavras. E concordou com eles. Buffy fazia o melhor para protegê-los, mas, no final, era responsabilidade deles se protegerem. Todos eles tinham de lidar com a vida em cima da Boca do Inferno à sua própria maneira. Todos tinham seus próprios papéis na luta contra a escuridão. Era um trabalho de equipe.

— Valeu, gente — disse ela.

Cordelia revirou os olhos e ofereceu uma cara de mau humor em retorno, e Giles já estava em outro lugar, absorto em seus pensamentos. O que não era um problema. Estavam fazendo o que faziam de melhor.

Willow olhava para as estrelas do lado de fora da janela.

Olhou e viu um brilho avermelhado no céu.

Abaixo do carro, a terra tremia.

Os três se entreolharam.

Cordelia disse:

— Se servir para fazer essa coisa ir mais rápido, eu saio e empurro.

Capítulo 20

Angel parou em cima de um pagode de granito, que se espatifou embaixo dele, fazendo com que um bom pedaço de escombros varasse seu estômago. Ele urrou bem alto, rolou e tentou em vão sentar-se mais uma vez. Seu rosto há muito tinha se transformado num semblante mais feroz e vampírico, que agora parecia gelo para ele, frio e morto.

Angel olhou para o granito brilhante que brotava de sua barriga, xingou sob seu fôlego e o agarrou com as duas mãos. Puxou com toda força, urrando de dor e, então, tapou o buraco com a mão. Uma onda de dor percorreu seu corpo quando tentou se ajoelhar, mas ele a ignorou.

Sua própria dor não significava nada enquanto Buffy estivesse em perigo.

— Você acha que o corpo da garotinha é páreo para o Rei da Montanha? — Sanno urrou pela boca de Xander, com uma voz que não se parecia em nada com a de Xander.

Com isso, o Rei da Montanha girou a espada mais uma vez e golpeou num ângulo que facilmente teria decapitado Buffy. Mas Chirayaju era rápido... Buffy era rápida.

Somente quando Sanno ria, como tinha feito agora, é que Angel podia ouvir Xander dentro dele. Aquela risada o impedia de matar o garoto. Isso, e o fato de que, sem Sanno, ele achava que não teria nenhuma chance de derrotar Chirayaju. Claro que era um dilema. Ele precisava de ajuda para impedir ao menos um deles, mas nenhum dos dois estava interessado em mais nada a não ser matar um ao outro.

— Eu conquistei terras estrangeiras, Rei da Montanha — bradou Chirayaju, ao lançar outro anel de fogo na direção de Xander. — Quando os ossos do seu hospedeiro forem pó nessa terra, nesse falso jardim da sua terra natal, estarei governando nações!

Usando os braços de Xander, Sanno ergueu a espada e o fogo foi afastado sem maior perigo, como se fosse uma arma tão sólida quanto a lâmina. O que, num sentido mágico, Angel achou que fosse.

Foram um para cima do outro novamente.

Angel tentou ficar de pé, tentou impedi-los, mas uma onda de dor o inundou, e ele cambaleou um pouco. Precisava de apenas alguns segundos para se concentrar. Para se orientar. Mas eram segundos de que não dispunha.

O punho de Chirayaju ardia com um brilho mágico — a mão de Buffy pegava fogo! —, e ele socou o punho em chamas na cara de Xander, tostando carne e sangue num odor que fez a boca de Angel encher d'água e ele querer vomitar ao mesmo tempo.

— Não — grunhiu Angel, arrastando-se até eles.

Com um urro de dor e fúria, Sanno levou a espada ao seu destino. Sua ponta perfurou o ombro de Buffy logo abaixo da clavícula e Angel não tinha certeza, mas pensou ter visto a camisa dela rasgar atrás, como se a lâmina a tivesse varado.

— Não! — gritou Angel, ganhando velocidade, mão ainda cobrindo a barriga perfurada.

Assim ficaram, congelados por um segundo, talvez dois. Então Sanno arrancou a espada, batendo seu torso — o torso de Xander — contra o corpo de Buffy e assim mandando Chirayaju aos tropeços para trás, braço esquerdo pendurado e frouxo ao lado dela — dele. O sangue corria livremente da ferida, e Angel fixou o olhar enquanto se aproximava. Mas o sangue já secava. A ferida já cicatrizava. Por feitiçaria, ou porque Chirayaju era um vampiro, não dava para saber. Mas com uma velocidade impressionante.

Angel olhou para Sanno, viu que o rosto de Xander também sarava e com tal perplexidade percorrendo sua mente, avançou os últimos metros em direção a Buffy. Nos olhos dela, o espírito de Chirayaju queimava. Seus lábios entortaram numa risada macabra, e o rosto fantasmagórico que o feiticeiro usara anteriormente voltara, ao mesmo tempo que estendia a mão para Angel.

Angel juntou suas mãos, conduziu-as até a altura da cintura e enfiou-as no rosto de Buffy com toda a força que pôde reunir. Houve um estalo alto e o corpo de Buffy voou vários metros, cabeça tombada para trás e para o lado.

— Muito bem, jovem — uma voz profunda que não era a de Xander disse atrás dele.

Angel virou-se rapidamente quando uma mão poderosa o agarrou pelo ombro. Atrás, o Rei da Montanha sorria com o rosto de Xander, mas cada vez mais Sanno assumia o controle e o garoto parecia estar quase desaparecendo dentro dele.

Mas, então, o sorriso desapareceu, e pela primeira vez Angel viu a verdadeira arrogância de um deus ancestral, ou qualquer outra coisa que fosse, ainda que já tivesse sido chamado de deus. Viu a crueldade e a prepotência, e Angel endureceu, preparado para lutar de novo.

— *Arigato gozaimasu* — disse Sanno. — Obrigado, rapaz. Mas agora, fique fora do meu caminho!

A seguir, o Rei da Montanha ergueu Angel do chão e jogou-o no ar. Angel caiu de costas com força e, embora sua raiva crescesse ainda mais, um pequeno fio de medo nasceu em seu coração, um tipo de desesperança diferente de qualquer coisa que conhecia.

De algum modo, tinha de impedi-los de lutar até a morte. Mas não tinha idéia de como fazer isso.

— Pode vir, Rei da Montanha. Vou rasgar a garganta do corpo do seu hospedeiro, vou beber o sangue do garoto e seu espírito com ele — Chirayaju ridicularizou ao se levantar novamente, seu grunhido gutural contorcendo a boca perfeita e suave de Buffy em algo horrível, algo que Angel mal podia suportar ver.

— Você não derramará mais nenhum sangue esta noite, vampiro — declarou Sanno, espada em prontidão.

— Você está certo — coroou Chirayaju, indo até Xander, até o Rei da Montanha, com a graça de um dançarino, apesar do braço pendurado ao lado do seu... do corpo de Buffy.

A boca de Buffy se contorceu num sorriso repulsivo.

— Não vou derramar uma só gota — disse de dentro dela —, não vou querer desperdiçar. Não, vou provar o sangue do seu hospedeiro e então reunirei o pequeno exército já sob meu comando e caminharei durante a noite nessa nova terra, e meu poder aumentará com cada lua cheia.

— Você caminhará somente no mundo dos espíritos, parasita. Tomarei conta disso — proclamou Sanno, partindo novamente para cima do vampiro.

Buffy estava com frio. Ela imaginava que podia se lembrar de como era estar enterrada na terra congelada. Estar morta, imóvel em sua própria carne. Mas claro que não dava para lembrar. E pelo menos estava agradecida por isso.

Mas isso não era a mesma coisa. Não exatamente. Pois, conforme flutuava dentro do limbo que era sua própria mente, ela podia ver rachaduras em sua prisão. Visões do lado de fora. Havia momentos em que sentia uma dor ilusória, o formigar de seus dedos, as batidas de seu coração. Momentos em que via através de seus próprios olhos e ouvia com seus próprios ouvidos.

Ela reuniu forças, alcançou as reservas mais profundas de sua mente, no tecido de tudo que a fazia ser ela. Buffy Summers. A Escolhida.

A Caça-Vampiros.

E quando a aurora chegasse, o que seria Chirayaju senão outro vampiro? Mais poderoso do que os outros, talvez. Mais velho. E havia toda a coisa mágica, claro. Mas ainda era um vampiro.

Buffy sabia o que fazer com vampiros.

Concentrou sua raiva, seu ódio e sua missão, concentrou-se na sua revolta e sede de vingança até que se transformaram num tipo de arma mental, uma lâmina própria. Uma lâmina que cortava do lado de dentro. Então emergiu por sua consciência e atacou! Chirayaju gritou dentro da mente dela.

— Espero que doa, seu filho da... — ela começou a dizer.

Com sua própria voz. Seus próprios lábios.

Mas foi arrancada novamente, para longe da superfície, longe do corpo que navegara com sucesso durante os dezessete anos de vida na América.

Buffy deveria ter desistido. Sabia disso. Cada grama de força tinha ido embora naquele último esforço que lhe trouxera apenas um momento de triunfo. Não importa o quão forte era, o quão corajosa ou persistente, até mesmo ela poderia ter perdido as esperanças naquele instante, se não fosse por uma coisa.

Chirayaju tinha medo.

Ela não sabia exatamente o que ele temia. Tinha a ver com a espada e com os milênios que passou cativo dentro daquela arma. Mas o Rei da Montanha já a tinha perfurado — perfurado *ele* — uma vez, e não houve nenhuma reação. Mesmo assim, Chirayaju temia aquela espada, como se ainda houvesse alguma possibilidade de ser preso nela novamente.

Chirayaju tinha medo.

Nas câmaras secretas de sua mente, Buffy sorriu.

Conforme a fumaça da casa japonesa em chamas avançava sobre os combatentes, Chirayaju olhava com raiva para o Rei da Montanha e pensava com ódio na garota cujo corpo ele habitava. Ela estava lutando para reassumir o controle dessa forma. Ela pagaria por isso.

Enquanto os espíritos ancestrais lutavam, o fogo da casa se espalhara. As chamas encolerizavam em volta do campo de batalha, conforme as plantas ressequidas do jardim alimentavam o fogo.

Bateu um vento que espalhou as chamas. Bolas de fogo eram lançadas como flechas das pontas dos dedos de Chirayaju e divergidas pela espada de Sanno, o que ajudava a espalhar o fogo ainda mais rapidamente.

Enquanto Angel observava, os ventos açoitavam e pareciam erguer Chirayaju da parte oval do jardim que ainda não estava em chamas, o pedaço de terra que havia se tornado a arena para essa batalha ancestral. Buffy parecia voar com a mágica do vampiro-feiticeiro que a impulsionava. Sobrevoou o lugar onde a pequena casa da fazenda esteve, onde agora o fogo ardia brilhante.

Então, caiu nas chamas.

— Buffy, não! — gritou Angel.

Mas foi apenas um momento antes de surgir novamente, cabelos chamuscados, pele cheia de fuligem e fumaça. Logo as chamas se apagaram e a mágica de Chirayaju já funcionava para reparar os estragos; nova pele rosada começou a aparecer.

Na mão de Buffy, Chirayaju segurava uma longa e cintilante *katana*. A espada refletia a luz do fogo e da lua cheia no céu. Por um momento, o corpo de Buffy ficou parado no ar.

Logo o vento bateu com força para baixo, carregando Chirayaju consigo. Ele parou no chão na frente de Xander... na frente de Sanno, e os dois espíritos cruzaram as espadas.

— Buffy — sussurrou Angel.

O carro de Giles gemeu até parar. Antes de desligar o motor, Cordelia e Willow já estavam do lado de fora e corriam até a abertura acima do jardim afundado.

— Oh, meu Deus! — gritou Cordelia.

Silhueta contra uma cortina de chamas, Xander e Buffy lutavam com as espadas. Metal soava contra metal enquanto lutavam com selvageria, cortando e retalhando com cada gota de energia sobrenatural. Angel viu os três, acenou e correu na direção deles.

— Willow! Cordelia! Venham me ajudar — chamou Giles.

As duas voltaram correndo para o carro e pegaram grandes sacos com ele. Dentro do saco de Willow estava sal, água e pimenta branca, todos símbolos da pureza. Cordelia carregava o livro de Claire Silver e uma cópia do Encantamento de Sanno. Giles trouxe uma bandana branca onde tinha escrito o símbolo chinês para a palavra japonesa que significava força da vida: *ki*. E o disco.

Giles uniu-se às garotas na beira do jardim e começou a despejar sal num círculo sagrado.

— Cubra isso com o papel — disse ele, e elas rapidamente colocaram os pedaços de papel no círculo.

— Eles estão voando! — gritou Willow, agarrando as folhas de papel que eram erguidas pelo vento e jogadas na direção do fogo.

— Aqui. Use as pedras — sugeriu Cordelia, reunindo algumas pedras maiores e as entregando a Willow. Impressionada com o pensamento rápido de Cordelia, Willow fez o que ela sugeriu.

Uma vez que o papel estava disposto no círculo, as duas garotas pisaram do lado de fora e Giles espargiu água sobre o campo branco.

Então ele pisou do lado de dentro do círculo, ergueu a bandana rumo ao leste e entoou:

— Oh, grandes ancestrais dos lordes do Japão, invoco-os para que retirem os espíritos desses seres mortais! — fazendo reverência, ele colocou a bandana contra a testa e amarrou as pontas.

Angel correu até Willow.

— O que está acontecendo? — perguntou, encarando-os numa mistura de dúvida e esperança.

— Vamos tirar os espíritos dos corpos de Buffy e Xander — explicou Willow. — Então vamos vinculá-los à espada com o disco.

— Grandes governantes, invoco sua atenção! — gritou Giles.

Xander precipitou-se para cima de Buffy. Ela desviou sua espada e deu um salto mortal sobre a cabeça dele com uma risada maníaca e terrível.

— Não está funcionando — afligiu-se Cordelia. — Não está funcionando!

— Ainda — disse Willow, cheia de esperanças. Chirayoku vacilou.

Por um momento Buffy sentiu como se pudesse sair de sua prisão e assumir o controle de seu corpo. Ela gritou:

— Sim! — e esperava que alguém pudesse ouvi-la, senti-la. Ajudá-la.

Sanno olhou para o topo da colina. Willow engoliu em seco ao vê-lo aparentemente atravessá-la para encarar Giles.

— Mortais, não interfiram — disse.

— Eu tenho o disco — Giles disse a ele erguendo o disco bem alto. — Você pode usá-lo para prender o vampiro e...

— É tarde demais. Não é necessário — disse Sanno, mas sua atenção estava no disco.

— Ele está mentindo — Angel murmurou para Giles. — Ele estava bem interessado nisso quando estava com a Buffy.

— É — concordou Cordelia. — Ele está mentindo com certeza.

— Como você sabe? — Willow indagou. Cordelia sorriu de maneira cruel.

— Pode acreditar em mim, eu sei quando os caras estão mentindo. E esse aí é *um* Rei da Montanha que não está falando a verdade.

— Isso vai prendê-lo também? — indagou Willow. Ambas olharam para Giles, que murmurou:

— Talvez. Mas temos que tirá-los de Xander e Buffy antes de lidar com esta questão.

Abaixo deles, a batalha seguia.

Capítulo 21

Giles sacudiu a cabeça e soltou os braços ao lado do corpo.

— Não está funcionando!

Angel olhou para ele, tentando não entrar em pânico com a raiva e impotência que cresciam dentro dele. Durante todo o tempo ele lutara contra o sentimento de que não podia fazer nada para ajudar. Tinha lutado ao lado de Buffy várias vezes e quase sempre se sentira seguro ao saber que tinha colaborado. Afinal, ele era um vampiro. Era forte e muito difícil de morrer. A companhia perfeita para a Caça-Vampiros, ainda que isso soasse estranho.

Mas durante toda à noite, enquanto a batalha seguia, seu desespero crescia a cada momento, conforme cada um de seus ataques era frustrado por aqueles seres muito mais poderosos que ele. Angel não podia fazer nada. Ele se apegara a uma pequena esperança: que poderia evitar que Xander e Buffy se matassem por tempo suficiente, até que Giles chegasse com uma solução. Ele tinha cumprido isso.

E agora...

— O que você quer dizer com não está funcionando? — gritou Cordelia. — Tem que funcionar! Você está fazendo tudo que o livro mandou fazer! Tem que funcionar!

Giles ignorou-a, ele tinha começado a entoar o Encantamento de Sanno novamente, como se a repetição fosse capaz de fazer funcionar repentinamente o que não tinha funcionando antes.

Cordelia olhou abaixo do declive, para Xander golpeando, para o fogo lançado de suas mãos e o vento que sacudia seus cabelos sobre sua testa.

Ela não sabia exatamente o que sentia por Xander, mas não queria perdê-lo.

Não deste jeito.

Cordelia Chase começou a chorar.

Sem pensar, Willow aproximou-se de Angel e pegou em sua mão. Ele entrelaçou seus dedos nos dela sem se virar. Juntos olharam para os dois guerreiros em batalha, para os elementos que incendiavam e varriam o jardim morto, e nenhum dos dois disse palavra.

Willow tremeu e se deu conta de que mal podia reconhecer os amigos dali de cima. Ambos estavam num círculo, quase como uma arena cercada de fogo ardente. O jardim há muito tinha cedido lugar às

chamas em sua maior parte e começava a se consumir em nada além de cinzas e pó. Havia pouca coisa ali que não estivesse queimada.

Xander e Buffy usavam máscaras feias e assustadoras, uma branca e a outra de um verde doentio, que brilhavam em cima de seus rostos. Os corpos não haviam mudado, não realmente, mas a maneira como se mexiam, como se moviam, não pareciam mais com Buffy e Xander.

Não eram mais Buffy e Xander.

Willow já tinha superado a idéia de ser a culpada por tudo aquilo. Tinha de superar. Ela não poderia saber o que ia acontecer quando tocou na espada, quando "sangrou". Tinha aprendido a lição, não havia dúvidas. Era preciso aprender a se preocupar em ser o melhor que Willow podia ser, e deixar Buffy se preocupar em ser Buffy.

Se Buffy vivesse tempo suficiente para se preocupar em ser Buffy.

E era isso, não era? Era por isso que o coração dela martelava no peito e o estômago parecia uma bola de gelo. Porque a lição ainda não tinha terminado, não é?

Não era culpa dela, mas isso não facilitava nada.

E ela ainda se sentia inútil.

Completamente, totalmente...

Willow não desviava o olhar de Buffy e Xander. Algo estava acontecendo. Giles terminava sua última execução do sucesso top 10 mais saturado da rádio, o Encantamento de Sanno. E algo estava acontecendo.

Por um segundo, tanto Buffy quanto Xander vacilaram. O vento cessou. As chamas cederam. Então o momento passou. Xander — Sanno — ergueu a espada e golpeou com rapidez, mas Chirayaju saiu da frente com um giro, usando um movimento que Willow *sabia* que o feiticeiro tinha roubado da mente de Buffy. Muitas de suas informações foram roubadas durante sua própria possessão e ela sabia como era isso.

Terminou. Mas por um momento... durante aquele segundo...

— Estou alucinando ou alguma coisa acabou de... — murmurou Giles.

— Giles! — gritou Willow. — Faça de novo!

Giles virou-se, abriu a boca para pedir maiores explicações, mas quando viu a expressão no rosto de Willow — no rosto de todos — começou a entoar de novo, imediatamente.

Por um segundo surpreendente, Buffy esteve no comando. Não foi como se Chirayaju tivesse ido embora, foi mais como se tivesse sido banido para o fundo de sua mente, como ela era agora.

O vampiro-feiticeiro tomava o controle do corpo de Buffy novamente. Mas agora estava ansioso, desconcentrado. Confuso.

Buffy gostava dessa confusão.

"Certo, seu demônio FDP", ela pensou, "vamos tentar de novo".

A Caça-Vampiros concentrou as energias, foi buscar e reunir todas as coisas que faziam dela a Escolhida, cada momento pessoal, cada lembrança íntima. Estas eram suas armas e sua armadura, todas as coisas que a faziam ser *ela*. Sua individualidade era sua força. Não tinha sido suficiente antes, quando Chirayaju estava todo confiante, no auge da força dele.

Mas ela não achava mais que estava em seu auge. Alguém... Giles ou Angel, talvez... alguém estava fazendo algo para expulsá-lo. E também havia a espada. Chirayaju tinha medo da espada, Buffy sabia disso. Esteve preso nela antes e a idéia de ser...

"... nossa, Cheetos. Tenho certeza de que não vou ser sua garota favorita depois disso", ela pensou.

Gentilmente, desta vez, para que ele não a sentisse, ela tentou subir, tentou habitar seu próprio corpo. Ver com os próprios olhos.

E, de repente, podia ver. Xander, com o rosto fantasmagórico sobre o seu próprio, girando aquela espada enorme e afiada para outro golpe.

— Chirayaju, você perdeu! — gritou Buffy com a mente.

E com a boca! A palavra saiu de sua boca! Ela tinha seu corpo novamente, antes do vampiro-feiticeiro saber que ela tinha assumido o controle. Ela sabia que ele a afastaria rapidamente, mas só precisava de um segundo para fazer o que precisava fazer.

— Vamos, Xander — gritou ela. — Golpeie! Buffy abriu os braços deixando-se completamente aberta para a lâmina que caía e esperou pelo frio de sua ponta escorregando por seu peito em direção ao seu coração.

Xander tinha submergido completamente. O Rei da Montanha assumira o controle e o empurrara tão fundo que ele não tinha nem consciência da possessão. Para ele, tinha sido como um sono especialmente profundo.

Segundos atrás, tinha acordado em seu próprio corpo, olhando para Buffy, que estava machucada e queimada e... sarando perante seus olhos, ao mesmo tempo que o fogo a queimava novamente. Sentiu o peso da espada nas mãos, sentiu as dores de seus próprios

ferimentos enquanto deixava a ponta da espada cair na terra para que não tivesse de erguê-la mais.

— Buffy — sussurrou com a voz rouca —, o que... Então o Rei da Montanha ergueu-se dentro dele novamente.

Mas desta vez Xander não foi embora. Dessa vez viu tudo através de seus próprios olhos, embora estivesse impotente para agir. Impotente, isto é, até o preciso momento em que Sanno começou a girar a espada num golpe que teria partido o coração de Buffy em dois.

Nesse momento, Xander Harris teve todo o poder que precisaria.

— Não! — ele urrou e seus músculos eram dele novamente.

Tarde demais para impedir o golpe, dava apenas para redirecioná-lo. A lâmina empalou Buffy na parte de baixo do abdome, num corte limpo. Era a segunda vez que ela tinha sido varada por essa espada, Xander parecia lembrar-se de um sonho horrível que esteve vivendo segundos atrás.

Mas isso... isso era diferente.

Com a boca de Xander, Sanno, o Rei da Montanha, gritou.

Com a boca de Buffy, o vampiro-feiticeiro Chirayaju urrou em agonia.

Xander tentou se mover, mas estava congelado. Todo seu corpo estava preso no lugar, a lâmina presa dentro de Buffy e ela também não se movia. Era, ele pensou, um estranho momento de clareza, como ser eletrocutado. Algum tipo de energia estranha lançada de Buffy para Xander ia e voltava, um circuito tinha sido montado entre eles.

Não, Xander não podia mover o corpo, mas Sanno também não podia. Ninguém estava no banco do motorista agora.

Buffy sentiu o sobressalto, sentiu um desejo horrível quando o sangue começou a correr do local onde a espada perfurou sua barriga. De algum modo, ele a sugava. Dentro de sua mente, Chirayaju gritou novamente e então ela entendeu o que estava acontecendo.

A espada estava arrastando o espírito do vampiro de volta à sua prisão. Arrastando-o... mas arrastando-a também. E se Chirayaju não se deixasse levar, a espada levaria Buffy em seu lugar.

Ssssim! Chirayaju sussurrou dentro da cabeça dela.

"Acho que não, Cheetos", pensou Buffy. "Você acabou com esta festa, cara. Eu não vou a lugar nenhum."

— Oh, meu Deus! — gritou Cordelia. — Olhe para eles! Estão meio congelados, ou algo assim!

— Buffy — sussurrou Angel. Willow tentou respirar.

— Isso é mal.

— Não necessariamente — começou Giles, interrompendo seu encantamento por um instante.

Angel viu Buffy se mover, só um pouco. Meio centímetro. Obscurecido pela fumaça e o pouco que restava do fogo. Mas, quando Giles parou de entoar, ela — ou Chirayaju — começou a se mover novamente.

Quando se virou para Giles, Angel estava no modo vampiro total.

— Giles, cale a boca e entoe!

Ficou aliviado quando Giles fez o que ele mandou. Pediria desculpas depois, se houvesse depois. Agora, Angel pensou que tinha entendido, só um pouco, o que Giles esteve prestes a dizer.

— Vamos — Angel agarrou Willow e Cordelia pelas mãos e saiu correndo pelo declive em direção ao círculo ardente de brasas que antes fora um jardim, há muito tempo.

— Angel! — Cordelia puxou a mão dele. — Angel!

— O que foi? — puxou as duas para que o acompanhassem.

— Estou descalça! — gemeu ela.

Angel estendeu os braços e pegou as duas garotas pela cintura. Então, com uma em cada braço, correu pelas cinzas até o círculo onde ainda estavam Xander e Buffy, unidos, paralisados num estranho retrato de batalha. De assassinato.

— Willow, fique atrás de Xander! — brandiu Angel ao colocar as duas no chão. — Cordelia, atrás de Buffy. Quando eu mandar puxar, puxe-os com toda a força que puderem!

Willow franziu a testa, perplexa.

— Mas isso não vai fazer começar tudo de novo?

— indagou Willow.

Angel encontrou o olhar ansioso dela.

— Estarei segurando a espada. Se o feitiço de Giles estiver funcionando, o que parece estar, talvez eles fiquem presos nela.

Cordelia o encarou.

— *Talvez?*

— Apenas faça o que mandei! — irritou-se Angel.

— É a única chance que eles têm.

— Certo — Cordelia concordou na mesma hora.

— Só que... Willow, seja gentil com Xander, tá? Angel segurou o disco na mão e olhou as estranhas inscrições. Ele não fazia idéia se isso ia funcionar, mas não havia tempo para se preocupar com o que aconteceria se não desse certo.

— Espere, Angel! — Willow espremia as mãos e mordia o lábio inferior enquanto olhava incerta para ele. — E se Chirayaju e Sanno estiverem tentando escapar? Eles não vão tentar entrar em você?

— Já tenho um demônio dentro de mim, Willow

— lançou um sorriso, rindo de si mesmo. — Lembra? Não há espaço para mais um.

— Mas e se a espada tentar puxar você também?

— perguntou Cordelia.

Angel não queria pensar nisso e não deu resposta. Olhou para Willow, que sempre parecia tão frágil, e viu tanta força nela que jurou nunca subestimar aquela garota novamente. Então olhou para Cordelia e percebeu que o mesmo era verdade para ela. Por mais irritante que pudesse ser, era apenas o modo como aprendeu a ser. Mas por dentro... bem, ela estava lá, não estava? Pronta para fazer o que fosse preciso.

— Prontas? — ele perguntou. As duas fizeram que sim.

— Um... dois... puxem!

Angel agarrou a lâmina, o fio cortando as palmas das suas mãos. Xander e Buffy foram arrancados do circuito, caindo no chão com Willow e Cordelia. Angel sentiu a eletricidade da mágica através dele, dentro dele... puxando-o.

Chirayaju e Sanno estavam lá, dentro da lâmina e ainda lutavam. Assim como fizeram por milênios. Como imaginou que fariam até o final dos tempos. E Angel não tinha o menor desejo de unir-se a eles naquela terra de ódio dentro da lâmina.

Lutando contra o repuxo da espada, Angel ergueu-a pela lâmina e olhou para o punho. Pegou o disco e colocou-o no local de onde tinha caído. Assim que percebeu que não tinha como segurá-lo no lugar, ele sentiu um forte puxão na manga da camisa.

Buffy

Dessa vez era realmente a Buffy. Fraca, pálida, tremendo — segurando a ferida que sangrava em sua barriga, a ferida que não tinha se fechado completamente quando Chirayaju foi arrancado, tão sem cerimônia, do corpo dela — mas era a mesma Buffy. Ela estendeu um pedaço de pano que rasgou da barra da blusa. Angel sorriu e amarrou em volta do punho da espada, segurando o disco em seu lugar.

Mesmo assim, a lâmina parecia energizada com o ódio que vivia dentro dela.

Buffy só queria dormir por uns seis meses. Isso e procurar alguém que costurasse o ferimento na barriga. Cada centímetro dela sentia dor, a ferida dava pontadas e, ainda assim, por mais estranho que parecesse, os lugares em que fora gravemente ferida antes da mágica de Chirayaju tê-la curado, pareciam novos.

Só que, além de ter passado por todo aquele sofrimento físico, ela também tinha arruinado uma blusa nova.

Então Angel olhou para ela, olhos queimando de preocupação, e nada mais parecia importante.

— Estou bem — disse ela. — Uma passagem rápida no pronto-socorro e estarei dando cambalhotas em pouco tempo. Agora, me dê isso — disse, apontando para a espada.

Angel entregou-lhe a lâmina pesada. Buffy segurou a Espada de Sanno com as duas mãos acima de seu joelho direito, respirou fundo e então abaixou com toda força. Qualquer outra pessoa teria quebrado a perna, mas Buffy Summers era a Caça-Vampiros. A Escolhida.

A lâmina se partiu em duas.

— Agora ficarão lutando para sempre — disse Willow ao chegar perto de onde estavam Buffy e Angel.

Xander e Cordy estavam bem atrás dela, abraçados.

— Parecido com um outro casal que eu conheço — disse Xander secamente.

Então, *ele* tinha voltado ao normal.

— Angel — Giles ofegou ao descer a colina correndo. — Graças a Deus. Você conseguiu. Você os salvou.

— Buffy pôs um ponto final nesta história — disse Angel.

Willow apontou para Giles.

— Mas se Giles não tivesse continuado entoando... Buffy estendeu a mão para Willow, pegou a mão dela, apertou e então soltou novamente. Olhou à sua volta, ficou um pouco tonta e apoiou-se em Angel.

— Parece que todos nós tivemos nossos papéis esta noite — disse Buffy. — Se qualquer um de nós não estivesse aqui, isso poderia ter acabado bem diferente.

— Sim — Giles ajeitou os óculos e limpou as gotas de suor da testa. — Poderia ter sido a noite mais longa que a humanidade já conheceu.

— Certamente parece ter sido — fungou Cordelia. — Só quero ir para casa e... a propósito, Summers, onde está meu carro?

— Tenho certeza de que está por aqui em algum lugar — respondeu Buffy, apertando-se nos braços de Angel, se contorcendo com a dor no abdome.

— Buffy — Willow foi até sua amiga. Buffy acenou, fazendo um olhar que dizia "Vou ficar bem".

Xander limpou a garganta.

— Sabe, não que eu não esteja dançando ao ritmo de "feliz por estar vivo", que, para vocês que não conhecem, geralmente se dança mais ou menos com piruetas de verdade, mas estou um pouco chateado com esta história de Chirayaju.

— Só um pouco? — Willow olhou para ele com um sorrisinho no rosto.

— Na verdade, não — argumentou Xander. — Quero dizer, já não temos vampiros *locais* o suficiente? Agora temos que começar a importá-los?

— Qual é, Xander, você não ouviu? — perguntou Buffy. — Você vive na Boca do Inferno. Aqui é como a Disney World para os vampiros.

— Eu odiaria ser o Mickey — murmurou Willow.

— Você não está entendendo o principal, Will — Xander apontou para uma certa jovem Caça-Vampiros. — Para os vampiros, Buffy é o Mickey.

E assim continuaram, misturando suas metáforas de desenhos animados e, em geral, piorando ainda mais as dores de cabeça de Buffy, até que tiveram de se dividir nos carros de Giles e Cordelia. Buffy fez uma pausa e chamou Willow de lado, longe dos demais.

— Você está bem? — perguntou, quando ela e sua melhor amiga estavam longe dos ouvidos dos outros.

— Você tem um buraco no estômago e está perguntando se*Eu estou bem?

Buffy olhou toda séria.

— Will. Você está bem?

Willow sorriu com timidez, deu de ombros como de um jeito só dela e fez que sim.

— Vou ficar bem — respondeu. — Ainda acho que deveria aprender a lutar melhor, mas duvido que depois da última semana eu

volte a pensar que ser a Caça-Vampiros seria uma coisa *boa*. Sem ofensa.

— Claro que não — disse Buffy, fazendo caretas por causa da dor. — Além do mais, se vou ficar deitada durante uma ou duas noites, Giles pode precisar de ajuda para fazer a patrulha. E você sabe que Xander... está um pouco distraído com a Cordelia, o que afetou seu cérebro. Alguém precisa cuidar dele.

Willow sorriu, e ajudou Buffy a ir até o carro de Giles.

No banco de trás do monstro ancestral com quatro rodas de Giles, a caminho do pronto-socorro, Buffy caiu num sono sonoro nos braços de Angel, um sorriso agridoce no rosto.

Agridoce porque ela sabia, mesmo dormindo, que pela manhã ele teria ido embora. Mas não para sempre. Não por muito tempo. A maldição da Caça-Vampiros e o presente de seu amor por Angel era que a noite sempre voltaria.

No banco da frente, ao lado de Giles, Willow sentiu um raio curioso dentro dela, como se o mais pesado dos fardos tivesse sido retirado. Giles deve ter percebido, pois ergueu a cabeça, meio tirando os olhos da estrada, e disse em voz baixa:

— Willow?

— Sabe — disse Willow —, é muito trabalho e tudo o mais, lutar contra as forças da escuridão tão regularmente. Mas acho que, se ficarmos todos juntos, poderemos vencer.

Giles sorriu. Era o homem mais sortudo do mundo. E o mais afortunado dos Sentinelas.

— Bravo — sussurrou ele, e continuou dirigindo.

Sobre os autores

Christopher Golden é autor da série best-seller de fantasias épicas da escuridão *The Shadow Saga*, além da trilogia *X-Men Mutant Empire* e o atual *Codename Wolverine*. Com Nancy Holder, escreveu vários outros projetos Buffy, incluindo o *Gatekeeper Trilogy* e *The Watcher's Guide*. Atualmente trabalha numa série de romances de mistério YA para a Pocket Books. Visite seu site: www.christophergolden.com.

Traduzida em mais de vinte idiomas e quatro vezes ganhadora do Prêmio Bram-Stoker, Nancy Holder já publicou trinta e seis romances e mais de duzentos contos, artigos e ensaios. Para o mercado japonês, criou histórias de ficção inspiradas em jogos, HQs e comerciais de TV. Juntos, ela e Christopher Golden escreveram quatro livros sobre Buffy, sendo que o mais recente deles é *Sangue*. Nancy Holder é ainda autora de *Gambler's Star: The Six Families*, o primeiro livro de uma trilogia de ficção científica da Avon Books, que saiu em outubro de 1998. A autora vive em San Diego, nos Estados Unidos, com o marido, Wayne, e a filha, Belle.